A IRLANDA INCREMENTA AS EXPORTAÇÕES (LER NA PÁGINA 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUARTA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 1969 N.º 16 825 ANO 49.º PREÇO 1$50

TAPETES * CARPETES

Carpélio

UM PRODUTO DA CARPÉLIO MALHAS, S.A.R.L. TROFA

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO ELIO AMORIM & FILHO, LDA.

especial ELEIÇÕES

Imagens de sessões ontem realizadas pelas quatro listas De cima para baixo: U. N. (lista A), C. E. U. D. (lista B), C. E. M. (lista C) e C. D. E. (lista D)

MESA REDONDA

HOJE: artigos, notícias e documentos no suplemento

CHILE: RENDEU-SE O GENERAL VIAUX

SANTIAGO DO CHILE, 22 — (F. P.) — O general Viaux, chefe da rebelião de ontem no Chile, rendeu-se às forças governamentais, às 4 e 20, hora local.

Animado pelo desejo de não conduzir o país para o «irreparável», o general Roberto Viaux anunciou, numa declaração enviada á presidência da Republica, que entregava o comando do regimento Tacna ás autoridades militares de Santiago do Chile.

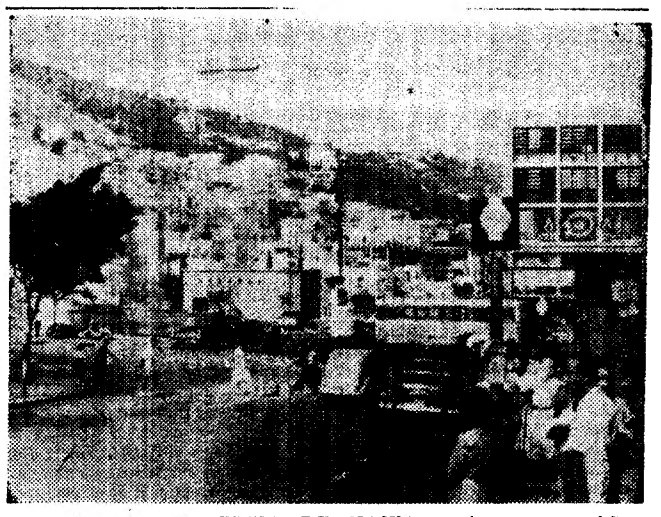
O general acrescentou que o movimento que havia desencadeado ontem na capital e noutras cidades chilenas não era de ordem política mas essencialmente de ordem económica.

Desde Setembro, um certo movimento de mau humor, que teve por consequência a reforma de uma dezena de oficiais, tinha deixado prever que uma parte dos oficiais chilenos poderia revoltar-se contra a insuficiência de soldo em relação a outros membros da função publica.

Antes de anunciada a sedição, um jornal da manhã publicou um quadro comparativo dos salários percebidos pelas diferentes categorias de funcionários.

Este quadro revela que um funcionário de primeira categoria atinge um salário de 6074 escudos chilenos, enquanto um general de divisão recebe 3600 escudos. Da mesma forma, enquanto um funcionário de oitava categoria ganha 4186 escudos, um tenente do Exército vence 1248 escudos.

Os observadores recordam que o primeiro e unico golpe de Estado da história do Chile — em Setembro de 1924 — teve razões idênticas. Tinha sido fomentado por jovens oficiais do Exército e permitiu a uma Junta Militar governar durante cerca de dois anos.



A CIDADE ISRAELITA DE HAIFA, onde, esta manhã, uma sucessão de atentados causou um morto e 12 feridos

Operários ocuparam uma fábrica em França

CHOLET (França), 22 — (A. N. I.) — Cerca de 800 operários de uma fábrica de material industrial de Cholet entraram em greve, «ocuparam» a fábrica e prenderam três directores, para apoiar as pretensões de aumento.

O director-geral, o director e o vice-director da fábrica Ernault Somua foram encerrados na fábrica depois de recusarem as exigências apresentadas pelos sindicatos para se realizarem conversações imediatas sobre os aumentos de salários.

Os operários exigem um aumento de 10 por cento e os dois sindicatos representados na fábrica aprovaram a decisão da greve.

A «ocupação» da fábrica e a detenção dos directores foi um método empregado o ano passado, durante as greves e disturbios de Maio, como complemento dos pedidos de aumento de salários e melhoria de condições de trabalho.

HOJE 48 PAGINAS
VISADO PELA CENSURA

NA COMISSÃO DE CURADORIAS

O delegado português desmentiu a existência de uma aliança com a Rodésia e a África do Sul

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 22 — (A. N. I.) — Na Comissão de Curadorias da O.N.U., o delegado português Leonardo Mathias manifestou as reservas do Governo português relativamente á inclusão de assuntos relacionados com as províncias portuguesas da África no debate sobre o colonialismo. Além disso desmentiu as alegações de discriminação racial que alguns oradores haviam levantado contra Portugal, sublinhando que houvera delegações que «abertamente reconheceram que não há problemas raciais nos territórios portugueses.

Desmentiu depois por não ter o menor fundamento, as alegações de alguns países aricanos acerca de uma aliança entre Portugal, a Africa do Sul e a Rodésia, para sublinhar que também não há a minima parcela de verdade nas afirmações quanto á presença de pessoal militar estrangeiro nas provincias portuguesas da Africa.

Atentados em Haifa

HAIFA, 22 — (R.) — A Polícia israelita deteve dezenas de suspeitos em consequência de três violentas explosões ocorridas hoje de manhã nas zonas residenciais do Monte Carmelo e que causaram um morto e 12 feridos.

Todas as cargas foram colocadas segundo o mesmo método em pilares de prédios e explodiram com um intervalo de três horas.

Brasil: Reabertura do Congresso

BRASÍLIA, 22 — (F. P.) — O Congresso brasileiro reabre hoje, após dez meses de férias forçadas. Tinha sido encerrado por um periodo indeterminado em 13 de Dezembro do ano passado pelo marechal Costa e Silva, que assumiu poderes excepcionais.

A reabertura foi decidida em 15 de Outubro pelos três ministros militares, que estão a exercer as funções presidenciais desde a doença do marechal Costa e Silva, ocorrida em 31 de Agosto.

No próximo sábado, o Congresso procederá á eleição do novo presidente da Republica, o general Emílio Garrastazu Medici, candidato governamental e unico, visto que o partido da oposição mantém a ttude abstencionista observada já na eleição de Costa e Silva, em 1966.

Necrologia

FALECIMENTOS

Ezequiel Rodrigues Caleira

PALMELA, 22 — Faleceu subitamente, o sr. Ezequiel Rodrigues Caleira, de 50 anos, industrial de camionagem nesta vila, casado com a sr.ª D. Cesaltina Cardoso Maçarico e pai do sr. João José Cardoso Caleira, estudante, e da sr.ª D. Maria Teresa Cardoso Caleira Roque, casada com o sr. José Alberto da Silva Roque, proprietário. O funeral realiza-se amanhã, ás 10 horas, para o cemitério local.

FUNERAIS

Luís da Costa Santos

Da Casa da Imprensa para o cemitério da Moita do Ribatejo saiu, esta tarde, o funeral do sr. Luís da Costa Santos, presidente da Casa do Ribatejo e do Centro Republicano António José de Almeida e democrata de firmes convicções. Tinha 71 anos e, tendo-se dedicado á actividade seguradora, foi director da Agência Técnica de Seguros e da Revista Portuguesa de Seguros. Exerceu os cargos de administrador do concelho do Montijo e de presidente da Camara Municipal da Moita do Ribatejo, nos primeiros anos da Republica, quando tinha apenas 20 anos de idade. Foi activo colaborador do nosso prezado colega «Republica».

Era pai das sr.as D. Ivone Costa Santos Henriques, casada com o sr. eng.º Fausto Gonçalves Henriques; D. Iolanda Costa Santos Martim Vaz, casada com o sr. dr. Paulo Martim Vaz; D. Arlete Costa Santos Martins, casada com o sr. dr. Joaquim Martins; D. Maria de Lourdes Costa Santos Sumvielle, casada com o sr. arquitecto Elísio Sumvielle e D. Maria Manuela Costa Santos Gassmman, casada com o sr. dr. Wolfang Gassmman e avô de quinze netos.

SUFRÁGIOS

D. Maria da Conceição Gonçalves da Costa de Andrade

Por alma da sr.ª D. Maria da Conceição Gonçalves Maia da Costa de Andrade, seu marido e filhas, mandam celebrar missa, amanhã, ás 12 e 30, na capela do Colégio das Irmãs Doroteias, na Rua de Artilharia Um, n.º 97.

Marcel Didier

Mandada rezar pelos corpos gerentes e pelo pessoal da Livraria Bertrand, foi esta manhã celebrada missa, na basílica dos Mártires, por alma do livreiro francês Marcel Didier, de 64 anos, recentemente falecido. Muito estimado em Portugal, Marcel Didier era, desde 1943, administrador-delegado da Livraria Bertrand.

TERIA SIDO AGREDIDA

EM CIRCUNSTÂNCIAS ESTRANHAS

UMA SENHORA DO PORTO

PORTO, 22 — De madrugada, foram solicitados os serviços do «115» para o Largo da Lapa, onde se encontrava caída no solo a sr.ª D. Maria Gomes Pinho, de 67 anos, casada, moradora na Rua Miguel Bombarda, 245, 3.º.

Declarou aquela senhora aos agentes da P. S. P. ter sido agredida á bofetada e a pontapé por um indivíduo que indicou. Há, porém, testemunhas oculares que afirmaram o contrário, isto é, que fora aquela senhora quem, esbracejando, dera alguns bofetões ás pessoas que dela se aproximaram.

Conduzida ao Hospital de Santo Antónioí ficou ali internada, com fractura de uma perna. E, naquele hospital, contou, ainda, outra versão: que fora assaltada por dois indivíduos, os quais pretenderam arrancar-lhe das mãos uma pasta com documentos.

A Polícia vai averiguar.

DE ONTEM PARA HOJE

MOCIDADE PORTUGUESA

Reconduzido no cargo de comissário nacional da Mocidade Portuguesa foi o tenente-coronel Gomes Bessa que recentemente terminara a sua comissão de serviço. Reconduzidos também, como anunciámos, os comissários nacionais adjuntos e outros membros da direcção da Mocidade Portuguesa. Por isso mesmo funcionários da organização e dirigentes dos serviços centrais homenagearam ontem o tenente-coronel Gomes Bessa. Com ele os comissários adjuntos, também homenageados pelos seus subordinados. Ainda alguns membros da M. P. No final o comissário nacional agradeceu a iniciativa do pessoal e afirmou o seu carinho e interesse por todos os colaboradores e anotou também a obra já levada a efeito, com espírito de dedicação e procurando sempre bem servir.

MINISTRO DAS FINANÇAS DO MALAWI

Vindo de Londres de regresso ao seu país esteve ontem em Lisboa o sr. Aleki Banda, ministro das Finanças do Malawi, Viajava acompanhado dos srs. Barnes, secretário do Tesouro, e Jaffu, subsecretário de Estado. Seguiu depois para Moçambique, de onde seguirá para o Malawi.

POR CAUSA DE UM CÃO

Na motorizada regressava de uma festa na freguesia de Oliveira de Cinfães, com a mulher e uma filha criança, o sr. Manuel Tralhão. Regressava a Santa Cruz do Douro. Para se desviar de um cão, foi embater numa parede. A mulher fracturou o crâneo e ao hospital do Porto, chegou já morta. Com ferimentos ligeiros, o marido e a criança.

MINISTRO DE ESTADO

O sr. ministro de Estado, eng.º Vaz Pinto, teve ontem, no seu gabinete, uma reunião de trabalho com o seu colega da Defesa Nacional.

CAMIÃO DE MORTE

Foi na estrada de Mirandela a Valpaços que o rodado traseiro de um camião, conduzido pelo motorista sr. Delfim dos Santos Correia, de 26 anos, de Abrambres, colheu o pequeno Alfredo Joaquim Seixedo, de 7 anos, morador no Bairro Galego, em Mirandela. A criança ia trepar ao veículo, enquanto este transitava lentamente.

III PLANO DE FOMENTO

No Palácio de S. Bento, reuniu-se ontem á tarde, sob a presidência do sr. prof. dr. Marcello Caetano, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos. O Conselho prosseguiu no estudo da revisão do III Plano de Fomento.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ACABA DE SAIR:

CALOUSTE GULBENKIAN COLECCIONADOR

por

JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

À venda nas livrarias. Depositária e distribuidora:

Livraria Sá da Costa Editora, Rua Garrett, 100, Lisboa

TAUROMAQUIA

À VOLTA DE SEVILHA

SEVILHA, 22. — A actualidade do problema que preocupa os toureiros espanhois, o dos impostos que lhes foram atribuídos, é tão flagrante, que a chegada de Paco Camino a esta cidade causa alvoroço nos meios tauromáquicos. Comenta-se o facto de Camino não ter querido presidir á reunião convocada em Madrid para tratar do caso, e a sua vinda a Sevilha com o pretexto da construção de moradias nos terrenos da sua propriedade, na vizinha Castilleja de Guzman, é motivo de comentários. Sabe-se que o inteligente toureiro de Camas, conterraneo do genial Curro Romero, se manifestou pela necessidade de uma greve na hipótese de não serem reduzidos os referidos impostos.

Acrescenta ele que, não se compreende que os toureiros tenham de pagar em Espanha tais impostos pelas corridas que touselam na América, e conclui pela necessidade de greve até que o problema seja solucionado. E acentua que a profissão tem mais riscos que qualquer outra e bem patentes estão no elevado numero de colhidas ainda recentemente verificadas.

Seja como for, e como portugueses nos abstemos de mais comentários, outra greve nos foi imposta pela chuva aos que viemos assistir á corrida do passado domingo, adiada como outras em vásias praças. Nela deviam ter tomado alternativa dois novos matadores de touros, Rafael Torres e Manuel Rodriguez, dos quais são apoderados, respectivamente, os nossos amigos Andrés Gago e seu genro o ex-toureiro Manuel Vazquez.

A duplicação de alternativas numa mesma corrida recorda a já bem longinqua de «Machaquito» e «Lagartijo Chico» e a necessidade que houve então do sorteio da antiguidade, que favoseceu o primeiro e fez chorar o segundo.

Quem então tirou os papeis da sorte foi o crítico madrileno José de La Loma, «Don Modesto», e agora, sem agravar os de Sevilha pela escolha, houve quem indicasse o decano português que estas linhas escreve e que declinou o encargo.

E de Sevilha regressámos com a consciência tranquila e a satisfação de termos verificado a popularidade de que aqui disfruta a nossa Hermínia Silva, tal como anos atrás comprovámos a de Amália Rodrigues, que também já tivemos a honra de acompanhar á cidade da Giralda.

No famoso «Pátio Andaluz» foi Hermínia aclamada pelos espectadores e pelos artistas de «cuadro flamenco», prévias palavras de homenagem e enquanto a orquestra executava em sua honra a canção da «Lisboa Antiga» do reportório da nossa compatriota castiça. E de semelhantes homenagens de seconhecimento por parte de vários espectadores foi Hermínia alvo durante o belo espectáculo de Marifé de Triana, no Teatro Alvarez Quintero. Não pôde a querida artista prolongar a sua estadia em Sevilha porque amanhã, 23, festeja o seu aniversário no «Solar da Hermínia», em Lisboa, e lá estaremos também para nos somarmos á homenagem que ali lhe vai ser prestada.

«EL TERRIBLE PEREZ»

é o Whisky para as pessoas que conhecem a diferença

'Black & White'
Scotch Whisky

Agente exclusivo em Portugal:

J. CÂNDIDO DA SILVA

LISBOA — Avenida de Berna, 42-A — Telefs. 760194-776340
PORTO—Rua de S. Luís, 12 a 22—Telefs. P P C 28251/2/3/4 e 37045
COIMBRA—Rua Dr. António José de Almeida, 273 e 277—Telef. 27477

YAMAHA

FINALMENTE EM PORTUGAL!

PIANOS E ÓRGÃOS JAPONESES DA MAIS ALTA QUALIDADE

— Som admirável
— Técnica perfeita

Órgãos electrónicos para Igrejas e conjuntos musicais

Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO CI SARL
RUA NOVA DO ALMADA, 95 - 97 LISBOA
No norte: VADECA — R. de S.to António, 210 — PORTO

A IRLANDA INCREMENTA AS EXPORTAÇÕES

A Irlanda, durante muito tempo conhecida pelos seus duendes, trevos de quatro folhas e, mais recentemente, tumultos sangrentos, está a dispender muito tempo e dinheiro numa tentativa de incrementar as exportações. Gostaria agora de passar a ser conhecida pela sua electrónica, maquinaria pesada e vestuário pronto-a-vestir.

Mas o caminho do aumento das exportações é mais que um simples esforço de modificar uma imagem — é praticamente uma luta pela sobrevivência.

por JOHN GETZE

Exclusivo «The Los Angeles Times»-«D. L.»

Depois da II Guerra Mundial, a alta taxa de desemprego e de emigração flagelaram a Irlanda. Devido a uma economia quase totalmente centrada na agricultura, não havia número suficiente de empregos para aguentarem a população, daí resultando que muitos irlandeses procurassem ganhar a vida fora do país, sobretudo nas cidades industriais da América e da Inglaterra.

A única saída era a expansão industrial — assim decidiu a Irlanda. Mas com um mercado interno de apenas três milhões de pessoas, era óbvio que o movimento contínuo dependeria, para sua cabal consecução, das vendas externas.

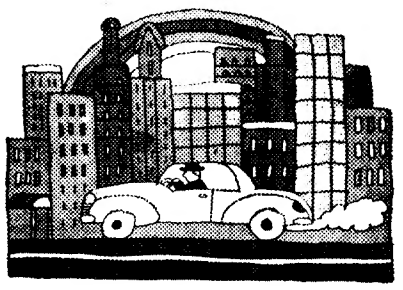
O administrador-geral do fundo de exportação irlandês, Killern, revelou ao *The Los Angeles Times* as duas vias que o país escolheu para incremento das exportações:

— «*Estamos a fazer todos os esforços para levarmos as companhias estrangeiras a construirem fábricas na Irlanda. Ao mesmo tempo, vamos tentando abrir os mercados estrangeiros aos produtos manufacturados irlandeses.*

«*Os incentivos para os in-*

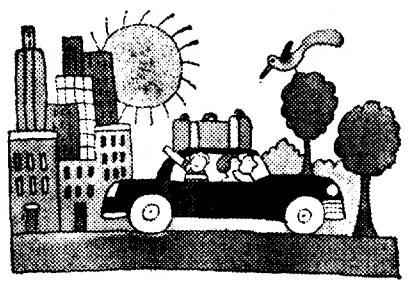
(Continua na pág.ª seguinte)

Onde quer que vá vai melhor com Hertz



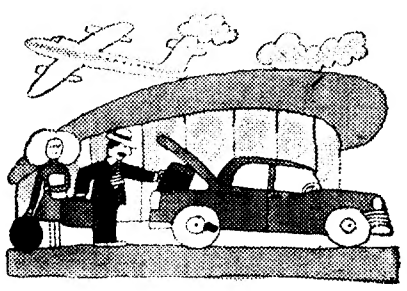
Em viagem de negócios vai melhor com Hertz

Podemos poupar-lhe tempo e dinheiro na sua próxima viagem de negócios. Antes de partir no seu carro faça as contas: não esqueça factores como a desvalorização, o tempo, o alojamento, as refeições. Concluirá, depois, porque o avião e um carro Hertz constituem a solução mais económica, rápida e prática.
Portanto, sempre que viajar em negócios, lembre-se que a Hertz tem um carro à sua espera — é a melhor solução.



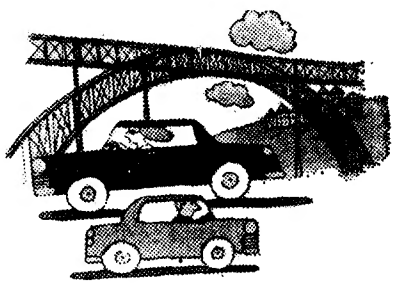
Para fim-de-semana vai melhor com Hertz

Para os seus fins-de-semana a Hertz tem preços especiais: Por exemplo, um Ford Escort ou um carro similar custa 360$00 (incluindo 100 Kms gratuitos) e, se quiser ir a Espanha, tem o seguro pago.
Mais: os fins-de-semana Hertz são mais longos, começam à sexta-feira à tarde e acabam segunda-feira de manhã.
Telefone à Hertz e marque o seu carro para o fim-de-semana.



Saír e entrar nos aeroportos é mais fácil com Hertz

A Hertz está em quase todos os aeroportos do mundo. E nos grandes aeroportos europeus está a *Golden Girl* da Hertz — uma bela rapariga para o receber e ajudar em todos os pormenores respeitantes ao aluguer de um carro Hertz, antes ainda de você chegar ao balcão. Ela espera por si para lhe facilitar a sua rápida chegada e a sua rápida partida.



A Hertz já está no Porto

Estamos cada vez mais perto de si para tornar mais fácil a sua visita a uma fábrica ou o seu passeio pelas belas estradas do Douro e do Minho. Agora, tal como em Lisboa e Faro, já pode alugar o seu carro Hertz no Porto.
Estamos na Rua de Santa Catarina, 899—Tel. 33455 e no Aeroporto de Pedras Rubras — Tel. 994389.

Hertz

vai melhor com Hertz

Nota do dia

TRATAR DA SAÚDE

POIS DE POLÍTICA, já que preferem, continuaremos a tratar. Será hoje política da saúde, que interessa a todos e não pouco. Claro que não vai o leitor pensar que vamos daqui romper numa exposição geral do tema, em todos os seus aspectos, a exposição e a crítica, o que se julga ser e o que é, as virtudes, porventura algumas, e os vícios, porventura bastantes. Mas vai dar-se registo e expressão a alguns aspectos que parecem mais evidentes, razões de queixa que poderão talvez corrigir-se, conclusões que parecem possíveis às gentes comuns, que são aquelas para quem aqui se fala, não para especialistas, que cada um deles em geral sabe mais do que todos os outros juntos.

É fora de dúvida que as pessoas ganharam consciência do seu direito à saúde. Isto, que é mais que evidente, tem um valor de progresso. Com serviços instalados e funcionando melhor ou pior, vê-se por exemplo o que é o afã das jovens mães apresentando-se no «posto» com o seu menino, muitas vezes sem o sobressalto da doença, mas para que a «senhora doutora» o veja, o mande pesar, o observe, tire as suas conclusões e aconselhe. É um ritual que entrou nos usos e de que se fez consciência.

Pode ainda dizer-se que, em maior ou menor grau, esta consciência, mais ou menos definida, se instalou em todas as classes profissionais ou etárias. As pessoas vão-se habituando ao regime das revisões periódicas, como aos automóveis, o que também se tem na conta de sinal de progresso. Mas daqui se levanta já a dúvida dos exageros, do doente que quer saber tudo, que julga saber tudo, que sugere e discute com o médico. «Então nem ao menos uma radiografia?»

Ao exagero do doente poderá muita vez acrescentar-se o exagero do médico, expeditivo ou dilatório. Um chorrilho de exames e análises vem muitas vezes por um lado encarecer o tratamento e, por outro lado, protelá-lo ou demorá-lo. Esta é uma observação que se faz frequentemente nos serviços, onde os médicos não têm mãos a medir e não chegam para as encomendas, socorrendo-se de tais processos para adiar um caso e tentar despachar outros que parecem mais urgentes ou simplesmente mais de despachar.

Mas isto é nos serviços que cobrem os inscritos através de vários sistemas mais ou menos concorrentes. E quem não tem essa cobertura? Quem não é funcionário, ou não pertence às «caixas», ou não tem assistência certa de nenhum lado? E os casos urgentes? Como se vai aos hospitais e como e quando se obtém neles a assistência precisa? Como é? Quanto se espera? Quanto e como? Onde? O espectáculo de certos corredores dos «Civis» é confrangedoramente conhecido.

Para acudir à carência dos hospitais públicos começou o dinheiro a descobrir que é boa aplicação fazer abrir e pôr a funcionar hospitais e clínicas particulares, onde o «director» tanto o poderia ser ali como numa fábrica de alpargatas ou de caixilhos para janelas. O juro do seu capital está assegurado? Pois o hospital é um bom hospital e o seu negócio é um bom negócio e os seus empregados são devotados e competentes. Há disto por toda a cidade.

Como é e como há-de ser? A resposta é dos especialistas, não os especialistas de especialidades clínicas, mas os especialistas deste problema da saúde que é um problema político da maior acuidade. O comentador, que vê, ouve, recolhe queixumes e até pode ter a sua própria experiência pessoal, poderá julgar-se em condições para dizer que como está não está bem e esperar que o mal se corrija. Mas não lhe cabe dizer como, não para se esquivar, mas por não saber. Nem tem obrigação disso. Mas há quem tenha.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

«ALENTEJO DESENCANTADO»

por Mário Ventura

Trinta e três anos de vida e uma duzia deles de jornalismo deram a Mário Ventura, nosso prezado camarada de Imprensa e romancista de reconhecido valor com posição de relevo na nova geração de escritores portugueses, uma experiência extremamente valiosa. Especialmente interessado pelos problemas do Alentejo, tem percorrido, em serviço de reportagem, toda a terra transtagana, mostrando preocupação pelos destinos das suas gentes, cuja vida dramática tem registado em crónicas e artigos essas reportagens sem conto.

Reuniu agora essas crónicas, esses artigos e num belo volume a que deu o título de «Alentejo Desencantado». Através dele Mário Ventura, mantém sempre presente o princípio de que a evolução da província não pode realizar-se sem uma reforma profunda das estruturas sócio-políticas que remontam aos alvores da nacionalidade e que têm a sua base mais forte na mentalidade feudal que caracteriza os senhores da terra.

O livro é um depoimento do vivo, apaixonado e emocionante, do Alentejo de hoje.

MÁRIO VENTURA

Em três linhas

O sr. Amadeu Eurípedes Cachim foi nomeado presidente da Camara Municipal de Ilhavo.

///

O sr. J. A. Temido Caetano foi nomeado escriturário de 1.ª classe do Tribunal de Sintra, e o sr. António Marques Verdasca, foi exonerado do lugar de escriturário de 2.ª classe do tribunal de Vila Nova de Ourém.

Manifesto de produção vinícola

OLIVEIRA DO BAIRRO, 22 — Até o fim do mês, os vinicultores da área do Grémio da Lavoura deste concelho (proprietários, rendeiros, parceiros, senhorios), que recebam rendas de qualquer produto vínico, são obrigados a manifestar a sua produção deste ano, bem como as existências de vinhos e seus derivados provenientes de colheitas anteriores. Os impressos para esse manifesto encontram-se no Grémio da Lavoura local e nas regedorias.

No mesmo organismo corporativo começou a inscrição de batata de semente estrangeira, para a próxima campanha.

TEVE BONS RESULTADOS O CORTEJO DE OFERENDAS

PARA A MISERICÓRDIA DA MURTOSA

MURTOSA, 22 — Realizou-se o cortejo anual de oferendas a favor da Misericórdia da Murtosa; e, mais uma vez, apesar dos tempos correrem desfavoráveis, principalmente no sector agrícola, o povo da Murtosa contribuiu tanto quanto possível para que esta jornada de benemerência tivesse o maior êxito. Todas as freguesias do concelho estiveram representadas e não faltou o concurso com o mesmo espírito de solidariedade daqueles que, espalhados pelo País e pelas diversas partes do mundo, nunca se esquecem da terra natal. Mais uma vez os murtoseiros espalhados pelos Estados Unidos da América do Norte vincaram a sua generosidade, enviando avultada importancia para a continuação do desenvolvimento e progresso desta sua terra natal, que tanta gratidão lhes deve. Assim se reconhecem o valor e a importancia da maior obra assistencial iniciada pela Misericórdia deste concelho, que tem já concluído o novo Hospital Sub-Regional, e outras obras, já adiantadas, se seguirão: o Asilo, a «Creche», o Dispensário Antituberculoso, que se deseja ardentemente sejam erguidas nos terrenos do bloco hospitalar.

As oferendas para o cortejo eram das mais diversas, conduzidas pelos próprios ofertantes ou em carros ornamentados, constituindo um conjunto festivo de cor e movimento. Ainda não está devidamente apurado o valor desta jornada, mas espera-se que ultrapasse os 140 000$00.

A Misericórdia e a população deste concelho esperam ansiosamente que o novo Hospital Sub-Regional entre em funcionamento, pois já está devidamente preparado para tal efeito.

ora diga-nos...

— Tem algum animal em casa?

«Os animais completam o homem» — eis uma frase que, estamos certos, ninguém discutirá e que pode servir de introdução a uma filosofia zoológica...

O sr. Joaquim Ribeiro serventè de pedreiro, levava bacalhau e hortaliça para o seu almoço. Estava com muita pressa e só pôde dizer:

— Tenho, sim. Chama-se «Piruças». É uma «dingada» dele todos os dias porque o ladrão só come peixe!

— Porque é que o tem em casa?

— Por causa da velhota. Ela não sai, o bicharo sempre lhe faz companhia. Mas só come peixe, o grande...

(As reticências deviam ser consideradas de utilidade pública...)

— Tenho, sim senhor — *respondeu-nos D. Lídia Graça, empregada de escritório* — É um gato.

— E chama-se...

— «Tareco». Um bicho de muito boa índole, perfeitamente integrado no ambiente e na vida familiar. Sobretudo, muito meigo.

(Meiguices de gato? Táctica, minha senhora, táctica!)

— O meu nome é Joaquim Alves Elirinho, sou aprendiz de mecânico, natural de S. Pedro do Sul, estou em Lisboa há dois anos e não tenho nenhum animal em casa, cá em Lisboa, mas em S. Pedro do Sul tenho muitos, como por exemplo ovelhas e porcos, em Lisboa só gatos é que se podem ter, eu gostava de ter fosse que animal fosse, mas o que mais gostava de ter era um cão, que são muito inteligentes e percebem tudo o que a gente diz.

A Irlanda incrementa as exportações

(Continuação da pág. anterior)

vestimentos estrangeiros são substanciais.

«Para os que comecem, o Governo irlandês contribuirá com mais de 40% do custo da edificação e armamento da fábrica. O Governo oferece igualmente subsídios para estagiários. Subsídios, aliás, de grande valia e em grande abundancia.

«Além disso, para os produtos exportados por essas fábricas há uma isenção de impostos sobre os lucros, durante os primeiros 15 anos. Depois disso, ir-se-ão escalonando essas taxas fiscais, durante 10 anos, até atingirem os níveis tributários normais. E' bom não esquecermos também o maravilhoso clima e a maravilhosa paisagem que a Irlanda oferece a quem aqui se estabeleça».

Desde 1952 que mais de 300 firmas montaram já unidades fabris na Irlanda. A maioria dessas firmas são, por ordem decrescente, britânicas, alemãs ocidentais e estadunidenses.

Firmas americanas com fábricas montadas em território irlandês: IBM, *Brunswick, Continental Car, Ford, Texaco e Philips Petrolenne.* A *Chas Pfizer* anunciou planos para construir uma fábrica de 30 milhões de dólares (900 000 contos) para a produção de produtos químicos orgânicos.

A promoção de venda de produtos irlandeses no estrangeiro tem sido um pouco mais difícil.

Até meados da década de 50, mais de dois terços das exportações irlandesas provieram da agricultura. Agora, a lista das novas exportações incluirá vagões com guindaste duplo, guindastes pesados de construção civil, camas hospitalares, componentes electrónicos e vestuário pronto-a-vestir.

Kiffern diz que muitos destes novos produtos estão a ganhar grande aceitação, especialmente na América.

Viagem a Espanha e França em visita à SUPER-SER

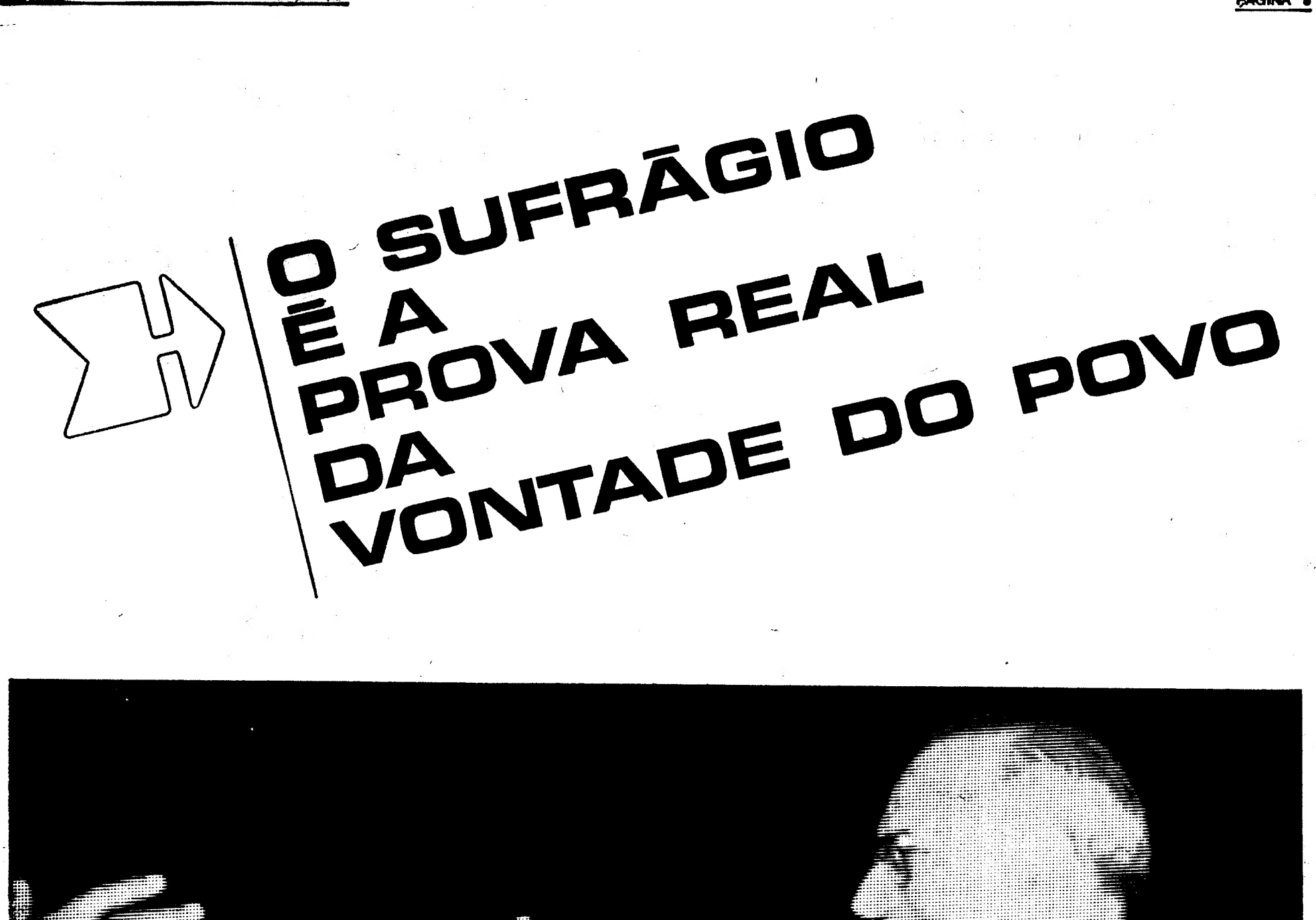
Como no ano anterior, a Sociedade de Representações SEDA — SUECA, LDA., representante exclusiva da afamada marca de caloríferos SUPER-SER, que detém a maior produção na Europa de aparelhos do género, convidou alguns dos seus melhores Agentes a visitar em Pamplona as fábricas da sua representada Orbaiceta S. A. — SUPER-SER, onde terão ocasião de conhecer e estudar os mais modernos processos de fabrico e avançada técnica daquela importante unidade industrial. Aos visitantes será proporcionado um passeio a Biarritz e Pirenéus. A fotografia acima, mostra-nos o grupo momentos antes da partida para Pamplona, via Madrid e San Sebastian

Queda grave

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 22 — O sr. Belmiro da Cunha Coutinho, trabalhador, residente no lugar da Gaia, ao regressar do trabalho a casa, caiu desamparadamente e sofreu fractura da coluna vertebral.

Encontrado, inconsciente, pelos vizinhos, foi conduzido ao hospital de Baião e dali para o de São João, no Porto.

O SUFRÁGIO É A PROVA REAL DA VONTADE DO POVO



Quero que este seja livremente expresso em termos de não deixar dúvidas a ninguém

Marcello Caetano

VOTAR É UM DEVER

Teatro Maria Matos

TELEFONE 71 70 17

HOJE • ESTREIA

ÀS 21 E 30 HORAS

a peça de
AQUILINO RIBEIRO
dirigida por
IGREJAS CAEIRO
em cenários de
João Vieira
com música de
FERNANDO LOPES GRAÇA

TOMBO NO INFERNO

(por ordem de entrada em cena)

COSTA FERREIRA
RUY FURTADO
CARLOS NORBERTO
MARIO PEREIRA
EMILIA PEDRO
ADELAIDE JOÃO
ARMANDO VENANCIO
VASCONCELOS VIANA
JOSÉ DE CARVALHO
GILBERTO GONÇALVES
LUIS MACHADO
LADISLAU FERREIRA
CREMILDA GIL
ELVIRA VELEZ
HERMINIA TOJAL
MARIO SARGEDAS
MADALENA BRAGA
PEDRO PINHEIRO
JULIO CLETO
FERNANDO SOARES
EMILIO CORREIA
IGREJAS CAEIRO

A PEÇA INAUGURAL DO TEATRO MARIA MATOS

Cenografia e montagem: HERNÂNI e RUI MARTINS
Guarda-roupa: ANAHORY
Sonoplastia e contra-regra: JORGE CORTE-REAL
Maquinistas: VERÍSSIMO SANTOS e JOAQUIM SILVA
Chefe electricista: AMÂNDIO LIMA
Ponto: JOAQUIM SAMORA
Fatos: LUÍS FILIPE
Artes gráficas: JAIME HENRIQUES
Publicidade: CARLOS MANUEL

O FUNDO DE TEATRO E A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN SUBSIDIARAM

AMANHÃ, ÀS 19 HORAS
NO TEATRO MARIA MATOS
o primeiro espectáculo para jovens de todas as idades
«ARLECCHINO, L'AMORE E LA FAME»
com
FERRUCCIO SOLERI, GRAZIELA GALVANI e MARCELLO BARTOLI
do
PICCOLO TEATRO DI MILANO
M/ 12 anos
(DESCONTO DE 50% PARA ESTUDANTES)

Eunice e Santos Manuel, em «Oração», de Arrabal

ARRABAL EM CASCAIS

E REGRESSO DE EUNICE

É hoje, ás 22 e 30 que Arrabal sobe á cena no Teatro Gil Vicente, apresentado pela Companhia Experimental de Cascais. Não se trata de uma estreia vulgar esta que vai marcar o início da temporada do grupo dirigido por Carlos Avilez. Trata-se, isso sim, da divulgação de um dos grandes autores teatrais do nosso tempo.

Fernando Arrabal, que nasceu em Melilla (ex-Marrocos Espanhol) em 1932, e estudou Direito em Madrid, encontrou no teatro os horizontes que lhe eram vedados por proibições familiares e sociais. Surpreendido, este homem solitário, reparou que o teatro derrubava muros, libertava. Foi como se tivesse saído de uma jaula de leões para inventar um estilo cómico — terrívelmente cómico — cujo universo é o mundo de hoje e cuja principal arma é o riso: um riso crispado, que toma o publico como testemunha de uma debilidade demasiado evidente para escondê-la, e que lentamente reconhece o seu poder e a sua eficácia.

«Admiro Beckett como Kafka e Breton, meus mestres. Como eles, quero renovar constantemente as bases em que estamos instalados confortávelmente: criar o «inesperado», assim se definia Arrabal em carta dirigida a José Monleón, em 1962. Assim o vai encontrar o publico frequentador do Teatro Experimental de Cascais. No Gil Vicente, poderá aplaudir um grande autor, desempenhado por uma grande actriz: Eunice Muñoz, que tem em Santos Manuel um sólido companheiro e constitui um óptimo apoio para os jovens Carlos Paulo e Filipe La Féria.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

TRINDADE
Hoje, às 21,30

CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA ORGANIZADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO COM A COLABORAÇÃO DA F. N. A. T.

«TOPAZE»

pela Sociedade Filarmónica Incrível Almadense de Almada

(MAIORES DE 17 ANOS)

AMANHÃ — «OS PRIMOS BASÍLIOS», pelo Progresso Clube do Algueirão (Maiores de 17 anos)

Bilhetes à venda no Teatro, aos preços de 10$00, 5$00 e 2$50

Sapataria ORION

Expõe as últimas novidades em calçado para HOMEM e SENHORA, executado com pelarias das melhores procedências.

RUA GARRETT, 42 LISBOA-2

«A PROMESSA» DE BERNARDO SANTARENO NO CONCURSO DO TRINDADE

José Pina vem da primeira «Promessa». Foi ele o primeiro «Labareda», quando Bernardo Santareno foi apresentado no Teatro Experimental do Porto. Escolheu, pois, para encenar no seu grupo («Aurora da Liberdade», de Matosinhos) uma peça que, ás tábuas do palco, nasceu com ele.

Talvez por isso, usou, na sua encenação, a óptica do criador da peça: António Pedro. Estou tentado a dizer até que caiu no mesmo erro: *ter posto o mar para trás das costas.*

Nesta «Promessa» de Santareno o *mar* (mar mesmo) é uma personagem muda, com quem se fala e a quem se insulta, com quem se dialoga e a quem se acusa. Ora, sendo assim, perde quem não o *põe* na plateia, dando, ao espectador, a cara dos intérpretes. Atirar o mar para lá do cenário é estar, pelo menos, durante meia peça, a desviar o público do convívio de todas as falas e da intimidade de toda a acção.

Para ver melhor, gostava de ter visto a «Promessa», tendo o mar ao meu lado. O público, em Teatro, tem que ser o espelho, e não estar, ele, por sua vez, a ver os que se vêem ao espelho.

Se a peça tivesse dado uma rotação completa, talvez, até, o cenário, que é mau e afuncional, tivesse servido melhor as intenções do encenador.

Não quero dizer, com isto, que o espectáculo não tenha tido validade. Nada disso. Mas o que é normal, num jogo, é jogar para ganhar e não fazer ao contrário, isto é, habilitar-se a um *perde-ganha*, por sistema, por norma, por razão declarada.

Mas, desde já o digo, invoco esta circunstância pelo facto de *o que se perdeu*, neste virar as costas ao mar, ter prejudicado (quem sabe?) a melhor interpretação feminina do concurso do Trindade. Refiro-me ao trabalho de Lucília Fernandes, no papel de «Maria do Mar». Mais do que certa, ela foi exacta de expressão corporal. Mais do que correcta, ela foi singular de intenção verbal.

Como convém a quem classifica e não encontra palavra que sirva a tudo o que está a pensar, ela foi «sanguessual».

TAVARES DA SILVA

JOSÉ RÉGIO NA CASA DA COMÉDIA

Até sábado, a Casa da Comédia, no prosseguimento da sua 8.ª temporada de teatro declamado, apresenta todas as noites, ás 22 horas, no teatro de bolso das Janelas Verdes, Rua de São Brancisco de Borja, 22, a peça em um acto de José Régio «Mário ou Eu-próprio — O Outro» e a encenação de poemas de Mário de Sá Carneiro, que deram origem ao diálogo apresentado.

HOTEL DOM CARLOS

PARA SI, SUA FAMÍLIA OU COM AMIGOS UTILIZE O NOSSO RESTAURANTE

Ao almoço tem sempre á sua disposição um prato típico da cozinha portuguesa

Amanhã, 5.ª feira:
PATO COM ARROZ A PORTUGUESA

PARA MARCAÇÃO DE MESA: TELEF. 53 90 71

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 LISBOA

MARIA PINTO
COSTURA

APRESENTA AMANHÃ, QUINTA-FEIRA, DIA 23, ÀS 15.30, A SUA COLECÇÃO DE MODELOS FRANCESES PARA OUTONO-INVERNO. ENTRADA POR CONVITES.

AV. LIBERDADE, 173, 2.º — TELEF. 4 39 62

RAUL SOLNADO em «AMOR ÀS RISCAS»

VASCO MORGADO
APRESENTA
HOJE, às 21.45 horas
(Adultos)

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET

UMA HISTÓRIA ONDE SE PROVA QUE AMAR É DIVERTIDISSIMO

Prossegue, no Casino Estoril, o festival de Cinema de Amadores que anteontem principiou, conforme noticiámos. Até á próxima sexta-feira serão exibidos, todas as noites, em sessões publicas, os filmes concorrentes e, no sábado, serão proclamados os vencedores. Na foto vêem-se alguns dos componentes do juri, durante uma das sessões de projecção

LISBOA TEM UM NOVO TEATRO

O «Maria Matos» abriu com o «Tombo no Inferno»

Com uma estreia de gala iniciou, ontem, a sua vida oficial um novo teatro de Lisboa: o «Maria Matos», que deverá ser também um dos melhores e mais modernos do País. O facto merece ser assinalado pelos que estão, realmente, interessados no futuro do teatro português: se os muitos problemas que o afligem não se resolvem apenas com a abertura de novas salas — pois o que urge é criarem-se as estruturas necessárias ao seu desenvolvimento — é sempre util, no entanto, aplaudir a criação de um novo teatro, sobretudo numa altura em que se sucedem as inaugurações de filiais, sucursais e agências de bancos...

Para lá deste primeiro imediato e justificado regozijo, ficará, é claro, a necessidade de aproveitar a nova sala no sentido da expressão responsável e util que todos devemos exigir dos que tomam sobre si a responsabilidade de dirigir o teatro português. Como sala, o «Maria Matos» vem enriquecer o património teatral (tão pobre) de Lisboa; esperemos que o mesmo aconteça com a qualidade dos seus espectáculos, com o cumprimento da função publica que há o dever de lhe exigir, pois esse é o unico sentido do regozijo que sentimos pela sua inauguração.

Anunciou Igrejas Caeiro, o primeiro responsável pela actividade artistica do «Maria Matos», a intenção de dedicar principalmente a representação de autores portugueses a utilização da nova sala. Em cumprimento desta intenção se estreou ontem a peça de Aquilino Ribeiro, «O Tombo no Inferno».

Impregnada do clima rustico que marca toda a obra do autor de «Quando os lobos uivam», a peça de Aquilino aproveita a ambiência rural de uma época historicamente determinada e utiliza-a com uma técnica, um estilo de expressões próprios também de certa fase. Uma e outros nos parecem já ultrapassados: nem o clima e a problemática da peça correspondem já hoje precisamente á substancia do nosso mundo rural nem os processos dramáticos utilizados pelo grande escritor de «Malhadinhas» significam já qualquer coisa perante as concepções que temos de teatro. Drama monolitico, aproveitando com simplismo — embora com força de denuncia, com a rudeza que caracteriza a linguagem de Aquilino Ribeiro — a face aparente de uma realidade bem mais complexa, «O Tombo no Inferno» descreve-nos o universo fechado de uma aldeia serrana, vivendo sob o paternalismo religioso e o paternalismo agrário, encerrada nas suas superstições, nas suas insuficiências, na sua cobardia, no anímico processo de uma sobrevivência sem horizontes. Este cenário serve de pano de fundo á história de úm jovem que, mordido por um cão danado no fulgor da vida, morrerá ás mãos dos seus conterraneos, tomados de panico e forçados a uma autodefesa primitiva.

Aquilino aproveitará esta história central para salientar esquemáticamente a te-

(Continua na 14.ª pág.)

APAIXONADO...
APAIXONANTE...
eis: DAVEY
O FOLGAZÃO
"SINFUL DAVEY"

PARA ÊLE, OS 7 PECADOS MORTAIS NÃO CHEGAVAM... ...E INVENTOU O 8º.

NA LINHA DE "TOM JONES", UM NOVO AVENTUREIRO
TRUCULENTO, VIRIL, INSACIAVEL!!!
SÃO JORGE PROGRAMA 70 PARK
AMANHÃ, ÀS 21.30
ESTREIA
PAMELA FRANKLIN · NIGEL DAVENPORT · RONALD FRASER · ROBERT MORLEY
Prod. Executivo WALTER MIRISCH Produtor WILLIAM N. GRAF Director JOHN HUSTON Argum. JAMES R. WEBB
Musica KEN THORNE cor DeLuxe United Artists

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A COMÉDIA DE QUE TODOS FALAM
TEATRO VARIEDADES T 32 60 37
15.ª SEMANA
VASCO MORGADO apresenta
— H O J E —
À NOITE, às 21.45 h
(Adultos)
2 HORAS A RIR com UM CASO MUITO SÉRIO
A MULHER é igual superior, ou inferior ao HOMEM
Os DIREITOS da MULHER
TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE
com HENRIQUE SANTANA ☆ IRENE ISIDRO ☆ COSTINHA ☆ LIA GAMA ☆ MARIA HELENA ☆ LUISA DURÃO ☆ DAVID SILVA ☆ HELENA ISABEL ☆ BENJAMIM FALCÃO
DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 HORAS
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

COLISEU
SEXTA-FEIRA, 24
AS 21,30
(Maiores 12 anos)
ESTREIA
NOVA COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
As maiores atracções
Bilhetes á venda

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, n.º 22
Hoje às 22 h. e dias seguintes
MÁRIO OU EU PRÓPRIO — O OUTRO de José Régio
com Manuela Machado, Vitor de Sousa e Jorge Vale
MARCAÇÕES depois 8 h. T 677299
Maiores de 17 anos
Subsidiado pelo Fundo de Teatro

ÚLTIMOS DIAS
A revista dos PARODIANTES DE LISBOA
com CAMILO, FLORBELA, com as atracções PAULA RIBAS, RUI DE «MASCARENHAS»
— um espectáculo de VASCO MORGADO em QUARTO MÊS com lugares desde 10$00

HOJE em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)
MONUMENTAL
DOMINGO, A TARDE, ÀS 16 H.
ATENÇÃO: Amanhã, o «Sr. Ri-te, Ri-te» está em Santa Catarina junto ao Jardim

● LISBOA APLAUDE, no MARIA VITÓRIA

MARIEMA
no «Fadista Russo»

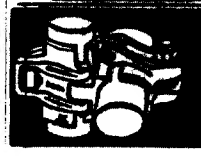
A GRANDE REVISTA DA ACTUALIDADE:
● ESPERTEZA SALOIA ● ADULTOS
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA ● MARIEMA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
● VITOR MENDES ● MARIANO FRANCO
● DINA MARIA ● CRISTINA CASSOLA
A atracção nacional — A atracção filipina
● HELENA TAVARES ● «THE MELODIES»
UM GRANDE ÊXITO!

VITOR MENDES
no «Salva vidas»

● TODAS AS NOITES ÀS 20.45 e 23 HORAS

ADEGA

MESQUITA
328307
AMANHÃ
3.ª SEMANA DA
CHISPALHADA


MUNDUS
Estruturas para cofragens

O BANCO FONSECAS & BURNAY INAUGUROU AS NOVAS INSTALAÇÕES DA SUA AGÊNCIA DA LOUSÃ

Durante a cerimónia inaugural da nova Agência do Banco Fonsecas & Burnay, na Lousã

Com a presença de numerosos convidados, o Banco Fonsecas & Burnay inaugurou as novas instalações da sua agência da Lousã, na Avenida S. Silvestre, tendo no final oferecido um jantar volante no Burgo aos seus convidados.

Entre estes, notava-se a presença dos srs. dr. Henrique Figueiredo, presidente da Câmara da Lousã; dr. Jaime Ribeiro Nogueira, juiz da Comarca da Lousã; dr. Rui Varella Rodrigues, delegado do Procurador da Republica; P.e Alberto Sanches Pinto, prior da Paróquia da Lousã; Serafim Morgado, chefe da Secção de Finanças; dr. Eugénio Viana de Lemos, provedor da Misericórdia da Lousã; eng.o Matos Cruz, vice-presidente da Câmara da Lousã; dr. José Alves Pimenta, chefe dos Serviços de Turismo da Câmara de Coimbra; eng.o Lino Pires, administrador da Circunscrição Florestal; eng.o Manuel Albuquerque d'Orey, administrador-delegado da Companhia Eléctrica das Beiras; dr. Manuel Mexia, Afonso Antunes Baeta, tesoureiro da Fazenda Publica; Manuel Carvalhinho, chefe da secretaria da Câmara; dr. Eduardo Simões Marques, chefe da secretaria do Tribunal da Lousã; dr. Carlos Antero, director da Escola Broteiro; dr. Jorge Padilha Simões Lopes, director do Externato de Santo António; directores dos jornais de Coimbra e da Lousã e muitos clientes e amigos daquela instituição bancária.

Presentes também o administrador sr. Fausto Pedro de Figueiredo, presidente da direcção, o director-geral, sr. dr. António Loureiro Borges, outros membros da direcção do Banco, o sr. Assis de Carvalho, gerente da sua agência local e o restante pessoal da mesma.

Precedendo a inauguração das novas instalações, houve uma cerimónia na Câmara Municipal da Lousã, durante a qual o seu presidente dirigiu, em nome da Câmara, palavras de muito apreço e agradecimento ao Banco Fonsecas & Burnay pela comparticipação por este dada ás obras de arranjo da Avenida de S. Silvestre que, assim, puderam ser mais rápidamente completadas.

Em resposta, o sr. Fausto Pedro de Figueiredo, depois de agradecer a gentileza da cerimónia com que a Câmara da Lousã quís honrar o Banco Fonsecas & Burnay e de afirmar que este tudo faria, dentro das suas possibilidades, para nunca desmerecer no apreço das populações da região, traçou o perfil da actuação administrativa daquela instituição, referindo, a dada altura: «Pretendemos fomentar uma Empresa comercialmente sólida e próspera, assente, porém, numa permanente e clara consciência da sua função-base: o interesse nacional.» E, mais adiante:

«Estamos bem conscientes da nossa função esclarecedora e fomentadora do desenvolvimento económico e, consequentemente, social, das regiões onde nos instalamos e das populações que utilizam os nossos serviços.

O promover do desentesouramento das poupanças privadas, ainda tão evidente no nosso País, dando-lhe uma aplicação dinâmica, não só no sentido de fomentar novas industrias capazes de criar riqueza nas regiões onde se implantam, como também no de permitir ao particular que, recorrendo a formas de crédito pessoal, atinja um nivel de vida e um bem-estar que, sem ele, lhe era, pelo menos imediatamente, vedado — eis, meus senhores algo que consideramos importante e válido na nossa actividade.

Cremos que é no fomento industrial e comercial de uma região, tendente a criar a riqueza indispensável para que seja possível pagar aos seus habitantes os proventos necessários e justos à sua qualidade de pessoas humanas, permitindo-lhes alcançar o bem-estar social a que têm direito, cremos sinceramente que é nessa actuação promotora de riqueza, que está fundamentalmente a nossa razão de existir e é para isso que existimos. A repartição ainda que equitativa de uma riqueza estática, por si só, nunca promoverá o bem-comum.

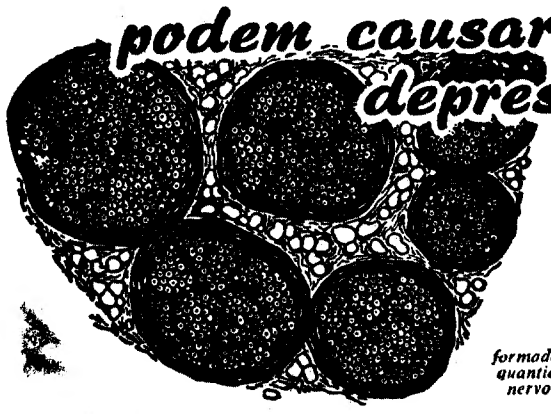
É antes dinamizando essa mesma riqueza e imprimindo-lhe um movimento de progresso que se consegue que a cada um seja distribuido o quinhão a que lhe dá direito o seu próprio esforço dentro do complexo social em que se encontra integrado.»

Referindo-se à abertura de novas agências, o sr. Fausto Pedro de Figueiredo disse: «Porque abrimos agências? Porque ao inaugurá-las, pretendemos sempre fazer algo pelo progresso das terras que nos acolhem? Porque somos portugueses conscientes e porque pensamos que, assim, estamos na retaguarda, a colaborar com aqueles que, nos campos de batalha tão denotadamente se batem pela integridade do nosso Portugal, criando-lhes, para quando regressarem com os peitos ufanos da glória dos vencedores, um berço acolhedor e próspero onde cada português possa viver e progredir naquela paz social que todos nós, homens de bem, tanto desejamos.»

Abordou seguidamente o problema dos portugueses deslocados no estrangeiro, outro tipo de batalhador lutando pela melhoria de situação das suas famílias: «Temos consciência do esforço desses gigantes de trabalho e propomo-nos a ajudá-los não só com o nosso conselho e criando uma verdadeira ponte financeira entre o emigrante que parte e os que ficam esperando por melhores dias, mas também ajudando-o a tirar alguma rentabilidade imediata do dinheiro que vai amealhando. Para tanto — e constitui para mim grato prazer anunciá-lo hoje, aqui, pela primeira vez de viva voz — iremos abrir, no próximo mês de Janeiro, o primeiro Escritório de Representação de um Banco Português no distante Canadá, onde mais de 40 000 compatriotas nossos, estòicamente, angariam o seu sustento.»

Ao terminar, o presidente da direcção do Banco Fonsecas & Burnay fez votos pela prosperidade da Lousã e do seu povo, depois do que fez entrega de alguns donativos a obras de assistência locais.

Os seus nervos podem causar-lhe depressão



Os nervos formados por grandes quantidades de fibras nervosas em molhos

A sua atitude para com a vida está ligada ao estado dos seus nervos. Se está sujeito a constantes períodos de abatimento, ocupações e tristeza, culpe disso os seus «nervos».

O SANATOGEN AJUDA-O

Ele fornece grandes quantidades de proteína concentrada e fósforo orgânico às células nervosas. A eficiência do seu sistema nervoso reside nas células nervosas. Elas controlam o crescimento dos novos tecidos nervosos. Se estas células não recebem proteína e fósforo suficientes, *morrem de fome*. Então, todo o seu sistema nervoso sofre as consequências. O Sanatogen alimenta as células. Ajuda-as a trabalhar convenientemente, reforçando a rede de fibras nervosas.

Recomendado pelos médicos

O Sanatogen é bem conhecido da classe médica e largamente receitado pelos médicos germânicos, ingleses e de outros países. Só o Sanatogen contém tudo o que o Sanatogen lhe oferece. Testes clínicos sob controle médico demonstram que o Sanatogen dá mais saúde. Que grande diferença no rendimento, capacidade e bem-estar de cada um! Experimente Sanatogen no seu caso.

Para todas as formas de «nervos»

Os nervos manifestam-se de várias formas: abatimento, depressão, cansaço permanente, insónia, irritabilidade, preocupações excessivas, falta de energia, indigestão até, «surmenage» — esgotamento físico e mental — falta de alegria e entusiasmo para encarar a vida.
Sanatogen, fortalece os seus «nervos». Ajuda-o a reconquistar a antiga *forma* e olhar a vida com mais optimismo.

Sanatogen
THE PROTEIN NERVE TONIC

Nestlé Produtos Dietéticos, Lda. - Apartado 1382 — Lisboa 1

DESASTRES DE VIAÇÃO QUE VITIMAM ESCOLARES

Preocupado com os sucessivos e crescentes desastres de viação numa zona que coloca em perigo numerosa população escolar, escreve-nos o sr. Raul da Conceição Ruivo uma longa carta, da qual se transcreve o seguinte, referindo-se o leitor à Av. General Roçadas, onde mora e onde se situa a Escola Nuno Gonçalves:

«Todos os anos tem havido casos que tais, aumentando, natural e progressivamente, em proporção com a população escolar e o tráfego automobilístico, de ano para ano. O ano passado, ao que parece, foi um ano trágico para os alunos da Escola Nuno Gonçalves, com algumas mortes a registar.

Dada a natureza dos acidentes que ali se dão, a entidade policial toma, necessàriamente, contacto com os mesmos; e, daí, tornar-se fácil fazer uma estatística e analisar o negro panorama de que tem sido teatro a Avenida General Roçadas e protagonistas alguns desditosos alunos e seus atropelantes.

«As perspectivas para o ano lectivo, que agora se iniciou, não se apresentam melhores, pois já há dias se deu início ao infeliz rosário dos acidentes com o atropelamento brutal de mais uma criança. Poder-se-á atenuar tal situação? Cremos que sim e é tão-só com o propósito de podermos, eventualmente, contribuir para a sua resolução que nós, com o devido respeito, apelamos para os Ministérios da Educação Nacional e do Interior, este através da P. S. P., de modo que, conjuntamente, adoptem e ponham em prática medidas capazes de porem cobro a uma situação tão escabrosa quão indesejável. Ousamos, por isso e para isso, sugerir:

1.º — Que na Escola sejam dados aos alunos esclarecimentos, instruções e conselhos sobre certas regras de trânsito, particularmente no que respeita ao modo como deverão atravessar as ruas.

2.º — Que se proiba, com a respectiva sinalização, o estacionamento de veículos ao longo de todo o passeio que está em frente daquele estabelecimento de ensino e que dá para a Avenida General Roçadas.

3.º — Que sejam colocadas na Avenida e no troço julgado mais conveniente placas de condicionamento de velocidade que deverá ser reduzida para 30 ou 40 km/h.

4.º — Que a praça de «táxis» existente perto do dito passeio e bem assim a paragem de autocarros sejam transferidas para locais mais apropriados onde as possibilidades de perigo fiquem senão anuladas ao menos reduzidas.

5.º — Fiscalização eficiente (o que não será difícil dado haver nas proximidades um posto da P. S. P. — Posto da Vila Cândida) das disposições que vierem a ser impostas, especialmente o «contrôle» de velocidades.

Estamos certos de que, assim, evitar-se-ão os acidentes graves e as mortes de crianças que levam a tristeza e o luto a pais angustiados e que constituem autênticas perdas nacionais. E ninguém tem duvidas de que a pessoa humana é a riqueza das riquezas tanto no mundo material como no espiritual. O Estado tem o dever, tem a obrigação de proteger esse alfobre humano em formação que garantirá a continuidade perene da Nação Portuguesa».

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
Paquete «PRÍNCIPE PERFEITO»
INFORMAMOS OS SENHORES PASSAGEIROS, DE QUE O PAQUETE «PRÍNCIPE PERFEITO» SAI, DA ESTAÇÃO MARITIMA DE ALCANTARA, NO DIA 26 DO CORRENTE (DOMINGO) AS 20 HORAS.

INAUGURADO UM POSTO CLÍNICO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA PARA O PESSOAL FERROVIÁRIO

A partir de hoje passou a funcionar, na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, um posto clínico das Caixas de Previdência que se destina ao pessoal ferroviário e familiares inscritos na respectiva Caixa de Previdência que, recentemente, tornou extensivo aos seus segurados o esquema geral do seguro social.

Dispõe o novo posto, instalado em edifício arrendado e adaptado para o efeito, de gabinetes de clínica médica, de pediatria, de ginecologia e obstetrícia, de cirurgia e de estomatologia, salas de injecções e tratamentos, serviços de identificação e admissão de doentes, arquivo clínico, salas de espera, vestiários, instalações sanitárias, etc. Nelo trabalharão 20 médicos (entre clínicos gerais e especialistas) e 14 profissionais de enfermagem, além do pessoal administrativo e serventuário indispensável.

Presidiu á inauguração o titular da pasta das Corporações e Previdência Social, estando presentes o subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência e outras entidades, altos funcionários daquele departamento de Estado, da C.P. e do Ministério da Saúde.

Durante a sessão inaugural falaram o médico-chefe do Posto e os presidentes da União dos Sindicatos e da Caixa de Previdência e Abono de Família dos Ferroviários. Seguiu-se o presidente da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família, dr. Fernando Moreira Ribeiro, que sublinhou a acção das instituições de previdência social e referiu-se ao enquadramento, cuja efectivação prossegue, das antigas caixas de previdência na disciplina instituída pela Lei n.º 2115, pela qual se operou a passagem das prestações dos serviços de acção social para as caixas de previdência e abono de família de âmbito distrital.

Por seu turno, o prof. Gonçalves de Proença deu esclarecimentos sobre a evolução da Previdência e fundamentou a orientação seguida em matéria de assistência médica, informando que a população servida pela Previdência aumentou, de 1960 a 1968, de 800 000 para 1 600 000 beneficiários.

Voltou aquele membro do Governo a recordar que está para breve a adopção pela Previdência a título experimental de um sistema de livre escolha do médico, com comparticipação no custo da consulta, semelhante ao adoptado pela A.D.S.E.

Preconizou ainda a diminuição do numero de doentes por consulta nos Postos, mediante um sistema de marcação prévia, salvo os casos urgentes, á semelhança dos consultórios particulares, e o aumento do pessoal clínico e de enfermagem nos serviços da Previdência.

Visita às obras de acabamento de uma policlínica da Previdência

Uma grande policlínica destinada a beneficiários das Caixas de Previdência que está a ser instalada num novo edifício, na Alameda D. Afonso Henriques, foi esta tarde visitada pelo dr. Nogueira de Brito, subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência.

As obras de acabamento decorem em bom ritmo e prevê-se a sua entrada em funcionamento nos princípios do próximo ano.

Ocupará esta policlínica 12 pisos num total de 2940 m2 e a sua capacidade permitir-lhe-á servir cerca de 65 000 pessoas (beneficiários e seus familiares), o que possibilitará um numero aproximado de 250 000 consultas anuais.

NASCEM BURACOS, todos os dias, na Brandoa. O que, na verdade, não espanta, pois, lá, tudo nasceu debaixo para cima, deixando para depois o que se devia fazer abaixo do solo. Mas deixemos isso. O que mais importa é que os buracos nascem por todos os lados e sem nenhum resguardo ou aviso. São mais do que ventres abertos: são armadilhas — pois a Brandoa, sem luz na noite das ruas, põe, a quem passa, um perigo em cada buraco destes, como o que a gravura mostra. E eles nascem mas não morrem. Parecem eternos, ninguém os tapa...

Uma aldeia de indústria artesanal não tem electricidade

MONTARGIL, 22 — A aldeia de Foros de Arrão, com cerca de dois mil habitantes, precisa de ser beneficiada com energia eléctrica, indispensável ao seu desenvolvimento.

Tratando-se de um lugar com apreciável numero de industrias caseiras, a electricidade proporcionaria a sua transformação em unidades mais eficientes e rendosas, proporcionando ao mesmo tempo uma melhor coordenação do trabalho dos seus operários.

A Camara Municipal de Ponte de Sor, deveria reflectir na oportunidade deste melhoramento para Foros de Arrão e envidar os seus esforços para que a luz eléctrica não deixe de ser instalada ali no próximo ano.

Grande afluência ao Museu Gulbenkian

Está a despertar o maior interesse, em todos os meios sociais do País, o Museu Calouste Gulbenkian, em cujas salas se encontram expostas obras do maior valor artístico, ás quais a Imprensa largamente se tem referido e que pertenciam á colecção do grande benemérito.

Assim, só no sábado e no domingo visitaram o Museu Gulbenkian cerca de 4000 pessoas, entre as quais personalidades do maior relevo da vida nacional, professores, artistas e muitos estudantes.

Foi igualmente muito visitada a Galeria de Pintura Moderna, com obras pertencentes á Fundação.

Desperdiçar **não é** grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

A MÃO

...que lhe dá o melhor CAFÉ!!
A BRASILEIRA DO PORTO

SEMANA DE ITÁLIA

Acompanhando como sempre o desenvolvimento do comércio internacional, associamo-nos à SEMANA DE ITÁLIA promovida pela Embaixada de Itália e pela Câmara de Comércio Italiana em Portugal.
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Actualidade internacional

Manifestações pedidas em França contra a guerra do Vietnam

PARIS, 22 — (R.) — Um grupo de 83 personalidades e de 23 organizações francesas pediu, a noite passada, a realização nas grandes cidades da França de manifestações contra a guerra no Vietnam em 15 de Novembro, de forma a coincidir com uma marcha sobre Washington, planeada para o mesmo dia.

O grupo solicitou, também, numa comunicação, um «simpósio nacional sobre o Vietnam», em Paris, em 13 e 14 de Dezembro, a fim de manifestar apoio ao povo vietnamiano e de decidir sobre nova acção.

As personalidades incluem Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, assim como cientistas, «astros» e realizadores cinematográficos e jornalistas. As organizações incluem o Partido Comunista Francês e a União das Mulheres Francesas.

É IMPOSSÍVEL QUE A CHINA COMUNISTA CONSIGA SER ADMITIDA NA O. N. U.

HONG-KONG — Todos os anos pela mesma altura, com o regresso do Outono, os diplomatas da ONU voltam a debruçar-se sobre o problema, que, na gíria diplomática anglo-saxónica, é conhecido por «Chikep»— isto é, o problema da representação da China. Assim regressam ao eterno conflito entre Mao Tse Tung e Chang Kai Chek, que pretendem, cada um, por seu lado, falar em nome de todos os chineses.

Desde há 18 anos que se têm malogrado as tentativas da Albânia, Cambojda e outros países para expulsarem a China nacionalista das Nações Unidas e a substituirem pela China comunista. Ainda hoje nem um milagre poderia evitar novo malogro.

Por STANLEY KARNOW

Exclusivo «The Washington Post»-«D. Lisboa»

Uma questão, que no entanto, merece a atenção é a seguinte: os E. U. A. deveriam, como sempre, opor-se, com toda a força, à admissão da China comunista, ou deverão adoptar uma estratégia mais flexível?

O que joga agora a favor de uma maior flexibilidade americana é o perigo de os russos, cuja querela com os chineses se torna cada vez mais agressiva, se deixarem tentar por um ataque preventivo contra a China.

Pelo menos, assim o deram a entender certos porta-vozes soviéticos quer em conversas privadas, quer em declarações oficiais. Indicaram também que o ataque soviético poderia ser nuclear.

A recente declaração do subsecretário de Estado americano, Elilot Richardson, reveladora de que os E. U. A. estariam «profundamente preocupados» com uma escalada do conflito sino-soviético que levasse a uma «ruptura maciça da paz e da segurança internacionais» mostra que esta hipótese é plausivel para a Administração americana.

Se as Nações Unidas foram incapazes de intervir na guerra do Vietnam, menos capazes serão ainda de reduzir os atritos entre a U. R. S. S. e a China. Mas os E. U. A. poderiam utilizar o quadro das Nações Unidas para evitarem uma eventual explosão sino-soviética.

A diluição da oposição americana às reivindicações chinesas poderia contribuir para indicar a Moscovo que os E. U. A. reconhecem indirectamente a legitimidade de Pequim. Isso igualmente lembraria aos soviéticos que não podem agir impunemente contra os seus adversários comunistas.

Isto não significa que os E. U. A. renunciem a apoiar os nacionlistas: pelo contrário, uma viragem brutal deste género só faria aumentar as suspeitas soviéticas de um conluio sino-americano.

Uma inciativa mais subtil da Administração americana consistiria simplesmente em deixar de fazer pressão sobre as outras delegações da ONU para as levar a votar contra a admissão da China comunista.

Uma atitude assim sublinharia, por um lado, a neutralidade americana na querela sino-soviética,, e, além disso confirmaria o desejo expresso pela administração Nixon de fazer sair a China do seu isolamento.

Seria também uma política que não custaria nada aos E. U. A.: primeiro, porque, embora os soviéticos façam pùblicamente uma campanha em prol da admissão da China comunista na ONU, manobram, por outro lado, para a impedir. No ano passado, por exemplo, os soviéticos publicaram, precisamente na manhã do dia da votação na Assembleia Geral, um violento comunicado contra Pequim.

Além disso, a teimosa oposição de Pequim ao tratado de interdição de experiências nucleares e aos outros esforços tendentes a reduzir a tensão no mundo prejudica a sua reputação de tal maneira que não pode esperar, de maneira nenhuma, a conquista do assento da China nas Nações Unidas.

Os E. U. A. podem, pois, adoptar uma atitude mais flexível, dado que a China não tem a mínima probabilidade de entrar nas Nações Unidas.

Mas a Administração poderia então utilizar os corredores das Nações Unidas, para prevenir os choques sino-soviéticos mais importantes—eventualidade que torna frívolos todos os problemas internacionais de agora, se os compararmos com o de um conflito entre os dois grandes comunistas.

APÓS O ATAQUE AOS GUERRILHEIROS

A Síria ameaça o Líbano com represálias

DAMASCO, 22 — (R.) — A Síria encerrou a sua fronteira com o Líbano e avisou que exercerá represálias a não ser que o Exército libanês cesse os seus ataques contra bases de guerrilheiros palestinianos no país.

O aviso do Politburo da Síria, a mais alta autoridade executiva da República, foi emitido pouco antes da meia-noite de ontem, após os guerrilheiros afirmarem terem sofrido 14 mortos e 25 feridos durante 48 horas.

A Organização de Libertação da Palestina declarou que ontem as bases de guerrilheiros no Sul do Líbano foram atacadas simultâneamente por violento fogo de artilharia tanto de forças libanesas como israelitas.

Uma comunicação da O. L.P., emitida nesta capital, dizia que os guerrilheiros palestinianos estavam agora a travar a sua mais dura batalha contra forças israelitas e libanesas.

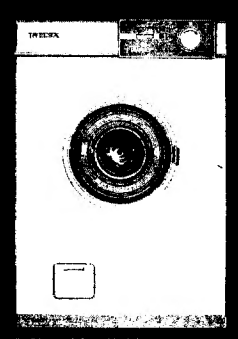
Não identificou as bases que foram atacadas, mas disse que as forças libanesas estavam a empregar tanto a artilharia como metralhadoras. Os guerrilheiros tiveram de responder ao fogo — declarava o comunicado.

Entretanto, uma nota emitida em Amman a noite passada, após uma sessão de emergência do executivo da O.L.P., pedia aos chefes de Estado árabes para intervirem, a fim de suspenderem a acção libanesa contra os guerrilheiros.

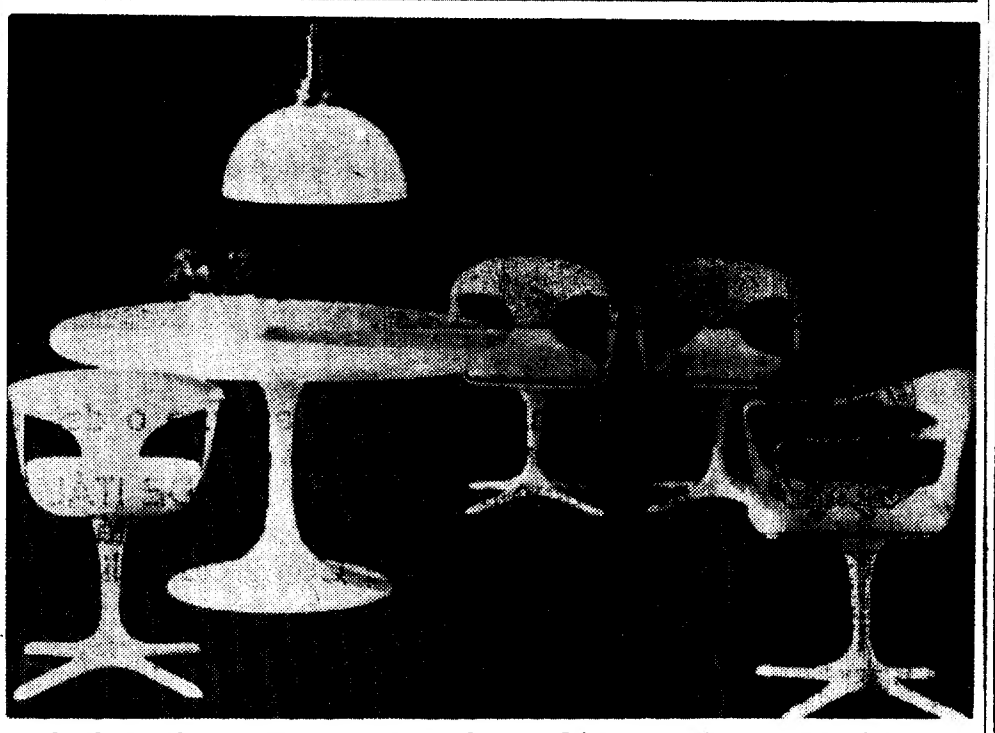
Dizia que os ataques eram a primeira fase para concretizar uma «conspiração imperialista americana de apunhalar pelas costas a revolução da Palestina».

A nota publicada na capital jordana alegava que tropas libanesas cercaram um grupo de guerrilheiros, quando estava empenhado a lutar contra israelitas. Avisava que, embora guerrilheiros palestinianos não intervissem nas questões internas de outros países, não hesitariam em se defender.

Rádio Assifa, com sede no Cairo, que é a voz da organização Al Fatah, declarou que três vilas no Sul do Líbano tinham sido cercadas pelas tropas. Acrescentou que o abastecimento de água para as três vilas fora cortado.

Se dá valor ao seu dinheiro compre uma
IBELSA
QUALIDADE SINÓNIMO DE GARANTIA

SUPER AUTOMATICA 5Kg DE ROUPA SECA
detergente recomendado
MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.
Exposição e venda:
nas casas da especialidade

Em BENAVENTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Casa Leitão, Rua da Índia Portuguesa, 13.



Nos bons velhos tempos dos nossos pais, as cadeiras eram de honesta madeira e uma boa mesa tinha de ser feita com um sólido castanho. Hoje as cadeiras são de plástico, e muito cómodas por sinal, e as mesas de plástico reforçado com fibra de vidro

SIEMENS
TEMOS ORGULHO EM O APRESENTAR
SIEMENS ESTORIL
O MAIS MODERNO TELEVISOR IMPORTADO DE
51 cm

O televisor europeu feito para o lar português
A VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS
EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÕES NA
SIEMENS-COMPANHIA DE ELECTRICIDADE, S.A.R.L.
LISBOA - 1: AV. ALMIRANTE REIS, 65 — TELEFONE 53 69 21
PORTO: RUA DAS CARMELITAS, 12 — TELEFONE 2 89 43

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

«NOITE DE TEATRO»

Inicia-se hoje a transmissão da nova rubrica «Eterno romantismo», produção Goulart Nogueira.

O primeiro autor a ser representado: Henrique Lopes de Mendonça, português nascido em 1856 e falecido em 1929, um dos principais do nosso romantismo teatral.

Apresenta-se a peça «O crime de Arronches», cuja adaptação á TV é da escritora Alice Ogando e a encenação de Armando Cortês.

«O crime de Arronches» tem a seguinte distribuição:

André, Artur Semedo; Gaspar, Henrique Viana; Juiz, Virgílio Macieira; D. Maria, Fernanda Alves; Ventura, David Silva; Margarida, Catarina Aveleda; Brites, Beatriz de Almeida; Brás, Armando Cortês; Gomes, Alexandre Vieira.

A realização é de Pedro Martins e os cenários de Hernani Lopes.

Goulart Nogueira, anuncia que outros autores se seguirão: Balzac, Dickens, Goethe, Anouilh, Ésquilo, Camilo, Maeterlinck, Almeida Garrett, George Sand, Calderon, Tomás Ribas, António José da Silva, Ibsen, Tchecov e Strindberg.

FADOS E GUITARRADAS

Acompanhado por Martins d'Assunção, violista e Jaime Santos, guitarrista, Manuel de Almeida interpretará os fados «Quando passo á tua porta», «Só Deus sabe», «A minha guitarra» e «Sentinela vigilante».

Figueiredo de Barros é o autor destes dois ultimos fados.

O realizador do programa, que se transmite pelas 23 e 10, é Oliveira e Costa.

SÉRIE COMÉDIA — «OLHO VIVO» (GET SMART)

Don Adams e Bárbara Felson no episódio «O barco dos espiões» que se exibe cerca das 20 e 55.

O agente Max vê a sua vida ameaçada, por tentar descobrir o autor do roubo dos planos do barco de guerra anfíbio nuclear.

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Desenhos Animados; 20 e 15: Conheça o Portugal Desconhecido; 20 e 30: Em Foco; 20 e 55: «Olho Vivo»; 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 10: Noite de Teatro — «Eterno Romantismo»; 23 e 10: Fados e Guitarradas, com Manuel de Almeida; 23 e 30: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 5; Imagens da Poesia Europeia; 22 e 30: «O Maiora.»; 23 e 35: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Uma Garota Endiabrada»; 20 e 10: Totobola; 20 e 25: Portugal Africano; 20 e 55: Convergência; 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 10: «O Jogo da Vida»; 23 e 40: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de hoje; 22 e 5: Zip-Zip»; 0 e 5: Fecho.

TUDOR
pilhas para transistores

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Teatro das Comédias: «Não conte ao seu marido», original de Judith Navarro; 16 e 24: Melodias por orquestras; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da Tarde — diga o que prefere; 17 e 45: O conjunto de; 18 e 05: Rádio Mocidade, programa da Mocidade Portuguesa; 18 e 30: Ritmos modernos; 18 e 40: Folhetim para os novos, por Odette de Soint-Maurice; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diá-

(Continua na pág.ª seguinte)

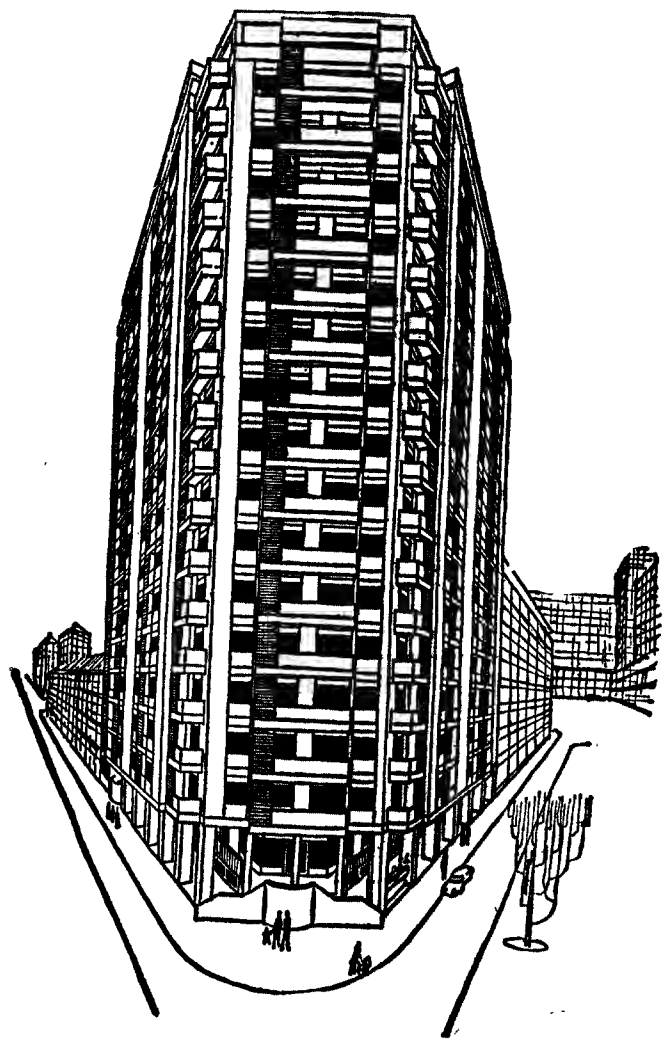
canal da crítica

A ANTIMETAFÍSICA DO ATUM

As coisas que a R. T. P. nos faz saber, meu Deus, de que maneira despimos diàriamente a nossa ignorância, em imitação da cobra que despe a inútil pele!... A respeito de feras já eu supunha conhecer alguma coisa e afinal... Por exemplo: desconhecia que as panteras não atacam as pessoas e eu penso: «Ora aqui está uma espécie de animais com a qual nos daríamos, certamente, muito bem...».

Quem me disse esta e outras coisas a respeito das Panteras Nossas Amigas foi o episódio da série «O Bom Gigante». Vocês sabem, aquela série participada, melhor dizendo comparticipada, ou doutra maneira, sempartici-pada por um urso, o tal Gentle Ben, que não faz na-

(Continua na pág.ª seguinte)



EDIFÍCIO OEIRAS

Este edifício será o maior do Distrito de Lisboa

Comportará cerca de 200 fogos

Compre a sua habitação neste edifício e quando ele estiver concluído terá em frente um Parque Desportivo equipado com Piscina

J. PIMENTA, S.A.R.L.

assegura-lhe um rendimento de **6** a **10%**, durante **6** e até **18** anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública

Apartamentos em exposição em: REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO DE ARCOS, (Espargal) e CASCAIS (por detrás do Hotel Baía)

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Propriedades à venda em: REBOLEIRA, AMADORA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, PAREDE, CASCAIS e LISBOA

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Tel. 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 - 95 20 22
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 22 — (A. N. I.) O boletim semanal do comando-chefe das Forças Armadas em Angola é do seguinte teor:

«No período de 5 a 11 de Outubro, embora as acções de fogo dos terroristas tivessem diminuido, a actividade geral manteve as mesmas características anteriores, tanto no norte como no leste manifestando-se por ataques, incêndios, assassínios e raptos das populações, por reacções ás actividades ofensivas das forças da ordem e por implantação de engenhos explosivas.

Por outro lado, as nossas tropas desenvolveram intensa actividade repartida pelas áreas afectadas e provocaram dezenas de mortos, cauturaram armamento e diverso material.

De salientar a apresentação ás autoridades portuguesas dos sobas Zovo, Vundo, Moquengue e Funda, vindos da Republica Democrática do Congo (Kinshasa) com parte das suas populações, para onde tinham fugido em 1961 em virtude das torturas físicas e assassínios praticados pelos inimigos do povo, que os obrigaram a abandonar as suas terras e a prestar-lhes colaboração.

Descriminam-se as acções mais relevantes:

No distrito de Cabinda, um grupo de bandidos fez uma incursão no solo pátrio, na região de Sangamongo e implantou minas antipessoal, acoitado-se, em seguida, em território da Republica do Congo (Brazza). As nossas tropas conseguiram detectar e levantar duas minas.

No distrito de Luanda, um grupo de fraticidas atacou instalações e trabalhadores de uma fazenda, a norte de Santa Eulália, roubou roupas e incendiou uma casa provocando a morte de três pessoas — um homem, uma mulher e uma criança — que ficaram carbonizadas dentro da sua habitação. A sul de Canacassala, as nossas tropas descobriram, assaltaram e destruiram dois acampamentos de bandoleiros, causaram baixas e capturaram granadas.

No distrito de Uige, na região a sueste da Aldeia Viçosa, as nossas tropas descobriram, assaltaram e destruiram três acampamentos dos terroristas, aos quais causaram muitas baixas.

No distrito do Cuanza-Norte a sueste de Quiage, os carrascos do povo tentaram raptar a população de uma aldeia e só não conseguiram realizar o intento devido á atitude das nossas tropas que acorreram ao local, bateram a zona e perseguiram os assassinos em fuga.

No distrito do Bié, a sul de Cuemba, um grupo de terroristas montou uma emboscada e provocou baixas nas nossas tropas.

No distrito do Moxico, região de Cavungo, um grupo de bandidos roubou cinquenta cabeças de gado pertencentes á população. As nossas tropas acorreram ao local e perseguiram o grupo. Próximo do Lovua, os carrascos do povo alvejaram um africano e raptaram elementos da população. Um africano ferido avisou as nossas tropas, que acorreram ao local e executaram uma batida sem terem conseguido, no entanto, estabelecer contacto com os bandidos.

A sul de Jimbe, em operação que decorreu numa vasta área, as nossas forças encontraram e destruiram um acampamento de terroristas, aos quais causaram muitas baixas e capturaram armamento, entre o qual duas pistolas-metralhadoras de origem russa, granadas, munições e material diverso. Foram accionados alguns engenhos explosivos, implantados pelos inimigos da paz, por viaturas das nossas tropas. A noroeste de Mussuma, as nossas forças assaltaram e destruiram um acampamento de bandoleiros e capturaram granadas, disparadores de minas, munições e diverso material. Também na região de Mutemba foi capturada uma mina antipessoal.

No distrito do Cuando-Cubango, região de Lupire, uma viatura das nossas tropas accionou um engenho explosivo e sofreram baixas.

As nossas tropas tiveram um morto e dezanove feridos em combate. Há a lamentar ainda três mortos, quatro feridos e cinco desaparecidos entre a população civil, vítimas dos inimigos do povo.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate na província da Guiné, os seguintes militares:

— 1.º cabo n.º 11651567, José Manuel Justino Laranjo, natural de Lamarosa (Coruche), filho de Manuel Rocha Marques Laranjo e de Inácia Maria Justino, casado com Guilhermina Rosa Laranjo.

— Soldado n.º 19725768, Manuel José Coelho Parreira, natural de S. Luís de Faro (Cuba) filho de José Silvestre Parreira e Antónia Maria Coelho.

— Soldado n.º 01985468, Manuel Jesus Ferreira, natural de Estrela (Póvoa de Varzim) filho de Augusto da Silva Ferreira e de Maria Anunciação de Jesus, casado com Maria da Conceição Lima de Sá.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

da, nada, nada, a não ser uma tristíssima figura de urso...

Claro, eu não tinha o mínimo propósito de criticar a historieta, simplesmente eu estava no meu posto (quando morrer, morro de olhos abertos) á espera dos «Segredos do Mar». E já agora devo dizer que o melhor do programa de ontem foi aquele período em que não houve palavras das sete ás sete e meia. Aí a Televisão transformou-se em Telesson e estivemos todos tão divertidos, tanta música, tão suave, até a «Canção de Lara», e tudo, e podia-se fechar os olhos e vogar até ás infimitas regiões etéreas onde...

Onde o quê? Ah, onde se pesca o atum, é verdade. Todos sabemos, mais ou menos, onde se pesca o atum. O atum pesca-se no Algarve, com muitas redes. Chama-se «o copejo».

Cerro as pálpebras e vejo, claramente vejo, o ataque furioso aos pacíficos atuns. Armados do *bicheiro*, os homens atacam os dorsos luzidios. Jorra sangue. Nós vimos. Aquele líquido preto na televisão, era sangue. Golpes cada vez mais violentos são desferidos. O *bicheiro* acerta num dos olhos do animal. A câmara de Hélder Mendes, hipnotizada, não abandona o massacre, não desvia. Recusa-se a fitar o rosto dos homens friamente sanhudos — recusa-se, talvez para não termos vergonha de nos vermos tão cruamente ao espelho, sem metafísicas nem máscaras olímpicas...

De qualquer modo, não será o belíssimo documentário de Hélder Mendes capaz de nos fazer recuar diante de uma lata de atum. Os pescadores e conserveiros sabem isso. E não se poupam a despesas. E sofrem com as crises, com as dificuldades — sofrem até á angústia...

Foi o que se depreendeu da entrevista com o dr. Oliveira e Silva, da Companhia de Pescarias. Soubemos que não são muito amistosas as relações entre industriais e conserveiros. Uma das razões assenta no facto de a Companhia de Pescarias haver retirado da lota 65 toneladas de atum em virtude do baixo preço atingido (sete escudos o quilo). Procedeu á congelação do atum e assim conseguiu estabilizar os preços.

O dr. Oliveira e Silva ainda nos disse que a caça ao atum com utilização de redes está a tornar-se obsoleta, além de que o *atum vermelho* começa a rarear, pelo que se tornam indispensáveis os estudos oceanográficos tendentes a estudar a rota dos cardumes. Entretanto, a Companhia enceta uma reconversão: cultura de ostras e barcos de pesca costeira.

Ainda a propósito do documentário propriamente dito, que mereceu o nosso inteiro aplauso, parece conveniente proporcionar a Hélder Mendes e a outros realizadores portugueses a possibilidade de registar as actividades do nosso povo. Do nosso povo, esse desconhecido.

MÁRIO CASTRIM

NOVA ESTRADA

VILA NOVA DE POIARES, 22 — Estão concluídos os trabalhos de terraplenagem para a construção da estrada conduzindo ao lugar do Soutelo, onde o melhoramento causa satisfação.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

RÁDIO

(Continuação da pág. anterior)

rio sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 40: 19.º Episódio do Folhetim «O Grande Industrial; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: A Orquestra Frank Chakesfield; 21 e 40: 2.ª parte de um Programa de Variedades realizado em Leiria; 22 e 30: Escolha e diga; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 15: Teatro do Século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa — «A Morgadinha de Val d'Amores» — de Camilo Castelo Branco; 16 e 50: Concerto n.º 1 em sol menor op. 26; Orquestra do Concertgebouw de Amsterdão dirigida por Bernard Haitink; 17 e 15: Musica de vanguarda; 17 e 50: Uma Obra... Duas Interpretações — A Sonata em si bemol maior K. 570 de Mozart; 18 e 29: Selecção da ópera «Tiefland» (Terra Baixa), (Eugen d'Albert); 19: Poesia, Musica e Sonho, por Miguel Trigueiros, 19 e 20: Musica Coral Sinfónica; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

2.º Programa — (94,3 mc/s.) — Antologia Sonora — Obras da Escola de Mannheim; 23 e 50: Musica de piano de Mendelsshon — Canção da Irlanda ra, por Yuri Boukoff — Variações Sérias, por Rena Kyriakou; 0 e 05: 2.º Acto da ópera «La Fida Ninfa» (A ninfa fiel) — (Vivaldi); 1: Fecho.

Emissão Estereofónica — (MF 2 de Lisboa (94,3 mc/s), Porto (9,2 mc/s.), Lousã (89,3 mc/s.) e Monchique (91,5 mc/s.) — Das 21 ás 23: Musica ligeira — Musica sinfónica — Musica coral — Solos.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Concertino; 19 e 30: Noticiário; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Momento ABC; 20 e 15: Rubrica Corte; 20 e 20: Ele e ela; 20 e 30: Jornal dos Espectáculos; 20 e 45: Robbialac; 21 e 03: Presença Singer; 21 e 15: O desporto no mundo; 22 e 03: Impacto; 23 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura e noticiário; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Philips; 19 e 35: Estudio 64; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Vozes do Brasil; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Rádio Placard; 21 e 45: «O arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Baile; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioramo; 18: Musica e vozes do Brasil; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Carrilhão; Canções em voga; 21 e 15: Estrelas Alvorada; 21 e 30: A orquestra de Nelson Riddle; 21 e 45: Livros e leituras; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cantos a ninguém; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radioramo; 18: Vozes europeias; 18 e 15: Noticiário regional; 18 e 20: Nota do dia e noticiário; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 25: Resumo do programa, boletim religioso e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 21: Musica de Espanha; 21 e 15: Estrelas Alvorada; 21 e 45: Livros e leituras; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 8 ás 11 e 17 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 14 e 30 ás 17; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 11 ás 14 e 30.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ESTÃO EM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

DESPORTO

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

No jogo em atraso, referente á segunda jornada do «Regional», o Nacional bateu o Belenenses por 50-46.

As equipas:

Belenenses — Abel (3), Texeira (4), Azinheira (20), Monteiro (13), Freixo (6), Ribeiro e Moura.

Nacional — Rogério (19), Alfredo (12), Beto (9), Ferreira (6), Sérgio (2), Lavin (2), Azevedo, Leite e E. Silva.

Outros resultados verificados no torneio feminino da 1.ª Divisão (terceira jornada): H. Sintra-Encarnação, 21-43 e Algés-Nacional, 36-35. O encontro Benfica-CIF, foi adiado para amanhã, ás 21 e 30, no Estádio da Luz.

Desfechos do campeonato feminino da 2.ª Divisão: Queluz-C.D.U.L.-A, 15-55. As equipas do Encarnação, Ferroviário e C.D.U.L.-B, desistiram do torneio.

TÉNIS DE MESA

Jogos da taça «Diário Popular» Andorinha-D. Operário-C, 1-3; Mirantense-Mercês, 3-0; Desp. Operário-A.-Benfica-A f.c.-v.; Estrela da Amadora-Benfica-B, 0-3 e Madre de Deus-E. Amadora-A, 0-3.

Encontros para o troféu «Record» (juniores): Benfica B-Apolo B, v.-f.c.; Casa Pia B-A. Amadora A, 3-0; Paço de Arcos-S. L. Aguias, 0-3; Apolo A-R. Cordeiro, f.c.-v.; Combatentes-A. Amadora B, 0-3; Sporting-Intendente, v.-f.c.; Belenenses-D. Carmo, 3-1; Mirantense A.-Casa Pia A, 3-0 e C. Católico-Mirantense B, v.-f.c.

Graham Hill de regresso a casa: o famoso «piloto» teve alta no hospital americano em que ficara internado após o seu espectacular acidente, a 240 km/h., mas durante mais seis meses não estará ao volante do seu carro

ESTUDIANTES-MILAN

HOJE, EM BUENOS AIRES

As equipas do Estudiantes de La Plata (Argentina) e do Milan A. C. (Itália) disputam esta noite, em Buenos Aires, o segundo jogo da «final» da Taça Intercontinental, em futebol. Na primeira partida, realizada em Milão, os italianos ganharam por 3-0, mas como o número de golos não conta para o apuramento do campeão, é-lhes necessário, pelo menos, um empate neste segundo jogo. Em caso de vitória dos argentinos, seja qual for o número de golos, as equipas teriam de disputar uma terceira partida

HOJE À NOITE

BILHAR — Campeonato de Lisboa de 2.ª categoria, na Associação dos Amadores de Lisboa, ás 21 horas.

BOXE — Reunião da Federação com os delegados dos clubes.

FUTEBOL — Campeonato de Lisboa de juniores da 1.ª Divisão: Benfica-Vitória, no Estádio da Luz, ás 20 horas.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão (ultimos jogos em atraso e decisivos): Benfica-Paço de Arcos, C. Ourique-Parede e Oeiras-C. U. F., nos ringues dos primeiros, ás 21 e 15 (reserva) e ás 22 e 15 (honra).

HÓQUEI EM PATINS

Começam os «Nacionais»

Efectuaram-se os diferentes sorteios dos «Nacionais», que proporcionaram o seguinte calendário:

ZONA NORTE — 27 de Outubro: 1.º do Porto-2.º do Porto e 1.º da fase de apuramento-3.º do Porto; 31 de Outubro: 2.º do Porto- 1.º da fase de apuramento e 3.º do Porto-1.º do Porto; 3 de Novembro: 3.º do Porto-2.º do Porto e 1.º da fase de apuramento-1.º do Porto.

A segunda volta será nos dias 7, 10 e 14 de Novembro.

ZONA SUL — 27 de Outubro: 3.º de Lisboa-1.º de Lisboa e Rossiense-2.º de Lisboa; 31 de Outubro: 1.º de Lisboa-Rossiense e 2.º de Lisboa-3.º de Lisboa; 3 de Novembro: 2.º de Lisboa-1.º de Lisboa e Rossiense-3.º de Lisboa.

A segunda volta é nos dias 7, 10 e 14. Os campeões do Funchal e de Ponta Delgada desistiram da prova, razão pela qual foram incluídos os 3.os classificados. Assinale-se, entretanto, que os 4.os classificados de Lisboa e do Porto subiram á II Divisão.

«Nacional» da II Divisão

ZONA NORTE — 28 de Outubro: 6.º do Porto-4.º do Porto e 2.º da fase de apuramento-5.º do Porto; 1 de Novembro: 4.º do Porto-2.º da fase de apuramento e 5.º do Porto-6.º do Porto; 4 de Novembro: 5.º do Porto-4.º do Porto e 2.º da fase de apuramento-6.º do Porto.

A segunda volta disputa-se nos dias 8, 11 e 15 de Novembro.

ZONA SUL — 28 de Outubro: Sporting Marinhense-4.º de Lisboa e Sporting de Tomar-5.º de Lisboa; 1 de Novembro: 4.º de Lisboa-Sporting de Tomar e 5.º de Lisboa-Sporting Marinhense; 4 de Novembro: 5.º de Lisboa-4.º de Lisboa e Sporting de Tomar-Sporting Marinhense.

A segunda volta efectua-se nos dias 8, 11 e 15 de Novembro.

Metropolitano de juniores

19 de Novembro: Salesiana-C. A. C. O. e 1.º do Porto-2.º do Porto; 22 de Novembro: 2.º do Porto-Salesiana e 1.º do Porto-C. A. C. O.; 23 de Novembro: 1.º do Porto-Salesiana e 2.º do Porto-C. A. C. O.

A segunda volta tem lugar a 26, 29 e 30 de Novembro.

«Nacional» de juvenis

19 de Novembro: Salesiana-Paço de Arcos e 1.º do Porto-2.º do Porto; 22 de Novembro: 2.º do Porto-Salesiana e 1.º do Porto-Paço de Arcos; 23 de Novembro: 1.º do Porto-Salesiana e 2.º do Porto-Paço de Arcos.

BASQUETEBOL

Entrada grátis nos jogos nortenhos

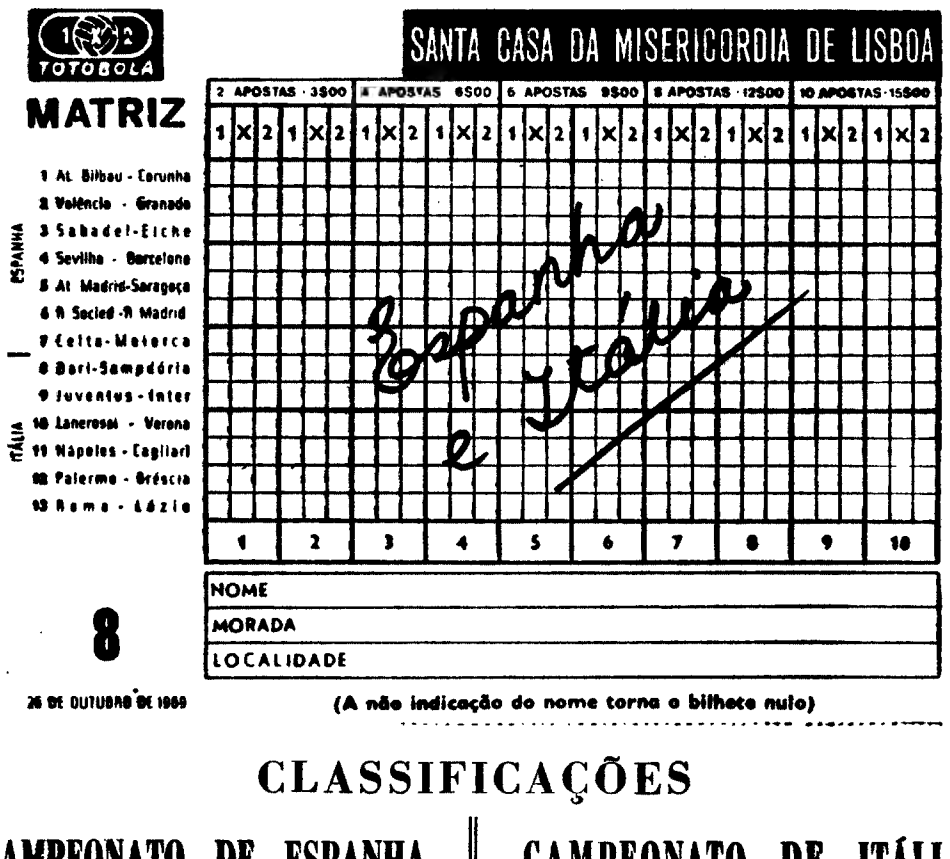
Em reunião da Associação de Basquetebol do Porto, foi deliberado facultar gratuitamente a entrada ás senhoras e a todos os jovens com idade até 15 anos, inclusivé, nos pavilhões onde se disputam jogos do campeonato regional da primeira divisão.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

TOTOBOLA

8.º CONCURSO • 26 DE OUTUBRO DE 1969

Acontece pela primeira vez: num domingo em que há jogos para os campeonatos nacionais, o concurso do Totobola incide sobre os campeonatos de Espanha e de Itália. Explicação: a necessidade de imprimir os boletins com antecedência e a perspectiva (que infelizmente se não confirmou) de uma vitória da selecção portuguesa na Roménia, que provocaria o adiamento desta jornada. Assim, e perante esta dúvida, o TOTOBOLA recorreu a jogos dos campeonatos espanhol e italiano, que tantas vezes têm proporcionado excelentes prémios.



CLASSIFICAÇÕES

CAMPEONATO DE ESPANHA

REAL MADRID	9	pontos
SARAGOÇA	9	»
AT. BILBAU	8	»
AT. MADRID	8	»
BARCELONA	8	»
SEVILHA	7	»
GRANADA	7	»
SABADEL	6	»
REAL SOCIEDADE	6	»
CORUNHA	6	»
LAS PALMAS	5	»
CELTA	5	»
VALENCIA	5	»
ELCHE	4	»
MAIORCA	2	»
PONTEVEDRA	1	»

CAMPEONATO DE ITÁLIA

CAGLIARI	10	pontos
INTER	9	»
FIORENTINA	8	»
MILÃO	7	»
LAZIO	7	»
BOLONHA	7	»
LANEROSSI	7	»
ROMA	7	»
BARI	6	»
VERONA	6	»
TURIM	6	»
NÁPOLES	5	»
JUVENTUS	4	»
SAMPDÓRIA	3	»
BRESCIA	2	»
PALERMO	2	»

Diário do PORTO

FOI CONDENADO O AUTOR DE UM ATROPELAMENTO MORTAL

No 1.º juízo criminal e em tribunal colectivo, ao qual presidiu o corregedor sr. dr. Fernando Pinto Gomes, respondeu o sr. José Ferreira da Silva, de 29 anos, casado, motorista do S T C. P., morador em Rio Tinto.

O réu era acusado de, no dia 27 de Setembro do ano passado, em Matosinhos, ter atropelado mortalmente com o autocarro que conduzia o sr. Francisco Pinto Vieira, de 27 anos, casado, que seguia, de noite, pela estrada. Por ele se constituiu assistente no processo um filho menor; e a viúva era representada em tribunal pelo dr. Aires Pereira. Foram também chamados á responsabilidade o S. T. C. P. e a Companhia de Seguros Douro.

O sr. José Ferreira da Silva foi condenado em seis meses de prisão remíveis a 15$00 por dia, igual tempo de multa, também, a 15$00 diários; 500$00 de multas por transgressão, 820$00 de imposto de justiça e 400$00 de procuradoria e, ainda, inibição de conduzir durante quatro meses. Solidàriamente com o S. T. C. P. e a Companhia de Seguros foi, também, condenado a pagar a indemnização de 265 contos á viúva e ao filho da vítima.

Morte de um conhecido «ardina»

Depois de algum tempo de doença atroz que o atacou de repente faleceu na sua residência, no Bairro Pio XII, bloco E, entrada 87, r/c., o sr Rodrigo Pinheiro Santana, conhecido vendedor de jornais ue trabalhava junto do «Café a Brisileira». Foi a enterrar esta tarde no cemitério do Prado do Repouso.

Farmácias de serviço esta noite (1.º turno)

ANACLETO DE BARROS, Rua do Loureiro, 04 (Tel. 3-5075) * **CAMAREIRA**, R do Heroísmo 90 (Tel 5-2583) * **CANAVARRO**, R. do Restauração 53 (Tel 6-0754) * **CONFIANÇA**, R de Santo Catarina, 960 (Tel 2-2884. * **COSTA CABRAL**, R de Costa Cabral, 1832 (Tel 4-0780) * **FIGUEIREDO**, Rua de Cedofeita, 25 (Tel 2-620. * **FONTE DA MOURA**, R de Tange 463 (Tel 68-444) * **MONTE DOS BURGOS**, R do M dos Burgos, 802 (Tel 6-2279) * **MONTE CATIVO**, Rua do Monte Cativo 444 (Tel 4-687) * **NOVA AVENIDA**, Av. Fernando Magalhães, 692 (Tel 5-2250) * **PADRÃO**, L do Padrão, 342 (Tel 5-2149) * **PARENTE**, R dos Flores, 114 (Tel 2-16) * **POMBEIRO**, Campo dos Mártires da Pátria, 152 (Tel 3-2951 * **SÁ DA BANDEIRA**, R de Sá da Bandeira, 236 (Tel 3-6687) * **NACIONAL**, R Senhora do Luz 56 — Foz (Tel 68-0833)

SINDICATO DOS CONSTRUTORES CIVIS

Com a presença de numerosos sócios decorreu, na sede do Sindicato Nacional dos Construtores Civis, a cerimónia de posse dos corpos gerentes para o triénio de 1969-71.

Para o cargo de presidente da mesa da assembleia geral foi eleito o sr. Armémio Pires Serro. Para a presidência da direcção, conselho fiscal e conselho disciplinar foram eleitos os srs. José do Espírito Santo Silva, Mário Afonso Neves e capitão António Carvalheira, respectivamente.

«TOMBO NO INFERNO»

(Continuação da 7.ª página)

núncia de certas gritantes contradições do seu mundo rural: e aí se expressa um anticlericalismo violento, desmascarador de hipocrisias e oportunismos; a referência, á ignorancia e ao primitivismo; á condenação de formas de convivência que, envoltas num piedoso manto de mentiras e demissões, conduzem á desumanidade e á ausência total de perspectivas justas.

O que pode desde logo, verificar-se nesta peça de Aquilino Ribeiro é que ela não foi escrita por um dramaturgo. Dificilmente a estilística do grande mestre da língua se adaptaria a uma forma de arte que reclama outros dotes diferentes dos seus. «O Tombo no Inferno» é, assim, uma peça sem grande significado, construída com alguma ingenuidade e reflectindo uma visão do mundo que se não harmoniza com a que permite a posse do instrumental de abordagem da realidade de que dispõe o homem do século vinte.

A enscenação de Igrejas Caeiro revela-se insuficiente. A fraqueza estrutural da peça exigia um trabalho aturado de montagem que se não fez, nem ao nível da imaginação, nem ao nível do vigor. A leveza da representação, o pendor populista dos figurinos, o decorativismo do cenário retiram á encenação de Igrejas Caeiro a possibilidade de interpretar o que de melhor há na peça de Aquilino: a rude vivência de um mundo animalizado, feroz, introspectivo e solene.

Concebida com este entendimento, a música de Fernando Lopes Graça é um elemento solto no espectáculo, não se integra nele.

JOAQUIM BENITE

*

A estreia de ontem assistiu o Chefe do Estado, a quem Igrejas Caeiro dedicou o espectáculo.

*

Toda a alimentação do Teatro Maria Matos bem como dos futuros cinema e hotel, é feita por moderno monobloco de 13 celas, com três transformadores de 315 kva e um dos 125 kva, reputado material eléctrico de fabricação nacional EFACEC.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (21 anos)

RIVOLI — Às 21 e 30: «A Aventureira» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — Às 21: «A rapariga da mala» (17 anos).

OLIMPIA — Às 21 e 30: «Espia sem nome» (17 anos).

ESTUDIO — Às 21 e 30: «Bye, bye, Barbara!» (17 anos).

AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Vidas perigosas» (17 anos).

BATALHA — Às 21 e 30: «Barbarella» (17 anos).

TRINDADE — Às 21 e 30: «Funny Girl—Uma rapariga endiabrada» (17 anos).

JULIO DINIS — Às 5 e 30: «Os Três Super-Homens em Tóquio» (12 anos).

VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Inferno no Vietnam» (12 anos)

Amanhã à tarde

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (21 anos).

RIVOLI — Às 15 e 30: «Duelo de morte» (12 anos).

OLIMPIA — Às 15 e 30: «Espia sem nome» (17 anos).

AGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «Vidas perigosas» (17 anos).

BATALHA — Às 15 e 30: «Barbarella» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — Às 15: «A ponte dos condenados» e «O Santo em Londres» (12 anos).

TRINDADE — Às 15 e 30: «Funny Girl — uma rapariga endiabrada» (17 anos).

JULIO DINIS — Às 15 e 30: «Os Três Super-Homens em Tóquio» (12 anos).

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	—	540$	545$
Consolidado 3 1/2%	635$	632$	635$
Centenários 4%	1.500$	1.495$	1.505$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	735$	760$
Externo 2.ª Série	—	830$	—
Externo 3.ª Série	—	750$	770$
Externo 3.ª Série C.	—	830$	890$
Cautelas 3.ª Série	—	—	170$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	460$	490$
A. P. T. 5% 56	—	940$	950$
A. P. T. 5% 58	—	940$	—
C P 4 1/2% 65	—	—	880$
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U F 6%	995$	995$	998$
C U F 6% 68	1.005$	1.000$	1.005$
Gás Elect 4% 48	—	820$	830$
Gás Elect 4 1/2% 51	810$	800$	820$
Gás Elect 5% 52	—	—	890$
Gás Elect 5% 58	890$	880$	890$
Gás Elect 5% 59	—	—	890$
Gás Elect 5% 62	—	925$	940$
Gás Elect 5% 63	920$	915$	920$
Gás Elect 6% 67	—	1.010$	—
H E A Alentejo 5%	—	820$	—
H E Cávado 5%	—	—	830$
H E Cávado 6%	—	—	1.005$
H E Douro 5%	—	805$	810$
H E Douro 6%	—	—	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E Estrela 6%	1.000$	999$	1.000$
H E Zêzere 5% 55	—	—	845$
H E Zêzere 5% 57	—	—	845$
Lisnave 6%	—	1.020$	—
Metropolitano 4%	900$	895$	900$
Metropolitano 5 3/4%	1.002$	1.002$	1.004$
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac Electr 5%	840$	—	—
Nitratos 5%	—	785$	800$
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	860$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	945$	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	845$	—
T A P 4%	—	—	960$
Termoelect Port. 5%	—	800$	820$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	86$
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	—
U E P 5% 60	—	—	840$
U E P 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.620$	1.620$	1.625$
Alentejo	900$	899$	900$
Angola	3.200$	3.195$	3.200$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	3.900$	3.900$	3.905$
E Santo	—	18.500$	19.500$
E Santo n.	18.600$	18.400$	18.700$
Fonsecas S. p.	—	20.000$	—
L. & Açores p.	—	7.000$	7.100$
L & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	6.340$	6.335$	6.350$
Portugal n	—	—	3.300$
Portugal p	—	4.300$	4.500$
Totta Aliança	6.300$	—	6.400$
Ultramarino n.	2.900$	2.890$	2.900$
Ultramarino p.	3.185$	3.180$	3.190$
Seguros			
Alentejo	76$	75$5	—
Douro	—	1.400$	—
Mundial	655$	655$	660$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	47.500$	60.000$
Ultramarina	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	865$	855$	870$
Ag Cassequel	—	850$	860$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	280$	—
Boror	—	—	250$
Buzi	—	86$	88$
Cabinda	248$	246$	248$

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.075$	2 070$	2.075$
H. E. Revué	610$	600$	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	180$	177$	183$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	435$	430$	435$
Zambézia	—	91$5	93$
Angolano	—	—	—
Diversos			
Cidla	7.700$	7.680$	7.750$
Cim. Leiria	—	4.000$	4.100$
Cim. Tejo	—	6.000$	6.100$
Col Navegação	1.550$	1.545$	1.560$
C U F	1.460$	1.450$	1.470$
Ind Aliança	—	630$	—
Nac Navegação	3.800$	3.780$	3.850$
Petroquímica	2.250$	2.240$	2.300$
Port e Colónias	—	1.450$	1.480$
Port Celulose	4.700$	4.650$	4.800$
Port Pesca	—	—	518$
Port Tabacos	770$	770$	771$
Sacor	—	—	4.800$
Siderurgia Nac	1.690$	1.685$	1.695$
Soce	2.950$	2.920$	3.000$
Tabacos de Portugal	—	1.560$	1.580$
Tabaqueira	—	8.500$	8 650$
U F Azoto	857$	857$	860$
Aguas, Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	405$	—
Aguas Lisboa 34	—	425$	440$
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
Eléct Beiras	—	—	1.730$
Gás Electr.	423$5	425$	425$5
H E Alto Alentejo	—	159$5	160$
H E Cávado	1.275$	1.275$	1.280$
H E Douro	1.255$	1.253$	1.255$
H E Norte Portugal	—	320$	330$
H E S. Estrela	1.700$	1.500$	1.800$
H E Zêzere	1.270$	1.265$	1.270$
Nac Electricidade	1.265$	1.262$	1.270$
Termoeléctr Port.	1.250$	1.246$	1.252$
U E P	195$	195$	196$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	194$60	200$40
F. I. D. E. S.	—	120$60	124$20

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	15/10/69	21/10/69	22/10/69
GERAL	142.3	142.1	142,3
METRÓPOL	136,6	136.1	136,3
ULTRAM.	183,7	186,3	186,1

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2	36$00	38$00
— Rands de 5 a 20	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$35	28$75
— Dollars de 5 a 000	28$55	28$95
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$50	7$85
Austria — Schilling	$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$4[illegible]5
Holanda — Florim	7$85	8$15
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Liro	$04,45	$04,67
Bélgica — Franco	$53	$57
França — Franco	4$70	5$15
Suíça — Franco	6$65	6$85
Marrocos — Dirham	4$60	5$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabe	340$00	355$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$30	38$80

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

DE COIMBRA

Plano conjunto de realizações turísticas

Os responsáveis pelas actividades turísticas locais, srs. drs. Viriato Rodrigues Namora e José Amâncio Pimenta, respectivamente presidente e chefe dos Serviços Municipais de Turismo, promovem brevemente, dentro do Plano de Actividades da Câmara Municipal no sector que lhes está adstrito, importantes reuniões com os representantes das zonas turísticas da região. Objectivo: estabelecimento de um plano de realizações, de molde a que não se verifiquem inconvenientes duplicações de actividades.

Este plano, que entrará em funcionamento já no próximo ano, incluirá não só as localidades de interesse turístico deste distrito, mas outras de Aveiro, tais sejam as estancias termais da Curia e do Luso, bem como o Buçaco.

Um membro do Governo visitou o Liceu D. Duarte

O sr. dr. Justino Mendes de Almeida, subsecretário de Estado da Administração Escolar, de visita a Coimbra, esteve no Liceu Nacional Misto D. Duarte, onde foi recebido pelo respectivo reitor, sr. dr. Álvaro da Silveira; pelo vice-reitor, sr. dr. Carlos Sanches; pelo director do Ciclo Preparatório, sr. dr. Veríssimo Esteves e outros componentes do corpo docente, que o acompanharam numa demorada visita ás instalações daquele moderno estabelecimento de ensino secundário.

*

O reitor do Liceu Normal D. João III, sr. dr. Elísio Dias Vieira, vai, esta semana, por determinação do Ministério da Educação, a Inglaterra e á Irlanda, onde procederá a importantes estudos sobre problemas pedagógicos e de administração escolar.

Proezas de um larápio

A Polícia Judiciária, á qual a Secção de Justiça da P. S. P. entregou o perigoso gatuno António Fernandes Barata Mendes, de 20 anos, solteiro, servente de obras, natural de Alcanena e actualmente a residir em Águeda, ali conhecido pelo «António Cigano», procura esclarecer a interminável série de roubos praticados por ele. Segundo apurou a Secção de Justiça, o Barata Mendes, foi autor de muitos roubos em diversas localidades, nomeadamente de bicicletas motorizadas, assaltos a «cafés» e estabelecimentos de venda de rádios em Águeda, Coimbra, Grijó, etc.

O preso declarou, ainda, que faltara á inspecção militar e esteve internado, durante sete anos, no Instituto de Reeducação «Padre António de Oliveira», em Caxias.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — «Brincadeiras proibidas» (12 anos).

TIVOLI — «A morte vem a cavalo» (17 anos).

Farmácias de serviço

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges.

SANTA CRUZ — Largo das Ameias.

CORREIA — Rua Visconde da Luz.

SÃO JOSÉ — Arcos do Jardim.

CONFERÊNCIAS

Na Sociedade de Língua Portuguesa

Amanhã, ás 21 e 30, na sede da Sociedade de Língua Portuguesa, á Rua de São José, 41-2.º, realiza uma conferência o sr. dr. José Neves Henriques, subordinada ao tema «Leitura expressiva». A entrada é livre.

CARTAZ DOS CINEMAS

EDEN
(M 12 anos) Tel. 320768
As 15.15 18.30 e 21.45
Scope — Technicolor
Quem são eles? Homens cuja profissão é o crime, cuja esperança é a traição, cuja obsessão é o ódio!
ACABA COM ELES E VOLTA SÓ!
com Chuck Connors e Frank Wolf

SÃO JORGE
(M 12 anos) Tel 54153
As 15.15. 18.15 e 21.30
A Paródia das Paródias
SHERIFF PRECISA-SE
com James Garner e Walter Brennan

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
As 15.15. 18.15 e 21.30
Franscope — Color
EM 2.ª SEMANA
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti, Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

ALVALADE
(M 12 anos) Tel 763080
As 15.45 e 21.45
Franscope — Color
EM 2.ª SEMANA
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde a (p. red.) e 9.30 da noite
3.ª SEMANA
O filme que obteve
2 PRÉMIOS DA ACADEMIA
com PETER O'TOOLE e Katharine Hepburn
O LEÃO NO INVERNO

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
O FILHO DE DJANGO
FANTOMAS CONTRA A SCOTLAND YARD

CHIADO TERRASSE
(Adultos) As 15 e 21 h.
CARNE DA MINHA CARNE
O 3.º DIA

CONDES
(Adultos. Tels. 322523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
SHARON TATE e ROMAN POLANSKI em
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO
uma obra-prima do cinema moderno
Panavision-Metrocolor

POLITEAMA
(M 12 anos) Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (p r.) e 21.30
EM ULTIMAS EXIBIÇÕES
O SENSACIONAL FILME DE GUERRA
A BATALHA DE EL ALAMEIN
A derrota de Rommel perante os exércitos de Montgomery
(Col.) — Um elenco excepcional!

IMPERIO
(M 12 anos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
Panavison — Color
Duas civilizações, duas mentalidades em choque!
Um filme de JOHN BOORMAN
DUELO NO PACIFICO
com Lee Marvin e Toshiro Mifune

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.30 18.30 e 21.45
EM 11.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
O mais discutido filme de Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
com Claude Rich, Olga Georges-Picot

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
3.ª SEMANA
Continuação de estreia
O DIABO À SOLTA
ELAS SÃO MAIS PERIGOSAS

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
13.ª SEMANA
DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
Comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida da avaliação da idade.

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
As 15.15. 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Finalmente em Portugal o famoso filme com Gary Cooper e Ingrid Bergman
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
Inspirado no célebre romance de Ernest Hemingway
Metro — Estação Picoas

ODEON
(M 12 anos) Tel 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA
DE ENCHENTES
Um vibrante romance de paixões proibidas e pecados escondidos
AMOR SELVAGEM
com Julio Aleman, Angelica Maria e Teresa Velasques
NOTÁVEL REALIZAÇÃO DE TITO DAVINSON
(Eastmancolor)

AVIS
(M 12 anos Tel. 47163
As 21.45
Em 3.ª Semana de enchentes
A MAIS EXPLOSIVA AVENTURA DE SIMON TEMPLAR
O SANTO E A VENDETTA
ASTMANCOLOR
com ROGER MOORE

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30
A MORTE DO DRAGÃO
com Jack Palance e Fernando Lamas

ROMA
(Adultos) Tel 727778
Às 21.45
EM 2. SEMANA
A COMÉDIA DO ANO
CASEI CONTIGO POR ALEGRIA
TECHNICOLOR
com MONICA VITTI

MONUMENTAL
(M 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Fase Donaway e Marcello Mastroianni
Realização de Vittorio de Sica
UM LUGAR PARA AMAR

EUROPA
(M. 12 anos) Tel 661016
Às 21.30
70 m/m — Moscolor
16.ª SEMANA
O MAIOR MONUMENTO DE TODO O CINEMA!
NATASHA
2.º episódio de «Guerra e Paz»

LIDO
Praça D. João I AMADORA
Às 21.30 h. (M. 17 anos)
Grandes artistas num filme estranho, romântico, emocionante!
JOGO PERVERSO
Anthonny Quinn e Michael Caine

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
A ÂNSIA DE AMAR
com Jane Fonda e Peter Finch

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Grande Companhia Internacional!»

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena já fala» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «Mário ou eu Próprio» (Adultos)
TRINDADE—Às 21 e 30: «Topaze» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza Saloia» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 45: «Amor ás riscas» (17 anos).

CINEMAS

MOSCAVIDE — Às 21: «Raparigas modernas» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Ódio que gerou amor» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Caminho perigoso (17 anos)
IDEAL — Às 21: «O Grande Restaurante» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Honra a um herói» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «A Borboleta Vermelha» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Uma arma entre mil».
JARDIM — Às 21 h: «Desafio o Robin dos Bosques» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21 h: «João Ratão» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21 h.: «Duas raparigas em Londres» (17 anos)

Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A pequena paródia» (12 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Maigret e o espião» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «O grande Carnaval» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Desafio ás águias» (12 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Romeu e Julieta» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A morte do dragão» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O doce corpo de Deborah» (17 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS—Às 21 e 15: «De braço dado» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «No calor da noite» (17 anos).

RESTAURANTE SNACK
O CONVÉS
R. PINHEIRO CHAGAS, 1 (Esq. Fontes Pereira de Melo)
(ENCERRADO ÀS SEGUNDAS-FEIRAS)
NUM AMBIENTE DE AGRADÁVEL CONFORTO, A CERTEZA DE UMA BOA REFEIÇÃO
EXPLORAÇÃO E GERÊNCIA DE HOTER

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno L

ALAMEDA — Esperança, R Carlos Mardel, 101-B (722868)
ALCÂNTARA — Nogueira, R do Creche, 2 (631635)
ALTO S. JOÃO — Oriente, R Lopes, 120 (843381) * Teles, R João de Barros 2 (638249)
ALVALADE — Brisélia, Av Rio de Janeiro, 66 (722868) * Cartaxo, Av da Igreja, 21-C (776358)
AMOREIRAS — D. João V R D. João V, 16-C (682772)
ANJOS — Matos, R Alvaro Coutinho, 10 (404711)
AREEIRO — Avis, Av de Roma, 56-B-C (715370) * João XXI, Av João XXI, 6-A (726462) * Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (727721)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av 5 de Outubro, 147-A (763107) * Avenidas, Av da Republica, 27-A (533688) * Império, Rua Filipe Folque, 40-A-B (48002) * Palma, Av Duque de Avila, 25 (47088).
BAIRRO AZUL—Bairro Azul, Av Ressano Garcia, 7-A (5145)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216).
BAIXA — Americana, Calç de Santana, 3 (863984) Costa, Praça da Figueira, 6-B/C (32838)
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699) * Sepol, Calçado do Boa Hora, 94-A (631958)
BENFICA — Lisboa, R. Claudio Nunes, Lote, 2 (703393) * Sousa, Est de Benfica, 429-431 (780027)
CAMÕES — Cambre, Calç do Combro, 78 (326059) * Azevedo Irmão & Veiga, R do Misericórdia, 24 (323540)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) * Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 101-101 A (682333) * Pátria, Calçado dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181).
CONDE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076)
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Óscar Montero Torres 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia, R Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, R dos Navegantes, 10 (661734)
GRAÇA — Monte, R Senhora do Monte, 30-A-B (867842) * Rosa & Viegas, R de S Vicente, 31 (864351) * Bastos Andrade, Calç. de St.º André 107-111 (860450) * Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862833).
LUMIAR — Alameda, Av dos Lilhas de Torres, 201-B (790942) * S. Tomé, Est do Desvio, Lote 2-C (790704).
MADRAGOA — Lealdade, R do Olival, 226 (663441)
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 9 (311237)
PALHAVÃ — Aguiar, Av Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764679)
PATRIARCAL — São Marçal, R de S Marçal, 100 (325318)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, Rua Padre Senc Freitas, 10-A (842518)
PICHELEIRA — Luzmar, R João Nascimento Costa, 16-A (728395 e 720703)
SÉ — Nacional, R. de S. João do Praça, 26 (863632).
DE ST.º APOLÓNIA AO BEATO — Salter, Rua de Xabregas 63-65 (381185)
MOSCAVIDE — Império — Rua Olivença, 44 (Tel 251820).

Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av.º Comb. G. Guerra, 29 (Tel 212081).
CAXIAS — Neves — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Tel 2432034)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE—Alsis—Av Gago Coutinho — B. das Caixas de Previdência (Tel 2472948).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel. 261186).
MONTE ESTORIL — Costa, Av.º Sabóia, 29-B (260085).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G Guerra, 40 — (Tel. 280170); Nova — Est. de Alvide — Fontainhas (Tel 281044).

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209-(Tel. 930019); Fiema — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av.º D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149).
DAMAIA — Lemos, R. de Goa, 8-A (971121).
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz — Av. Miguel Bombarda, 23-A (Tel. 951041).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940084).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Telef. 980456)
SINTRA — Marrazes (Estefânia) L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058).
COLARES — Abrejo (299088)

Outra banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa 10 (Tel. 234 37
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis 30 (Tel. 224020)
ALMADA — Algarve, R. Fernão Lopes, (270271)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est Nacional, 74 (224302).
BARREIRO — Avenida, Av.º Alfredo da Silva, 88 (2273212)
COVA DA PIEDADE — Atlântica, Quinta do Pombal, (274365)
MOITA — Silva Rocha — P da República, 16 (Tel 239029).
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis 45 (Tel 230008).
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 61 (Tel 229028)
SETUBAL — Rosado Pinto, P do Bocage (22484) * Nova, Rua Gen Gomes Freire, (22052).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja S (Te 85801

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861358 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla idem e feriados, 382069

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524.

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Publica, 866141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 * 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 668195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
AÇORDA DE MARISCO
SEXTA-FEIRA
ARROZ DE PATO NO FORNO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Tel. 536080

TARANTELA
RESTAURANTE * SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
aos sábados e domingos
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo
(Encerrado às 3.as-feiras)

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

RESTAURANTE BAR
LA PAIX
O SEU RESTAURANTE, ABERTO ATÉ ÀS 2 H.
Esquina Av. de Roma, com a Av. S. João de Deus

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFE

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade $ 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente muito nublado a norte do rio Tejo e pouco nublado a sul, havia neblina em alguns locais do litoral oeste, o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua e Fonte Boa, 22°,5; mínima: Penhas da Saude, 5°,2.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 15°,7; na água do mar: 17°,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, com períodos de muito nublado no litoral Oeste; vento fraco; neblina ou nevoeiro durante a noite e manhã.

Amanhã
Nascer ás 7 e 54
Ocaso ás 18 e 48

Dia 25 Dia 2 Dia 9 Dia 16

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 22** — 1 e 45 (3,7 m); 14 e 02 (4,0 m). **Dia 23** — 2 e 32 (4 m); 14 e 52 (4,2 m). **Dia 24** — 3 e 15 (4,1 m); 15 e 35 (4,3 m). BAIXA-MAR: **Dia 22** — 7 e 33 (1,4 m); 20 e 05 (1,1 m). **Dia 23** — 8 e 20 (1,1 m); 20 e 50 (0,9 m). **Dia 24** — 9 e 03 (1,0 m); 21 e 25 (0,9 m).

O MINISTRO DA SAÚDE EM AVEIRO

Chegou esta manhã a Aveiro, o ministro da Saude e Assistência, dr. Lopo Cancela de Abreu, que visitará algumas instituições locais, nomeadamente o Internato Distrital, administrado pela Junta Distrital, e o infantário «Florinhas do Vouga».

Tratando-se de uma cidade em que é muito numerosa a classe trabalhadora feminina, são grandes as suas necessidades no campo da assistência infantil, esperando-se que a visita do ministro possa contribuir para a solução deste problema.

Este é o guarda-chuva «Apollo», inspirado no voo lunar; foi concebido pelos criadores de moda de Aquisgrano (Aachen) na Republica Federal da Alemanha. A nossa gravura documenta a apresentação do novo modelo pelo famoso manequim Sigrid, que enverga um trajo perfeitamente «Luna Lock».

A PVT VAI FISCALIZAR O ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS PNEUS

Enturam em vigor, em 1 de Janeiro próximo, as novas normas para a utilização de pneus nas viaturas automóveis, de entre as quais se destaca:

«Nenhum veículo automóvel ou reboque pode transitar nas vias publicas sem que o piso de todos os seus pneumáticos, incluindo o de reserva quando obrigatório, apresente em 3/4 da largura e em toda a circunferência da zona de rodagem desenhos cuja altura mínima do relevo seja igual ou superior a 1 m/m».

Nestas condições e em espírito de prevenção, pede o Comando da Polícia de Viação e Transito a atenção de todos os condutores e proprietários de veículos para as novas disposições. Devem inteirar-se de todo o texto do decreto acima referido, e, desde já, providenciar no sentido de fazer substituir imediatamente ou a tempo, todos os pneumáticos que não estejam nas devidas condições, não só para que não haja a partir de 1 de Janeiro próximo futuro, razão para autuações, que se antevêem escusadas ou desnecessárias se todos cumprirem (e serão rigorosamente aplicadas aos que o não fizerem) como ainda porque, dado estarmos já em plena época chuvosa, a segurança dos seus veículos, como a dos outros, se encontra sériamente comprometida.

O aviso faz-se com a antecedência de mais de dois meses porque há muitos pneus a substituir e não é possível, que nos ultimos dias do ano possam ser atendidos todos os condutores e proprietários que desejem substituí-los.

Fica no Porto a sede da empresa de electricidade resultante da fusão das companhias

PORTO, 22 — Pouco tempo depois de ter sido anunciado determinar o Governo que cinco das mais importantes empresas de electricidade da rede primária teriam de se fundir numa unica empresa, diversas entidades portuenses, incluindo o Município e a Imprensa, apresentaram publicamente, o desejo de que a sede social da nova empresa fosse nesta cidade. Nas suas justificações para esse desejo, aquelas entidades apresentavam as razões do que era, realmente, um acto de justiça, entre as quais sobressaiam o facto de, na fusão das cinco companhias, ficarem incluidas três empresas que tinham aqui as suas sedes e eram as mais importantes da fusão — e ainda ter sido o Porto a cidade do arranque para a política da electricidade que, desde há anos, se vem fazendo no nosso País. Mas logo se temeu que essas razões não bastassem, e que fosse desviado do Porto mais um dos seus interesses.

Agora, porém, o presidente do Município, na reunião mensal, comunicou ter o Governo informado que a sede social da nova empresa seria no Porto — segundo estava a ser elaborado nos estatutos respectivos. Em Lisboa teria de existir um departamento central, e poderiam ser montadas delegações em outros pontos do País, mas a sede — onde teriam de ficar com residência no Porto pelo menos dois dos seus administradores — não sairia desta cidade, o que alegrou toda a gente e os muitos funcionários das três empresas fundidas: Hidroeléctrica do Douro, Hidroeléctrica do Cávado e Termoeléctrica Portuguesa.

Explosão e incêndio num depósito de refugo de petróleo em Leixões

PORTO, 22 — Esta manhã cerca das 10 horas deu-se uma texplosão seguida de pequeno incêndio, num tanque de refugo de petróleo com a capacidade de 9,3 metros situados no posto C, do terminal para petroleiros no porto de Leixões.

A explosão foi originada por uma soldadura demasiado próxima do respiradouro daquele tanque, a qual estava a ser feita por diversos operários que ali ultimam os trabalhos finais de condutas e tanques.

Gerou-se certo panico, mas, fechadas todas as válvulas e torneiras, o incêndio foi prontamente extinto pelos empregados que ali trabalhavam e outros que acorreram da Refinaria do Porto e pelas comporações de Bombeiros Voluntários de Matosinhos-Leça e de Leixões.

Não houve desastres pessoais e os prejuízos foram de pouca monta. Ficaram danificados o tampo do depósito e canalizações e ardeu sómente a superfície do produto (refugo de petróleo) que estava no referido tanque.

ZOOM

É uma lente multifocal de graduação progressiva, com visão de perto e longe simultâneamente.

A lente ZOOM tem o aspecto de uma lente normal e substitui as bifocais com grande vantagem.

No mundo inteiro, tem provado que qualquer outra lente similar não tem a mesma eficácia.

Estas lentes só podem ser adquiridas nos bons oculistas do País.

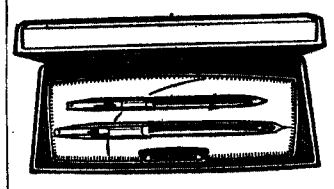
Representante:
HILÁRIO ALVES OCULISTA
Rua do Carmo, 69-2.º, Dt.º
Lisboa-2 — Telef. 34217/362126

Na Marinha Grande o «Diário de Lisboa» vende-se no Café Cristal

Um presente inesquecível

Só a Sheaffer poderia fabricar uma caneta de tão superior qualidade. O aparo em ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. A tampa hermèticamente fechada conserva o aparo molhado, pronto a escrever imediatamente. O clip, munido de uma mola interior, evita que a caneta se perca, pois ajusta-se com firmeza a qualquer tecido. A primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.

SHEAFFER



AGENTES EXCLUSIVOS
AZEVEDO & DUARTE, LDA.
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1.º — LISBOA-2
DEPOSITÁRIO NO PORTO: ÉLIO AMORIM

O ABALO DE TERRA DESTA NOITE FOI MAIS FORTE NO CENTRO DO PAÍS

O abalo de terra sentido pouco depois da meia-noite em várias regiões do País foi mais forte no Centro, como se depreende das informações conjugadas do Observatório do Instituto Geofísico de Coimbra (sismo de grau (3/4 com o epicentro localizado 45 kms a sudoeste daquela cidade) e do Serviço Meteorológico Nacional (grau 3, epicentro 100 km. para oeste).

Os sismógrafos registaram também a hora: meia-noite e 10 em Lisboa, quase meio-minuto depois (exactamente 29,9 segundos) em Coimbra. Nesta ultima cidade houve alarme na «Alta», Calhabé, Sólum e Coselhas.

Outras informações, sempre sem mencionar prejuízos dão conta de certo pânico (relativo) em Cantanhede, Mealhada, Soure, Condeixa, Leiria, Maceira-Lis, Minde, Alcobaça, Cadaval, Caldas da Rainha e Santarém, extensivo também a localidades das imediações do Porto, (sismo registado ás 0 horas, 10 minutos e 45,5 segundos) nomeadamente Ermesinde, Valongo, Gondomar, Candal, Coimbrões e Vila Nova de Gaia.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

FANTASTICA
PRODUÇÃO DE CRIS VARLAMOS
COM
BUDD THOMPSON DAPHNE DAYLE
KIM JACKLEY

HORCAR MAGIA E ILUSÃO

SAUDADE DOS SANTOS

EDUARDO NASCIMENTO E "OS ROCK'S"
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

SANDY STEWART
só no wonder bar

NO CINEMA, ÀS 17 E ÀS 21.30 HORAS
A MORTE DO DRAGÃO
(M. 17 anos)

Anunciado na sessão do Vasco Santana:

A C. D. E. vai às urnas

O delírio transbordou da sala do Vasco Santana aos vinte minutos para a hora zero quando o prof. Lindley Cintra leu ao microfone o resultado das votações das comissões de base da C. D. E. acerca da ida ou não às urnas: 95 por cento, *sim;* 4 por cento, abstenções; 1 por cento, *não.*

Foi portanto num clima emocional de euforia que terminou aos primeiros minutos do dia de hoje a últiuma sessão de propaganda eleitoral da comissão distrital de Lisboa promovida pela C. D. E. Mais de 800 pessoas enchiam literalmente a sala de Entre Campos.

Abriu a sessão o prof. Lindley Cintra, que presidiu, e que se referiu ao significado da luta política travada ao longo do período de campanha pela C. D. E., afirmando a determinada altura, depois de repudiar as acusações feitas ao candidato Francisco Pereira de Moura a propósito da sua homenagem pública aos comunistas portugueses, afirmações que — disse, abafado por aplausos — «subscrevia expressamente»:

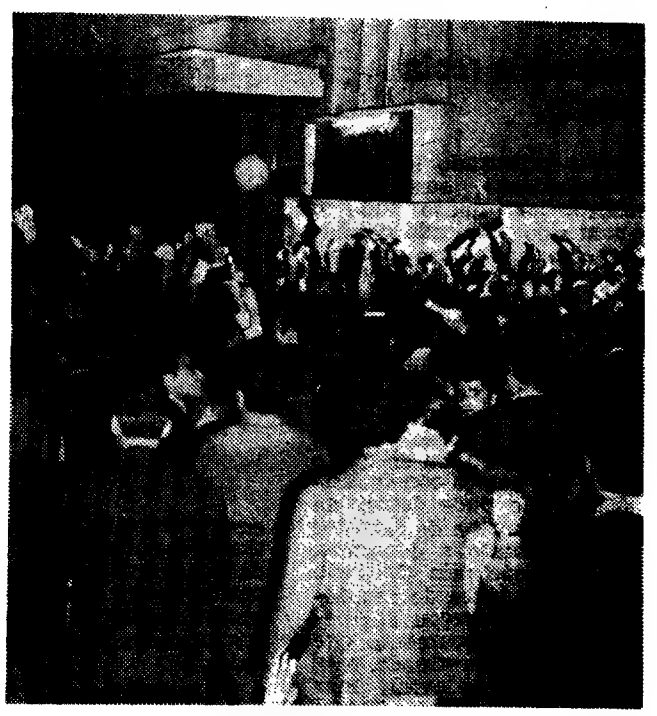
> Resultado das votações de comissões de base (mais de mil pessoas):
>
> **95 % — Sim**
> **4 % — Abstenção**
> **1 % — Não**

E o prof. Lindley Cintra disse ainda na mais entusiástica e concorrida de todas as sessões oposicionistas de propaganda promovidas em Lisboa:

«Nada é impossível para um povo que quer reconquistar uma liberdade total, plena, sem limitações. Referindo-se à participação dos membros da C. D. E., declarou o prof. Lindley Cintra:

«É uma vitória o que já alcançamos. Uma vitória

(Continua na última página)



Muitos simpatizantes da C. D. E. não conseguiram entrar ontem no Vasco Santana

As eleições mobilizam jornalistas da Imprensa europeia

Enviados especiais da Imprensa, Rádio e Televisão de seis países europeus encontram-se, neste momento, em Lisboa para efectuar a reportagem das eleições.

A TV sueca mandou à capital portuguesa o seu correspondente em Paris, acompanhado de um «cameraman». A Rádio deste país também está representada pelo locutor Ronald Louis Franklin. A R. A. I., por seu turno, deslocou uma equipa de operadores e redactores com o mesmo objectivo. Da Alemanha Ocidental chegaram já duas equipas do 2.º canal da Televisão alemã. A Suiça, a Bélgica e a Dinamarca fizeram deslocar ao nosso País enviados especiais, quer da Imprensa e Rádio, quer da TV. Da França, Grã-Bretanha e mesmo do Brasil são esperados, a todo o instante, repórteres dos diversos órgãos de Informação.

Alguns destes jornalistas solicitaram da R. T. P. emissões unilaterais (directas) de reportagens. Os suecos, por exemplo, pediram autorização para duas transmissões. A Itália, uma.

Devido ao excessivo trabalho que a Televisão portuguesa vai ter durante os próximos dias, não se sabe, porém, até que ponto é possível satisfazer aqueles pedidos, declarou ao «Diário de Lisboa» uma funcionária da R. T. P. «A decisão será tomada em função das possibilidades técnicas e do tempo disponível.»

MESA REDONDA

especial eleições

Que faria se estivesse em Portugal?

CHIANCA DE GARCIA

Sai do cais de Alcântara creio que há trinta anos quando, em Espanha, agonizava a guerra civil. Lá mais longe cresciam as fogueiras de Hitler, de Stalin e de Mussolini...

Pesava sobre o mundo não sei se uma ameaça, se uma esperança. Nós, em Portugal, embora reconstruíssemos alguns remotos castelos, íamos pondo biombos diante das janelas e das portas, temendo, sei lá, o vento da renovação da era tecnológica que ágilmente se aproximava, e que, nesse tempo, ainda parecia mera fantasia no estilo dos romances de Julio Verne.

Isto porque nos sentíamos como alta coluna de granito na história heróica do mundo. Eu, porém, por ter no sangue a velha herança da evasão, queria receber no rosto um pouco desse sopro diferente que pressentia. Resolvera partir. Mas para onde? Foi quando quis o acaso que me convidassem para visitar o Brasil. Vim Fiquei. E aqui estou. Há trinta anos.

Bem, o que é o Brasil? Isto só:

(Continua na 4.ª página)

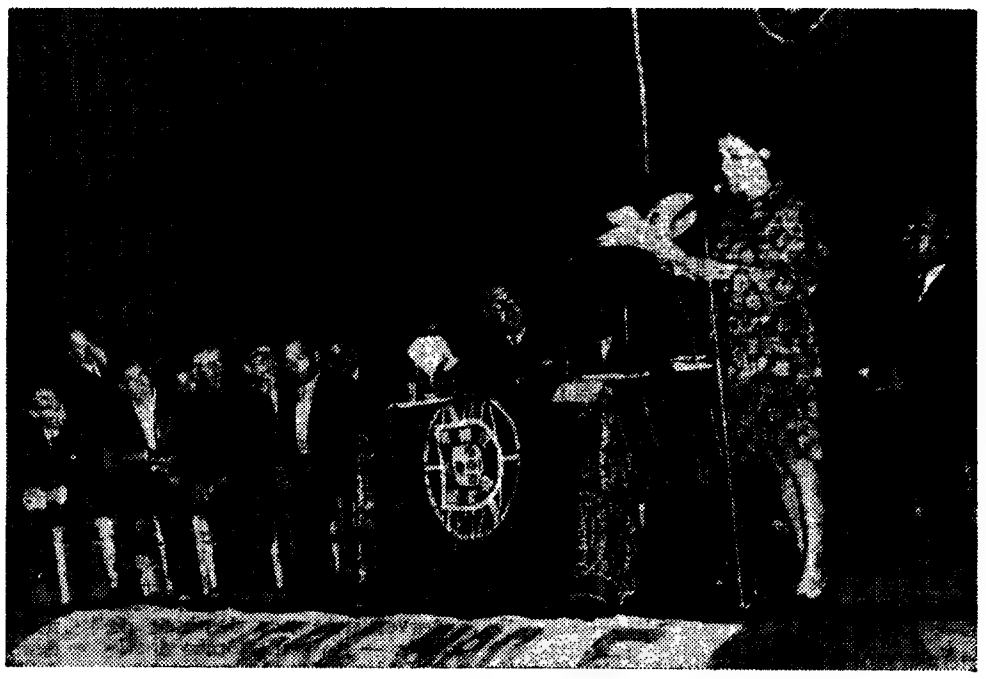
Mensagem luso-brasileira lida na sessão da C. D. E. de Santarém

SANTARÉM, 22 — Uma mensagem de democratas portugueses e brasileiros, reunidos no passado dia 5, foi, ontem, lida pela candidata oposicionista dr.ª Maria Barroso, durante a sessão de propaganda da C. D. E., realizada no Teatro Rosa Damasceno, com lotação esgotada.

Presidiu á sessão o dr. João Luís Madeira Lopes, membro da comissão distrital, que usou da palavra para saudar a Imprensa e anunciar as decisões tomadas no recente encontro de delegados das comissões oposicionistas democráticas em Leiria.

O segundo orador, dr.

(Continua na 17.ª página)



Maria Barroso e os últimos acontecimentos da campanha

A gravura documenta o momento em que a actriz Maria Barroso e candidata da C. D. E. por Santarém, dava conta ao público dos acontecimentos ocorridos na última fase da campanha eleitoral

O inimigo é o mesmo de 1936

—disse-se na sessão da U. N. no Coliseu do Porto

PORTO, 22 — No Coliseu desta cidade efectuou-se, ontem á noite, mais uma «sessão de esclarecimento ao eleitorado» da candidatura da U. N. do Porto, presidida pelo sr. dr. Arnaldo Pinheiro Torres.

Durante a sessão, usaram da palavra os srs. eng.º Almeida e Sousa, dr. Delfim Dias, Artur Osório Araújo prof. Almeida Garrett e, por fim, o dr. Pinheiro Torres.

Ao usar da palavra, o sr. eng. Almeida e Sousa referiu algumas das reclamações da Oposição como sendo igualmente da U. N., e afirmou que «a uni-

(Continua na página 17)

espelho da imprensa

Coerência e recta intenção

«Tenho procurado ler, desapaixonadamente, sem ideias preconcebidas, quase tudo o que tem sido publicado nas últimas semanas sobre programas, compromissos, intenções e opções dos componentes dos *dois lados da barricada*. Pois com toda a sinceridade devo confessar que só lamento, por vezes, ficarem alguns nas meias palavras. Estas são mais cavilosas do que a frase inteira, mesmo acusatório, ou do que o silêncio, que pareça concordante. Assim não pude deixar de registar a inteireza de carácter de um candidato a deputado, a sua aceitação pela Oposição Democrática. Antes do seu assentimento, endereçou aos peticionários um documento que vale pela sua honestidade, pela sobriedade de palavras, mas mais do que tudo porque: «Considero que a proposta do Prof. Marcello Caetano é concreta, é possível, é dignificante, mas não é suficientemente dialogante e participada, porque não temos instituições políticas que assegurem o diálogo e a participação de todos nas grandes tarefas colectivas da Nação. Entendo, também, que há elementos no regime que com grande esforço e alguma incompreensão, trabalham por um apoio cada vez maior ao Presidente do Conselho, no sentido da evolução para instituições políticas sãs; que tenho por essas pessoas um grande respeito». O resto da sua declaração denota a mesma vontade colaborante no sentido de conseguir-se a resolução dos problemas prementes que afligem a administração, pois vê que «dentro do regime, estão empenhados na criação de instituições políticas sãs, na seriedade administrativa, e tentam, pela primeira vez, uma programação científica e planificada dos grandes problemas nacionais».

É possível que por um dever de ética profissional eu tivesse de mencionar o nome do candidato, mas isso seria fugir á norma que me impus, desde o início destes artigos, de não tratar de pessoas, antes sim de ideias. E não quero desviar-me da linha que tracei. (...) Na certeza de que tenho procurado assegurar a minha colaboração de acordo com as minhas reduzidas possibilidades, com os olhos postos na concretização daquela mínimo de entendimento necessário de cedência de posições mutuas, que leve á melhor compreensão possível de todos os portugueses de boa vontade, aqui deixo exarado o meu voto de admiração pela atitude dignificante, coerente, bem intencionada e leal do candidato a deputado pela Oposição Democrática do Distrito de Castelo Branco. Reconhecer as rectas intenções dos seus semelhantes — estejam ou não em total acordo com as próprias — e ter a coragem de o declarar publicamente, começa por ser já a afirmação da mais construtiva faceta intelectual e cívica de um futuro deputado á Assembleia Nacional. E desses precisa muito a Pátria, para a resolução dos grandes problemas que teremos de enfrentar nos tempos mais próximos.»

(Dias Avelar, Gazeta de Coimbra», 11-10-69).

Jornada eleitoral

«Daqui a dias vão realizar-se eleições *livres*. Quem ganhará? Não o sabemos. Porém, não é de admirar que a União Nacional obtenha o *primeiro prémio* da votação, dados os elementos favoráveis de que dispõe para o funcionamento da máquina eleitoral, as raízes criadas por determinadas vantagens, os frutos colhidos e distribuídos ao longo de dezenas de anos, os filiados sinceros e convictos, que os tem, os conhecidos amigos das Casa do Povo que apadrinhou e amparou. Por tudo isto a União Nacional não deixará de receber as devidas compensações. Do seu lado estão as obras e o passado. Do outro lado estão as promessas e o futuro. Desculpem-nos este comentário, aliás, sem qualquer facciosismo, pois contamos muitos e prestigiosos amigos dos dois lados, havendo porém, quem diga que uns são «filhos» e outros são «enteados» sujeitos à lei do funil. Eleições são eleições...

O monumento político criado pelos homens que têm tido nas mãos as alavancas do Poder não admite a luta, de partidos, os quais foram proscritos. Essa luta acabou. Mas não acabou a divergência de opiniões e critérios entre os homens, muitos dos quais de alto valor, quer situacionistas, quer oposicionistas, e por isso essas opiniões, no âmbito da ordem e da liberdade de pensamento e expressão, devem ser ouvidas e respeitadas.

Um regime ou sistema político que pretenda assentar a sua armadura na legalidade, democràticamente, não deve eximir-se à livre e espontânea vontade das massas populares e eleitorais, que se manifesta realmente por votação, sem entraves. Não importa que ele seja da direita , da esquerda ou do centro, opnião esta de um velho conservador na inactividade política.

Para se alcançar, legalmente, honrosamente, uma vitória no campo eleitoral, é preciso existir nesse campo uma «élite» de homens que, pelos seus atributos, passado e presente, mereça confiança e desperte a atenção do eleitorado, apesar da sua apatia e despolitização.

Se a União Nacional ganhar, o que é de crer pelos motivos já apontados, não deve queimar foguetes nem cantar o fado da vitória. Todos devemos convencer-nos de que a Oposição é grande no País, não só a que vai às urnas, mas também aquela — a mais numerosa — que se abstém de votar por coisas que não queremos trazer para a conversa.

Até hoje, nesta jornada eleitoral, a União Nacional trouxe algumas novidades e a Oposição não mostrou unidade e coesão.»

(T. «Povo Algarvio», 11-10-69)

O momento político

«O momento político que atravessamos é sumamente importante para o futuro do país: joga-se o seu progresso, ou a sua estagnação, ou a sua derrocada. É a única oportunidade que o Povo tem de se manifestar em sufrágio directo, como interveniente nos destinos da Pátria — no seu próprio destino! Daí a agitação dos mentores políticos, manejando a seu bel prazer toda a máquina eleitoral, nem sempre, porém, em vista à melhoria e felicidade desse mesmo povo, que agora aliciadoramente, querem levar às urnas. Movimentam-se interesses mesquinhos, rivalidades pessoais, ódios recalcados. Poucos almejam o sacrifício de si próprios em prol dos outros. Esclarecer assim a opinião pública em maré de exaltação cívica apaixonada, não é fácil. Tudo se promete para satisfazer os descontentes, tudo se há-de fazer para fechar lacunas mórbidas, tudo se realizará para abastança e bem estadísticos. Os deputados que amanhã, na Assembleia Nacional, vão ser chamados a debater problemas sérios — já sem bravatas de comicieiros ou servilismos estéreis — problemas que envolvem todo um evoluir constante em vista a acompanhar o ritmo dum mundo em intenso progresso técnico e científico, em lutas de concorrência económica, em profundas e irreversíveis mutações ideológicas — esses homens e mulheres escolhidos pelas respectivas equipas proponentes serão os mais íntegros, os mais trabalhadores, os mais devotados ao bem comum, em suma os de mais valor, capazes de representar a grei, batendo-se tenazmente pelas suas mais justas aspirações?

O areópago nacional vai ser eleito dentro de dias pelo maior sufrágio de sempre (se atendermos a que mais um grande número de mulheres foi chamado a votar. Mas uma eleição de deputados não é a eleição de um chefe de Estado, em que a diversidade deve sacrificar-se à unidade. Expressivos cartazes humanos, nos mais variados matizes do pensamento político disputam as eleições: desde os conhecidos da extrema-direita, aos fora de lei da extrema-esquerda e aos partidos do centro, onde se perfilam os moderados que, solidários com o velho adágio «in medio virtus», oferecem ao eleitorado as primícias dum programa novo — todos, enfim, aureolados por uma luz pouco duradoira, sobem, pela mão dos seus aduladores, ao proscénio. «Vivas» entusiásticos para uns, «morras» inflamados para outros,, «slogans» apaixonados para todos.

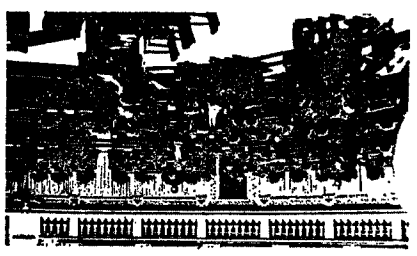
Confuso e atónito o Zé Povo vai decidir. Quer queiram, quer não, é nele que se concentram as matracas altissonantes para lhe grangear os votos. Nunca teve tanta força o vilão! E contudo, e contudo em breve se esquecerão as atoardas com que agora incensam. Por quanto tempo mais ficarão os campos incultos? Quando terão todos um lar, onde chegue o milagre da técnica? Quando ascenderão todos os jovens aos mesmos graus de cultura e com a mesma dignidade? Quem lhe garantirá que uma reforma brusca não fará ruir a paz em que deseja trabalhar? Dos que lhe prometem a liberdade e a igualdade, quais os que lhe deixam baptizar os filhos e sepultar religiosamente os mortos? É isto, em brevíssimo resumo, que espera o Povo, por cujos votos os aspirantes a deputados se batem. Não importa monopolizadores de ideias que fiquem sem acção. Importa que cada deputado — seja ele de cada um dos coloridos matizes com que agora se enfeita — tenha o desejo sincero, a firmeza e a perseverança de se sobrepor aos interesses pessoais ou de grupo, ou de partido, para defender, com integridade, os interesses dos que o alcandoraram ao poder, respeitando-lhes os supremos valores. Para isso sirvamo-nos, uma vez mais, do belo conceito que Cristo usou na parábola da figueira: «pelos frutos conhecereis a boa árvore». E tal como a figueira, também os homens se conhecem pelos frutos: na medida das suas obras, assim devemos julgá-los. O Povo vai decidir. Que saiba eleger os homens necessários aos anseios do país na hora presente: progresso, liberdade e paz.»

(E. L., «A Voz do Minho», 11-10-69).

ASSIM VAMOS NÓS

Cartazes gigantes

Num comunicado da C. D. E. de Vila Real diz-se que, naquela cidade transmontana, se encontram já afixados «cartazes gigantes» de propaganda democrática. Esses cartazes — acrescenta o referido comunicado — foram colocados nos locais estabelecidos pelas autoridades, contrariamente ao que frequentemente acontece com propaganda congénere da U. N., o que já motivou duas exposições da C. D. E. de Vila Real ao sr. presidente da Câmara».



Impedimentos

Entre os impedimentos dos deputados á Assembleia Nacional conta-se o de (art.º 15.º, n.º 1, do respectivo Regimento) «servir lugares de administração, gerência e fiscalização que não sejam exercidos por nomeação do Governo, ou de consulta jurídica ou técnica em empresas ou sociedades constituídas por contratos ou concessões especiais do Estado, ou que deste hajam privilégio não conferido por lei geral, ou subsídio ou garantia de rendimento ou juro».

A inobservância do preceituado neste artigo importa perda de mandato.

PORTUGAL

L'Armée se méfie des électeurs

De notre envoyé spécial

« Digs na rua o que diz em casa » : « Dites dans la rue ce que vous dites chez vous. » Tracé d'une main malhabile, le slogan s'étale non pas sur un mur extérieur, mais, plus discrètement, au siège d'un groupe d'opposition, à Lisbonne, dans une pièce où peuvent s'entasser tout au plus une trentaine de personnes.

Après quarante-trois ans de régime salazarien, l'apprentissage de la vie politique est fait de ces timidités. Les partis restent interdits et la presse soumise à une censure rigoureuse. Pourtant, encouragée par ce qu'elle appelle les « sorrisos e abraços » de M. Marcello Caetano, « les sourires et les accolades » du président du Conseil, l'opposition a voulu tenter sa chance en présentant des candidats aux élections législatives du dimanche 26 octobre dans toutes les circonscriptions du pays, sauf une. Avec l'espoir de remporter, peut-être, quelques-uns des 130 sièges à pourvoir à l'Assemblée nationale.

L'homme de la rue. Dès l'ouverture de la campagne, le 26 septembre, le « Diário de Lisboa », un des plus importants quotidiens de la capitale, a lancé une enquête sur les réflexes politiques de l'homme de la rue, en interrogeant des gens pris au hasard.

Le résultat est navrant. Réponse type d'un ouvrier du bâtiment, M. Elias Cheirinho Pereira, le 7 octobre : « Je ne comprends pas », a-t-il répondu au journaliste qui lui demandait s'il avait déjà eu l'occasion de voter. Comme ce dernier insistait, il a ajouté, méfiant : « Je ne comprends toujours pas. A quoi voulez-vous en venir ? Moi, tout ce que je sais, c'est que l'équipe de football de Benfica est encore la meilleure... »

Jusqu'à l'an dernier, le système de gouvernement de M. Salazar avait fait de la politique une activité occulte réservée à quelques initiés, qui assumaient, à eux seuls, le destin national. Aujourd'hui, dépolitisés, débraillés, les Portugais se demandent si l'invitation au débat n'est pas un piège.

« Cette dépolitisation n'est pas la faute d'un seul homme ; elle est celle de nous tous », admet M. José Guilherme de Melo e Castro, président de l'Union nationale, le parti unique. Le plus grave est que moins de 20 % des Portugais ayant le droit de voter se sont fait recenser. A Porto, sur 500 000 habitants, 43 000 seulement voteront. Même pourcentage dans les villes.

L'un des rares candidats de l'opposition à être connu dans tout le pays, Mª Mario Soares, 45 ans, avocat, emprisonné onze fois pour ses convictions socialistes, estime cependant que, pour la première fois, ses amis pourront peut-être enlever quelques sièges. « Il y a quelque chose de changé ici, nous a-t-il dit, mais si peu que la moindre faux pas, la moindre pression des ultras peuvent tout stopper. »

Il donne en exemple les entraves de toutes sortes auxquelles il se heurte, à commencer par une censure qui, impitoyablement, « sabre » tous documents non orthodoxes avant leur parution dans la presse. Ils ne paraîtront, avec un, deux, trois jours de retard, que tronqués, censurés, souvent à 40 %.

En fait, l'opposition profite de ces brèves années auxquelles il se heurte, à commencer par une censure qui, impitoyablement, « sabre » tous documents non orthodoxes avant leur parution dans la presse. Ils ne paraîtront, avec un, deux, trois jours de retard, que tronqués, censurés, souvent à 40 %.

En fait, l'opposition profite de ces brèves années auxquelles il se heurte, à commencer par une campagne électorale pour forcer le blocus du régime, y ouvrir une faille, comme nous le dit le contre-amiral Jorge Mais Ramos Dinis, directeur du musée de la Marine, 68 ans, seul militaire à avoir « osé » se présenter aux élections contre le gouvernement. Il est très populaire à Aveiro, bourgade de pêcheurs du nord du Portugal. « Je suis de tradition républicaine, nous a-t-il déclaré dans sa villa qui domine la mer. Mon père et mon grand-père se sont déjà battus pour la démocratie. » Qu'il ait pu se présenter est déjà un signe de l'évolution qui se dessine au Portugal.

Les militaires. D'autres signes se manifestent dans le camp gouvernemental, où l'on voit parfois se nuancer l'orthodoxie des idées. Avocat, directeur du « Diário popular », 32 ans, M. Francisco Balsemão est candidat de l'Union nationale dans la circonscription de Guarda, l'une des régions les plus pauvres du pays, celle qui fournit l'un des plus gros pourcentages de travailleurs qui partent clandestinement pour l'étranger. « La révolution est impossible chez nous, nous dit-il. Le seul moyen de faire quelque chose, c'est d'agir de l'intérieur du système. » Partisan de la liberté de la presse et de la création de partis politiques, M. Balsemão est l'un des quinze ou vingt candidats « libéraux » de l'Union nationale qui pourront peut-être, demain, dialoguer avec l'opposition.

A condition que les forces armées veuillent bien laisser le dialogue s'établir. Le 27 septembre, jour anniversaire de l'investiture de M. Caetano à la présidence du Conseil, le général Venancio Deslandes, chef de l'état-major des forces armées, a lancé un avertissement au pays. « Nous ne permettrons sous aucun prétexte l'abandon de nos territoires d'outre-mer », a-t-il déclaré. M. Caetano n'est effusqué, en privé, de cette menace à peine voilée de coup d'Etat.

Les militaires redoutent les effets de cette étrange campagne électorale à huis clos, d'autant plus que le thème principal agité par l'opposition est le sort des colonies africaines du Portugal. La métropole, qui leur consacre 40 % de son budget, a le sentiment de payer ainsi d'un prix exorbitant son état de sous-développement.

« Le moment est venu de réveiller les Portugais », nous a dit M. Francisco Pereira de Moura, 44 ans, candidat sur l'une des deux listes de l'opposition, à Lisbonne. Ce réveil, l'Armée le surveille avec une méfiance agressive.

EDOUARD BAILBY

M. MARCELLO CAETANO. *« Le moment est venu... »*

UN MEETING DE Mª MARIO SOARES. *de réveiller les Portugais. »*

As eleições portuguesas

As eleições portuguesas são motivo de interesse na Imprensa estrangeira. Esta é uma página de «L'Express» sobre o momento político nacional, na qual se cita o «Diário de Lisboa». Um exemplo, apenas.

A Juventude -elemento novo

PROF. RODRIGUES LAPA

O prof. Rodrigues Lapa leu na abertura da sessão de propaganda oposicionista efectuada na Anadia, no passado dia 18, um texto do qual damos alguns dos passos mais significativos.

A mais de meio de uma campanha eleitoral, em que temos encontrado os maiores obstáculos, que não estavam nas promessas que nos fizeram, já podemos tirar algumas conclusões. A Nação, não está tão adormecida nem tão despolitizada como muitos pensavam, justificadamente.

Nesse movimento, que reune tudo quanto é vivo e puro neste País, aparece pela primeira vez um elemento, que vem dar novo calor e novo impulso ás hostes da Oposição: a Juventude. A que se deve esta espontanea adesão da mocidade? Em primeiro lugar, pelo carácter incorruptível da gente moça, levada pelo ideal e não por interesses mesquinhos; depois, pela sua natureza francamente generosa, que lhe inspira simpatia pelos vencidos na luta pela verdade; finalmente, porque tem a apoiá-la alguns mestres dignos da sua alta profissão. Um deles, por exemplo, o prof. Lindley Cintra, catedrático de reputação internacional, anda de braço dado com os novos, correndo a mesma glória e os mesmos perigos. Há ainda alguém, neste País, que duvide da nossa vitória?

Foram esses moços admiráveis que introduziram um estilo novo nos comícios eleitorais da Oposição. Quiseram fazer deles não apenas um acto político, mas também um espectáculo de arte; e, assim, depois de uma substanciosa e algo pesada dissertação sobre problemas económicos, tínhamos ocasião de ouvir um trecho de musica «pop», ou uma canção popular mais ou menos atrevida. As autoridades parece que não gostaram. Mas é um exemplo a seguir em futuras assembleias.

O trabalho construtivo da Oposição, como se pode ler nos jornais, tem sido de importancia capital, pois toca a fundo todos os problemas. É natural que nos comícios ainda se note certo verbalismo rectórico, para impressionar os ouvintes; mas o que se faz nos colóquios, sessões de trabalho, programas políticos, em ambiente de tranquilidade, é obra perdurável, destinada ao futuro. Entre os documentos de melhor qualidade política e literária, que vieram a lume na campanha eleitoral, sobressai a «Carta aberta a sr. Presidente do Conselho» do dr. José Magalhães Godinho e o apelo «Aos timoratos e indecisos» do arquitecto Francisco Keil do Amaral. Duas pequenas obras-primas de literatura política, onde cintila o humor e resplandece a verdade. Perdoem-me esta confidência e este orgulho: esses dois puros democratas foram meus alunos. E embora isto seja uma confissão de velhice, direi, reconfortado, ao modo camoniano: — Ditoso mestre que teve tais discípulos!

Do lado da Situação, o mesmo cantar de sempre e a mesma insistência no uso de processos que perderam toda a força de convicção. Já repararam que os adeptos da União Nacional invocam muito a Pátria nas suas arengas? O povo, em que nos inspiramos, nunca fala em Pátria; mas sente-a como ninguém e trá-la escondida no coração: sempre a serviu, nunca a desonrou, nunca a vendeu. E nós somos os discípulos do Povo.

Mas não é assim que pensam, ou fingem pensar, os nossos adversários. Acusam-nos, quando preconizamos a autodeterminação como solução do problema ultramarino e chegam mesmo a falar em traição á Pátria. É uma calunia deslavada dizer-se que queremos o abandono do Ultramar e a expulsão dos brancos. Nós o que queremos é dar a esse difícil problema uma solução portuguesa: que em Africa vivam brancos e negros em paz e em condições de igualdade. E para que isso seja possível, é preciso quanto antes suspender a guerra. Cada hora que passa torna a solução menos possível. De qualquer maneira, uma coisa é evidente: o problema ultramarino, no pé em que o Governo o pôs, só poderá ser resolvido pela Oposição. De contrário, as nossas colónias passarão a girar na órbita da Africa do Sul. Daqui não há que fugir.

tem a palavra

Romeu de Melo *

Reflexão sobre o actual momento político

No dia 9 do corrente, dirigi-me ao Centro Republicano Fernão Boto Machado, a uma sessão da C. D. E., presidida por Joaquim Mestre, e fiz uma curta intervenção que resumidamente foi noticiada no «Diário de Lisboa». A inevitável exigência de condensar aquilo que eu dissera, resumiu numa caricatura um esboço de ideias que já não pudera ser uma feição correcta. Fiquei então a pensar que talvez revestisse qualquer interesse escrever uma nota em que se esclarecessem as observações que então fiz, e fossem acrescentadas umas tantas outras relacionadas com aquelas.

Por exemplo, fiz notar que me parecia estranho que, nos dias decorridos de período eleitoral não tivesse sido procurado levar a cabo um desarme ideológico do Regime, através de um estudo ou série de ensaios de natureza filosófico-política que se dirigissem a uma camada da população com instrução superior, mas sem orientação político-ideativa. Depois da acção meritória da «Seara Nova», interrompida há décadas, Portugal carece de uma prática de sistematização política ao nível de quadros superiores, dirigida não só á análise dos problemas concretos, mas também ao aprofundamento de ideias fundamentais, portanto de um ideário sócio-filosófico que conduza ao esclarecimento do significado dos principais esquemas de filosofia política. Isto é muito importante num estado de coisas em que a Política tem sido rebaixada ao nível de arte, e até arte menor, e em que se tem procurado desclassificar o fenómeno político e ridicularizar a acção política, excepto a que comprovadamente se revelou modo de vida sem preocupações. Além da chamada *política dos políticos*, urgia revelar que há o pensamento político ao nível da filosofia e da ciência da cultura, e até que toda a política assenta, de qualquer modo, em mundivisões, teorias e doutrinas que podem ser respeitáveis. Ora temos que reconhecer que, para além de consideradas consabidas, ou já esquecidas, bases filosófico-políticas, as últimas experiências eleitorais se caracterizaram por um consecutivo aflorar de problemas concretos desligados das figuras ideativas, vazado em fórmulas meramente reivindicativas ou apologéticas.

Os factos e as ideias-mestras

Tenha-se disso consciência ou não, o certo é que o Poder só pode beneficiar com essa tremenda omissão, competindo-lhe sòmente defender-se da acusação de que pratica uma má governação, mas não da de que pratica uma governação errada, o que não é a mesma coisa. O Poder pode, até, empregar as mesmas expressões e usar as mesmas palavras que a Oposição democrática, pois não é feita a prova de que, por esse facto, pratique o vício de incoerência.

A Oposição dirige uma campanha como se o eleitor só precisasse de discutir factos, quando na verdade ele esteve impedido de calmamente discutir e aprofundar as ideias-mestras que alicerçam e explicam o fenómeno político, no longo período pré e para-eleitoral. Por exemplo, dirige-se ao eleitor mediano, por vezes até bastante bem (tal o caso das mesas-redondas ou de exposições pretendidamente serenas e objectivas) mas não invalida a filosofia (oculta) do Estado Novo, pois não é a confrontação pragmática e programática que o consegue. Há-de sempre subsistir a dúvida legítima de como foi possível, ao Estado Novo, por entre tantos erros e equívocos (como assinala a Oposição), ter conseguido viver e sobreviver, durante décadas e através de uma incessante alteração dos panoramas político-sociais europeu e, até, mundial. Tem de responder-se a esta pergunta, mas sem falar de bons e maus portugueses, e sem procurar rápidamente uma explicação em termos abstractos e figuras derivadas duma sociologia mais velha que o próprio Estado Novo.

Além de uma filosofia implícita, o Regime apoiou-se sempre em determinadas constantes de nível histórico social e ético, além da realidade antropológica e étnica que é o português mediano, e de tudo isso extraiu a energia indispensável para alcançar uma velhice vigorosa, ou pelo menos bem defendida. Mas ignorando aquelas constantes, ou receando escalpelizá-las ou não lhes atribuindo a devida importância, os que aceitaram a posição de ideólogos dos movimentos de oposição democrática fazem esta correr o perigo da ineficácia ou da incapacidade de impor-se num eleitorado que se aferra a uma argumentação antiga, mas comprovadamente eficaz junto de muitos eleitores.

A Situação alterou conteúdos e formas

Uma clamorosa responsabilidade do E. N. foi e é a própria realidade da Oposição ao regime que aquele encarna. Se repudiarmos o maniqueísmo ético dos *bons* e dos *maus*, temos que reconhecer que o regime não pode enjeitar a responsabilidade do modo de ser da própria Oposição, pois ela acabou por ser aquilo que o E. N. consentiu que ela fosse, em parte pelo menos, e em parte que não é pequena. Nessa parte, a própria fragilidade da Oposição (sistemática) resulta da acção deterioradora da Situação (sistemática). Sem qualquer ambiguidade semântica, uma Situação tende a gerar uma Oposição, e, mais que isso, a determinar a própria natureza desta: a Oposição tradicional absteve-se, em larga medida, porque a Situação alterou alguns conteúdos e formas, roubando sentido á sua velha oponente.

Há pessoas honestas e sinceras que apoiam o E. N., pois dão tácito abrigo á raiz ideológica do regime, e carecem por motivos psicológicos das explicações que ele lhe fornece, independemente do sentido, actualidade e oportunidade daquelas. E isto porque, não sendo embora o Povo português *menos capaz* e *menos merecedor* de liberdade de iniciativa que qualquer outro, há uma feição psico-colectiva que pode ser fácilmente desenvolvida num sentido que propicia o paternalismo social e a intransigência política. Em qualquer povo existe tal feição, mas a sua densidade é variável, e disso nos apercebemos quando desmontamos alguns mitos históricos a que nós, portugueses, demos abrigo, e que vicejam ao lado da canção nacional e dos hábitos correntes das relações humanas. Isto é um facto, mas legítimo nos parece que pretendamos que se desenvolvam as nossas mais elevadas expressões de ser e de viver, e não que se excite mansamente o nosso calcanhar-de-aquiles.

Voltando ao tema principal, temos de reconhecer que as confrontações de factos são importantes, mas não substituem as confrontações de ideias. Porque os factos acabam, afinal, por ser interpretados á luz das ideias. Um exemplo da observação que faço encontra-se no apressado endeusamento das opiniões triviais e das situações concretas — tanto na Situação como na Oposição — em detrimento das ideias, o que acarreta o perigo de reduzir a expressão verbal ao nível de *slogan* ou ao teor do breviário. Por muito que se respeite o eleitorado — e por isso mesmo! — temos de levar aquele a subir até ás ideias, e não fazer descer estas ao nível (ou abaixo do nível) de eleitorado. O apressado enaltecimento de certas figuras sociais e profissionais, vendo nestas a fonte de uma inesgotável lucidez, arranca palmas momentâneas, e até ovações sinceras, mas acaba por comprometer a melhor resolução dos problemas dessas pessoas, e atrasará talvez a sua promoção a graus superiores de esclarecimento.

Porque a democracia, que muitos não respeitam nem compreendem, mas já ninguém responsável se atreve explicitamente a ofender, não é nem o paraíso dos simples nem o sistema dos medíocres. E, muito menos, é a escola dos vencidos, como prova á saciedade a história moderna e contemporânea. Depois da reformulação democrática operada na idade moderna europeia o corpo doutrinário da democracia foi conquistando., como um hábito não só os grupos cultivados, mas as próprias mentalidades sociais. As constituições políticas de *todos* os países europeus são democráticas ou contêm artigos fundamentais de inspiração democrática... e a de 1933 não fugiu á regra. Este facto obriga assim os regimes antidemocráticos a darem pública prova de incoerência, ao desrespeitarem o cumprimento das Constituições que «voluntáriamente» subscreveram.

Há no entanto, neste País, muita gente que identifica democracia com contagem de narizes, ou «um homem, um voto», quando na verdade, e neses aspecto preciso, ela é só, e por princípio, a recusa de: um homem, dois ou cem votos. A democracia não é contrária ao mérito, ou ao respeito e inerente responsabilidade relacionadas com o mérito, mas sim o sistema de ideias que apadrinha a oportunidade permanentemente mantida de revelação e salvaguarda do mérito. Ao recusar a *acção directa* e os privilégios injustificados ameaça e obstáculo ao exercício e aproveitamento dos valores intelectuais e éticos o ideal democrático surge como a via canónica da igualdade, de oportunidades embora não predique, claro, a igualdade de méritos. Por outro lado, a aristocracia — de opinião, de nascimento, de posse, ou tudo isso junto, o que é pior — que pode *teóricamente* «começar» pelo governo dos melhores, acaba *realmente* por ser, devido a um mecanismo que lhe é inerente, o governo ou o predomínio dos piores.

O ideal democrático pode ser traído

Falei no ideal democrático. No que se refere ás democracias reais ou institucionais, elas não resolveram todos os problemas do homem, nem sequer os mais importantes. Sabemos até que ponto, e por meio de que outro mecanismo, o ideal democrático pode ver-se traído por sistemas alienatórios apoiados em impulsos mediocráticos. Contudo, a sua cordial ligação com a tolerância liberal, e a sua possibilidade de aliar-se a estruturas técnico-económicas rectificadoras, tem revelado que nenhum outro corpo de ideias, de normas e de processos, protegeu mais eficazmente o indivíduo e as minorias representativas, e proporcionou maior prosperidade cultural e económica ás comunidades em geral. Isto é assim, e em Portugal não se provou o contrário.

Num mundo em rápido crescimento demográfico e progresso técnico acelerado, em que os problemas do urbanismo, das migrações e das comunicações, exigiram um

(Continua na pág. 6)

Sessões da C.D.E. de Lisboa a efectuar hoje e amanhã

A C.D.E. de Lisboa promove hoje e amanhã, na capital e em diversas localidades do distrito, sessões de esclarecimento do eleitorado. Assim, para hoje, em Lisboa, estão marcadas as seguintes:

● *Palácio Marquês da Fronteira*, dedicada a bancários, subordinada ao tema «Trabalho, Habitação e Vida Social», presidida por Bidarra de Almeida. Serão oradores Moisés Silva Ramos e Gilberto Lindim Ramos.

● *Centro Escolar Republicano José Estêvão*, sobre o tema «O custo de vida» (sessão organizada pela Comissão da Freguesia de Arroios). Preside Gaspar Teixeira e serão oradores Mário Valadas, Firmino Martins e José Gabriel Pereira Bastos.

● *Centro Escolar Republicano Fernão Botto Machado*, dedicada ao pessoal de Saúde. Preside Glória Marreiros e serão oradores Maria Manuela Pedroso de Lima Pequito e Alice Gentil Martins Menano.

FORA DE LISBOA:

● *Cine-Teatro de Paço de Arcos*, presidida por José da Cruz Barroso Júnior, sendo oradores José Gouveia, José Manuel Galvão Teles e Joana Lopes.

● *Sociedade Recreativa Musical 1.º de Agosto Santairiense*, presidida por Joaquim Gomes Soares, sendo oradores José Manuel Tengarrinha e Maria Benedita Monteiro.

● *Clube Recreativo Bobadelense (Bobadela, Loures)*, presidida por Manuel Sacavém e sendo oradores Rosalina Pinho, João Bénard da Costa e Afonso de Barros.

● *Sociedade Columbófila de Vialonga*, presidida por José António Veríssimo Silva e sendo oradores Vítor Wengorovius e Armando Tavares.

● *Na Amadora, Rua 1.º de Dezembro, 9, r/c.*, sobre «Alfabetização e cultura popular», presidida por Andrade Neves e sendo oradores Luís Filipe Lindley Cintra, Maria Justina Fonseca e Nuno Brederodo Santos,

● *No Cine-Teatro Pastos Manuel, em Sintra*, presidida por José da Costa Mendes, sendo oradores Francisco Pereira de Moura, Joaquim Mestre e Jorge Sampaio.

(Todas as sessões começam ás 21 horas).

SESSÕES PARA AMANHÃ

EM LISBOA:

● *Centro Escolar Republicano Fernão Botto Machado*, presidida por Victor Wengorovius, sendo oradores o presidente e Afonso de Barros.

● *Centro Escolar Republicano José Estêvão*, dedicada a profissionais de seguros. Preside Luís Anunciação Soares, sendo oradores Filomeno Prazeres, Carlos Santos e Mário Valadas.

● *Palácio Marquês de Fronteira*, sobre «Reforma Agrária». Preside Gaspar Teixeira, sendo oradores Fernando Gomes da Silva e Maria Luísa Areosa Feio.

● *Grupo Desportivo do Culhariz de Benfica*, sobre tema «Cultura e repressão». Preside Mário Sottomayor Cardia, sendo oradores Augusto da Costa Dias, Joana Lopes e José Saramago.

FORA DE LISBOA:

● *Alverca, no Largo dos Correios*, presidida por Fernando Mateus e sendo oradores José Manuel Galvão Teles, Manuel Bidarra de Almeida e Nuno Teotónio Pereira.

● *Oeiras, na Sociedade União Musical Escolar*, presidida por Barroso Júnior, sendo oradores Gilberto Lindim Ramos e Glória Marreiros.

● *Loures, no Ginásio Olimpus*, presidida por Armando Caldeira, sendo oradores Joaquim Mestre, João Bénard da Costa e José Eduardo Briscos.

● *Amadora, na Rua 1.º de Dezembro, 9, r/c.*, presidida por Andrade Neves, sendo oradores Francisco Pereira de Moura e Moisés da Silva Ramos. Falarão respectivamente sobre «Desenvolvimento económico» e «Sindicalismo».

● *Sacavém, no Sport Grupo Sacavenense*, presidida por Armando Tavares, sendo oradores Jorge Sampaio e Maria Justina da Fonseca.

● *Cascais, no Cine-Teatro Gil Vicente*, presidida por Maria da Graça Carvalho Fernandes, sendo oradores José Manuel Tengarrinha e José Vasconcelos Abreu.

● *Alenquer, na Quinta do Reguengo*, presidida por Adriano Luís Almeida Graça, e sendo oradores, entre outros, Helena Pato e Carlos Justino Cordeiro.

● *Alhandra, na Rua Dr. Miguel Bombarda, 5-B*, presidida por Rosalina Pinho, sendo oradores Arlindo Vicente, Maria Benedita Monteiro e José Lopes de Almeida.

● *Odivelas*, presidida por António Cerqueira, sendo oradores Lindley Cintra, Manuel Sacavém, Luísa Amorim e Carlos Pimenta.

● *Moscavide, no Clube Familiar Moscavidense*, presidida por José Gouveia, e sendo oradores António Abreu, Augusto Costa Dias e José Manuel Tengarrinha.

Que faria se estivesse em Portugal?

(Continuação da 1.ª página)

o Brasil é o futuro. E para nós, portugueses, a eternidade da língua (o Brasil dentro em breve terá cem milhões de habitantes). Portanto, em minha consciência, nada mais importante do que isso: Portugal, em matéria de comunicação, tem, acima de tudo, o seu idioma

Quando digo que o Brasil é o futuro, afirmo-o porque há trinta anos o vejo surgir, hora a hora, dia a dia, tal como quem, numa vasta campina, acompanhasse o brotar tenro de uma imensa plantação, assistindo ao seu crescimento, e vendo, por fim, a sua transformação em árvores, ao formarem, diante dos seus olhos, uma maciça floresta, verdadeira força da natureza

E se utilizo este exemplo convencional da floresta é para mostrar como acompanhei a evolução ciclópica de um Brasil que, trinta anos atrás, ainda mantinha, para meu deleite, lembranças vivas, literárias e românticas, dos tempos daquele Império dos dois Pedros, ambos portugueses de nascimento e de baptismo.

Não conheço o Brasil só do Rio de Janeiro. Viajei de norte a sul. Na Baía vivi por mais de um ano. Conheço o Nordeste. São Paulo e todo o Sul. E, melhor do que tudo, comungo a vida humilde intulda por todas as aventuras do seu povo. Para quem tem a coragem, senão a paciência, de penetrar no mato agreste da prosa de João Guimarães Rosa, esse povo lá está. Como está, de outro jeito na realidade mágica dos romances recentes de Jorge Amado.

O Brasil aproveita (sem a vantagem de falar qualquer das línguas de transito universal) todos os ventos do quadrante que sopram pelo mundo. E, de todos eles, sempre tira algo que faça mover os seus moinhos. Colocado num continente de vinte e tantos países, fervendo todos eles de ameaças e sortilégios, é, no entanto, o maior, e um dos maiores da Terra. E cresce com tal pujança que, quando aqui cheguei, não havia no Brasil nem metade dos habitantes que, hoje, povoam as suas cidades, as suas planícies, as suas selvas, as suas serras e o seu imenso litoral. E vejo-o como um povo que mantém esta qualidade intacta: — o instinto da liberdade. Instinto que sustenta com tanta independência e com uma tal segurança que, quem aqui chega e assiste a qualquer manifestação colectiva, como agora, por exemplo, com esse simples pretexto de um festival de canções, fica vidrado de espanto ante a independência, o inconformismo e a liberdade de ser, de sentir e de se manifestar do povo brasileiro.

Assim é, e assim tem sido desde que aqui cheguei. No Brasil a liberdade tem raízes profundas. Não importa que desde 1964 (apenas há cinco anos) o país esteja sendo governado pelas Forças Armadas. Os próprios militares, na sua maioria, são liberais e sabem que a lei natural do Brasil é a da democracia, que dá liberdade de viver, de agir, de pensar, e até de votar. Tem havido momentos difíceis. Mas isto é irremediável num país cercado por muitos outros onde, por vezes, irrompem movimentos demasiado temerários, quer da direita ou da esquerda...

Tenho, pois, no Brasil, trinta anos de liberdade. Agi, construi. Na Baía estive um ano, contratado pelo Governo, organizando as comemorações do quarto centenário da cidade do Salvador. Montei, por incumbência nacional, o grande espectáculo da inauguração de Brasília. Inaugurei teatros Fui pioneiro da televisão, então mais nobre e mais elevada do que é actualmente. Nunca me faltou trabalho. Nunca me perguntaram se era da direita ou da esquerda. E amanhã, se eu quiser, posso ser aposentado, na minha função de autor teatral, com pensão conferida pelo Estado. São, na verdade trinta anos de liberdade. E, ao mesmo tempo, trinta anos de minha valorização como ser humano.

Então vem um amigo e indaga:

— Se você estivesse agora em Portugal, o que faria?

Sorrio. Recordo o meu tempo de Lisboa. O ambiente que me cercava. Não, não me vejo no Portugal de que me afastei, embora o traga sempre no coração. Portugal. Brasil. Dois mundos. Ambos diferentes. Um que por certo se preocupa com amanhã. Outro com a certeza de que já é amanhã.

— Se eu estivesse agora em Portugal?

Sim, se eu estivesse agora aí, com vocês depois de estes trinta anos de Brasil, alinharia ao lado de todos aqueles que sonham com a liberdade. E que hão-de continuar lutando por ela, na vitória, ou no infortunio.

Rio. Out. 69.

CHIANCA DE GARCIA

Sessão oposicionista no Cartaxo

CARTAXO, 22 — Com a lotação esgotada e sob a presidência do sr. Felisberto Pereira Martins decorreu, no Cine-Teatro local, uma sessão de propaganda eleitoral da C. D. E. de Santarém. Foram oradores os srs. dr. Fidalgo Pereira, escritor Alexandre Cabral e eng. Lino Neto.

Todos anunciaram o firme propósito de ir ás urnas e defender, na Assembleia Nacional, os interesses do povo português, que «há mais de 40 anos não tem representação no Governo» — disseram.

Sessão oposicionista na Moita

A Oposição irá às urnas e demonstrará que a Democracia não morreu

— afirmou um candidato

MOITA, 22 — Cerca de três mil pessoas estiveram presentes á sessão de propaganda eleitoral que a C. D. E. de Setubal organizou no Cine-Teatro Capricho desta vila e a que presidiu o sr. Staline de Jesus. Usaram da palavra os srs. Manuel Cabanas, Daniel Nobre Mendes Conceição, os candidatos Álvaro Monteiro, José António Tavares da Cruz e dr. José Malheiro, a jovem Matilde da Assunção Ramalho e a sr.ª D. Ercília de Jesus Talhadas.

O sr. Staline de Jesus saudou a assistência e abordou, depois, a situação dos homens do mar.

Falando a seguir, a jovem Matilde Ramalho referiu-se á situação da mulher portuguesa («politicamente adormecida»). Ao terminar apelou para o recenseamento de todas as mulheres de Portugal.

Por sua vez, o sr. Daniel Mendes Conceição referiu-se a vários aspectos da situação portuguesa, acentuando que, no País, há mais deveres do que direitos e mais estádios de futebol e tabernas do que instituições de reunião.

A sra. D. Ercília Oliveira Talhadas, que falou a seguir, abordou questões de educação e afirmou:

«Sou uma mulher do povo e inculta, Porquê? Por ser filha de um pobre operário, sem posses para me comprar livros.

As dificuldades que meus pais tiveram para me educar, tenho-as eu, agora para os meus filhos».

Falou, depois o candidato Álvaro Monteiro que se referiu ás eleições.

Seguiu-se o candidato Tavares da Cruz que falou da situação política em Portugal e, depois, o candidato José Malheiro que foi recebido com gritos da assistência: «Malheiro! Malheiro! Malheiro!».

No final, o sr. Manuel Cabanas anunciou que a assistência tinha contribuído com dádivas no montante de 11 300$00 e acentuou: «Que todos saibam que este dinheiro não veio do estrangeiro».

LABORATÓRIOS VITÓRIA
S. A. R. L.
VENDA NOVA — AMADORA

PAGAMENTO DE DIVIDENDOS

Avisam-se os Senhores Accionistas de que, a partir do dia 10 de Novembro próximo futuro, está a pagamento por conta do dividendo do exercício de 1969 a importância de Esc. 30$00 ilíquido por cada acção.

O referido pagamento efectuar-se-á no Banco Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa e no Porto, em todos os dias úteis, excepto aos Sábados.

Amadora, 21 de Outubro de 1969.

UM DIRECTOR
JOSÉ MARIA DE URIARTE

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses.
SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO
T. 560713

ao acaso da rua

— Que pensa da actual campanha eleitoral?

Há perguntas que não se fazem, respostas que não se dão — *infelizmente coisas como esta, ou deste género, preenchem sempre 70% dos apontamentos do repórter...*

Fizemos este inquérito em Coimbra. Não nas escolas, nem nos centros de opinião mas nas ruas. Nas ruas da Baixa Num fim de tarde, povoado de todas as maneiras de ser.

— Que pensa da actual campanha eleitoral?

— *Isso é política e eu não me meto nisso.*

E, acrescentou, com um sorriso, esse aberto:

— *Pergunte-me coisas da Académica que, isso, eu digo-lhe.*

Era uma posição que estava fora do nosso inquérito.

— Importa-se de me dizer o seu nome?

— *Importo-me pois. Não quero lá saber de políticas.*

Ao lado, um companheiro de conversa geral chamou-lhe Hélio. É só o que podemos registar.

O técnico de contas sr. António Moura diz o que pensa sobre a actual campanha eleitoral, declarando:

— *Acho-a muito útil para esclarecimento do povo português.*

— Tem portanto, seguido a acção eleitoral?

— *Tenho seguido, pelos jornais.*

O proprietário sr.

Manuel Correia da Silva, dono de uma mercearia na Baixa, não nos diz, concretamente o que pensa da actual campanha, pois afirma o seu total desinteresse:

— *Não me meto nisso. Sou indiferente. Não ligo a isso: a gente não sabe se o que vem é melhor ou pior — e eu não quero ficar com um peso na consciência.*

Concluindo:

— *Por isso nem leio o que se tem escrito para aí* — (Para aí, nos jornais, segundo nos fez depreender).

O veterinário e professor da Escola Agrícola, dr. França Martins, pelo seu lado, não tem seguido esta campanha, por razões que aponta:

— *Afazeres profissionais impedem-me de saber o que se passa. A profissão e o ensino não me deixam tempo para coisas que me preocupam pouco. E, ás vezes (quase sempre), nem tenho tempo para ler os jornais).*

E logo acrescentou:

Não fujo á resposta. Apenas não li ainda uma linha da coisa. Estou fora do assunto.

O estudante universitário Pedro Joaquim Ferreira respondeu francamente á pergunta:

— *Acho que tem decorrido com interesse evidente. Eu, em todo o caso, esperava por propaganda mais directa. Devia, segundo o meu ponto de vista, haver maior informação ao publico, para que este conhecesse não só os programas, como os candidatos tanto dum lado como do outro. Saber tudo de cada um e de todos era a melhor razão dada á escolha do eleitorado. A campanha tem tido interesse, é inegável.*

Finalmente, o universitário Mário José Fontes não se escusando á resposta, disse, no entanto, o seguinte:

— *Sabe, eu preferia não responder á pergunta, porque, na verdade, não tenho ideias sobre o assunto.*

— Mas nem sequer tem curiosidade pela campanha que decorre?

— *Na verdade, não. Não tenho sequer a menor curiosidade.*

— É abstencionista?

— *Não. Sou desinteressado.*

— Porquê?

— *Ora, por tudo.*

REUNIÕES DA U. N.

promovidas pela Comissão Eleitoral do concelho de Loures

Hoje, pelas 21.30 horas, reunião em Loures, com a presença dos candidatos a deputados, Dr. Melo e Castro e Eng. Santos Castro.

A reforma da lei sindical comentada pela C. D. E. do distrito do Porto

A Comissão Democrática Eleitoral distribuiu o seguinte comunicado sobre «a reforma da legislação sindical»:

«As características da política «liberalizadora» do Governo de Marcello Caetano estão perfeitamente definidas na recente alteração á nossa legislação sindical e concretizadas no Decreto-Lei n.º 45 058, de 28 de Maio de 1969. Na introdução ao referido decreto-lei confirma-se que «os compromissos internacionais sobre a mesma matéria assumidos por Portugal, nomeadamente a Convenção n.º 98 da Organização Internacional do Trabalho sobre o Direito de Organização Colectiva», pesaram, insofismàvelmente, na referida alteração.

Mas, como esta necessidade de «actualização» se choca com a solução política do País, a prática adoptada foi a de encontrar soluções que pareçam aproximar-se das existentes em sistemas democráticos, sem nunca perder de vista as vantagens de uma «política corporativista», mantida e defendida para perpetuar uns privilégios duns poucos, muito embora inadaptada ás necessidades do Povo Português.

Três pontos muito evidentes da nossa legislação sindical anterior à alteração chocavam com as concepções democráticas da Organização Internacional do Trabalho e comprometiam o efeito de fachada liberalizadora do regime.

— a homologação ministerial para os corpos gerentes nos sindicatos, por ser descarada de sobra a selecção política na escolha dos dirigentes sindicais, e a tutela do Governo imposta ás suas organizações;

— a dimensão do sindicato, que, dado o seu fraccionamento, as suas múltiplas divisões, evidenciava bem a política governamental de «dividir para reinar»;

— a representação internacional dos sindicatos, vedade sob todas as formas, com o fim de evitar que, em contacto com dirigentes sindicais estrangeiros, os dirigentes sindicais portugueses encontrassem exemplos para as suas múltiplas dificuldades e a solidariedade internacional dos trabalhadores.

No entanto, a alteração á lei sindical regulamentada pelo decreto-lei referido, fazendo desaparecer as características por demais evidentes da falta de representatividade sindical, limitou-se a «camuflar» as situações anteriores, transferindo o «contrôle» político para o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência. Assim, nos três pontos anteriormentes referidos verifica-se que:

— no que diz respeito ás eleições para corpos gerentes para os sindicatos faz desaparecer a homologação posterior do ministro das Corporações e Previdência Social. Entretanto, as condições de elegibilidade serão verificadas por uma comissão de sócios designada pela mesa da assembleia geral. Mas a decisão da mesa da assembleia geral sobre a composição da comissão, as decisões dessa mesma comissão e o próprio resultado das eleições podem ser impugnadas com efeito suspensivo por qualquer sócio ou pelo Instituto Nacional do Trabalho e Previdência em acção intentada no Tribunal de Trabalho competente;

— qualquer sócio ou o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência poderão remeter á comissão de verificação os documentos que julguem aptos para demonstrar a existência ou inexistência das condições de ilegibilidade de qualquer dos candidatos.

Fàcilmente se verifica que o «contrôle» político feito anteriormente sob a forma da homologação ministerial posterior á eleição, passou claramente a ser feito anteriormente pelo I. N. T. P. O Governo continua a procurar garantir que os lugares dos corpos gerentes dos sindicatos sejam preenchidos por apaniguados do regime.

No que diz respeito á dimensão do sindicato, procura-se agora agrupar um maior número de sócios do mesmo sindicato, abandona-se, mesmo, o carácter distrital, ampliando-o, mas não se garante a necessária ligação entre associados, prejudicada com esta ampliação. Aparentando concentrar maior número de trabalhadores para a defesa dos interesses comuns, agrava o defeito das divisões anteriores, pelas dificuldades de contacto directo com a massa associativa. Sem uma adequada estrutura democrática da base até ao topo, o sindicato supramencionado burocratiza-se, passa á função de repartição pública, e a participação do associado torna-se inoperante, por distante. A política de «dividir para reinar» torna-se ainda mais eficaz.

No que diz respeito á representação internacional dos sindicatos, revoga-se a proibição anterior para a substituir pela autorização. Conforme for mais conveniente, a inscrição dos sindicatos em organismos internacionais será assegurada directamente ou por intermédio dos organismos de grau superior, mas sempre mediante o acordo do I. N. T. P. Assim, e ainda mais uma vez, o Governo assegura o «contrôle», eliminando, com a sanção do I. N. T. P., o fortalecimento da actividade sindical pela solidariedade internacional dos trabalhadores.

A demagogia «liberalizante», aparentando modificar para melhor, procura manter afastada da vida pública a participação dos trabalhadores. Continua-se na defesa de uns tantos privilegiados monopolistas, a impor uma sociedade de silêncio e exploração, uma sociedade sem esperanças.

A alteração da lei sindical é um indicativo seguro desta prática pelo actual poder político»

As Caixas de Previdência numa «legenda» da C. E. U. D. do Porto

Da C. E. U. D. do Porto recebemos, com o pedido de publicação o seguinte comunicado:

«1. — *Legenda* — Relacionado com o problema da saude publica, haverá a considerar o da assistência médica, exercida através das *Caixas de Previdência.*

Não cuidamos, agora, de saber como são preenchidos os quadros clínicos e como funciona a orgânica da Previdência. Tão-pouco abordaremos os aspectos das insuficiências e anomalias dos serviços e o da aplicação dos «fundos» resultantes das cotizações de trabalhadores e patrões, de que muito pouco conhecem os próprios interessados e contribuintes.

Ataquemos apenas o caso da função assistencial que, segundo a tabela de prestação de serviços nos oferece este quadro espantoso: em duas horas de actividade, e por dia, o médico de clínica geral examina 20 doentes (cerca de 6 minutos por cada um); o médico especialista, examina 12 doentes (cerca de 10 minutos por cada um); e as visitas domiciliárias (dez), cifram-se em 12 minutos para deslocação e exame dos «padecentes».

Por isso, e para *despachar* serviço, receitam-se radiografias e exames, os mais diversos, em numero excessivo e inutil, face ao diagnóstico que estará em causa.

Como amostra, basta. O resto — é uma outra história, que exigirá uma larga apreciação crítica Quer a União Nacional debatê-la na tribuna da Imprensa?

Reflexão sobre o momento político

«Continuação da 3.ª pág.)

reforço da regulamentação dos indivíduos, dos grupos e das nações. o apoio do ideário democrático surgiu não ao nivel da opção política ou da teoria jurídica, mas como uma exigência cívica de protecção do homem, como indivíduo, e de salvação da humanidade como realidade e projecto evolutivo. Talvez por isso, a esmagadora maioria dos *melhores* (no sentido dos valores do espírito e da cultura) apoiou a democracia contra as teorias atávicas de predestinação, do direito da força ou da iluminação, ou seja a sobrevalorização de homens que quase sempre eram, mas não *queriam* ser, homens como outros quaisquer. Não foi por mero acaso que aqui, em Portugal, pessoas como Raul Proença, A. Sérgio, Vieira de Almeida, Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro, Fidelino de Figueiredo, Lôbo Vilela, se contentaram com defender o seu direito a ter *um único* voto, mas sim porque sabiam que o precedente criado por regimes de privilégio acaba inevitávelmente por ofender o direito de todos. E, também, porque a nossa época reclama mais urgentemente que nunca a protecção do indivíduo e das minorias diferenciadas á sombra do direito reconhecido e resolutamente cumprido. E, por último, porque a democracia poderá não ser o governo dos melhores (que nunca governaram), mas também já provou que não é com certeza o governo dos piores.

Estas eleições oferecem a oportunidade de defender direitos fundamentais e de recusar ou mostrar discordância pelo sistema de excepção e de acção directa, fórmulas que consentem o domínio arbitrário do homem sobre o homem e da força sobre a razão, e que acabam por converter-se no domínio *do pior* do homem sobre *o melhor* do homem. Para que se suspenda a rebelião das massas (rebelião que tanto pode ser activa como passiva, na agressão como no consentimento) devem os intelectuais e elementos esclarecidos tornar as massas menos massas, o que é definitivamente o contrário a fazer a apologia das massas. Por outro lado, e no campo da prática política, como fórmula optativa a oferecer ao eleitor mediano, não parece legítimo converter em alternativa eleitoral a aprovação ou reprovação da ral a aprovação ou reprovação da pessoa e do governo do actual Chefe do Governo. Esta é a fórmula proposta pela Situação, mas as eleições não se travam á volta de sugestões ou de vontades privadas, antes de realidades indiscutíveis.

Num ano de Governo pode não se ter feito muito, mas a inteligência do Chefe do Governo, a sua clareza e uma notória procura, que cremos sincera, de sair duma teia emaranhada de problemas antigos e recentes não podem ser postos em dúvida, embora se enumere tudo aquilo que não mudou e até piorou. O eleitor mediano sente, portanto, que surgiu uma personalidade vigorosa usando uma linguagem directa e dentro de um estilo moderno. Ora esse eleitor vive ainda sob o signo da esperança tímida e do receio frente ao futuro desconhecido, o moderno Adamastor. Ignora, literalmente, as possíveis virtudes de outros sistemas e de outros estilos, e mantém intacta a predisposição fatalista que o levou a ir aceitando a vida tal como lhe surgiu nos últimos 40 anos...

Parece-me que o que está em causa não é o mérito e a experiência do Chefe do Governo, nem o que fez ou deixou de fazer num atrabiliário e complicado ano de trabalho, mas sim a aprovação ou reprovação dos termos da solução binária proposta no início do mesmo: Continuidade-Renovação. Pois bem, este binário liga-se visceralmente aos 40 anos de orientação anterior e ao sistema denominadamente corporativo que constitui a estrutura ou alibi ideológico do regime. Neste sentido, a missão da Oposição será flectir o ponteiro para o lado da Renovação, conseguindo mostrar a inequívoca recusa do passado, ao mesmo tempo que certos sectores tradicionais da Situação pretendem, através do voto ou interferindo na livre expressão deste, provar que o acento tónico se situa na Continuidade.

Acontece que o supracitado dilema se debate na própria Situação, que afirma a sua heterogeneidade, pois, embora pareça contraditório, há pessoas militando em campos opostos que, *de imediato*, pretendem coisa semelhante.

** Economista e ensaísta com larga obra publicada.*

A campanha eleitoral
vista pelo correspondente do «Informaciones» em Lisboa

Recebemos da União Nacional o comunicado que a seguir publicamos:

«O jornal «Informaciones», de Madrid, publicou, *no passado dia 9*, uma crónica de Mário Ventura com o título «É possível que o Governo anule as eleições».

Mário Ventura afirma nessa crónica que a *guerra colonial* «constitui agora o tema principal de todos os documentos e comícios da Oposição».

Informa, também, que as direitas qualificam as esquerdas de traidoras «á Pátria pelo facto de defenderem a cessação da guerra e a abertura de negociações com os grupos de guerrilheiros que operam nos territórios portugueses de África».

Mais adiante, Mário Ventura afirma que os observadores «não excluem a hipótese de o Governo, como consequência das pressões dos «ultras» se ver forçado a anular as eleições, no caso de as esquerdas tencionarem manter as posições inicialmente assumidas».

Seguidamente, Mário Ventura informa que os oposicionistas (isto, portanto, já no dia 8), começam a convencer-se de que, como tem sido tradicional nas ultimas décadas, também desta vez a União Nacional obterá uma vitória absoluta em todos os círculos.

E porquê? Isso deve-se, segundo Mário Ventura: «á ausência de direitos iguais para as forças em presença, ás dificuldades em comunicar com o eleitorado através da imprensa e á quase impossibilidade de fiscalizar o acto de votar».

A crónica termina com referências a um ambiente geral de tensão e á hipótese de um golpe de força direitista, possível caso «as esquerdas continuem com a pressão da sua propaganda, *que jamais foi tão intensa e persistente*».

Os leitores do jornal espanhol ficaram assim a saber, *já no passado dia 9*, por informação do sr. Mário Ventura:

a)—Que as esquerdas portuguesas discutiram amplamente o que chamam a «guerra colonial» e defendem a abertura de negociações com os grupos de «*guerrilheiros*» que operam nos nossos territórios.

A expressão «guerra colonial» aplicada á defesa que as nossas Forças Armadas fazem do território nacional perante os ataques vindos do estrangeiro; e a designação de «guerrilheiros» dada aos terroristas que em Março de 1961 assassinaram impiedosamente milhares de brancos e pretos, incluindo mulheres e crianças — mostram mais uma vez á opinião publica nacional, e sem qualquer artifício, qual é a doutrina e quais são os propósitos da C. D. E.

b)—Que a Oposição tem dificuldade de comunicar com os eleitores e que essa é uma das razões que determinaram a vitória das listas da U. N. No final do admira a lógica — afirma-texto — e agora é que se -se que a pressão da propaganda oposicionista *jamais foi tão intensa e persistente*.

Na verdade, nunca a Oposição esteve tão presente nos jornais (artigos, entrevistas, colóquios, mesas-redondas, etc.) e realizou tantas sessões e comícios (com baladas, recitais, etc.);

c) — Quanto á fiscalização do acto eleitoral, depois das medidas tomadas pelo Governo e das garantias asseguradas, só por má fé se pode falar na quase impossibilidade de o fazer.

Mas quem é Mário Ventura, correspondente tão solícito tão bem «informado» e tão imparcial do «Informaciones»? Será, porventura, o candidato a deputado pela C. D. E., no círculo de Évora?

AVIS RARA

pessoa que depois de servida por nós nunca mais voltou...

O mais certo é essa pessoa nunca mais ter necessitado de um carro de aluguer sem condutor... Talvez tenha comprado um carro novo!
De facto poucos são os clientes nas nossas fichas que não voltaram a recorrer aos nossos serviços: Porque nós oferecemos maior eficiência, maior segurança e uma rede de serviço excepcional espalhada pelo mundo inteiro.
Não se arrisque — vá pelo seguro, num carro da nossa frota!

AVIS
RENT A CAR

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 12-C TEL.561177 LISBOA PORTUGAL

ap

TORRALTA

A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL

participe em todos os empreendimentos da Torralta
tenha a certeza
do seu dinheiro ser mais rentável
conheça a Torralta e decida depois

TORRALTA
CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS SARL
LISBOA - Av. Duque de Loulé, 56-A - Telefs. 51748, 54478 e 53581
LAGOS - Hotel Golfinho - Telefs. 302 - 481/2
PRAIA DE ALVOR - Telefs. 3128, 3211, 3212, 3251, 3252 - PORTIMÃO

Documentos

A situação social do operário gráfico

analisada pela C.D.E. de Lisboa

Da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Lisboa recebemos, para efeitos de publicação, o seguinte «informe á Classe Gráfica de Lisboa»:

«Integrados nos princípios políticos e fundamentos sociais da COMISSÃO DEMOCRÁTICA ELEITORAL (C. D. E.) do Distrito de Lisboa, um elevado grupo de profissionais gráficos fez-se oportunamente representar com o ensejo de constituir um núcleo socio-profissional representativo da numerosa classe gráfica e, como tal, tomar conhecimento dos trabalhos em curso com vista á participação nas próximas eleições para Deputados, debatendo igualmente os pontos essenciais expostos na histórica reunião democrática de S. Pedro de Muel, programa acatado sem reservas e que, sem dúvida, melhor expressam os interesses fundamentais do operariado português, no seio do qual gravita o numeroso sector das artes gráficas.

Embora já tenha sido amplamente divulgado, entende-se apropriado sublinhar a essência desse programa:

a) — Direito de reunião e associação

b) — Direito de livre expressão de pensamento e de informação por todos os meios

c) — Direito a habitação condigna

d) — Direito á instrução e á cultura sem discriminação social

e) — Direito a condições humanas de vida e de trabalho

f) — Direito a uma protecção eficiente na doença e na velhice

g) — Sólida união de toda a classe, sem discriminação de categorias e modalidades

h) — Acção constante de esclarecimento com vista a uma maior consciência dos problemas da classe

i) — Direito á greve

j) — Direito á constituição de sindicatos livres, com representantes eleitos pela classe e não chancelados pelos poderes constituídos.

SITUAÇÃO SOCIAL DO OPERÁRIO GRÁFICO

a) — Problema sindical

Sente-se, imperiosa necessidade de estruturar diferentemente a actividade sindical de modo a transformá-lo num organismo defensor dos anseios da classe, alargando-se os seus poderes e por forma a que as direcções sejam constituídas por indivíduos idóneos e nos mereçam a garantia de se empenharem pela questões de fundo que a classe reclama como mais prementes, mormente no capítulo de melhores condições de higiene nos locais de trabalho, férias condignas, direito ao 13.º mês de salário, direito a salários mais condizentes com o constante agravamento do nível de vida, contratos colectivos actualizados e que garantam inequívocamente melhor e mais eficiente protecção ao operário gráfico no seu ambiente de trabalho, pondo-se cobro aos despedimentos artificiosos e a todas as anomalias contrárias á dignidade de todo o trabalhador gráfico.

b) — Assistência no trabalho

A assistência nos locais de trabalho pode considerar-se como inexistente. Com efeito, as doenças profissionais provocadas pela alta toxicidade da profissão não são devidamente acauteladas pelas autoridades sanitárias, que nunca ou raramente se dão conta das condições precárias em que o operário gráfico se vê forçado a desempenhar as suas tarefas, levando-o a contrair graves lesões pulmonares e depois votado ao esquecimento de um sanatório. A conspurcação dos ambientes de trabalho é assunto que as administrações das empreas gráficas na maioria das vezes fazem por ignorar, afastadas como geralmente estão dos ruídos das máquinas e do malefício dos gases tóxicos, que, entretanto, vitimam nas oficinas a integridade física dos servidores gráficos. Torna-se necessário, assim, que o problema de assistência sanitária os locais de trabalho venha a prender as atenções da assistência ao operariado gráfico português.

c) — Política de salários

Em relação á política de salários, sabemos perfeitamente que nos encontramos no escalão mais miserável em cofronto com os restantes países europeus.

d) — Assistência social na velhice

Problema igualmente de grande acuidade que preocupa os trabalhadores nacionais é a ausência de uma política de assistência condigna na velhice.

A reforma aos sessenta e cinco anos de idade está longe de corresponder á idade ideal para o abandono da actividade profissional que não deveria ultrapassar os limites dos sessenta anos.

OPÇÃO POLÍTICA DA CLASSE GRÁFICA

Referidos muito superficialmente alguns aspeotos relacionados com a situação do operário gráfico português fica-se perante o problema da opção política que a classe gráfica deverá decidir com vista ás próximas eleições para deputados.

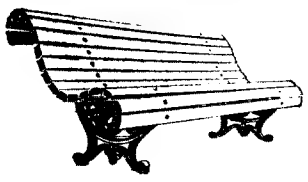
Assim, firmemente solidários com a frente democrática, que determinou submeter as listas dos seus candidatos ao sufrágio popular, fica a classe gráfica convidada a oferecer toda a sua melhor e necessária colaboração á Comissão Democrática Eleitoral, na certeza de que levará a cabo, com o apoio entusiástico de todos nós, o solene compromisso de pugnar inflexivelmente pela instauração de princípios consentâneos com as necessidades vitais da colectividade portuguesa no âmbito político e social, conforme resulta do programa aprovado em S. Pedro de Muel, princípios que vêm ao encontro das reivindicações da classe trabalhadora das artes gráficas.

UNIDADE NA ACÇÃO!
UNIDADE NA VITÓRIA!

BANCO FONSECAS & BURNAY 1967

as máquinas de pensar decidem?

JOMA BFB-2



Metálicas, dinâmicas, eléctrónicas, exactas – exactamente: exactas – as máquinas de pensar *colaboram* com a nossa tradicional experiência bancária. O actualíssimo computador electrónico que manejamos recebe e transmite – num tempo record – as decisões dos nossos funcionários especializados, que olham o seu caso com o mais humano e positivo dos interesses. Assim, servido pela nossa *técnica moderna*, você dispõe, da nossa tradicional segurança e experiência, e, ainda dos mais modernos e eficientes métodos de trabalho.

BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente

JVC NIVICO (RCA — VICTOR DO JAPÃO)

QUALIDADE DESDE 1927

ELECTRÓNICA

HI-FI • STEREO • GRAVADORES

RÁDIOS • TV • DISCOS • CASSETES

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Assistência na sessão promovida pela C. D. E.

Socialismo não é morticínio de crianças

—disse-se na sessão da C. D. E. em Torres Vedras

TORRES VEDRAS, 22

No cine-teatro desta vila, realizou-se uma sessão promovida pela C. D. E. de Lisboa. A vasta sala de espectáculos apresentava-se com lotação esgotada.

Presidiu à sessão a sra. dra. D. Maria Lucília Miranda, ladeada pelo candidato a deputado dr. Pereira de Moura e pelo eng.-agrónomo Gomes da Silva.

Abriu a sessão a dra. D. Lucília Miranda, que apresentou os oradores à assistência e explicou os objectivos da C. D. E. nesta campanha, bem como, em linhas gerais, o programa político, salientando que ele traduz os interesses de todo o povo português.

Em seguida deu a palavra ao candidato dr. Pereira de Moura que abordou o tema «Problemas sobre a economia em Portugal», começando por afirmar que no nosso país a política tem sido desacreditada, mas que ela é necessária e essencial para qualquer povo. E prosseguiu ..

— *Não podemos continuar a admitir que não nos deixem interessar pelas coisas políticas.*

E afirmou:

—*Ou bem que se arranjam grandes soluções políticas para os problemas do país, ou nunca mais saímos dessas dificuldades.*

Referindo-se aos níveis de salários que se praticam em Portugal, em relação aos dos que se praticam no estrangeiro, são francamente baixos, apesar de haverem sido aumentados um pouco nos últimos tempos, o que torna as condições de vida muito difíceis e, por consequência, provocam a emigração.

Debruçando-se sobre os rendimentos totais do país, esclareceu que desses totais, 45% provém do trabalho. Todavia, em países como a U. S. A., a Suécia, a Alemanha, etc., acontece que dos rendimentos totais, 2/3 são do trabalho.

Passando em revista os deveres dos candidatos que forem eleitos para a Assembleia Nacional; o desenvolvimento que a lavoura requer, os problemas da saúde, segurança social, habitação, promoção das populações rurais, ensino, a propriedade privada, etc.

E a finalizar:

— *Não venho pedir votos. A nossa intenção é a de que todos fiquem interessados na política do país. Há coisas que estão bem, mas muita e muita coisa está mal. É preciso começar a trabalha e as ideias fundamentais, são: Socialismo e Democracia.*

Antes de terminar o dr. Pereira de Moura esclareceu:

— *Quando se fala de socialismo, a maioria das pessoas pensam que se trata do morticínio de crianças, enfim, de coisas maquiavélicas, quando socialismo, é acabar com a divisão entre os homens, pois eles são todos irmãos. Lendo Carl Marx ou o Evangelho, concluo que a partir de filosofias e doutrinas diferentes, é possível chegar-se ao mesmo fim.*

Findas as palavras do dr. Pereira de Moura, Fernando Teles recitou poemas, tendo em seguida dissertado sobre «Problemas relacionados com a reforma agrária», o eng. Gomes da Silva. Começou por salientar que falar de agricultura em Portugal, é falar de um sector estagnado e que nos últimos dez anos nada se fez, na medida em que, enquanto nesse lapso de tempo a lavoura progrediu 1%, as restantes actividades progrediram 6%.

Após as palavras do eng. Gomes da Silva houve colóquio com a assistência, tendo um dos presentes perguntado ao dr. Pereira de Moura em que posição se encontra o problema do Ultramar e se ele é o problema número um.

Respondendo, foi confirmado que é o primeiro e o mais grave problema do País. Que para além disso, pouco ou nada se sabe relativamente às soluções que o Governo tem para o efeito.

A encerrar a sessão, a assistência cantou o Hino Nacional e aplaudiu demoradamente os oradores.

Mais de 2000 pessoas numa sessão da C. D. E. em Montemor-o-Novo

MONTEMOR-O-NOVO, 22. Decorreu num ambiente de grande vibração patriótica a sessão de propaganda eleitoral ontem promovida num celeiro particular — por impossibilidade de se utilizar uma sala de espectáculos — pela C. D. E. de Évora. Presidiu o sr. Manuel Santana Alho, que se encontrava ladeado pelos srs. Zulmiro Rodrigues, Basílio Lopes, Armando Caramelo, Horácio Macedo e João Carlos Alfacinha da Silva. Além do presidente da sessão, usaram da palavra os candidatos José Magureira, Antunes da Silva, Joaquim Trindade e Mário Ventura Henriques.

No final, a assistência (mais de 2000 pessoas) vitoriou a Liberdade e a Democracia e entoou «A Portuguesa».

Sessão da Oposição em Arcos de Valdevez

ARCOS DE VALDEVEZ, 22 — Efectuou-se ontem, no cine-teatro local, uma sessão de esclarecimento do eleitorado promovida pela C. D. E. de Viana do Castelo. A sala, decorada com bandeiras nacionais e dísticos, encontrava-se repleta. Presidiu á sessão o dr. Germano Amorim, que, apesar dos seus 90 anos, não quis deixar de manifestar pùblicamente o seu apoio aos candidatos da Oposição Democrática, que o dr. Nuno Cruz apresentou á assistência.

Foram oradores os candidatos drs. Ribeiro da Silva, Álvaro Salema e Oliveira e Silva e o almirante Ramos Pereira.

No final, a assistência vitoriou a Liberdade e a Democracia e entoou o Hino Nacional.

Apenas dez por cento de recenseados em Setúbal

—um dos aspectos salientados no comício da C. D. E. no Montijo

MONTIJO, 22 — Na sede da Banda Democrática 2 de Janeiro, desta localidade, efectuou-se um comício da C. D. E., do distrito de Setubal, com uma assistência de cerca de 3000 pessoas. Presidiu á sessão o dr Manuel Paulino Gomes, ladeado pelos srs. José Machado e Estêvão Nunes. Falaram o presidente da mesa, o presidente da Comissão Concelhia da C. D. E., Joaquim Carreira Capadinhas, dr. Costa Julio, Manuel Cabanas, um operário da C. U. F. e os candidatos dr. Tavares da Cruz e dr. José Malheiro.

No uso da palavra, o dr. Costa Julio fez á mocidade montijense uma exortação pela Democracia, apontando o exemplo do grande democrata que foi Joaquim Serra, poeta e escritor local, fundador do jornal «A Ideia», em memória do qual pediu um minuto de silêncio, que toda a assistência, com excepção dos representantes da autoridade, observou, de pé.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Joaquim Capadinhas, que, em brilhante alocução, várias vezes interrompida com grandes aclamações, se debruçou sobre as lacunas da lei eleitoral, dando como exemplo o distrito de Setubal, onde existem cerca de 500 mil habitantes, estando apenas 50 mil inscritos nos cadernos eleitorais.

Fechou a sessão o candidato dr. José Malheiro, que, num brilhante improviso, referiu o problema ultramarino, manifestou a sua repulsa pela agressão a Urbano Tavares Rodrigues e o assalto á sede da C. D E., em Lisboa,

As 24 horas, a sessão, que decorreu com elevado espírito cívico, terminou com vivas á Liberdade, á Republica, á Democracia e á Pátria Unida, tendo sido também cantado o hino nacional, com todos os presentes de pé.

«Exigimos a participação activa das populações no progresso que o País exige»

—afirmou-se na sessão da U. N. em Torres Novas

TORRES NOVAS, 22 — A U. N. promoveu, nesta vila, uma sessão de propaganda eleitoral. Presidiu o eng. Neves Clara, que se encontrava ladeado pelos srs. dr. Calado da Maia, presidente da comissão distrital da U. N. de Santarém; dr. Alves Vieira, da Comissão Concelhia da U. N. de Torres Novas; e pelos candidatos engs. Carlos Amaral Neto e Correia da Costa, e drs. Dias das Neves, Magalhães Mota e Castelino e Alvim, bem como pelo dr. Jorge Moita.

A sessão abriu com o hino «Angola é nossa», seguindo-se a leitura de uma mensagem da juventude» — que pedia, nomeadamente, a unidade de todos os jovens» — depois do que usou da palavra o dr. Alves Vieira, para fazer a apresentação dos candidatos. Em seguida, falou o dr. Magalhães Mota, que focou o tema «Evolução da Sociedade», dizendo:

— *Passámos de uma sociedade tradicional para uma sociedade de tipo moderno. Nesta, as ligações entre indivíduos e grupos são mais complexas e isso determina que se conceda ao Estado, por um lado, mais poderes, e por outro, limitações. Há quem pense que numa situação como esta só interessam as políticas concretas, mas isto não significa que tenham acabado as ideologias, antes são estas que continuam a ser importantes.*

O orador seguinte foi o eng. Amaral Neto, seguindo-se-lhe o eng. Correia da Cunha que, a terminar, apelou «para a união de todos e para uma eficiente participação da juventude no desenvolvimento cultural, social e económico do País».

Falou, depois, o sr. Lúcio Vieira,

• «O problema do Ultramar só pode oscilar entre duas posições: permanência ou abandono»

Seguiu-se no uso da palavra o dr. Jorge Moita, que analisou diversos problemas da região, depois do que falou o eng. Neves Clara, de cujo discurso transcrevemos os seguintes passos:

— *Seria efectivamente simples fazer a escolha (eleitoral) se o clima fosse propício à calma e à reflexão. Mas a agitação, própria do ambiente político em que se vive, ambiente propositadamente turvado pela negação de tudo o que tem sido feito, não perturbará o eleitorado. Este, adulto e esclarecido, conhece o fraco fundamento das críticas e, nas qualidades de trabalho que ao longo dos anos tem revelado, no bom senso de que nos orgulhamos, não se perturba com as montanhas de palavras, com a especulação dos comunicados na Imprensa, com os gritos contra um passado que, efectivamente, é passado, com a ignorância propositada do presente e com as promessas fáceis do melhor dos futuros. Tudo se passa como se as Oposições não perdoassem à União Nacional que tenha verdadeiramente evoluído, segundo as linhas expressas pelo Presidente do Conselho e interpretadas pela Comissão Executiva na heterogeneidade dos candidatos que apresenta: como se as Oposições não perdoassem o clima de abertura da hora actual (...). Porquanto nós, nós U. N., queremos e exigimos a participação activa das populações no progresso que o País exige, os direitos à educação, à habitação, à saúde, ao trabalho, à segurança social, à melhor redistribuição do rendimento, à aceleração do progresso ou, numa palavra, a tudo o que permita à realização dos direitos fundamentais do Homem. Para querer atingir esses objectivos não precisamos de denegrir o passado, próximo ou afastado. Muito menos de esfacelar Portugal. Do passado queremos aproveitar o que de válido se contém e que, antes da campanha eleitoral, alguns elementos grados das Oposições reconheciam. Estamos voltados ao futuro, meus senhores (...). O problema do Ultramar só pode oscilar entre duas posições inequívocas: a permanência ou o abandono (...).*

No final, a assistência, depois de vitoriar o Presidente do Conselho, entoou o Hino Nacional.

Uma política de turismo de massa — defende a C. D. E. de Braga

Os candidatos da C. D. E. de Braga, que têm publicado uma série de documentos de estudo sobre alguns dos mais importantes problemas nacionais, deram a público um sobre a política de turismo». Depois de salientarem que «o nosso País tem condições especialmente favoráveis para a exploração da indústria do turismo», afirmam que o regime não criou as indispensáveis infra-estruturas para a nossa industria e adoptou um critério selectivo visando fundamentalmente o turismo de qualidade, ou seja, dirigido aos turistas ricos, em detrimento do turismo de massa, constituído pelas classes média e trabalhadora, no contacto com o qual o Povo Português poderia verificar, com os seus próprios olhos, o atraso em que nos encontramos...

E mais á frente, os candidatos da C. D. E. de Braga, escrevem:

«A promoção turística do país não pode ser feita á sombra de demagogias. Em 1966, por exemplo, de 1 929 428 turistas entrados no nosso País, 836 053 eram espanhóis, constituindo 43,3 por cento do total, isto é, turistas de torna-viagem. Ora, dos 17 251 746 turistas entrados na Espanha no mesmo ano, só 1 176 312 eram portugueses, isto é, apenas 6,8 por cento do total. Quer dizer, a promoção e desenvolvimento do nosso turismo têm de ser orientados com vistas a chamarem fundamentalmente o turista de fora da Península Ibérica, eliminando as limitações deliberadas que o Governo tem erguido através de uma política dirigida essencialmente aos muito ricos e criando as bases de uma concorrência de mercado com os nossos vizinhos que leve o turista europeu a atravessar a Espanha e a fixar-se em Portugal».

E prosseguindo:

«Nós entendemos que o principal objectivo da política do turismo deve ser o de conduzir o país, fundamentalmente, para o caminho seguro do turismo de massas. E isto por várias razões: a) — porque não tardará que soframos a concorrência, não só neste sector, dos países do Norte de África; b) — porque uma política de turismo de massa, alargada ao país e interessando o país, encontraremos mais um elemento importante a jogar na reconversão agrícola, quer como agente de absorção de excedentes de mão-de-obra, quer como elemento de produção sócio-económica; c) — porque a orientação dada até agora possibilitou a entrada de avultados investimentos estrangeiros, naturalmente seduzidos pelas enormes possibilidades que o nosso País oferece, nas principalmente pelo preço dos terrenos e baixo custo de mão-de-obra, reduzindo tudo isto num apreciável rendimento para o seu capital, rendimento que nos foge das mãos. Ora, estes investimentos longe de permitir um desenvolvimento harmónico das regiões onde são aplicados, constituem um poderoso motivo para as manter atrasadas a fim de não se alterarem os dados que possibilitam esse rendimento avultado para o capital investido».

Segue-se um pormenorizado «plano nacional e regional de turismo», e conclui-se:

«A política do turismo não pode em circunstância alguma deixar de basear-se numa autêntica política nacional. Se o que se aponta como achega para a solução do problema turístico no nosso País, visa criar as condições para a vinda de fortes correntes de turistas estrangeiros, temos bem presente que, primordialmente, as medidas apontadas visam a melhoria das condições de vida dos portugueses.

O aumento do nível de vida, a melhoria das redes de comunicação e dos transportes, a formação profissional, a correcta planificação das actividades turísticas, as manifestações culturais e desportivas, se são factores de promoção turística, são antes de mais nada reivindicações legítimas do nosso Povo por que lutaremos decidida e determinante na Assembleia Nacional».

vale a pena medi-lo aos contos de reis

Percorra palmo a palmo o Viva Standard. Procure conhecer concretamente as vantagens que ele oferece:
Linhas simpáticas e elegantes, espaço interior vasto, mas aconchegado, condução rápida e segura, grande porta-bagagens, motor saudável e resistente (57 Hp às 5400 r.p.m.).
Depois, no seu concessionário Vauxhall, pergunte o preço. Verá que vale a pena medi-lo aos contos de reis.

VAUXHALL
VIVA STANDARD

57 contos de boa marca

Um produto GENERAL MOTORS montado em PORTUGAL com assistência técnica em todo o País

Carta dos candidatos da Oposição Democrática ao povo de São Miguel e Santa Maria

«Amigo:

O programa que a lista democrática vai defender na campanha eleitoral obedece em todos os pontos a esta regra: nenhum programa de reforma que tenha por fim melhorar as condições e o nível de vida da população poderá ser feito sem que préviamente sejam consultados todos os cidadãos, os quais deverão, não só escolher as reformas que mais desejam, mas também quais as pessoas que as devem executar.

Mas isto não é tudo.

Uma vez feita a escolha do programa e dos seus executores, não deve cada um assistir passivamente á aplicação do programa: deve nele intervir e participar activamente, quer corrigindo-o, quer impedindo desvios, quer acelerando o seu processo, quer conduzindo ele próprio a sua marcha.

Se o povo fizer isto, diz-se que está a participar na política e na administração do País.

Isto deve ser assim por esta razão evidente:

— Porque só a população ou seja, o Povo, é que é o verdadeiro juiz daquilo que lhe convém. Por isso, se o Povo não for constantemente chamado a pronunciar-se sobre aquilo que lhe convém, a fiscalizar e conduzir as reformas, o que fatalmente acontece é que tais reformas acabam por ser feitas para beneficiar um pequeno grupo de pessoas — á custa está claro do resto da população.

Os democratas entendem que o País não deve ser governado por nenhum grupo porque pertence a toda a população.

Mas é claro que a população para se esclarecer bem sobre o que realmente deseja, precisa de discutir os problemas com os amigos, com a família, com os companheiros de trabalho, com os trabalhadores do País e até com os trabalhadores do mundo inteiro. Ora para que o Povo possa fazer isso bem, necessita dizer livremente o que pensa, tanto a falar como a escrever e muito principalmente a escrever para os jornais.

Esta é, pois, a primeira condição para que o Povo possa válidamente participar na política e na administração do País:

Liberdade de palavra, liberdade de expressão, liberdade de Imprensa.

Esta liberdade não existe actualmente em Portugal, mas os democratas lutam para que ela exista.

Também já se viu que para os problemas poderem ser discutidos é necessário que as pessoas se reunam livremente. Num país qualquer, se um pequeno grupo de pessoas segura o poder e governa, está claro que recearão essas reuniões porque através delas podem as suas manobras ser descobertas. Então esse grupo de pessoas e o seu governo fará uma lei que só permitirá as reuniões se forem autorizadas... por eles próprios!

Quando existe uma lei dessas, não há liberdade de reunião. Esta é a segunda condição da democracia:

Liberdade de reunião.

Em Portugal não há liberdade de reunião e os democratas lutam para que ela exista.

Mas não basta que haja liberdade de expressão e liberdade de reunião: também é necessário que todos se possam organizar segundo as suas opiniões para que possam ter os seus jornais, para que possam fazer propaganda das suas ideias, para que possam, enfim, combinar entre si qual a melhor forma de fazer triunfar as suas ideias.

Ora essa associação de pessoas com as mesmas ideias é também proibida em Portugal. O Governo entende que só pode haver um único grupo de pessoas — o dele próprio, a que chama, de certo por graça, União Nacional. Os democratas lutam para que exista a mais ampla *liberdade de associação.*

Poderás pensar: mas não está agora o Governo a autorizar o aparecimento de outros grupos? Não está a permitir que apareça outra lista além da «União Nacional»? Sim: mas só durante um mês. Depois tudo acaba. Ora o que se pode fazer num mês, quando a União Nacional tem 40 anos e continuará a existir mesmo depois das eleições?

É que o hábito de discutir criticar, de se reunir e de se associar leva tempo a formar-se. Não é num mês que se criam esses novos costumes; é muito provável, até, que não havendo esses hábitos, a princípio se pratiquem alguns erros (e foi o que se passou nos outros países). Ora chega a ser engraçado ver os partidários do Governo agir face aos erros do Povo: dizem eles então que como o Povo erra, isso demonstra que esse Povo não pode participar no Governo. E como não pode, de novo lhe retiram todas as liberdades. Ora como sem liberdade não se criam hábitos, por esse caminho o Povo ficaria eternamente na sujeição. Além do que esquecem-se, eles, os da União Nacional e do Governo, que também praticam erros, e dos grandes, apesar de terem todas as liberdades que desejam.

Os democratas lutam para que continuem depois das eleições as liberdades — e ainda assim muito insuficientes — que durante um escasso mês eleitoral são concedidas ao Povo.

Mas não se limitam os democratas a desejar sòmente que seja o Povo Português a participar na administração e a governar-se a si próprio.

«Nos Açores... é bastante pior do que no Continente»

Os democratas têm também um programa de reformas sociais e económicas por meio das quais pretendem evitar a continuação da enorme pobreza que aflige o Povo Português e, especialmente o Povo dos Açores!

São muitas as razões que levam os democratas a pensar que há necessidades de reformas. Alguns dão mais importância a umas razões, outros dão mais importância a outras razões. Mas pode-se dizer que num ponto estão todos de acordo; é que, para as pessoas poderem discutir livremente, para se poderem reunir e organizar, precisam de ter o mínimo de nível de vida. Com isto quer-se dizer que não é possível pedir, por exemplo, a um homem que é casado, tem três filhos ou quatro, ganha 40 ou 50 esc. por dia, tem uma casa miserável com um ou dois pequenos quartos para a família toda, que come mal, só come carne quando o rei faz anos, vê-se aflito com médicos e com remédios, anda descalço todo o dia e trabalha como um escravo, não se pode pedir a um homem assim, que pense, que leia, que critique, que se reuna com os outros, que se organize com outros. Ele nunca o poderá fazer porque não tem dinheiro para comprar jornais, porque não tem tempo para ler, porque anda sempre preocupado com a forma de ganhar o pão do dia seguinte, para si e para a família. O homem analfabeto, sofredor e cansado, que adivinha para os seus filhos e os seus netos um destino igual ao dele, não tem força, não pode fazer nada, não sabe fazer nada. Tudo isto significa: abaixo de um mínimo indispensável, um homem não consegue ser livre.

Portanto é necessário dar-lhe esse mínimo indispensável, sem o qual, mesmo que tenha as liberdades atrás mencionadas, ele práticamente não as pode usar.

Ora sucede que a grande massa dos portugueses não tem esse mínimo indispensável. Na Europa, o homem português, é o que vive pior. Nos Açores... é bastante pior do que no Continente: existem diversas maneiras de mostrar isso, mas socorremo-nos, para já, de dois elementos que temos aqui á mão: por exemplo, no Continente usa-se cinco vezes mais electricidade do que em São Miguel; no Continente, cada 1250 habitantes têm um médico, mas cá só há um médico por 3200 habitantes!

Temos outros elementos para comparar o que se passa cá e o que se passa no estrangeiro: o micaelense come por ano 7 kg de carne, o inglês, francês, etc., come á volta de 70 quilos: quase dez vezes mais! Quanto a divertimento, — cá sòmente cinema — o europeu vai aproximadamente 70 vezes por ano a espectáculos, e o micaelense... 4!

Um dos problemas mais graves é o das casas, tanto aqui como no Continente. Direito á casa, assim como direito á alimentação, ao trabalho e á assistência, faz parte daqueles direitos sem os quais o homem não tem o mínimo indispensável. Mas como fazer casas se as pessoas não têm dinheiro suficiente para as pagar ou tomar de arrendamento? A resposta já foi, há muito encontrada no estrangeiro: o Estado ou organismos do Estado é que têm de construir as casas, ou, pelo menos, a maior parte delas. Em Portugal o Estado nada ou quase nada faz! Como o Povo não se faz ouvir — porque não pode e porque não o deixam — o Estado continua a não fazer casas.

Outro problema é o dos salários daqueles que trabalham. O trabalho é mal recompensado em Portugal, a começar no trabalho rural e a acabar nos funcionários públicos; mas o dinheiro, a empresa, as riquezas e a terra dão bom rendimento. Quase se pode concluir que em Portugal não compensa trabalhar! Exemplo disto, aqui mais perto de nós, é precisamente a terra. A terra dá renda ao proprietário, mas quem a trabalha realmente sabe que mal dá para si. No entanto é do trabalho que resultam os produtos! Parece pois ser necessário que o proprietário receba menos e o rendeiro e o trabalhador mais. Mas isto só se pode fazer se a lei dos arrendamentos for muito alterada.

Por outro lado, não podem os trabalhadores ficar sujeitos a haver ou não serviço; por isso também tem de ser fixado um mínimo de salário.

«Juros de 15 e 20%!»

Ligada ainda a este problema da terra está a questão do dinheiro de que o agricultor necessita; se ele não tem terra para oferecer de garantia tem de pedir dinheiro ao particular, que o empresta a juros altíssimos.

É frequente o juro de 15 e até 20 por cento! É uma autêntica exploração, ainda por cima proibida pela lei que não permite o juro a mais de 10 por cento. Aqui está um interessante caso em que não basta a lei proibir, pois como todos sabem, aquele que empresta faz com que aquele a quem empresta assine um papel contendo uma quantia superior á real. Por isso, o que pede emprestado, aflito, com a corda na garganta, assina o que o outro quiser. Na verdade o que se torna necessário é que um banco do Estado empreste o dinheiro aos agricultores. E o mesmo se dirá para os que pretendem emigrar, que na ansia de sair, chegam a pagar, a quem lhes empresta, o dobro do que receberam! Há neste campo uma especulação desenfreada e injustíssima que só pode acabar com facilidades a conceder pelo Estado.

Outro problema: o do Ensino. Vão ao liceu os filhos de todos menos os do camponês e do operário. Porquê? Têm estes menos direitos? O ensino liceal deveria ser gratuito para todos os jovens, uma vez que a juventude é a idade em que não se deve trabalhar mas antes aprender e fazer jogos. Aqui, no Distrito de Ponta Delgada, ainda existem muitas costureiras e criadas de servir com 12 e 13 anos e trabalhadores de enxada da mesma idade. Em parte nenhuma da Europa isso sucede!

Outro ponto que deve ser mencionado é o da venda dos produtos da terra que são comprados a preços muito baixos pelos intermediários e vendidos por estes ao consumidor a preços altos. Quer dizer que o agricultor nada ganha com isso; o intermediário bem sabe que o agricultor venderá os produtos logo que os colhe, pois precisa imediatamente de dinheiro para tudo, inclusive pagar a renda. E como precisa de dinheiro e depressa, vende por preços baixíssimos. Impõe-se, por isso, defender o trabalhador e o rendeiro destes intermediários, devendo o Estado promover a organização de cooperativas e subsidiá-las, para que o agricultor possa, ele próprio, vender directa-

(Continua na página 20)

Cartazes da Comissão Eleitoral Monárquica expostos no centro de Lisboa

manifesto

Da Oposição Democrática ao povo de Viseu

A Oposição Democrática de Viseu dirigiu ao Povo do distrito uma «proclamação» na qual se afirma:

1. De harmonia com um preceito legal obrigatório fixou o Governo o dia 26 de Outubro próximo para a eleição de deputados à Assembleia Nacional que, como se sabe terá poderes constituintes.

Desde sempre os democratas deste distrito, como, aliás, os de todo o País, reivindicaram o direito de intervir na «res publica», designando, através de eleições livres e sérias, os seus representantes. Tratava-se, como ainda se trata, de um processo democrático, comum a todos os povos civilizados e a única via legítima para auscultar os anseios e aspirações das populações quanto à direcção que deverá ser imprimida ao governo da Nação

Em 1968 operou-se no País uma significativa mudança na direcção dos negócios públicos. Ao génio sucedeu um homem que diz pretender ser considerado igual a tantos outros e que (sinceramente?) se mostra disposto a facilitar a evolução do sistema para novos horizontes, restabelecer a convivência e o diálogo como pressupostos indispensáveis da união de todos os portugueses.

Se não se trata de uma simples mudança de estilo, estamos, certamente, no limiar de uma viragem histórica, fatalmente frutuosa e benéfica para os destinos da grei! É que, necessàriamente, não será já possível regressar ao sistema que caracterizou a governação pública e teve até marcada influência no próprio desenvolvimento do indivíduo, no contexto das suas relações com o meio ambiente em que se criou e cresceu!

2. A esperança levou os signatários e com eles milhares de democratas dos mais variados sectores políticos, sociais e profissionais a renovar uma experiência: a efectiva participação eleitoral, na crença de que, para além de um dever cívico que é instrumento de progresso e índice de autêntico desejo de convivência, lhes cumpre a patriótica missão de colaborar activamente na opção das soluções que melhor correspondam aos interesses nacionais.

Verificado — não obstante toda a defeituosa informação que imperou no País nos últimos 40 anos e que o poder económico constitui uma força de pressão impeditiva da livre determinação dos indivíduos que buscam produzir mais e melhor e mais justamente distribuir a riqueza que criam com o seu honrado labor, seria rematada falta de bom-senso e renúncia injustificada aos ideais que acalentamos deixar em campo, sós aqueles que, curando antes de tudo dos seus interesses pessoais, conduziram o País ao plano de inferioridade em que se encontra no concerto das nações chamadas ocidentais!

Não obstante as carências que afectam a Oposição Democrática (falta de organização que o período eleitoral, por demasiado curto, não consente realizar na medida do estritamente necessário, a ausência de uma fiscalização autêntica do acto eleitoral, ou o seu entorpecimento através de preceitos que impedem o seu livre exercício, a dependência económica dos indivíduos em relação ao Governo ou a empresários que gozam de privilégios por este concedidos e até relativamente a pessoas que, por força das suas posições na máquina estatal, dispõem de poderes, etc.) a mesma contém por si virtudes latentes.

Essa ocasião surge agora com a eleição para deputados!

3. Nenhum dos candidatos da Oposição Democrática deste distrito ocupou até hoje o menor cargo público nos órgãos do Estado ou da organização corporativa que lhe serve de suporte.

E, lógica e irrefutàvelmente, que os motivos que os determinaram ao longo da sua vida, como, aliás, neste momento, têm as suas raízes na devoção ao povo donde provieram e ao qual se mantêm fiéis, nunca na esperança de conquistarem situações materiais que o seu trabalho não justifique plenamente.

É, assim, com o crédito que lhes advem aquelas circunstâncias que os candidatos da Oposição Democrática prometem lutar, se eleitos, pelas reivindicações mais instantes do povo português que se encontram expressas na plataforma de acção comum aprovada no encontro de S. Pedro de Muel, do dia 15 de Junho do corrente ano, com especial relevo — dadas as características das populações do distrito de Viseu da reforma agrária e suas inserções no complexo social que lhe há-de corresponder, designadamente as relativas á reforma dos trabalhadores rurais, dos pequenos e médios lavradores na velhice e invalidez, crédito agrícola, associação na produção e comercialização dos produtos da terra, instalação de indústrias a partir do aproveitamento destes, valorização dos produtos agrícolas em correspondência com os da indústria e custos dos serviços, transportes fáceis e acessíveis, técnicas de exploração ao alcance dos proprietários, isoladamente ou associados em cooperativas de produção ou outra forma que assegure melhor rentabilidade, habitações higiénicas e ao nível dos trabalhadores industriais (nesse aspecto mais favorecidos) etc., etc., sem esquecer o drama em que debate todo o País: a emigração maciça da população, procura no estrangeiro o que não conseguiu na sua terra!

Vão, pois, juntamente com todos aqueles que os apoiam, continuar um combate que vem de longe e se insere nas mais genuínas tradições do povo da Beira, que através da sua história deu exemplos admiráveis, plenos de coragem e lucidez, ao lutar pela causa da Liberdade, do Progresso Social e da Justiça!

Será de resto a forma mais válida de prestar homenagem a todos aqueles que, digna e firmemente, não se deixaram vencer nem pelo desânimo nem pelas aliciantes tentações do poder.

Com o exemplo de todos quantos baquearam na defesa dos ideais democráticos e com os olhos postos na juventude e com eles todos os que lhe prestam a sua colaboração — estão prontos para mais uma campanha eleitoral, que será, ao mesmo tempo, exercício das virtudes democráticas e manifestações de fé e esperança nos destinos do povo português.

4. Os candidatos designados querem auscultar os homens do seu distrito; os que trabalham nas cidades e vilas, com os que labutam nos campos; os mais velhos, com os mais novos; os de todas as profissões, qualquer que seja a sua condição social e económica; os patrões e os empregados; os produtores e os consumidores; toda a gente, ao cabo, para conhecer directamente as suas queixas, os seus problemas, as suas necessidades mais prementes e os seus anseios e com ela discutir fraternalmente as soluções que se mostrarem mais válidas e devam, por isso ser adoptadas.

Não se consideram, portanto, mais do que simples e desinteressados intérpretes da vontade dos povos do distrito; e nem sequer supõem estar na sua mão os méritos de uma vitória para a qual se coligaram

Esta pertencerá por direito aos cidadãos deste distrito que conscientemente, sem medos nem hesitações, devotadamente com sacrifício pessoal, e até com riscos á vista, se disponham a lutar, dando o seu valioso apoio ás candidaturas, constituindo comissões, esclarecendo os seus vizinhos e companheiros de trabalho, ajudando nas múltiplas tarefas que a campanha eleitoral exige, dedicando-se, em suma, num esforço comum, perfeitamente solidário, a conquistar para todos os portugueses a dignidade a que, moral e materialmente, aspiram os homens livres de todas as raças e credos!

aa) *Alvaro Monteiro — Armando Santos Lopes — Augusto César R. Anjo — Jaime G. Gralheiro — Manuel Pereira Cardoso — Mário Gomes da Silva.*

Da União Nacional de Castelo Branco

Da Comissão Eleitoral da União Nacional do Distrito de Castelo Branco, recebemos o seguinte comunicado, seguido de um manifesto:

«Vem hoje de novo esta Comissão Eleitoral á presença do eleitorado do distrito por intermédio da Imprensa.

A propósito, não quer deixar de referir e agradecer, não só o acolhimento dado ao seu primeiro comunicado, mas também realçar a isenção e objectividade com que tem vindo a ser noticiado o desenrolar da campanha eleitoral.

Esta referência é de inteira justiça e, por isso, muito gostosamente se faz.

No prosseguimento do seu plano de esclarecimento dos seus eleitores, apresenta agora esta Comissão as linhas gerais do pensamento da respectiva candidatura, pensamento que irá nortear a acção dos seus representantes na Assembleia Nacional. É claro que se não tem a pretensão de apresentar um programa pormenorizado, que seria excessivamente extenso, mas apenas as suas ideias-mestras.

Tal programa é, evidentemente, o dos nossos candidatos, naturalmente também o é desta Comissão Eleitoral e, portanto, da União Nacional do distrito mas crê-se firmemente que corresponde também ao pensamento da grande maioria dos eleitores do círculo e, nessa convicção aliás, foi elaborado e adoptado.

Conforme referimos no nosso primeiro comunicado, os deputados á Assembleia Nacional são «Deputados da Nação», escolhidos por círculos. Por isso também as linhas programáticas da sua actuação devem desdobrar-se em dois planos: o nacional e o regional. São como se disse já as ideias-mestras dessa actuação que a seguir se apresentam. Esta semana, porém, dar-se-á maior desenvolvimento aos assuntos de âmbito nacional, não só por naturalmente condicionarem os restantes (um dos lemas desta candidatura é a justa subordinação dos interesses individuais ao interesse geral), mas também, no plano dos problemas regionais, por que os nossos quatro candidatos não tiveram ainda, como é natural, tempo para contactar com pessoas de todos os concelhos do distrito, a fim de se inteirarem das principais necessidades e aspirações locais.

Por este motivo, só em próxima oportunidade tratarão com o desenvolvimento requerido desta matéria através da Imprensa ou em sessões públicas de esclarecimento, para além do que têm vindo a fazer em reuniões informais nos concelhos e nas freguesias.

Regista ainda esta Comissão Eleitoral da União Nacional, com o maior gosto, as perguntas e os pedidos de entrevista dirigidos aos candidatos pelos vários órgãos da Imprensa regional do distrito e aproveita para esclarecer que os srs. eng.º João Forte, Araújo Correia, João Paulo Catello Branco e dr. Rui Pontífice chegaram a pensar responder já a umas e outras. Pareceu porém preferível, depois de ponderar o assunto, aprazar tais respostas para a próxima semana, de modo a que entretanto os candidatos da União Nacional pudessem ter tido mais contactos directos com os eleitores ao nível dos concelhos e das freguesias, no prosseguimento do plano de visitas em curso a que atrás nos referimos.»

LINHA DE RUMO

«1 Renovação e Continuidade.

É esta a base de toda a actuação futura dos candidatos da União Nacional de Castelo Branco.

Renovação e continuidade conforme repetidamente definida desde início pelo actual Presidente do Conselho, e conforme tem vindo a ser praticada pelo Governo da Nação.

Reconhecem-se todos os aspectos válidos da obra de continuidade mas quer-se «mais e melhor». A nossa atitude é reformista — «aceitando o presente como ponto de partida para o futuro», na construção do «Estado Social», tal como foi definido por Marcello Caetano. E comunga-se, com fé, na orientação de convergência política, patrióticamente válida e útil.

2. Considera-se, como o Prof. Marcello Caetano, que «é preciso que, cá dentro e lá fora, fique bem claro que o povo português está com o Governo na sua política de progressivo desenvolvimento e crescente autonomia das províncias ultramarinas.

«É preciso que, cá dentro e lá fora, fique bem claro que o povo português prefere um clima de ordem pública e de paz social em que as reformas necessárias ao fomento do País, á promoção social e ao bem-estar dos Portugueses vão sendo feitas com resolução e com firmeza, mas com segurança também».

Defende-se uma ordem político-jurídica em que sejam eficazmente protegidos todos os direitos da pessoa humana, tais como o direito á existência e a um digno padrão de vida: os direitos de livre união e de se associar livremente; o de exprimir a sua própria opinião e de professar a sua religião em particular e em público; o direito a uma informação objectiva que deve consubstanciar-se na promulgação de uma Lei da Imprensa; o direito de participação activa dos cidadãos na vida pública em saudável pluralismo, porém através de esquemas funcionais mais orgânicos do que os actuais.

Entende-se que a próxima legislatura deverá debruçar-se com especial atenção sobre esta matéria.

Mas toda a pessoa humana tem também deveres para com o corpo social, uma vez que a liberdade de cada um é condicionada pela liberdade dos outros. Por isso se aceita a autoridade legítima e se defende a ordem e paz social como indispensável condição de progresso e repudia-se o comunismo e todas as formas de totalitarismo como atentatórias de todas as liberdades.

3. Pretende-se trabalhar, na dura batalha da produção, para um progresso técnico-económico que abranja toda a população, sem, porém, cair na materialização pura e simples da vida.

Em qualquer dos sectores — Primário, Secundário e Terciário — procurar-se-ão estudar soluções válidas com continuidade e não de emergência, que levem á reestruturação da organização corporativa, que deve englobar aquelas soluções novas que os dados dos problemas a resolver impliquem.

Assim, para o sector agrícola se perfilha, na produção soluções cooperativistas e na comercialização a formação de sociedades mistas

Para a Indústria, pretende-se o aperfeiçoamento do sistema de planeamento na-

(Cont. na pág. 14)

Impõe-se uma revisão e actualização

Francisco Rolão Preto

Francisco de Sousa Tavares

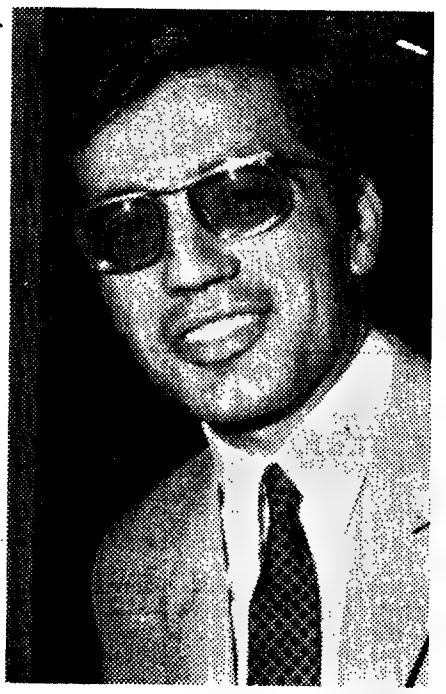
Conclusão da mesa-redonda em que intervieram Francisco Rolão Preto (C. E. M.), Francisco de Sousa Tavares (C. E. U. D.) e Joaquim Mestre (C. D. E.), Actuou como moderador o nosso camarada de Redacção Amadeu Lopes Sabino.

MODERADOR — Com excepção da última intervenção do dr. Sousa Tavares, tem ficado relativamente omissa das posições dos presentes uma referência à posição dos respectivos movimentos face à integração europeia e aos organismos que a intitucionalizam, nomeadamente a E. F. T. A. (da qual Portugal faz parte) e o Mercado Comum. Proponho, portanto, que as vossas intervenções se centrem agora sobre esse ponto.

ROLÃO PRETO — Eu penso que, em princípio, o nosso movimeinto não se afasta de todas as hipóteses europeias e de todas as tentativas de integração ocidentais. O movimento político interno não tem, porém, a esse respeito a informação necessária para poder desde já anunciar, com nitidez, o que seria possível fazer num Parlamento com as características do actual. Penso, pois, que definindo embora a simpatia que nos merece tudo quanto seja a organização dos mercados e a organização de uma Europa Unida, não encaramos o problema com a segurança de poder determinar neles uma intenção desde já declarada.

JOAQUIM MESTRE — A posição da C. D. E. sobre os movimentos de integração europeia não está pròpriamente definida. No entanto, a título pessoal, e na medida em que há determinados princípios e determinada análise, eu diria que o movimento de integração europeia nos termos e nos moldes do Mercado Comum parece-me ser para o regime vigente em Portugal a única forma de sobrevivência no caso de continuar a guerra colonial. Explicando melhor: está-se a dar no nosso País uma transformação bastante grande no sentido do desenvolvimento neocapitalista. Esse desenvolvimento capitalista ou neocapitalista vai necessitar de uma enorme soma de capitais, portanto, de uma acumulação de capital, que não estará disponível, como é óbvio, no caso de continuar a afectação de grande parte da receita nacional à guerra colonial. De modo que o desenvolvimento capitalista em Portugal terá que se fazer de uma das duas formas ou terminada a guerra colonial, é possível afectar os capitais que ora são gastos em despesas não reprodutivas, em investimento nacional; ou, a continuar a guerra colonial, a única via de actualização das estruturas produtivas nacionais só pode ser o recurso massivo ao crédito externo. Esse recurso massivo ao crédito externo far-se-á de maneira bastante favorável, dentro dos quadros do Mercado Comum. É claro que essa política levará e conduzirá o País (já há actualmente graves indícios nesse sentido) a uma perda cada vez maior da sua independência e da sua capacidade de determinação própria, porque o recurso a capitais privados ou públicos externos, como é do conhecimento geral, acarreta sempre dependências de ordem política extraordinàriamente graves.

SOUSA TAVARES — Eu não tenho sobre este ponto, nem a posição de Rolão Preto, nem a de Joaquim Mestre. É evidente que a E. F. T. A. é um organismo condenado a desaparecer, foi, aliás, um organismo puramente artificial, que procurou responder ao Mercado Comum, sem pôr o mesmo problema de integração ou de superação nacional. Quer dizer, pelo contrário, a E. F. T. A. afirmava linearmente que não queria ser uma organização supranacional, apenas uma organização de libertação do comércio externo entre várias nações. Uma organização de comércio-satélite da Inglaterra, em que os países da franja europeia, quer dizer, os países não ligados ao coração do Mercado Comum, arranjavam uma situação transitória, enquanto não fosse possível o seu diálogo ou o seu entendimento progressivo com o Mercado Comum. A adesão da Inglaterra ao Mercado Comum é uma coisa que está no horizonte; mais tarde ou mais cedo ela terá de se dar, estou pessoalment convencido disso, e isso acarretará em definitivo o periclitante equilíbrio, já hoje agónico, da E. F. T. A. Nessa altura, pôr-se-á, progressivamente, um a um, a adesão dos países europeus ao Mercado Comum. A adesão de Portugal ao Mercado Comum, para mim, não é problema de continuação ou não continuação da guerra colonial Estou convencido, aliás, que nunca com a continuação da guerra colonial nós seriamos admitidos no Mercado Comum. Portanto, aqui tenho precisamente uma posição integralmente antagónica, quer dizer, tenho a certeza de que a solução do nosso problema do Ultramar seria uma condição posta à cabeça para uma possível entrada, ou sequer uma adesão limitada, de Portugal no Mercado Comum O que eu penso é que a distância que nos separa de uma possibilidade de admissão ao Mercado Comum torna-se dia a dia, e infelizmente, mais problemática. Penso que ela é uma adesão natural e que devemos desejar como uma das metas da política externa portuguesa. Porque, sem dúvida, a nossa vocação, que, aliás, fazemos muitas vezes o possível por trair, tem de ser e deve ser a de país europeu De país europeu e de país ocidental europeu. E, portanto, a nossa adesão ao Mercado Comum, eu considero-a uma meta a alcançar. Pôr Portugal em posição de realmente poder aderir ao Mercado Comum. Duvido é que isso seja possível nos anos mais próximos, a não ser que seja criada a nosso favor uma situação particular pelos próprios organismos do Mercado Comum e a adaptação da nossa economia aos países do Mercado Comum, do que ela está completamente afastada. Quanto ao aspecto de capitais, eu gostaria de corrigir uma ou duas ideias e que são estas: não creio que seja possível nenhuma espécie de desenvolvimento, nem socialista, nem capitalista, nem por via socialista, nem por via capitalista, sem uma concentração de capital. Foi isso, aliás, o que o regime estalineano fez na Rússia. Foi um sacrifício do consumo à concentração de capital



Joaquim Mestre

necessário ao seu desenvolvimento industrial. O que penso é que para essa concentração de capital, necessária a um desenvolvimento rápido do País, não será bastante a parte do orçamento distraída para as guerras coloniais. Quer dizer, mesmo além dessa parte do orçamento hoje absorvida pelo esforço militar é evidente que se nós quisermos um desenvolvimento rápido e que não envolva um grande sacrifício ou ainda um maior sacrifício do que aquele que já tem estado a ser pedido inùtilmente à população portuguesa, e que nessa altura eventualmente poderia ser pedido ùtilmente (mas é difícil pedir-se sacrifícios úteis depois de se ter durante quarenta e tal anos pedido sacrifícios inúteis), eu creio que sem esse sacrifício, pelo menos durante um longo período, da população portuguesa não seria possível a concentração de capitais necessária a um desenvolvimento rápido do País. Portanto, quer dizer, esses capitais ou nos virão de ajuda exterior ou então só poderão ser obtidos, de facto, com sacrifício prolongado do consumo, o que me parece muito duro de exigir à população portuguesa. Isso seria de facto também uma das vantagens que eu veria numa eventual adesão de Portugal ao Mercado Comum. Não veria, portanto, aí, de forma alguma, uma possibilidade de continuação da guerra colonial, porque estou até convencido que a finalização dessa guerra será uma das exigências necessárias para a nossa entrada no Mercado Comum

MODERADOR — Nos últimos anos a política externa do Estado Novo tem sido colocada perante uma opção que na medida do possível tem procurado escamotear — as relações com os Estados socialistas. Apenas com Cuba mantemos neste momento relações diplomáticas. Eu peço aos presentes que indiquem as posições dos três movimentos respectivos relativamente a este ponto, portanto, relações com os Estados socialistas. -

ROLÃO PRETO — Considero que todas as relações com os Estados socialistas devem ser aproveitadas e se deve procurar desenvolvê-las. E não só com os Estados socialistas, mas com todas as nações do Mundo. Parece-nos que esse preconceito a respeito dos países socialistas é absolutamente absurdo. Devemos procurar através do mundo todos os caminhos de cultura e todos os caminhos de evolução económica. E, de facto, aquilo que se encontrar de bom na experiência socialista não há nenhuma razão para que não possa ser aproveitada na nossa própria experiência.

SOUSA TAVARES — Já disse numa das minhas intervenções anteriores que considero absurdo o estabelecimento ou não estabelecimento de relações diplomáticas baseadas numa discriminação ideológica. E, portanto, entendo que o reatamento de relações com todos os países socialistas, ou pelo menos com aqueles que se justifiquem por uma questão de, não quer dizer que nós possamos, talvez, até por uma questão de economia, ter missões diplomáticas nos 125 países que existem actualmente no mundo, e que crescem de dia para dia, mas é evidente que devemos ter relações com os países socialistas no mesmo plano com que temos com os outros países

JOAQUIM MESTRE — Eu regozijo-me, em primeiro lugar, por termos encontrado um primeiro ponto em que estamos todos de acordo. Quanto às relações com os Estados socialistas é conveniente, no entanto, distinguir as relações de carácter económico que este regime, embora camufladamente, nunca negou que devessem existir e as relações de carácter político, que, como já disse, têm sido objecto de uma discriminação de ordem ideológica perfeitamente ultrapassada hoje na Europa e no mundo. Se isto é verdade para uma sociedade mesmo de tipo capitalista, para mim, que defendo a viabilidade de uma sociedade de um tipo diferente, isto é, uma sociedade de tipo socialista, julgo naturalmente de primacial importância o estabelecimento das relações com os países socialistas de todo o mundo. Só assim seria possível, não meramente imitar modelos estrangeiros, mas escolher de todas essas experiências socialistas, que são hoje já uma grande aquisição sob os pontos de vista teórico, prático e histórico, colher desses movimentos, de toda essa evolução histórica, muito de útil para o nosso próprio País. Parece-me, portanto, que seria extraordinàriamente importante esse tipo de relações

MODERADOR — Nas vossas intervenções têm referido como necessária a normalização das relações de Portugal com o Terceiro Mundo. Eu queria perguntar se têm nesse capítulo mais alguma coisa a acrescentar e gostaria, aliás, que especificassem este ponto na sua relação com a eufemisticamente chamada «política ultramarina» do Estado português. Em que termos é que essa política ultramarina pode ser conciliável ou não com as relações com o Terceiro Mundo, nomeadamente com os Estados africanos? Ao dr. Rolão Preto, gostaria de pôr a seguinte questão: o vosso movimento pronuncia-se pela continuação do Ultramar no todo nacional e propõe uma solução unitária para o Estado português. Em que termos, é que essa solução unitária é conciliável com as relações com o Terceiro Mundo, que o vosso movimento também propõe? Ao dr. Sousa Tavares, farei uma pergunta um tanto similar: em que termos é que uma política de não abandono (embora com autodeterminação) proposta pela C. E. U. D. é conciliável ou não com as relações com o Terceiro Mundo, nomeadamente com os Estados africanos?

...ão da política externa portuguesa?

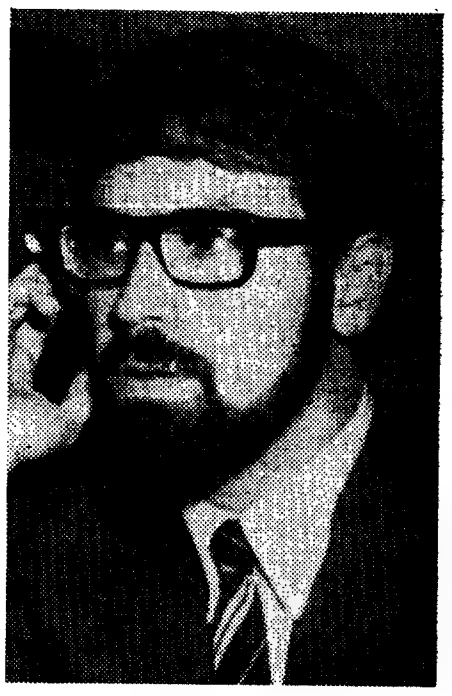
ROLÃO PRETO — Eu penso que as relações que se podem estabelecer entre Portugal e o Terceiro Mundo devem amanhã assumir um carácter social de justiça, o que será a primeira forma de desarmar a hostilidade que possa existir da parte desses povos para com o nosso País em função da nossa política ultramarina. Penso que um Estado disposto a realizar de facto, no plano da justiça social, as transformações necessárias que a evolução reclama, encontrará um caminho onde se não choquem as realidades políticas do Terceiro Mundo e as da nossa posição ultramarina

SOUSA TAVARES — Creio suficientemente explicada pùblicamente a posição da C. E. U. D. em relação ao problema ultramarino para a resposta à pergunta formulada não oferecer qualquer dificuldade. O não abandono é, quanto a nós, até uma condição para o estabelecimento das boas relações com os Estados africanos Não só não oferece qualquer dificuldade, como é uma boa condição, porque nenhum «leader» nem nenhum movimento africano consciente perdoaria a Portugal um abandono das suas responsabilidades em África. Recordo, por exemplo, que recentemente o problema existente entre a Espanha e a Guiné Espanhola, em que houve um conflito e até a ameaça de perigarem a vida dos espanhóis, foi imediatamente resolvido no momento em que o Governo espanhol se recordou das suas obrigações para com a Guiné e concedeu os créditos que os guineenses precisavam para poderem continuar o seu desenvolvimento e os seus programas de política interna. Portanto, é evidente, que só uma política de não abandono é que nos pode conduzir a boas relações com os Estados africanos.

JOAQUIM MESTRE — Eu penso que a política seguida pelo regime tem sido (embora não voluntàriamente, mas ela não poderia conduzir a outra coisa), tem sido voltar progressivamente costas ao Terceiro Mundo. Daí que hoje seja extraordinàriamente difícil a posição portuguesa nos organismos internacionais onde esse Terceiro Mundo tem uma posição de relevo e de predomínio. Essa política anti-Terceiro Mundo, ou contra o Terceiro Mundo, prosseguida por Portugal nos ultimos anos, deve-se fundamentalmente, mais uma vez á política colonial portuguesa. A política colonial portuguesa não pode ser admitida, nem permitida, pelo Terceiro Mundo, e daí a necessária hostilidade em relação ao nosso País. Desta posição em face do Terceiro Mundo têm derivado para Portugal algumas consequências bastante graves que não se vê como podem ser solucionadas e resolvidas no futuro. Refiro-me á tendência hoje nítida e marcada que há em fazer alinhar o nosso País, que se diz tradicionalmente anti-racista, com os países do eixo Salisburia-Pretória. Esta política para que Portugal está a resvalar, para além da negação de todo um passado anti-racista e de integração dos povos do Ultramar, traz consequências de ordem histórica bastante graves. E não se vê a curto ou a médio prazo qualquer possibilidade de, por um lado, nos aproximarmos do Terceiro Mundo, e de nos afastarmos, cada vez mais, da política da Rodésia e da África do Sul Ùltimamente pode-se dizer que esse pendor se tem acentuado duma maneira evidente, nomeadamente através da construção da barragem de Cabora-Bassa que vai ser de facto a pedra angular da política portuguesa em África de agora para o futuro. Levando o nosso País, e em especial Moçambique, a uma dependência económica e por conseguinte política, quase total da África do Sul e da Rodésia.

SOUSA TAVARES — Ponho restrições a isto que acabou de ser dito. Não conheço exactamente os termos da construção de Cabora-Bassa, nem das responsabilidades financeiras nem do sistema de financiamento, mas não podemos esquecer que Cabora-Bassa, é fundamental por exemplo, para a economia dum país negro independente que é a Zambia. País dominado pela economia do cobre, em crise no mercado mundial, e cuja deferenciação de produções é viabilizada, essencialmente, por Cabora-Bassa. Igualmente Cabora-Bassa também é fundamental á economia do Malawi. E ambos os países consideram a construção de Cabora-Bassa como fundamental para a sua independência e para a sua existência económica. Portanto, não gostaria de me pronunciar em termos definitivos sobre o problema de Cabora-Bassa, que considero um problema muito complexo e que não envolve, quanto a mim, uma determinação sobre a política portuguesa. Penso que uma política de desenvolvimento, mesmo em função das populações indígenas, desde que Cabora-Bassa não tenha sido construída com hipotecas que a gente não conhece em relação á Rodésia ou á União Sul-Africana, porque como já disse não conheço os termos da concessão nem dos financiamentos de construção, não creio que Cabora-Bassa seja realmente uma determinação forçosa da política portuguesa num ou noutro sentido. Pode ser sempre um elemento util de desenvolvimento, seja qual for a prossecução da política que se vier a verificar. Gostaria de acrescentar antes de acabar esta mesa-redonda uma referência especial ás nossas relações exteriores com o Brasil e Espanha, que considero fundamentais à expansão e ao próprio desenvolvimento da cultura portuguesa. Um dos problemas mais graves da cultura portuguesa, quanto a mim, tem sido o seu afastamento sistemático, pelo menos de há muito tempo a esta parte, da cultura espanhola. E isso é extraordinàriamente grave, e, além disso, a nossa própria proximidade com a Espanha não pode deixar de determinar um intercâmbio comercial e até financeiro, sem dúvida maior do que aquele que tem sido prosseguido até hoje. Nós temos mantido com a Espanha uma aliança ideológica de governos, que nada têm a ver com as boas relações, no ponto de vista de relações exteriores de dois povos, mas pràticamente separados nas suas inteligências, nas suas produções, na sua vida de nações, quer dizer, tem sido um entendimento de governos sem qualquer espécie de entendimento das nações. Isso, tenho a impressão, é uma coisa absolutamente necessária de modificar na nossa política exterior. Igualmente em relação ao Brasil era tempo de acabar de uma vez para sempre, com a retórica das relações luso-brasileiras e com as embaixadas enviadas sistemàticamente ao Brasil, com valores de cultura que não são reconhecidos como tal, nem cá nem lá. Era absolutamente necessário que se experimentassem meios práticos de intensificar, de facto, as nossas relações com o Brasil, pelo menos no aspecto cultural e no aspecto comercial. Portanto, refiro-me a uma política que talvez só possa ser possível no dia em que seja possível uma política de espírito em Portugal, isto é, em que o espírito não esteja em oposição ao Governo, ou o Governo em oposição ao espírito, e que, portanto, uma política que envolve a expansão do livro e da cultura portuguesa no Brasil, desejada, aliás, pelos brasileiros e que sempre tem levantado obstáculos que ninguém, não sei porquê procura remover, pelo menos no plano técnico. Igualmente o plano das relações comerciais com o Brasil que foi, algumas décadas ainda, um comércio produtivo do país, pràticamente, perdeu hoje quase toda a sua importância. Grande parte das nossas importações, ou pelo menos uma parte já hoje sensível das nossas importações industriais, poder-se-iam talvez começar a fazer do Brasil contra determinado tipo de exportações tradicionais, hoje abandonado. Tudo isso é muito mais positivo do que a eterna retórica da amizade e do mundo luso-brasileiro, procurando arrastar o Brasil para avalistas de posições colonialistas, posição essa que o Brasil tem sistemàticamente recusado tomar e que não me parecem ter qualquer espécie de futuro nas relações luso-brasileiras. Falar de comunidade luso-brasileira tem que assentar essencialmente numa comunidade de língua, de cultura, de interesses; sem isso, é única e simplesmente uma palavra vã da retórica. E o regresso, de facto, a uma sanidade e a uma verdadeira relação Brasil-Portugal em plano nacional, parece-me também um dos fins fundamentais da nossa política exterior a prosseguir e a iniciar.

JOAQUIM MESTRE — Sobre este tema das relações com o Brasil e com a Espanha, apenas gostaria de pôr uma certa nota realista. Estou convencido de que o intercâmbio entre esses povos e nós só existe, só é possível, e é procurado até espontâneamente, sem necessidade de grandes incentivos governamentais, desde que entre eles haja alguma coisa a trocar e a intercambiar. O que acontece tanto em relação à Espanha, como em relação ao Brasil, é que, sob o ponto de vista cultural, ambos são países florescentes a quem nós pouco podemos dar em troca, porque a nossa cultura de há 40 anos para cá é uma cultura paralisada, estagnada, impedida, e sob o ponto de vista económico, somos concorrentes quer em relação ao Brasil, quer em relação à Espanha. Ou concorrentes de produtos metropolitanos ou concorrentes de produtos tropicais e africanos. Resta a realidade política, resta o intercâmbio político possível, mas aí há naturais divergências, porque dos países, nem a Espanha, nem o Brasil, se tem deixado levar para um apoio internacional da política portuguesa naturalmente porque isso lhe acarretaria determinadas inimizades, determinadas impossibilidades internacionais, a que de modo algum, esses países querem estar sujeitos. Parece-me, portanto, que só uma alteração, e uma alteração bastante substançial, da nossa política é que poderia levar, é então sim espontaneamente, e então sim realmente, a uma aproximação com a Espanha e o Brasil.



Amadeu Lopes Sabino

ROLÃO PRETO — A Espanha e o Brasil são duas nações ambas caras à nossa estima. A Espanha é um povo cavalheiresco e ilustre, que muito admirados pela sua cultura e génio próprio. O Brasil, e a sua grandeza, são a nossa própria glória no Mundo. A razão, porém, de não termos ainda encontrado a fórmula de umas relações realistas e eficientes, está, evidentemente, na carência duma diplomacia que conheça a fundo o problema, talvez, o mais importante problema do nosso destino actual.

MODERADOR — Para terminarmos, eu perguntaria a cada um dos presentes se tem algo a acrescentar àquilo que já foi dito, numa perspectiva de clarificação das posições respectivas

SOUSA TAVARES—Eu gostava de acrescentar uma coisa, porque realmente não tomei claramente posição no problema de relações de Portugal com o Terceiro Mundo. Nessa altura a minha atenção foi desviada para uma pergunta directa do moderador. Claro que eu penso que nós devemos estreitar e intensificar as nossas relações com todos os países do Terceiro Mundo e penso, realmente, temos uma hipoteca a resolver antes de que isso seja possível. Essa hipoteca a resolver, é uma solução da nossa política africana. Por outro lado, penso que as relações dos países europeus ou ocidentais com o Terceiro Mundo envolve um problema de obrigação, hoje em dia que não pode de forma nenhuma ser ocultada. Eu sei que nós próprios estamos a resvalar ou a derivar para uma posição de país que precisa de ser ajudado, em vez de ajudar. Mas, em todo o caso, se existe uma obrigação histórica de Portugal, é uma obrigação histórica em relação ao Terceiro Mundo. E, portanto, eu penso que esse problema da ajuda ao Terceiro Mundo, pelo menos dentro da fórmula da continuação da nossa ajuda aos povos e comunidades africanas de Angola e de Moçambique e das outras regiões ainda sob a bandeira portuguesa, é absolutamente necessário que se mantenha, porque, realmente, têm que ser o conteúdo das nossas relações com o Terceiro Mundo e a especificidade da nossa ajuda ao desenvolvimento desse Terceiro Mundo. Como não volto a falar, e resumindo a minha posição,

(Continua na pág. seguinte)

Política externa portuguesa

(Continuação da pág. ant.)

direi que: a nossa política exterior deve ser sempre em relação aos fundamentais interesses do país, tendo em consideração o condicionamento geográfico e histórico da nação, procurando estabelecer boas relações com todos os países do Mundo, procurando favorecer todas as formas do desenvolvimento e da cooperação internacional e, portanto, prestigiando e não desprestigiando, os organismos internacionais de superação nacional, e, portanto, procurando estabelecer o direito internacional em bases efectivas, procurando uma aproximação com os países do Terceiro Mundo, como acabei de relatar, e respeitando também como já disse, a nossa posição geográfica e histórica e, portanto, as nossas alianças tradicionais.

JOAQUIM MESTRE — Como última achega a esta conversa, eu diria que, de facto Portugal é, do ponto de vista da política externa, um país essencialmente europeu e que o futuro de Portugal será o seu destino de europeu. No entanto, tem havido desde sempre, desde os descobrimentos, uma hipoteca histórica que é a nossa política ultramarina. Mais uma vez estamos, neste momento histórico, perante o problema ultramarino numa fase aguda do seu desenvolvimento. Sempre que o problema ultramarino se tem colocado à nação, têm derivado consequências bastante profundas para a sociedade portuguesa. Derivaram consequências profundas da política imperialista da monarquia, no século XIX, derivaram consequências graves, também, da política imperialista do Estado Novo. A única orientação que parece que teria viabilidade de resolver o nosso problema ultramarino, seria a que começou a ter execução durante a República com a progressiva independentização dos territórios coloniais. O Estado Novo, no entanto, com o seu acto colonial, reverteu à política ultramarina do final da monarquia. E assim como a nossa política imperialista do século XIX, baseada no mapa cor-de-rosa, conduziu ao ultimatum inglês, assim a repetição da mesma política imperialista, no século XX, a seguir ao Acto Colonial, conduziu mais uma vez a um gravíssimo problema histórico e, mais uma vez, a por em causa a independência nacional, levando novamente o país a um grave momento histórico, novamente à guerra. Parece-me, portanto, que haverá antes de mais, e para solucionar os problemas de política externa portuguesa, que resolver o problema africano e só então será possível uma verdadeira política independente coerente, nacional, no plano externo.

ROLÃO PRETO — O problema ultramarino é, de facto, o problema numero um. O movimento que eu aqui represento, afirma que deposita a sua confiança nas virtudes do povo português, convencido que se encontrará, na marcha dos tempos, a fórmula necessária da respectiva resolução.

SOUSA TAVARES — Sou obrigado a discutir algumas afirmações de Joaquim Mestre. É que não houve uma política imperialista na monarquia portuguesa, no século XIX, nem creio que seja possível fazer uma distinção, històricamente, injusta entre a monarquia e a política da 1.ª República. As chamadas guerras de ocupação ou campanhas de ocupação, foram igualmente prosseguidas durante a 1.ª Republica. Além disso, pela 1.ª vez se chamou Ministério das Colónias em tempo da República, ao que sempre na monarquia se chamou Ministério do Ultramar, da Marinha e Ultramar. A ideia colonialista é uma idéia que normalmente se desenvolve na Europa a partir da Conferência de Berlim, em 1885, pela necessidade do capitalismo internacional ir buscar matérias-primas, nós não fomos nunca colonialistas e, pràticamente, o colonialismo surge realmente em Portugal já depois de proclamada a República. Não podemos de forma alguma assacar essa acusação à Monarquia portuguesa do século XIX.

JOAQUIM MESTRE — Eu discordo, mas prolongar esta discussão não seria possível no âmbito desta Mesa-Redonda.

ROLÃO PRETO — Estou inteiramente de acordo com as palavras do dr. Sousa Tavares que fez justiça, realmente, ao génio português ultramarino. Este não foi o propósito de fazer das colónias portuguesas um teatro de operações capitalistas, antes foi sempre orientado num sentido humanista, no plano do espírito. Mas também não quero alongar esta exposição já muito comprida.

MODERADOR — E tendo desembocado a discussão em torno do problema da política internacional num debate sobre a questão colonial (o que me parece significativo) chegamos ao fim desta Mesa-Redonda. Só me resta agradecer a vossa presença, em nome do «Diário de Lisboa».

Manifesto da U. N. de Castelo Branco

(Continuação da pág. 11)

cional, a integração sectorial e a integração global á escala de todo o espaço português.

Neste particular também se não entende — e por isso se repudia — a atitude das oposições que, numa época em que a criação de grandes espaços económicos é a regra, pretendem demolir aquele que é constituído, há séculos, natural e moralmente, pelo conjunto dos territórios nacionais.

Neste ponto também, a política do Governo, de fortalecimento da comunidade luso-brasileira tem o inteiro apoio da candidatura da União Nacional.

4. Trabalhar-se-á para que a política de Planeamento Regional, que o Governo se propõe levar a cabo, seja acelerada e bem dimensionada para o nosso distrito, de modo que este se valorize rápidamente e atinja o nível dos distritos do Litoral para que no futuro não permaneçam os desfasamentos agora existentes e assim as nossas populações possam usufruir as vantagens das conquistas que a humanidade tem hoje á sua disposição.

5. Considera-se o ensino problema de base, a enfrentar com todos os recursos possíveis e em todos os escalões desde o pré-escolar ao pós-universitário.

Neste grande sector trabalhar-se-á não só pela continuação do alargamento da cultura a toda a população, como tambem pela melhoria das condições de transporte e alimentação para a população escolar mais afastada dos centros de ensino, como é o caso das populações rurais.

Considera-se ainda necessário incrementar cada vez mais, a participação da actividade privada no sector do ensino.

6. A Segurança Social deve abranger eficientemente toda a população, pelo que urge prosseguir e acelerar as políticas de aperfeiçoamento e alargamento da Previdência e da Assistência, integrando-se, adequadamente, de modo a assegurar a maior rentabilidade possível aos meios existentes e a criar.

No campo habitacional, para além das medidas já oficialmente tomadas há que conjugar todos os esforços ao nível nacional e regional para que todos tenham o mais rápidamente possível uma habitação digna onde se possam desenvolver todas as virtudes da grande realidade humana (e básica para uma sociedade sã) que é a Família Cristã.

Neste como em todos os restantes campos, a família tem de ser mais eficazmente protegida, tanto nos meios rurais como nos urbanos.

7. Trabalhar-se-á para a realização de uma Reforma Administrativa profunda que vise a criação das condições necessárias ao eficiente desempenho das funções públicas na época actual, tendo sempre presente que a Administração existe para servir as populações mas não esquecendo que os serviços e os servidores têm os seus direitos e necessidades, aqueles de instalações, estes de toda a ordem de modo a que se sintam integrados e realizados na sociedade que por um lado servem e por outro, a exemplo de todos os restantes portugueses, pela qual são servidos.

8. Entende-se que a oposição clássica «capital-trabalho» é falsa, estando completamente ultrapassada na época actual, ainda mais no futuro.

O que existe são células-base de produção, cuja estruturação em comunidades de trabalho verdadeiras se deve promover sistemàticamente, de modo a conseguir a convergência dos três elementos básicos que a integram: Direcção — Execução — Bens instrumentais

A estruturação de tais comunidades implica nomeadamente:

— a formação dos dirigentes, em espírito de serviço;

— a promoção dos trabalhadores, em espírito de participação;

— a justa articulação entre uns e outros, e entre ambos e os bens instrumentais.

9. Acerca do problema da juventude, consideramse integralmente válidas as palavras dos candidatos da U. N. de Leiria

«Vivemos o problema da Juventude em toda a sua extensão, atentos aos sinais dos tempos e defendendo o diálogo como instrumento válido na educação.

Repudiamos, porém, a anarquia e a desordem, como forma de resolução de dissídios e julgamos indispensável preservar a autoridade dos pais e da escola. Julgamos indesejável a «contestação» sem meta. Tudo faremos no sentido de favorecer a formação integral da Juventude — intelectual, física e moralmente — mas em clima de liberdade e respeito mútuo de pais e filhos, professores e alunos.»

10. No problema ultramarino, de cuja responsabilidade se tem plena consciência, está-se integralmente com Marcello Caetano e o Governo da Nação ao «repudiar a cedência, mas ao praticar uma política de progressivo desenvolvimento e crescente autonomia. Nem minorias, nem maiorias, mas só Portugueses».

Esta, aliás, a política de sempre da Nação portuguesa desde a sua fundação. Política de dilatação da fé, de dádiva de novos mundos ao mundo, de demonstração de novas formas de convivência entre raças, religiões e costumes diferentes. Ontem no Brasil, hoje em África e, sempre, entre nós.

Asim se faz História. Assim Portugal a continua fazendo.

11. Trabalhar-se-á para a solução dos problemas específicos do Distrito, sempre integrados numa óptica global do espaço português. O tempo que vivemos é de acção, mas de acção eficaz. Recordam-se a propósito, os anos de 1959-1965 em que o crescimento económico do País atingiu uma taxa de 7 %. Sabe-se que o terceiro plano de fomento pede uma expansão anual na produção industrial de 9 %, e que é necessário, pelo menos atingi-lo. Pois, como repetidamente tem afirmado o actual Governo da Nação, temos de andar melhor e muito mais depressa se queremos, inclusivamente, ser coerentes como portugueses e como patriotas.

Bem informados do que se passa no Mundo, os candidatos da situação sabem que têm de alargar o passo para nos aproximarmos da Europa.

Para cumprimento deste programa, estarão, no plano regional, em permanente diálogo com os municípios que desejam ver cada vez mais prestigiados, como entidades responsáveis que desejam cada vez mais colaborantes, e com as populações que desejam cada mais participantes na vida pública.»

Comício da Oposição em S. Pedro do Sul

S. PEDRO DO SUL, 22 — No Cine-Teatro S. Pedro realizou-se no domingo, uma sessão de propaganda da Oposição Democrática de Viseu, destinada ao eleitorado da região de Lafões.

Presidiu o sr. dr. Jaime Gralheiro, candidato da lista oposicionista de Viseu, ladeado pelos srs. dr. Telmo Figueiredo e Angelino Gonçalves, e pelos restantes candidatos.

A sala estava completamente cheia de publico.

Durante a sessão, usaram da palavra os srs. drs Mário Gomes da Silva, Armando dos Santos Lopes, António Bica e Álvaro Monteiro.

A política do desporto

apreciada pela C. D. E. do distrito de Braga

Os candidatos da C. D. E. de Braga publicaram um documento sobre «A política de desporto», no qual se começa por afirmar que «o desporto é pedra fundamental na promoção social dos povos. Não causa por isso mesmo estranheza que, situando-se o nosso País num plano de baixíssimo nível social, o desporto sofra os efeitos dessa mesma situação, que, por sua vez, é mantida, utilizando-o, deliberadamente e apenas como espectáculo, com o fim de distrair as populações».

Em seguida, os candidatos anunciam que, a serem eleitos, na Assembleia Nacional defenderiam as «20 sugestões para o fomento do desporto nacional» apresentadas pelo prof. José Esteves no II Congresso Republicano de Aveiro. À escala regional, por sua vez, sublinhou que defenderiam, além do mais, «a criação de instalações gimnodesportivas, a construir, desde já, nos grandes centros; a existência de professores de educação física e treinadores profissionais, pagos pelo Estado, ao serviço das actividades desportivas amadoras, a utilização das albufeiras das barragens para a prática de desportos náuticos e, principalmente, a libertação do desporto amador de todos os encargos e ainda a subvenção do mesmo por forma a todas as suas manifestações desportivas de competição serem apresentadas em espectáculos gratuitos».

E concluindo:

«O regime, que há quase meio século detém o Poder, votou ao desprezo a cultura física do nosso Povo e não realizando, sequer, ao mesmo tempo, uma política de promoção desportiva das populações ao nível dos principais centros.

Houve e há uma nítida protecção ao futebol profissional, em particular, e aos grandes clubes, em geral, sem atender à actividade gimnodesportiva das crianças e à acção dos clubes amadores, acontecendo que, através desta política oportunista, nem foi salvaguardada uma desafogada sobrevivência dos clubes grandes e a autenticidade do espectáculo, e muito menos a promoção desportiva das crianças e a existência do desporto amador, afecto, como se sabe, a grandes massas potenciais de praticantes.

Lutaremos afincadamente, na Assembleia Ncional, contra a errada política seguida pelo Governo, no desporto, procurando dar a esta actividade salutar o lugar justo de importante agente da promoção social do País e lutando também por uma estrutura sã para o desporto profissional. Lutaremos, enfim, por um desporto para todos, num País para todos.»

Dois manifestos dos candidatos democráticos de Vila Real ao povo do distrito

Subscritos pelos candidatos da C. D. E. de Vila Real, recebemos, para efeitos de publicação, dois manifestos dirigidos «ao povo do distrito». Na impossibilidade de os publicarmos na íntegra, reproduzimos os seguintes passos:

1

«Transmontanos:

Como todos sabem, vão realizar-se eleições para Deputados á Assembleia Nacional, no dia 26 de Outubro. Nessa consulta popular o voto é livre e secreto. O povo deste Distrito há-de escolher e fixar, pelo voto, o caminho que melhor entender, procurando uma vida mais próspera e feliz. Querem os governantes nesse dia ouvir a vossa opinião, saber o vosso desejo, conhecer a vossa opção ou preferência.

Sabeis vós o que significa votar? Sabeis vós o que significa optar ou escolher? Sabeis vós o que representa para a Nação o resultado duma consulta á vontade do Povo? Nada mais do que indicar o sentido da Marcha. Vêm ao vosso encontro, pelo vosso círculo, quatro cidadãos quatro homens que, em toda a sua vida, viveram confiantes no acordar da consciência Nacional. Surgem, sem medo, de cabeça bem levantada e de olhos fitos no futuro, a dizer-vos que o dia da escolha poderá ter o valor que vós, eleitores, lhe queirais atribuir.

Portugueses, transmontanos, há muitos séculos que as raízes desta Pátria mergulham em vós, na vossa inteligência, nas vossas terras, no vosso trabalho e nos vossos corações.

Mulheres, proprietários, comerciantes, industriais, funcionários, técnicos de todas as profissões, trabalhadores, homens da rua: os Deputados da Oposição Democrática estão ao vosso lado, numa defesa justa, humana e equilibrada dos vossos interesses.

Votai na lista da Oposição Democrática, fazei eleger para a Assembleia Nacional Deputados que não temam nem recuem diante da Verdade. Deputados de puro patriotismo que defendam os vossos interesses e que resolvam os vossos problemas *Homens, Mulheres, votai na lista da Oposição Democrática* porque nós pugnamos por vós, pela vossa razão, pela vossa justiça. Votai na lista B, nossa lista, a lista do *Povo*, a lista da *Democracia. Viva Portugal.*

29 de Setembro de 1969.

Os candidatos a deputados pelo Círculo de Vila Real — *Camilo de Barros de Sousa Botelho, José Alberto Rodrigues, Júlio Augusto Montalvão Machado, Otílio de Carvalho Figueiredo.*»

2

Este segundo manifesto dos candidatos a deputados pelo círculo de Vila Real é o prosseguimento do primeiro em que se pretendeu dar-vos um esboço do estado actual do País.

Focou-se, não sem tristeza, a gravidade da situação: política, económica e social. Também vos apontamos as consequências trágicas que daí resultam e que se têm traduzido em tanta amargura e desespero da maioria dos portugueses.

Ninguém ignora que há regiões onde mais de 80 % dos seus habitantes válidos trabalham no estrangeiro para onde os levou a sedução de um melhor nível de vida e dum trabalho justamente recompensado.

É nosso dever sustar o êxodo que representa a ruína do país e fazer todos os esforços para que regressem a Portugal os valores que estão a contribuir para o engrandecimento das outras nações.

É necessário que voltem, afim de que a SOCIEDADE DEMOCRÁTICA que desejamos construir, SEJA OBRA DE TODOS OS Portugueses.

Urge sem demora reunir os obreiros, TODOS OS PORTUGUESES — não seremos demais — na edificação do Portugal de amanhã. Para tal é necessário criar condições de vida e de segurança, que permitam, muito especialmente aos que desejem regressar ao solo pátrio e dar à Nação o melhor do esforço dos seus braços e dos seus cérebros, a paz e a tranquilidade de que tanto necessitamos. Mas para isso, é preciso que aos que se abalançarem a tão gigantesca obra, se ofereçam garantias inequívocas de SEGURANÇA.

Não pode haver trabalho profícuo sem liberdade.

A todos, devem ser asseguradas as liberdades fundamentais inerentes à pessoa humana: Direito de reunião e associação de livre expressão de pensamento e liberdade de informação, liberdade de sindicalização e direito à greve, e que uma amnistia dos presos políticos, exilados e demitidos de cargos públicos venha a terminar de uma vez para sempre com as desavenças entre portugueses. Será para os que desejam trabalhar por um Portugal melhor a promessa de um clima de trabalho fecundo e sem medo.

ELEITORES:

Os candidatos a deputados pelo Círculo de Vila Real pensam que não pode haver uma sociedade verdadeiramente democrática que não tenha como objectivo: O HOMEM. Só o homem deve ser a meta a atingir; o homem que possa realizar-se em todas as suas dimensões: o homem integral, feito de corpo e de espírito. E assim, as medidas a adoptar que condicionem o terreno a um trabalho de «todos para todos», de homens para homens, terão de basear-se nas seguintes estruturas. Organização de quadros técnicos e científicos; reformas de ensino, assistência e previdência, reestruturação da economia da agricultura e indústria e na revisão séria do estado financeiro do País.

Quadros técnicos e científicos: Quanto aos quadros técnicos e científicos eles organizar-se-ão com os elementos válidos que temos — dentro e fora do país — e se preciso for, importá-los-emos Não será facto único na história de Portugal. «VALE MAIS IMPORTAR CÉREBROS DO QUE CAPITAIS».

Reformas do ensino e educação: a educação é o problema número um, a estrutura básica e prioritária das sociedades democráticas e de todas as nações que pretendam sobreviver. Além dos programas racionalmente organizados — programas esclarecidos e esclarecedores em todos os graus de ensino, com professores preparados para o desempenho da nobre missão que lhes é confiada — tem de haver escolas compatíveis com o desabrochar dos cérebros, que sejam ao mesmo tempo fábricas e laboratórios; ora preparando homens para a vida que os reclama, ora investigando constantemente na busca da verdade. A educação deverá ser: igual para todos (ricos ou pobres), gratuita, obrigatória e permanente, e o acesso aos diferentes graus de ensino far-se-á segundo a aptidão dos alunos e não por condições económico-sociais.

Promover-se-á a cobertura de todo o território nacional de: escolas pré-primárias (jardins de infância) e escolas primárias com cantinas até aos mais pequenos aglomerados populacionais; escolas técnicas — industriais, comerciais e agrícolas — escolas do magistério primário, liceus e escolas de enfermagem, na maioria das sedes dos concelhos e sedes de distritos; aumento sensível do número das escolas normais superiores, escolas técnicas superiores e Universidades, de molde à organização de cursos não superlotados; escolas de música, teatro e dança; escolas superiores de Belas-Artes; museus em todas as capitais de distrito; bibliotecas fixas e itinerantes que levem a cultura aos pontos mais recônditos do país; teatros municipais, auditórios e centros de estudo e protecção de todas as manifestações artísticas do povo.

Reformas da assistência e previdência:

Assistência: A assistência deverá ser gratuita e progressivamente obrigatória; suficiente, eficiente e abrangendo toda a população dentro de um único plano de acção e com uma rede hospitalar capaz de tratamento sem demoras, com todos os recursos técnicos e humanos, de qualquer doente, viva ele onde viver.

Previdência: A previdência tenderá a uma melhoria do nível de vida para todos os portugueses pelo abono de família, seguro social obrigatório dos trabalhadores, reformas a nível dos povos evoluídos da Europa, revisão das actuais pensões e reformas, habitação condigna para todos, a rendas não especuladoras e férias obrigatórias e pagas.

Reestruturação económica: A reestruturação económica basear-se-á numa planificação dos bens de consumo, sua valorização e justa distribuição; eliminando todo o lucro ilícito.

Agricultura: A agricultura será revista na estrutura actual da propriedade; na concessão de créditos a longo prazo aos proprietários pela criação de bancos populares; na introdução de novos métodos agrícolas mais rendáveis; no incremento do espírito cooperativista fomentando-se a criação de cooperativas de produção e consumo; na promoção à medida do possível da sua mecanização e a industrialização dos produtos agrícolas e pecuários.

Planificação industrial: A planificação industrial será de molde a aproveitar todas as riquezas dentro de um princípio de reduzir a exportação de matérias-primas e aumentar as manufacturadas.

Saneamneto financeiro do país: O saneamento financeiro do país visará a apreciação dos verdadeiros valores dos empréstimos estranhos, dos investimentos dos capitais estranhos, da fiscalização das sociedades anónimas e da diminuição sistemática das despesas consideradas desnecessárias — banquetes viagens ministeriais, inaugurações e manifestações sumptuárias de qualquer espécie

ELEITORES:

É este sucintamente o nosso plano de acção. Não há utopias nem sonhos de idealistas. Lá fora, já se caminha para o futuro pela estrada que vos apontamos. Urge mais do que nunca acertar o passo com as nações civilizadas da Europa. Ai de quem ficar para trás!

Recusai votar nos programas de improvisações, de panaceias e de remendos e colaborai connosco se quiserdes ser dignos do nome de portugueses. Meditai bem nas vossas responsabilidades, homens de boa vontade. Largai todos os egoísmos, vaidades e ambições e vinde trabalhar na construção do Portugal do futuro; só assim se poderá iniciar uma obra útil e ordeira a bem da Pátria.

Portugal está atrasado algumas dezenas de anos dos restantes países civilizados da Europa. Não opteis pela velha — quase de meio século — «LINHA DE RUMO» porque ela foi e continuará a ser a causa principal deste atraso. Não voteis nos erros do passado; que ele seja para todos os portugueses uma dura e amarga lição.

Em democracia não há atitudes rancorosas, nem má fé, nem ódios, nem vinganças, nem desordens, nem egoísmos desumanos. Em democracia há tolerância, ordem e a verdadeira paz social. Votar na Democracia é ajudar a construir um Portugal que se projecte no futuro, a reatar as glórias do passado, do século de quinhentos — de cultura universalista — desse portuguesíssimo século que deu «NOVOS MUNDOS AO MUNDO»

Por um Portugal melhor!

Pela Democracia!

Os candidatos a deputados pelo Círculo de Vila Real:

aa) *Camilo de Barros de Sousa Botelho*

José Alberto Rodrigues

Júlio Augusto Montalvão Machado

Otílio de Carvalho Figueiredo

A metodologia da C. D. E. — segundo a U. N.

Da União Nacional recebemos o seguinte comunicado:

«A C. D. E. de Lisboa emitiu, no dia 13, um comunicado ao qual atribuiu manifestamente significação e alcance para a História das Ideias.

Faz questão a C. D. E. de haver adoptado uma metodologia original, cuja «singularidade» reivindica e para a qual pouco se abstém de reclamar direitos de autoria. Da aplicação do seu método de trabalho espera que advenha, segundo nos informa, «uma autêntica consciência democrática» ou pelo menos o desenvolvimento do processo que deverá gerá-la.

Para tanto, a C. D. E. preconiza e promete promover «uma multiplicidade de discussões de base — comissões de freguesia, socio-profissionais, etc. — e debates generalizados na comissão distrital».

Ficamos ainda sabendo que da prática deste método, essencialmente verbalista, «surgiram» os candidatos a deputados, a Comissão Política e outros «órgãos responsáveis» que são «mandatários de opções democráticas elaboradas». A estes mandatários constituídos procuradores de «opções», uma profissão cuja originalidade se não contesta, incumbe apresentar propostas e documentos, para discussão nas comissões de base.

É de relevar o facto de a C. D. E., adoptando o princípio da representação, se haver desviado do puro paradigma democrático e apeado do seu lugar o princípio que endeusou o sufrágio universal. De facto, é de ver que um esquema socio-profissional se parece imenso com uma retrógrada e reaccionária organização corporativa. Mas, aceitemos que o «socio-profissional» tem para a nossa Oposição um atractivo de novidade que confere á mercadoria uma espécie de passaporte.

No entanto, a C. D. E. reivindica as palmas do martírio e queixa-se de «insinuações ou acusações abertas que de vários sectores têm sido feitas». Lamenta-se de ter sido qualificada de «utopista», por se afirmar que «pretenderia impor modelos prefabricados», que ou quais modelos «nada teriam a ver com as realidades nacionais». Outras críticas denunciam um verdadeiro ou suposto «experimentalismo» ou «empirismo anarquizante». Também isto é, segundo parece, muito grave porque, a confirmar-se, teria como resultado do possível e provável deslocar a orientação do movimento para uma «maioria de pessoas impreparadas politicamente e sem informação que não a da sua experiência quotidiana». A avaliar por este excerto, o democratismo da Comissão Democrática Eleitoral mostra-se cada vez mais tépido e mais incolor.

A característica principal do movimento assenta, em última análise, no facto de não ter «dirigentes com concepções pré-construídas de base», nem programa que seja um «somatório das reivindicações parcelares». Mas, estas faltas são veniais e reparam-se pelo simples decurso do tempo. Como muitos se radicam no passado, a C. D. E. joga no futuro. Chefes e programas irão aparecendo com a passagem dos anos e com a preciosa contribuição dos períodos eleitorais. Ponto é que a C. D. E. atinja uma respeitável longevidade e persista no seu insano labor de edificar pacientemente uma nova consciência democrática. É a qualidade da meto1ogia que está sendo posta á prova, com vista a um futuro incerto. Até lá e apesar de tão gigantescos trabalhos, a C. D. E. terá de governar-se com os «Programas Políticos» improvisados para a circunstância que, apesar de tudo, se resolveu a editar, com o simples propósito de marcar o seu lugar entre as oposições de 1969.

A contradição é flagrante, mas nunca a coerência foi a virtude primeira dos movimentos democráticos deste tipo

A União Nacional duvida que seja esclarecimento eleitoral falar do «direito à greve»

Recebemos da Comissão Eleitoral de Lisboa da União Nacional o comunicado que a seguir publicamos:

1. — Entre as superstições que, pode dizer-se, tolhem os grupos oposicionistas e em muito contribuem para desfigurar os objectivos por que dizem mover-se, está, sem dúvida, aquilo que o insuspeito sr. dr. António José Saraiva ainda há poucos dias classificava (em entrevista publicada na «Vida Mundial» de 10 do corrente) como a deslumbrada tendência de mitificação do estrangeiro

Efectivamente, disse aquele escritor ao jornalista a quem confiou as suas declarações — existir «em Portugal, não só na juventude, mas também em todos os grupos intelectuais, uma tendência para mitificar o estrangeiro».

Ilustrando a observação, aí temos os afanosos convites a observadores estrangeiros para se deslocarem ao nosso País a fim de presenciarem o acto eleitoral do próximo dia 26; o respeito pávido e mesureiro com que, desvanecidamente, os membros eleitorais de alguns sectores da Oposição cultivam ou procuram cultivar relações e contactos com os jornalistas estrangeiros radicados entre nós, ou para cá enviados a propósito da campanha e das eleições; a prática subdesenvolvida de fazerem remessa ou entrega de papelinhos, exposições e queixas nas sedes das representações diplomáticas acreditadas em Lisboa; o afã com que procuram travestir-se de vedetas (ou de «interlocutores válidos», ao nível internacional), certos pacatos cidadãos para os quais o gosto ou o pendor para um exibicionismo político parece constituir-se numa intrínseca necessidade vital.

2. — A caricatura desta tendência para mitificar o que nos é alheio está patente nos reptos para os debates televisionados á americana, no uso de expressões estereotipadas muito em voga em certos meios estrangeiros, nos anos 50, e completamente desacreditadas nesta velada da década de 70; e está, exuberante, na pretendida, mas até hoje nunca bem sucedida, ânsia de imitação de figurinos sempre demonstrados como totalmente divorciados do nosso estilo de vida.

Num dos colóquios ultimamente realizados no Teatro Vasco Santana (mais precisamente, naquele que ali teve lugar na noite de terça-feira, 14, promovido pela C. D. E.), e segundo o relato publicado num também insuspeito jornal de Lisboa, «um dos assistentes teve uma intervenção sublinhada pela assistência com demorada salva de palmas»: — «Após observar que a Oposição não poderia conquistar o poder pelos votos afirmou ser necessária a coragem de *cada um de nós*, utilizando, nomeadamente, a defesa do direito á greve».

Outro ou o mesmo interventor, procurou inteirar-se, junto duns especialistas na matéria e que orientavam a reunião de «esclarecimento pré-eleitoral», se o recurso á greve prejudicaria o desenvolvimento económico... E, claro está, assentou-se, em que, não senhor, até o estimulava!

O contágio delirante dos exemplos de fora, a presunção pelo menos ingénua de que, para progredirmos, realmente, e atingirmos os mais altos estádios do desenvolvimento e alcançarmos taxas modernas ou índices válidos de crescimento do produto nacional — teríamos de fazer correr pelo País inteiro o vendaval anarquizante que em Maio de 1968 quase fez dobrar os joelhos a uma nação rica como a França, ou fazer experimentar, do Minho ao Algarve, a receita das greves intermitentes que, desde há meses, vêm a dar brilho o larguíssimo proveito á democracia italiana...

Se estas e outras manifestações de tal tendência para mitificar o estrangeiro têm alguma coisa a ver com uma campanha de esclarecimento eleitoral — permitimo-nos duvidar. E os eleitores de boa-fé, certamente, não terão certezas diferentes das nossas.

3 — Relativamente ao nosso anterior comunicado, pediu o sr. dr. Francisco Moura em amável carta que dirigiu, certamente por engano, a um dos candidatos da U. N. pelo Círculo de Lisboa em vez de fazê-lo a esta Comissão Eleitoral (de que, como é de lei, os candidatos não fazem parte» que referíssemos neste comunicado a circunstância do citado dirigente da C. D. E., quando numa sessão disse que o sr. embaixador Franco Nogueira assumira a direcção da propaganda das candidaturas da U. N., ter expressamente feito a indicação de que lera a informação num órgão da Imprensa diária.

Apesar de nós também termos tomado conhecimento da alusão feita pelo sr. dr. Francisco Moura através dum relato da Imprensa que não continha aquela indicação, não temos qualquer dúvida em deixar a referência neste comentário.

Quanto á alusão a «enganos», terá certamente o sr. dr. Francisco Moura entendido que pretendíamos apenas invocar as posições políticas que publicamente tem assumido e que, o mais elegantemente possível, classificamos daquele modo.

4. — Alguns órgãos da imprensa de Angola e Moçambique têm muito justamente verberado que o Ultramar português tenha surgido nesta campanha eleitoral das oposições em termos políticos que, se não são ambíguos, são declaradamente pelo abandono puro e simples e acrescentam que esperavam, em vez desta abdicação, o debate das questões que se prendem com o seu progresso, como, como terras portuguesas que são.

Aí está o manifesto dos candidatos da U. N. pelo círculo de Lisboa, também programático relativamente ao desenvolvimento ultramarino. Aliás, entre estes candidatos estão personalidades que conhecem o Ultramar, mantêm com ele contactos e sentem os seus problemas. Quanto ás oposições, como poderíamos esperar que as suas posições ideológicas consentissem qualquer interesse por esses problemas? Nem as posições ideológicas, nem, talvez, os compromissos.

ACTUALIDADE ELEITORAL

● **SESSÕES DE PROPAGANDA DA C. E. U. D. EM ALENQUER** — Em Alenquer realizam-se hoje e amanhã, sessões de propaganda dos candidatos da oposição da C. E. U. D. de Lisboa Hoje, a sessão realiza-se ás 21 horas, na Quinta do Reguengo, a um quilómetro da vila.

São oradores os candidatos drs. Mário Soares, Jaime Gama, Francisco Salgado Zenha e D. Etelvina Lopes de Almeida. Preside o dr. Teófilo Carvalho dos Santos, devendo falar ainda o dr. José de Magalhães Godinho.

Amanhã, ás 21 horas, também, realiza-se outra sessão de propaganda, na Abrigada, devendo falar diversos candidatos.

● OS ELEITORES DE VISEU — Diz-se num comunicado da Comissão Eleitoral Democrática de Viseu:

«A cidade de Viseu, com as suas três Freguesias, São José, Santa Maria e Coração de Jesus — tem 7909 eleitores inscritos, sendo 1789, na primeira; 2836 na segunda; e 2684 na terceira.

Esta comissão estabeleceu os seguintes postos de distribuição de listas:

Candidato dr. Álvaro Monteiro (Rua do Comércio, 96, 1.º); dr. Ribeiro Peliz, Aven. Dr. António José de Almeida, 500, 1.º; Sede da CDE, Rua do Olival, 2-1.º; Chapelaria Liz, e sr. Adolfo Amaro, Rua Direita, 75, todos em Viseu.

O dr. Bénard da Costa acusa a União Nacional de «calúnia pessoal e deturpação de afirmações»

O dr. João Bénard da Costa, candidato a deputado pela C. D. E. de Lisboa, enviou-nos a seguinte carta datada de 15 do corrente:

«Senhor Director:

Tendo sido pessoalmente atacado no comunicado da U. N. distribuído á Imprensa no dia 14 do corrente, venho, ao abrigo do direito de resposta, solicitar a V. a publicação integral do seguinte texto:

1 — A propósito da sessão efectuada no Palácio Fronteira, no passado dia 8, a U. N. atinge-me pessoalmente e atinge a organização eleitoral em que trabalho, afirmando que esta reflecte «os princípios e as directrizes das organizações comunistas empenhadas na campanha». Esta afirmação é falsa, caluniosa e corresponde a métodos políticos que julgo inaceitáveis. *As minhas posições ideológicas e políticas são conhecidas e não obedecem nem reflectem directrizes de qualquer espécie de organização a que não pertenço nem nunca pertenci.* Lamento que, para me atacar e atacar a C. D. E., se recorra a processos tão baixos, e lamento-o, tanto mais quanto julgava que, sobretudo na «nova» U. N., havia pessoas incapazes de descerem a eles. Pessoas que, até pelo conhecimento directo que de mim têm, sabem perfeitamente que essa acusação é caluniosa e desprovida de qualquer fundamento.

2 — Acerca dos comentários que a U. N. faz ao que eu disse na sessão, tenho apenas a acrescentar o seguinte:

a) Na exposição introdutória que fiz no Palácio Fronteira, pormenorizei, até com referência a datas e a nomes, a participação do capitalismo inglês na exploração colonial exercida na África Portuguesa. Ao contrário do que a U. N. me atribui, referia-me, sobretudo, ao passado e ao período em que se generalizou a expressão de «condomínio anglo-luso» para caracterizar a nossa colonização. Não ignoro que a influência britânica se encontra esbatida (embora longe de ser inexistente), como não ignoro que é dominante a influência de outras potências e interesses capitalistas estrangeiros. Tudo isto o disse e pormenorizei, como podem comprovar as duas centenas de pessoas que assistiram á sessão.

b) Quando afirme que a neutralidade portuguesa na 2.ª Guerra Mundial se deveu ao facto de as nossas colónias não terem sido ameaçadas pelo conflito, julguei que estava a fazer uma afirmação pacífica até para a própria U. N. Parece inadmissível que esta — que tanto tem defendido o nosso património colonial — venha agora dizer que a neutralidade teria sido mantida mesmo á custa das colónias. A guerra de 39-45, que se estendeu ao continente africano, nunca abrangeu directamente o seu hemisfério austral e as colónias aí situadas. A esse facto, e só a esse facto, me referi.

3 — Tudo isto evidencia uma vez mais os métodos da U. N. «nova» ou «velha»: calúnia pessoal e deturpação de afirmações. Será assim que se pretende convencer o eleitorado de que «isto agora é a sério»?

Peço-lhe que aceite, Senhor Director, a expressão da minha elevada consideração.

Ass.: *João Bénard da Costa.*»

Candidatos da C. D. E. de Santarém falaram em Alpiarça

ALPIARÇA, 22. — Numa dependência da fábrica de passas de uva do dr. António Duarte, realizou-se, nesta vila uma sessão de propaganda eleitoral da C. D. E. de Santarém.

Presidiu o lavrador sr. João Catarino Duarte e o sr. Alves Castela, de Santarém, apresentou os candidatos, que em seguida pronunciaram os seus discursos.

O escritor Alexandre Cabral referiu-se á debilidade económica de grande parte do povo português, á Censura, á Imprensa e á guerra de África.

Por seu turno, o estudante António Reis falou dos problemas que assoberbam a juventude portuguesa e da urgente reforma democrática do Ensino.

Os candidatos drs. Fidalgo Pereira e Antunes da Silva falaram, respectivamente, de problemas sanitários e carências hospitalares do País, e da necessidade de uma amnistia e de «paz, pão e liberdade para todos os portugueses».

A situação da mulher foi abordada pela candidata dr.ª Maria Barroso.

A última oradora da sessão foi a sr.ª D. Maria Luísa Pinhão que preconizou uma «Pátria Democrática uma «Pátria Democrática e livre, onde caibam todos».

A sessão foi encerrada com o Hino Nacional.

ECONÓMICAS FINANCEIRAS

Importante empresa, admite, para secretariar direcção de serviços comerciais, candidato que reúna as seguintes condições:

— **Activo**
— **Bem classificado no curso**
— **Gosto pelo estudo dos mercados**
— **Bons conhecimentos de francês, dando-se preferência a quem saiba também inglês**

Indispensável indicar na resposta:

— **Idade**
— **Situação militar**
— **Classificação de curso**
— **Ordenado pretendido**

Resposta a este Jornal ao n.º 362

O inimigo é o mesmo de 1936 e de Março de 1961

(Continuação da 1.ª página)

ca forma de um país enriquecer no mundo de hoje (...) é trabalhar».

Falou, depois, do importante papel do capital na sociedade de hoje — «*um papel importantíssimo que infelizmente nem sempre tem cumprido, por falta de tradição, por temor do risco — nobre risco, todavia — e vamos lá, porque as leis o têm consentido, quando não favorecido... com honrosíssimas excepções, sem duvida!*»

E afirmou:

«*Parece-me que está aqui a razão profunda da diferença que nos separa da Europa. A grande maioria dos portugueses que dispõe de dinheiro, prefere ao risco e glória da industria, a segurança falaz do imobilismo das paredes de um prédio*».

E em seguida, duas observações:

«*A primeira, e mais importante, é de que o capital tem indeclináveis deveres para com a Nação, os deveres, estes como ou outros, não se discutem, cumprem-se!*

A segunda, mais pessoal e menos dura, apenas dirá que não considero válido, á face dos resultados a que pode conduzir julgamento de segurança que se atribui ao investimento imobiliário».

Terminou com um apelo ao voto de todos:

«*Há tácticas demasiado perigosas. A mais perigosa é a da confiança: «Não vale a pena votar porque as eleições estão já ganhas»*.

Seguiram-se no uso da palavra os srs. Delfim Dias, profissional têxtil, e dr. António Monteiro, o primeiro para expressar a sua confiança no Chefe do Governo, o segundo para se lançar numa apóstrofa contra o comunismo, que acusou de pretender «*apoderar-se das nossas províncias ultramarinas e reduzir á miséria os povos do continente*».

O inimigo é o mesmo de 1936; foi batido na Península; é o mesmo que em Março de 1961 nos atacou em Africa encontrando pela frente a alma da Raça na valentia assombrosa das nossas Forças Armadas e das nossas maravilhosas gentes».

«UMA UNIVERSIDADE PORTUGUESA» PEDIDA POR UM ESTUDANTE

Também um estudante re Medicina, o sr. Artur Osório, usou da palavra, afirmando a necessidade de se promover o acesso á cultura a toda a população, negando, porém, a validade da expressão «democratização do ensino».

Defendeu a criação de uma autêntica universidade portuguesa, e afirmou que actualmente «*o ensino teórico despreza o prático (...) os critérios de avaliação dos conhecimentos dos alunos nem sempre são os mais justos (...) o processos de recrutamento do pessoal docente não é o mais racional (...) a investigação é uma actividade marginal*».

Os ultimos oradores foram os srs. dr. Pinheiro Torres e prof. Almeida Garrett.

No seu discurso, o prof. Almeida Garrett, saudou o Povo do Porto (que disse já ter votado em Marcello Caetano) e atacou as Oposições, acusando-as de terem pretendido «*lançar a confusão quanto aos esforços da abertura honestamente anunciados e queixando-se, a seguir, de a sua boa vontade ter sido iludida*».

A sessão encerrou-se com o Hino Nacional cantado pela assistência.

MENSAGEM DE MILITARES

Durante a sessão foi recebida pelo presidente da mesa uma mensagem de um grupo de militares de Moçambique que afirmam «cerrar» os dentes de revolta perante a suprema traição que é a de envenenar a retaguarda!»

A sessão em Santarém

(Continuação da 1.ª página)

Antunes da Silva, fez um balanço da actual campanha eleitoral no distrito de Santarém, seguindo-se a leitura da mensagem.

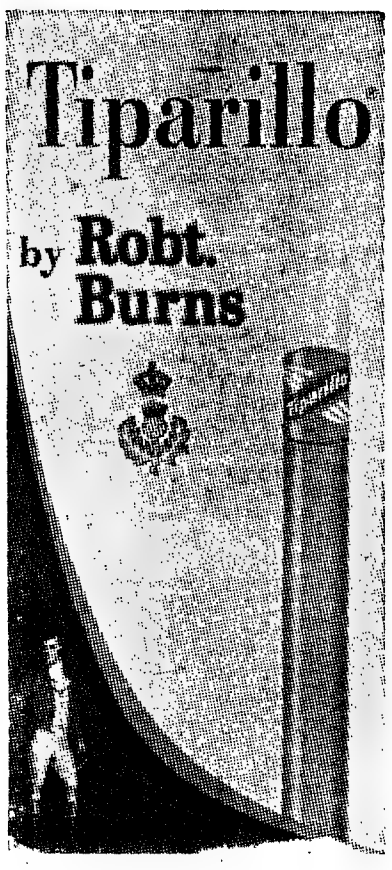
Falou, depois, o dr. Fidalgo Pereira, para criticar a orientação do Governo e citar as dificuldades económicas, acabando por dizer que a «Pátria não é uma quinta de alguns». O mais jovem candidato, António Reis, relatou os problemas criados até ao momento e acrescentou que a Oposição vencerá, assinalando, ainda, a ineficácia da Previdência e dos sindicatos.

Penúltimo orador, o eng.º Lino Neto dissertou sobre o Ultramar e leu uma sua resposta á U. N.. Por ultimo, falou, novamente a sr.ª dr.ª Maria Barroso, que fez uma síntese dos acontecimentos ocorridos no período pré eleitoral á Oposição.

Não se realizou o comício de Seia

SEIA, 22 — Não se realizou a sessão de propaganda eleitoral marcada para ontem, nesta vila, pela C. E. D. da Guarda.

Embora houvesse autorização para a realização do comício, gerou-se á sua volta um ambiente de pressão por parte das autoridades, por tal forma evidente que os dirigentes oposicionistas da Guarda decidiram não realizar a sessão.



Fumar melhor!!!

AS CIGARRILHAS COM BOQUILHA

«TIPARILLO»

SATISFAZEM TODOS OS FUMADORES

À venda em todo o país

Representante:
Tabacaria Inglesa — LISBOA

Agenda das sessões de propaganda eleitoral

HOJE

DA OPOSIÇAO

A LENQUER — Ás 21 horas, na Quinta do Reguengo, da C. E U. D., de Lisboa.

AMADORA — Ás 21 horas, na Rua 1.º de Dezembro, 9, da C. D. E., de Lisboa.

ARRIFANA — Ás 21 horas, no Cine-Teatro de Arrifana, da C.D.E. de Aveiro.

BEJA — Ás 21 horas, no Cine-Teatro Pax-Julia, da C. D. E. de Beja.

CALDAS DA RAINHA — Ás 21 horas, da C. D. E. de Leiria.

CERVAES — Ás 20 horas, da C. E. U. D. de Braga.

CHAVES — Ás 21 horas, da C. D. E. de Vila Real.

COIMBRA — Ás 21 e 30, no Teatro Avenida, da C. D. E.

FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO — Da C. D. E. da Guarda.

GAFANHA DA NAZARÉ — Ás 21 horas, da C. D. E. de Aveiro.

GUIMARAES — Ás 21 horas, no Teatro Jordão, da C. D E. de Braga.

LISBOA — Ás 21 horas, no Palácio Marquês da Fronteira, da C. D. E.

LISBOA — Ás 21 horas, no Centro Escolar Republicano José Estêvão, da C. D. E.

LISBOA — Ás 21 horas, no Centro Escolar Republicano Fernão Botto Machado, da C. D E

LISBOA — Ás 21 e 30, no Teatro Vasco Santana, da C. E. M. de Lisboa.

LOURES — Ás 21 horas, no Clube Recreativo de Bobadela, da da C. D. E., de Lisboa.

MARINHA GRANDE — Ás 21 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo da Embra, da C. D. E. de Leiria.

PAÇO DE ARCOS — Ás 21 horas, no Cine-Teatro local, da C. D. E., de Lisboa.

PINHEL — Da C. D. E. da Guarda.

PORTO — Ás 21 e 30, no Coliseu do Porto, da C. D. E.

PÓVOA DE SANTA IRIA — Ás 21 horas, na Sociedade Recreativa Musical 1.º de Agosto da C. D. E., de Lisboa.

SINTRA — Ás 21 horas, no Cine-Teatro Passos Manuel, da C. D. E., de Lisboa.

VIALONGA — Ás 21 horas, na Sociedade Columbófila, da C. D. E., de Lisboa.

VISEU — Ás 21 horas, da C .D. E. de Viseu.

DA U. N.

LISBOA — Ás 18 horas, no Teatro Laura Alves, de uma comissão de senhoras da U. N.

MORTAGUA — Ás 20 horas, no ginásio do Externato, da U. N., de Viseu.

TORRES VEDRAS — Ás 21 e 30, da comissão da U. N., de Lisboa

AMANHA

DA OPOSIÇAO

ALENQUER — Ás 21 horas, na Quinta do Reguengo, da C. D. E., de Lisboa.

ALENQUER — Ás 21 horas, na Abrigada, da C. E U. D., de Lisboa

ALHANDRA — Ás 21 horas, na Rua Dr. Miguel Bombarda, 5-B, da C. D. E., de Lisboa.

ALVERCA — Ás 21 horas, no Largo dos Correios, da C. D. E., de Lisboa.

AMADORA — Ás 21 horas, na Rua 1.º de Dezembro, 9, da C. D. E , de Lisboa.

AVEIRO — Ás 21 horas, da C. D. E., de Aveiro

BRAGA — Ás 21 horas, no Teatro-Circo, da C. D. E., de Braga.

BRAGANÇA — Ás 21 e 30, na fábrica de serração da Avenida do Sabor, da Oposição Democrática de Bragança

CASCAIS — Ás 21 horas, no Cine-Teatro Gil Vicente, da C. D. E., de Lisboa.

CELORICO DE BASTO — Ás 20 horas, no edifício das antigas escolas de Fermil (freguesia de Veade), da C. D E., de Braga.

FARO — Ás 21 e 30, no Cinema Santo António da C. D E

GUARDA — Ás 21 e 30, no Cine-Teatro da Guarda, da C. D E., da Guarda.

LEIRIA — Ás 21 horas, na garagem do Hotel Euro-Sol, da C. D. E., de Leiria.

LISBOA — Ás 21 horas, no Centro Escolar Republicano Fernão Botto Machado, da C. D. E.

LISBOA — Ás 21 horas, no Centro Escolar Republicano José Estêvão, da C. D. E.

LISBOA — Ás 21 horas, no Palácio Marquês da Fronteira, da C. D E.

LISBOA — Ás 21 horas, no Grupo Desportivo do Calhariz de Benfica, da C. D. E.

LOURES — Ás 21 horas, no Ginásio Olimpus, da C. D. E., de Lisboa

MOSCAVIDE — Ás 21 horas, no Clube Familiar Moscavidense, da C. D. E., de Lisboa.

ODIVELAS — Ás 21 horas, da C. D. E de Lisboa.

OEIRAS — Ás 21 horas, na Sociedade União Musical, da C. D. E. de Lisboa.

PORTO — Ás 21 e 30, no Coliseu do Porto, da C. E. U. D. do Porto.

SACAVÉM — Ás 21 horas, no Sport Grupo Sacavenense, da C. D. E. de Lisboa.

TOMAR — Ás 21 horas, no Cine-Teatro de Tomar, da C. D. E. de Santarém.

VILA REAL — Ás 21 horas, da C. D. E. de Vila Real.

VINHAIS — A tarde, no Grémio da Lavoura, da Oposição Democrática de Bragança.

«Boatos, de novo boatos» — clama a U. N. de Viana do Castelo

Da comissão distrital da U N. de Viana do Castelo, recebemos o seguinte comunicado, cujo título é «Boatos, de novo boatos»:

«Tendo em vista camuflar o recesso que se tem verificado nos efeitos da sua propaganda, alguns individuos ligados á chamada Oposição Democrática de Viana do Castelo, lançaram alguns boatos que são carecidos de qualquer fundamento. Assim, na sua táctica inconsciente e maldosa, para eles, os detentores de veículos automóveis passariam a pagar uma taxa de 10 escudos e os simples utilizadores de bicicletas qualquer coisa como 3 escudos diários. A atoarda foi desmentida, logo que dela houve conhecimento, pelos candidatos da U N., no decorrer de um dos diálogos que tiveram na semana passada com as populações do Alto Minho, que apoiam as suas candidaturas. Foram certamente os que inventaram este boato os mesmos que amiúde se têm dirigido ás familias dos que combatem no Ultramar, anunciando, com a maior desumanidade, as suas mortes, o que mais tarde se verifica ser inteira mentira. Os métodos continuam a ser iguais aos da actuação comunista. Um teórico da análise da propaganda politica, absolutamente insuspeito — Tchakhotine — diz sobre o assunto: *é certo que uma propaganda astuciosa emprega, muitas vezes, métodos, truques que, descobertos, a tornam particularmente odiosa á opinião publica: lança, por exemplo, balões de ensaio, balelas na Rádio e na Imprensa, notícias falsas e até falsas notícias. (...) Mas o desmentido dos factos, narrados pela propaganda adversa, formulando-se em termos bem nitidos e sucintos, pode, ás vezes, aniquilar a primeira, contanto que esse desmentido seja imediato.» Como foi neste caso.*»

Sessão da C. D. E. em Monte Redondo

MONTE REDONDO DE LEIRIA, 22 — Efectuou-se ontem, no salão paroquial anexo á igreja desta localidade, uma sessão de propaganda eleitoral promovida pela C. D. E. de Leiria. Presidiu o sr. Afonso Dias Crespo, e foram oradores Manuel Antunes Rodrigues e Amílcar Cordelina, além dos candidatos dr. Sérgio Ribeiro e eng.º Jorge Silvestre. Foram focados problemas de interesse nacional e regional, que a assistência seguiu atentamente.

Comunicados

A U. N. responde a três pontos da questão ultramarina abordados pela C. E. U. D. de Lisboa

Da Comissão Executiva da União Nacional recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado intitulado «Ainda o problema do Ultramar»:

«1 — A C. E. U. D. fez publicar nos jornais os seus comentários á resposta que a União Nacional havia dado ao «documento sobre política ultramarina» que aquela Comissão Eleitoral dera a lume anteriormente.

Para completo esclarecimento da opinião pública, é da máxima conveniência abordar os pontos essenciais da réplica da C. E. U. D., que são os seguintes:

a) «a política ultramarina não é conhecida nas suas últimas finalidades»;

b) «o impacto da guerra determinou de alto a baixo um fosso crescente entre as comunidades de cor diferente e o desequilíbrio do desenvolvimento não num sentido multirracial mas sim neocolonialista»;

c) é duvidoso que se esteja a caminhar, de facto, para a «integração e autonomia».

● «Desenvolvimento global»

a) «*a política ultramarina não é conhecida nas suas últimas finalidades.*»

A política ultramarina portuguesa visa, como já repetidas vezes se tem dito, o desenvolvimento global dos territórios. Este integra, sincronizada e complementarmente, os desenvolvimentos económico, social e político, que têm por metas essenciais o aproveitamento racional e integral dos recursos; a aceleração da industrialização; a diminuição da dependência do comércio exterior; a livre e permanente mobilidade de todas as etnias, o exercício pleno da cidadania e a criação e o prestígio das instituições de base.

O institucionismo, como fim e não como meio, contrapõe-se á perspectiva inversa que, por quase toda a África Negra, gerou a crise de descolonização que é denunciada pelas lutas tribais; pela personalização totalitária do Poder; pela precaridade infra-estrutural; pelo nepotismo tribal; pela mediocridade na administração; pela retrogradação económico-social das populações; pela violência e ódio raciais; pela ruptura injusta e violenta (que hoje já se procura, a todo o custo, recompor) entre as antigas metrópoles e os territórios africanos; pelo prolongamento da «situação colonial», na medida em que as minorias sociológicas governantes não se identificam nem provêm das maiorias que não têm voz activa nem representatividade; e pela implantação do neocolonialismo imperialista.

Quando se abordam estes problemas não se pode deixar de compreender que o tempo da integração — que implica uma sólida interdependência de interesses, de bens e de conveniências, aliada á mais vasta comunicabilidade humana e interterritorial — não é físico, mas humano, e depende, de modo fundamental, do grau do desequilíbrio social e cultural de início existente.

É que em todas as situações há factores positivos e negativos que facilitam ou dificultam a dinâmica da superação e onde estes últimos forem mais intensos do que os primeiros serão muito mais lentas a simbiose dos elementos em presença e a criação das indispensáveis condições de base para que os povos possam tomar consciência dos seus deveres e direitos.

O aceleramento da criação dessas condições tem sido nossa preocupação constante e falam por si, entre outras acções, os investimentos previstos no III Plano de Fomento e os empreendimentos programados ou em vias de execução, como é o caso de Cabora-Bassa, que desafia a capacidade de realização de todos os portugueses.

Maior riqueza, melhor nível de vida, maior personalização e maior justiça — derivados do desenvolvimento económico e da modernização social e política — são, portanto, as metas essenciais, com as consequências inerentes, de toda a nossa obra.

Cita-se, entre muitos, René Dumont, no seu livro «L'Afrique est mal partie» para avalizar uma orientação considerada certa por esse eminente e conceituado economista e sociólogo francês.

b) «*O impacto da guerra determinou de alto a baixo um fosso crescente entre as comunidades de cor diferente e o desequilíbrio do desenvolvimento não num sentido multirracial mas sim neocolonialista.*»

Uma visita ao Ultramar dos candidatos e principais responsáveis da C. E. U. D. mostrar-lhes-ia fácilmente que esta afirmação é falsa e gratuita.

A maior falência do terrorismo foi exactamente não ter conseguido destruir a solidariedade rácica, que tem raízes muito fundas e é uma constante tradicional da nossa História. Antes pelo contrário, confirmou-a e reforçou-a, ao ponto de terem sido os autóctones os principais defensores das fazendas e dos bens que os terroristas quiseram destruir.

E a presença das Forças Armadas, empenhadas paralelamente em acções de paz (assistência médica, progresso comunitário, ensino, etc.), tem contribuído, sem qualquer dúvida, para o enriquecimento das terras e para a consolidação da multirracialidade, na medida em que intensifica o equilíbrio do desenvolvimento regional e inter-regional, colabora na criação de infraestruturas e provoca o alargamento da dimensão do consumo e das zonas de mobilidade, de convivência e de interpenetração humanas.

Se assim não fosse, como se poderiam justificar a harmonia social, a coexistência racial e a expansão que se verificam em toda a África portuguesa e que qualquer observador reconhece ao chegar lá?

Não existindo antagonismos raciais nem de interesses — pois que o desejo dos africanos é que pela empresa económica se crie mais riqueza e que a economia de subsistência vá dando lugar á economia de mercado — também não existe «neocolonialismo» — aquele «neocolonialismo» que seria inevitável se estivessemos ausentes. Mas, mais do que argumentos, valem os factos de um contexto sócio-económico ímpar, caracterizado pela paridade das culturas, dos interesses e das etnias, pelo que a resposta á dúvida posta pelos candidatos da C. E. U. D. estará num conhecimento pessoal mais realista e localizado desse contexto que os mesmos revelam exuberantemente não ter.

● «Todos portugueses e cidadãos livres»

c) «*é duvidoso que se esteja a caminhar, de facto, para a* integração e autonomia.»

Só o desconhecimento ou a cega paixão política poderão também justificar e alimentar aquela dúvida.

Que se trilha o caminho da integração prova-o o facto de haver goeses, cabo-verdeanos, angolanos e moçambicanos, em todos os níveis da pirâmide social e da hierarquia administrativa, desempenhando funções, muitas delas na sua própria terra de origem; de o ensino estar livremente aberto a todas as etnias; de as leis do trabalho não serem discriminatórias e de haver igualdade de oportunidades para todos.

Percentagens e números estatísticos não os damos porque, sendo como somos contra a separação racial, não catalogamos as pessoas pela cor da pele, pela origem ou pela situação económica.

São todos portugueses e como portugueses e cidadãos livres de uma Comunidade multirracial, pluricultural e pluricontinental autónoma, são tratados.

Mas tudo está em função do grau de desenvolvimento económico, pois este é que cria mais postos de trabalho, estimula a aprendizagem, diversifica a produção e as funções, favorece a procura, absorve a oferta, aumenta e pluraliza as necessidades, possibilita as migrações internas e fomenta a urbanização e o comunitarismo, etc.

Por isso mesmo nos esforçamos e pensamos que esse desenvolvimento, paralelo à promoção cultural e social, é a mola real do progresso, pois há que começar pela base e não pelo tecto.

Formar élites e criar quadros, sem ter estruturas e actividades para as absorver, é um erro. Erro que tem sido pago bem caro por toda a África Negra, onde uma marginalidade cada vez maior constitui sério obstáculo ao funcionamento normal da máquina do Estado e tem facilitado o êxodo de valores que buscam trabalho e ocupação na Europa e na América por o não terem na África.

Quanto à autonomia — entendida esta como resultado de uma maior descentralização administrativa e da mais vasta e progressiva participação dos representantes das populações na gestão dos negócios locais e nos órgãos da administração geral do Estado —, tem sido praticada desde sempre, como constante inalterável da nossa administração ultramarina.

A diferenciação administrativa; a autonomia financeira; a particularidade das normas e a maior representatividade nos órgãos de decisão e de consulta locais e nacionais têm estado sempre presentes nas disposições legais referentes ao Ultramar, designadamente nos Regimentos da Monarquia e na Constituição de 1838 que estabeleceu como regra a especialidade para o governo das províncias, regra esta que foi confirmada, em 1869, pela publicação da «Carta Orgânica do Ultramar» e que constituiu uma tentativa das mais válidas na autonomização da administração ultramarina.

A Constituição de 1911 confirmou o princípio da descentralização e, daí para cá, passando pelas Cartas Orgânicas, de Almeida Ribeiro, este nunca mais deixou de permanecer.

Já na vigência do «Estado Novo», a Carta Orgânica do Ultramar, a Reforma Administrativa Ultramarina, o Acto Colonial e a Lei Orgânica do Ultramar Português têm vindo a acentuar a maior competência dos órgãos locais de governo.

E a última revisão da Lei Orgânica do Ultramar criou as juntas de freguesia nas sedes das circunscrições, as juntas locais nas sedes dos distritos e os conselhos económico-sociais nas capitais das províncias do Governo Geral; ampliou a percentagem electiva e os atributos dos Conselhos Legislativos e assegurou a presença do Ultramar na Câmara Corporativa e no Conselho Ultramarino. Foram, ainda, alterados os Estatutos Político-Administrativos de cada província, para os adaptar aos novos condicionalismos, e aumentou-se, de modo substancial, o número de autoridades locais eleitas por sufrágio directo.

Esta enumeração, embora sucinta, parece suficiente para se demonstrar não só que o Governo tem sido coerente com a linha tradicional de uma política dinâmica — que é a da Nação — mas também que a dúvida da C. E. U. D. carece totalmente de fundamento.

2 — Dados os esclareci-

(Continua na página 20)

A U. N. realizou um comício sem indicar à população que a sessão era da sua responsabilidade

— acusa a C. E. D. de Viana do Castelo

Da Comissão Eleitoral Democrática de Viana do Castelo recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«1 — Prosseguem activamente os trabalhos de organização, á escala distrital, dos serviços da candidatura democrática, sendo numerosas as comissões locais já constituídas e recebendo-se continuamente novas adesões.

2 — Estão em preparação sessões públicas de propaganda eleitoral nos concelhos de Vila Nova de Cerveira, Melgaço, Arcos de Valdevez e Ponte de Lima.

3 — Ao contrário da imparcialidade que pelo Governo tem sido apregoada e desmentindo a serenidade com que as eleições deviam ser conduzidas, tem-se verificado diversos actos de intimidação e de coacção exercidos por elementos responsáveis da União Nacional sobre eleitores democratas. Esta Comissão não pode deixar de protestar veementemente contra semelhantes procedimentos e de frisar que, garantindo a lei a liberdade de voto, tais actuações irregulares, tendentes a impedir que os eleitores votem com plena independência e conforme a sua consciência, ou impelindo-os á abstenção, são passíveis de procedimento criminal.

4 — Pelos candidatos da União Nacional tem sido afirmado que as freguesias que votarem pela Oposição não mais receberão qualquer benefício do Governo. Será que a União Nacional está autorizada pelo Governo a utilizar-se de semelhante processo de propaganda? Será que a U. N. é a distribuidora dos favores do Governo?

5 — A União Nacional realizou, no dia 10, um comício de propaganda no Teatro Sá de Miranda. Nota-se que, nos prospectos com que o anunciou e distribuiu pela cidade, se limitou a chamar-lhe «sessão de esclarecimento respeitante ao próximo acto eleitoral» e não indicou a entidade que a promovia.

Dado o êxito retumbante que teve o comício da oposição, no passado dia 5, a União Nacional teve receio de um fracasso e resolveu pescar nas águas turvas do anonimato, na esperança de iludir os incautos e angariar assistência.

6 — Está concluída a cópia dos cadernos do recenseamento eleitoral, á face das quais se verificou avultadíssimo número de falta de recenseamento de democratas com capacidade eleitoral.

7 — Na sede da C. E. D., na Rua Manuel Espregueira, n.º 105, pressiam-se informações, todos os dias, das 18 e 30 ás 20 horas e das 21 e 30 ás 23 e 30, a todos os cidadãos que pretendam saber se estão, ou não, recenseados.

8 — Vai ser publicado um manifesto dos candidatos democráticos ao eleitorado deste distrito.»

PERFIL DOS CANDIDATOS

Da C. E. M. de Lisboa

Barrilaro Ruas

Costa Quintais

Lopes Roseira

Segundo elementos fornecidos pela respectiva Comissão Eleitoral, publicamos a seguir os principais dados biográficos dos candidatos a deputados pela C. E. M. de Lisboa:

Barrilaro Ruas

HENRIQUE BARRILARO RUAS nasceu na Figueira da Foz, a 2 de Março de 1921. Licenciou-se, com distinção, em Ciências Histórico-Filosóficas, na Universidade de Coimbra. Interveio, designadamente, na crise universitária de 1944-1945. Foi presidente do C. A. D. C., em 1942-43. Entre 1944 e 1947 foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura no País, e professor do Ension Particular em Coimbra, de onde partiu para Paris, como bolseiro do Governo francês, na *École des Chartes* e no *Institut Catholique*. Em 1949, foi professor eventual do Liceu Gil Vicente e, depois, bolseiro, em Espanha, da Fundação Calouste Gulbenkian. Desempenhou, seguidamente, as funções de assistente da Faculdade de Letras de Lisboa (1953-57), assistente do Centro de Estudos Sociais e Corporativos (1957-61) e professor provisório de Filosofia do Instituto Comercial de Lisboa (1961-68). É director literário da Editorial Aster e tem desenvolvido uma intensa actividade cultural. Foi director do Centro Nacional de Cultura (1955) e participou nos congressos da «Pax Romana» (Salamanca, 1946), das «Nouvelles Equipes Internacionales» (Salzburgo, 1949), «Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências» (San Sebastian, 1947, e Coimbra, 1950), de Arqueologia (Lisboa, 1953), do Ensino Particular (Lisboa, 1962) e no Seminário Internacional sobre os Meios Audio-Visuais no Ensino (Lisboa, 1966). Tomou, também, parte na Semana de Estudos Doutrinários, efectuada em Coimbra, em 1961.

Tem proferido numerosas conferências sobre temas políticos, filosóficos, sociais e de educação em instituições culturais e científicas. Em 1968, participou no Colóquio Sobre o Racismo nos Estados Unidos, com Urbano Tavares Rodrigues, monsenhor Avelino Gonçalves, José Tengarrinha e outros.

Entre as obras publicadas pelo dr. Barrilaro Ruas evidenciam-se: «A Organização Eclesiástica Portuguesa através da vida de S. Martinho de Soure», Coimbra, 1949; «Vida do Santo Condestável», Lisboa, 1956; «A Moeda, o Homem e Deus», Lisboa, 1957; «Nun'Álvares e a Igreja do Século XX», Lisboa, 1959; «Portugal no mundo de hoje», Coimbra, 1961; «João XXIII» (de colaboração), Lisboa, 1963; etc. Tem proferido palestras na Emissora Nacional e na R. T. P. e é colaborador do «Dicionário da História de Portugal» e «Enciclopédia Verbo». Artigos e estudos seus têm vindo a lume em diversas publicações. O dr. Barrilaro Ruas é vogal da Junta Nacional de Educação, director-adjunto do Centro de Estudos Pedagógicos da CODEPA e professor do Instituto de Novas Profissões. Nos quadros da Causa Monárquica foi director a 1957; ocupou a presidência da Comissão de doutrinação e propaganda, de 1956 são Doutrinária, de 1966 a 1968; e é membro do Conselho da Lugar-Tenência. Foi um dos fundadores da revista «Cidade Nova», do «Instituto António Sardinha» e da «Renovação Portuguesa».

Costa Quintais

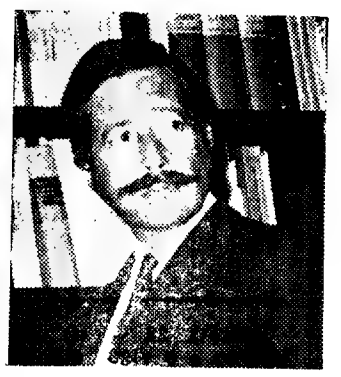
FERNANDO COSTA QUINTAIS nasceu em Lisboa, em 1924. Fez os seus estudos no Ateneu Comercial de Lisboa e no Instituto Comercial de Lisboa. Frequentou cursos de férias na Universidade de Coimbra e nos Estudos Gerais de Angola. Toda a sua actividade profissional foi exercida ao serviço de diversas empresas, como técnico de contas, desde há 25 anos, sendo membro da Comissão Directiva da Secção de Técnicos de Contas do Sindicato dos Profissionais de Escritório, para as relações externas. Tomou parte em diversos congressos internacionais de Técnicos de Administração e Contabilidade, o último dos quais em Milão, em 1968, integrado na representação portuguesa de técnicos de contabilidade. Em Março de 1961, incorporou-se no primeiro Corpo de Voluntários de Angola.

Fernando Sylvan

FERNANDO SYLVAN (ABÍLIO LEOPOLDO MOTTA-FERREIRA) nasceu em Timor, em 1917. No LAFOS das Forças Armadas foi, quase desde a sua fundação até 1963, professor de Português dos cursos liceal e comercial. E, desde o ano seguinte, técnico da Junta de Investigações do Ultramar, depois de ter sido colaborador deste organismo científico e de nessa qualidade e na de convidado do Governo-Geral de Moçambique, ter realizado uma viagem de estudo que o levou a percorrer toda a província. Com o fim de estudar as relações entre raças, fez, ainda, viagens de estudo a vários países, nomeadamente à República da África do Sul, Inglaterra, França e Brasil. Fernando Sylvan é autor de numerosos livros de filosofia, política e pedagogia, entre os quais «Comunidade pluri-racial», «Filosofia e política no destino de Portugal», «O racismo da Europa e a paz no mundo», «Perspectiva da Nação Portuguesa», «A língua portuguesa no futuro da África» e «Comunismo e conceito de nação em África». No «Jornal Português de Economia & Finanças» e no «Jornal do Comércio», entre outros, tem publicado numerosos estudos e artigos sobre temas sociais e políticos. Em 1961, foi um dos organizadores do colóquio sobre o «Ideal Português» e signatário do manifesto então publicado por esse grupo. Como professor-visitante ou professor-conferencista tem regido cursos ou dado lições ou orientado seminários nas Universidades de Toulouse, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Baía e Paraíba e nos Institutos de Pesquisas Sociais e Pedagógicas de Pernambuco. Apresentou comunicações em congressos nacionais e internacionais realizados em Portugal, Rússia, Grécia e Roménia e foi presidente da 2.ª Secção do Sector de Problemática Antropológica da Assembleia Internacional de Estudos Filosóficos, organizada pela Pontifícia Faculdade de Filosofia de Braga. Foi membro da missão especial que, a convite do Governo do Estado da Guanabara, representou Portugal nas celebrações do 4.º Centenário da Cidade do Rio de Janeiro. Fernando Sylvan é neto do primeiro africano que ingressou no Exército português com o curso superior da Escola de Guerra, o tenente-coronel de Cavalaria Domingos José Ferreira, natural de Moçambique.

Rolão Preto

Sarmento Honrado



Teixeira Viana

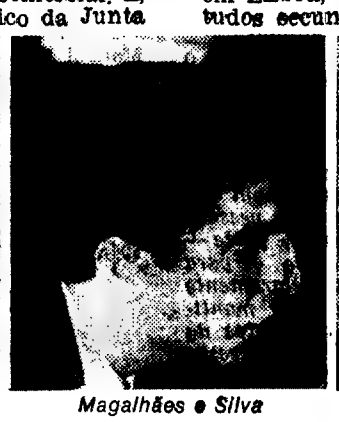
Lopes Roseira

FRANCISCO LOPES ROSEIRA, de 62 anos, é natural de S. Tomé e reside, há 52 anos, na província de Angola, onde desempenhou as funções de chefe de repartição, na Câmara Municipal de Luanda. Foi membro da Comissão Administrativa da Liga Nacional Africana, presidente da Associação dos Naturais de Angola e vogal da Comissão Provincial da União Nacional. Deputado à Assembleia Nacional na VIII Legislatura, de 1961 a 1965, pelo círculo de Angola, defendeu a política de integração. Dirigiu, em 1961 e 1962, a campanha pela integração nacional e fez, na altura, uma série de conferências em diversos pontos do País. Foi um dos autores do manifesto «O Problema do Ultramar — uma posição portuguesa». Desde 1966 reside, de novo, em Luanda.

Luiza Manoel de Vilhena

LUIZA MANOEL DE VILHENA nasceu em Lisboa, em 1926. Terminados os estudos secundários, frequentou, durante dois anos, o Instituto Superior de Agronomia. Acabou por preferir a literatura e é autora de dois livros de contos, «Pegadas na Areia» e «Marés Vivas». Tem colaborado, assiduamente, na Imprensa diária de Lisboa, publicando artigos e crónicas no «Diário de Notícias», em «A Voz» e no «Diário Popular». Foi directora da revista «Presença». Em 1964 e 1966, visitou Angola e a Guiné, em missão de serviço do Movimento Nacional Feminino. Participou no Congresso das Comunidades Portuguesas, que se realizou em Moçambique, em 1966, e pertenceu à Comissão de Arte e Cultura da Sociedade de Geografia de Lisboa. Desde há um ano e meio que colabora com uma coluna semanal, na página «Opinião», do «Diário Popular».

Luísa de Vilhena



Magalhães e Silva

Pardete da Fonseca

Magalhães e Silva

MANUEL JORGE DE MAGALHÃES E SILVA nasceu no Porto, em 28 de Dezembro de 1944, e ali fez os estudos secundários, que terminou com altas classificações. Matriculou-se, seguidamente, na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, de que é finalista. Foi vice-presidente da Comissão de Juventude da Causa Monárquica em 1966-67, e exerceu, no ano seguinte, interinamente, as funções de presidente, de que se demitiu em Abril de 1968. É professor do Instituto de Novas Profissões, colaborador do jornal «O Debate» e da Comissão Doutrinária da Causa Monárquica. Tem participado em diversos colóquios de doutrinação política no Centro de Cultura Popular. Tomou parte, em 1968, no 18.º Congresso do Centro Europeu de Documentação e Informação (C. E. D. I.), que se realizou em Madrid. É um dos fundadores da Renovação Portuguesa.

Pardete da Fonseca

ANTÓNIO ALBANO PARDETE DA FONSECA, de 28 anos de idade, nasceu em Lisboa. Cumpriu o serviço militar, na província da Guiné de onde voltou há três anos. Desde o seu regresso, começou a trabalhar em publicidade, sendo presentemente director de uma agência de publicidade. É aluno finalista do curso de Serviço Social do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina. Fez parte da Frente de Juventude Lusitana e foi redactor e, depois, director, do Gabinete de Imprensa da Causa Monárquica. Presidente da secção de juventude da Causa Monárquica, foi membro fundador da Liga Popular Monárquica e da Renovação Portuguesa. É secretário do Centro de Cultura Popular e do Centro de Turismo do Atlântico. Colaborou, activamente, nas conferências da campanha sobre política de Integração Nacional e, recentemente, fez parte da delegação portuguesa ao último Congresso Internacional do C. E. D. I. (Centro Europeu de Documentação e Informação), realizado em Madrid. É colaborador de alguns jornais e revistas.

Rolão Preto

FRANCISCO DE BARCELOS ROLÃO PRETO nasceu em Soalheira, Castelo Branco, em 1894. Fez os seus estudos secundários no Liceu Figueirense, na Figueira da Foz, tendo ingressado, mais tarde, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, de onde saiu, em 1912, para se juntar, na Galiza, às tropas de Palva Couceiro. A participação nas incursões, valeu-lhe a condenação em nove anos de prisão, a que se furtou, fugindo para a Bélgica. Aí fundou, com Luís de Almeida Braga, Domingos Gomes de Araújo, Pinheiro Torres, marquês do Cadaval e outros, a revista «Alma Portuguesa», de que foi secretário. Era o início do Integralismo Lusitano. Passou dois anos em Lovaina, licenciou-se em Ciências-Filosóficas, tendo sido aluno do cardeal Mercier, arcebispo de Malines. Dali partiu para Toulouse, onde frequentou a respectiva Faculdade de Direito, concluindo a licenciatura em 1917. À passagem por Paris, encontrou-se com Maurras, Dauret, Bainville e Maurice Barrès. Abrangido pela amnistia de 1919, Rolão Preto regressou a Portugal e ficou a fazer parte da Junta Central do Integralismo Lusitano. Em 1919, levou a ordem de Aires de Ornelas, comandante de Monsanto, ao Porto, donde partiu, a pé, para a serra da Estrela e Beira Baixa, a levantar o Exército. Foi candidato a deputado, pela Covilhã, após a «Monarquia do Norte», e tomou parte em algumas conspirações, entre 1919 e 1926. Participou, activamente, no 28 de Maio, redigindo o primeiro pro-

(Continua na página 21)

«A futura geração portuguesa viverá em Democracia»

— afirmou-se numa sessão da C. D. E. do Porto

PORTO, 22 — «O entusiasmo e o vigor que tem caracterizado a campanha eleitoral por parte da Oposição Democrática, duma ponta a outra do País, são o índice seguro que a nossa representatividade não oferece duvidas e já é legítima seja qual for o resultado das eleições» — afirmou um orador numa sessão da C. D. E. do Porto, em Coimbrões (Gaia).

A sessão efectuou-se no Estrela-Cine foi presidida pelo candidato Joaquim Felgueiras, que se encontrava ladeado pelos seus colegas de lista e ainda pela sr.ª D. Virgínia de Oliveira e pelos srs. Herculano Magalhães, da comissão concelhia de Gaia, e Alexandre Ferreira Barros.

Depois da assistência ter cantado o Hino Nacional, o sr. Joaquim Felgueiras abriu a sessão, dando a palavra ao sr. Herculano Magalhães, que começou por afirmar: «A U. N. promete, desta vez, proceder a um vasto plano de reformas. Depois de 43 anos de trabalho, não há duvida de que eles estão mesmo a precisar de reforma...»

Após ter referido o próximo acto eleitoral, concluiu: «Sem «contrôle» da Oposição, a Assembleia Nacional, continuará nos próximos 4 anos, a ser aquilo que alguém denunciou um dia como instituto de surdos mudos».

O candidato João Arnaldo Maia, falou em seguida, para fazer uma cerrada crítica á situação.

E terminou as suas judiciosas considerações abordando os factos ocorridos na C. D. E. de Lisboa, dizendo a propósito: «Só temos que apelar para que reforcemos os nossos piquetes de vigilancia nas nossas sedes».

Seguidamente, o dr. Alberto Teixeira de Sousa procedeu á leitura de um documento da C. D. E. de Setubal sobre a situação em que vivem os trabalhadores portugueses. Por sua vez, o dr José Cardoso leu um documento da C. D. P. acerca da situação do funcionalismo publico, que ainda não foi publicado nos jornais.

No uso da palavra, o sr. Edgar Correia, membro da comissão executiva da C. D. P., abordou o problema do ensino em Portugal e dos estudantes que disse lutarem pela valorização do ensino no nosso País.

● Queremos uma Assembleia Nacional representativa

Concluiu, afirmando: «A luta é ainda árdua, mas é de todos nós. Mas se soubermos ter esperança, a futura geração portuguesa viverá em Democracia (...) — continuemos na luta por um Portugal livre e democrático».

Falou depois o sr. dr. Raul de Castro que abordou o significado desta campanha e afirmou: — «As estruturas do Regime mantêm-se, mantêm-se todas as leis do chamado regime corporativo. Apontou depois alguns pontos sobre a política ultramarina e referiu o assalto á C. D. E. de Lisboa.

Entrou-se, em seguida, num período de perguntas ás quais responderam a eng.ª Virgínia Moura e o dr. José Cardoso.

Antes de encerrar a reunião o sr. Joaquim Felgueiras proferiu algumas palavras dizendo que a Assembleia Nacional, até hoje tem sido monopólio da U. N., e portanto sem qualquer reflexo na vida do País. Nós, os democratas, queremos que a Assembleia Nacional seja verdadeiramente representativa e autêntica. queremos que aqueles que vão lá ter acento sejam os porta-vozes das diversas correntes de opinião e dos legítimos interesses dos portugueses (...) Temos vindo na presente campanha eleitoral, a levantar os problemas que nos afligem, as suas causas e os seus remédios. Toda a nossa orientação política se dirige aos interesses da Pátria. Uma reflexão sincera do eleitorado tem, por força de coincidir com os nossos propósitos. Por isso encerro esta sessão confiante e optimista: a Democracia conquistará o Poder».

No final foi de novo cantado o Hino Nacional.

A assistência que encheu o Estrela-Cine em Coimbrões (Gaia)

A U. N. e o Ultramar

(Continuação da página 18)

mentos que precedem, verificar-se-á, com facilidade, as deturpações e as omissões da C. E U. D., que subordina tudo ao principio básico da «necessidade de descolonizar a nossa África» sem dizer como e quando, e sem rebater o rumo que no mesmo sentido, temos seguido, realista, segura e firmemente.

Mais do que isso, deixou incompreensivelmente sem resposta as nossas considerações anteriores e não esclareceu claramente a sua posição quanto à tese do «abandono» que gostaríamos de ter visto repudiada sem disfarces.

Não é processo avançar e recuar, conforme as conveniências, atacando ou discordando só pelo gosto obsessivo de o fazer.

O problema ultramarino é muito sério e vincula-nos a todos, pelo que não se pode compadecer com a superficialidade da análise, a subtileza dos argumentos e a estratégia do combate.

A uma política, suficientemente definida e conhecida, haveria que contrapor outra, equacionada e fundamentada, não só nos fins mas também, e principalmente, nos meios para a executar e prosseguir. Foi isso que a C. E. U. D. e a C. D E. ainda não fizeram.

Não faltam motivos para censurar o regime

— foi afirmado na sessão oposicionista em Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 22 — No Cine-Teatro Avenida desta cidade, que se encontrava com a lotação esgotada, efectuou-se uma sessão de propaganda da Comissão Eleitoral Democrática de Castelo Branco.

Presidiu à sessão o dr. Armindo Gonçalves Ramos, ladeado pelos oradores: dr. Mário de Deus Branco e os drs. Alçada Baptista, Manuel João Branco e José Bastos Rabaça, os três últimos candidatos pelo círculo.

O primeiro orador foi o dr. Mário de Deus Branco, advogado em Castelo Branco, que entre outras coisas disse:

— *Num país despolitizado como o nosso, em que grande parte das pessoas — se não a maior parte — por conveniência e para conveniência, claramente deduzidas, se tem mantido alheia aos assuntos da Nação, quer por pressão das instituições vigentes, quer por falta de nível cultural, quer ainda, diga-se a verdade, por certa preguiça e comodismo pessoais, é muito importante que as consciências despertem e começem a dinamizar-se no sentido de passarem a revelar o seu interesse pela discussão dos problemas da comunidade. Não sou nem nunca fui político nem tão pouco afecto a quaisquer cargos políticos. Pois se o fosse ou pretendesse ser eu poderia estar noutra posição nesta Campanha Eleitoral, pois que quer alguns relevantes sectores da Oposição Distrital quer a própria União Nacional, tiveram a gentileza de me convidar para candidato, por muito estranho que pareça este antagónico convite.*

Depois de referir que, no entanto, todos têm o dever de «ser políticos», o orador disse:

— *Ora, infelizmente, não faltam motivos para criticar ao regime, e todos nós o fazemos, eu e vós, todos os dias, no café, no cinema, na rua, na repartição, em casa e em tantos outros lados.*

Falou a seguir, o dr. Manuel João Vieira, que, a certa altura, disse:

Só homens não comprometidos com o Poder, desinteressados, idealistas, coma coragem suficiente para dizerem a verdade e toda a verdade, para denunciarem os erros, podem lançar ombros de tão premente e grandiosa obra.

O orador, depois de se espraiar em considerações sobre as perspectivas socioeconómicas do distrito de Castelo Branco, de que fez a crítica, citando exemplos e estatísticas, condenou os moldes em que foi concedido o alvará da Celulose do Tejo e a este propósito sublinhou que «a concessão foi feita, sem preocupação de salvaguardar os interesses de milhares de produtores de pinhal, em áreas de bem caracterizado minifúndio, que não consentem outra cultura rentável».

O orador seguinte foi o dr. Alçada Baptista que, a pedido, repetiu o que afirmou na sessão realizada na Covilhã.

Fechou a série de discursos o candidato José Bastos Rabaça, que, a abrir, fez uma exortação ao voto.

Depois de várias críticas aos sectores industrial, agrícola e educacional, José Rabaça disse, a terminar:

— *Neste país de moeda valorizada, mas onde a moeda não corre, a parte substancial da massa que emigra é necessáriamente aquela que não tem a potencialidade de se tornar emissora.*

Essa parte, que desfalca o nosso património e simultâneamente vai proporcionar riqueza no estrangeiro tem de ser fixada. E só existe um processo para que a fixação se verifique: pagar-se o justo salário.

Carta da Oposição Democrática ao povo de S. Miguel

(Continuação da página 10)

mente ao publico consumidor.

O que desejam os democratas

Portanto, aqui e em resumo, desejam os democratas:

Que sejam construídas pelo Estado casas de habitação para todos;

Que se fixe um salário mínimo para o trabalhador do campo;

Que se faça uma nova lei de arrendamento mais favorável ao rendeiro;

Que o Estado crie e subsidie bancos de crédito agrícola e outros organismos de empréstimo não lucrativos;

Que o ensino liceal seja tornado obrigatório e gratuito;

Que o Estado fomente e subsidie cooperativas de venda de produtos agrícolas.

Além disto, os democratas ainda pretendem:

Que se criem novas industrias, que façam elevar o salário médio dos trabalhadores;

Que a emigração seja tornada livre para que possam sair todos quantos não conseguem aqui remuneração suficiente;

Que se organize a industria de pesca em vista de melhores remunerações aos pescadores e maior produtividade;

Que sejam abolidas as barreiras de alfandega que protegem industrias não remuneradoras nem rentáveis e obrigam o consumidor a pagar excessivamente os produtos;

Que se proceda á organização dos transportes marítimos e aéreos, os quais pertencem a uma só companhia, com graves consequências nos preços de passagem e frete;

Que se proceda á electrificação de todas as freguesias e dos aglomerados populacionais do Distrito (Santa Maria e São Miguel).

Os candidatos democráticos farão todo o possível para que o Povo deste Distrito não necessite, no futuro, de fugir do seu País que tão mal o tem tratado!

Mas atenção, amigo!

Os democratas micaelenses *não podem nem querem* resolver estes problemas longo do Povo. *O Povo é que terá de dizer o que quer, como quer e ainda escolher quem mais lhe convenha, pois São Miguel e Santa Maria pertencem-lhe!*

Por isso, e acima de tudo, os candidatos democráticos querem é que o Povo vote em sua consciência e como quiser e não nunca, segundo for ordenado por poderosos ou gente ao serviço dos poderosos.

Se o Povo deste distrito votar naqueles que, *em sua opinião* (e não na opinião de mandões), mais lhe convém, então os democratas já conseguiram a vitória.

Saudações dos candidatos democráticos

Manuel Barbosa — António Eduardo Borges Coutinho — João Silvestre Pacheco.»

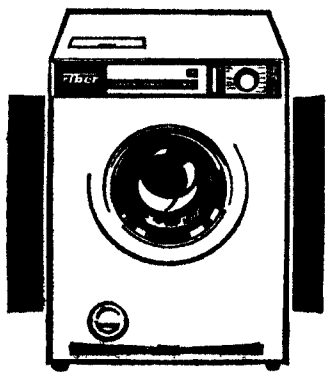
Sessão da C. D. E. do Porto dedicada à Juventude

PORTO, 22 — «Juventude — Ensino — Trabalho» foi o tema da sessão dedicada á juventude e realizada no Teatro Carlos Alberto, pela Comissão Democrática do Porto (Lista C).

O primeiro orador, o eng.º Sousa Pereira, assistente da Faculdade de Engenharia.

Falaram ainda o estudante Nozes Pires, a operária Laura Valente, os operários António Mota e Augusto Teixeira, o estudante Pedro Abecassis, o candidato Zeferino Coelho e, por ultimo, Edgar Correia.

riber
MÁQUINAS AUTOMÁTICAS PARA LAVAR ROUPA



● Capacidade 5,5 kg
● 10-12-16 programas
● Duplo reservatório para detergente
● Tambor em aço inoxidável
● Cuba esmaltada
● Modelos com e sem rodas

Use skip

Com RIBER lave a roupa que quiser
SABEL
Rua de D. Estefânia, 98/A-LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209-PORTO

Só de 4 em 4 anos nos é dado viver este momento privilegiado

— afirmou-se numa sessão da C. E. M. em Alenquer

Fernando Sylvan

Toscano de Sampaio

Vaz de Sampayo

ALENQUER, 22 — (Do nosso enviado especial) — A carroçaria de um camião serviu de palco aos oradores de uma sessão de propaganda que os candidatos da C. E. M. (Comissão Eleitoral Monárquica) realizaram, ontem à noite, numa garagem da Quinta do Reguengo, nesta vila. Presidiu o prof. dr. Luís Vaz de Sampaio e na mesa tomaram lugar os srs. dr. Nabais e Silva, Luís da Câmara Leme e José Manuel Neves e Costa e os candidatos D. Luísa Manoel de Vilhena, dr. Henrique Barrilaro Ruas, dr. Fernando Sylvan, Francisco Lopes Roseira e Magalhães e Silva.

O primeiro orador, Neves e Costa, abordou o problema do Ultramar e, invocando o seu conhecimento de todos os territórios ultramarinos, como repórter de Televisão, afirmou: «*Lá nunca ouvi a afirmação: ou não sou português. No entanto, aqui, do lado de cá, já ouvi alguns afirmar: eu sou ibério*». E acrescentou: «*Se eu hoje proclamo que sou português, devo-o ao Ultramar que revitalizou o meu patriotismo*».

A presidência da sessão instalou-se sobre uma camioneta

O candidato Neves da Costa abordou, depois, o problema da guerra, consequência — disse «da exploração de um nacionalismo de cor» que, de início, partiu de Moscovo e de Pequim e hoje, também de Washington e Paris. Para ganhar a guerra, o orador preconizou a criação de um departamento governamental que orientasse a luta psicossocial no Ultramar. E afirmou:

«*A acção psicossocial é absolutamente necessária. Sem isso, não ganhamos a guerra. E sem ganharmos a guerra, perderemos a independência.*

Falou depois o sr. Luís da Câmara Leme que começou por recordar a criação da União Nacional, definida em 30 de Junho de 1930 pelo prof. Salazar como «*tentativa de resolver o problema político português*, acrescentando: «*Em qualquer caso, a U. N. não pode abandonar o campo meramente nacional e patriótico para se imbuir do espírito de partido, porque seria criminoso, e, além de criminoso, ridículo acrescentar aos que existem, o partido... dos que querem partidos.*»

Após estas citações do então ministro das Finanças, o orador sublinhou: «*Como estamos longe da rectíssima intenção destes propósitos*».

E depois de recordar que, na altura «estava certo o repúdio dos partidos», porque «*o Governo da Ditadura detinha todos os poderes, incluindo o legislativo*», Câmara Leme anota que «*a partir daqui, do discurso de Salazar de Junho de 1930, o regime do 28 de Maio entra em conflito com a sua própria doutrina*», explicando, a seguir que «*o Estado Novo nega a legitimidade dos partidos e retira à U. N. todos os atributos comuns a qualquer partido*», mas a U. N. tem sido apenas um partido.

Falou a seguir o dr. Henrique Barrilaro Ruas que teceu considerações sobre o sentido da candidatura da C. E. M. («somos apenas portugueses livres, a falar de Portugal»), a crise que se atravessa e a resistência a opôr a essa crise, aludindo também a este «*momento privilegiado que só de quatro em quatro anos nos é dado viver*».

Também o prof. dr. Luís Vaz Sampaio, que encerrou a sessão, começou por dizer: «*apresentamo-nos apenas como portugueses livres, que amamos muito a liberdade de fazer o bem, de dizer o bem e de criticar o mal*». E acrescentou: «*E porque somos portugueses e livres, temos uma preocupação máxima de justiça social*».

O prof. dr. Vaz Sampaio referiu-se depois aos vários aspectos da vida portuguesa e, sobre o Ultramar, acentuou as diferenças existentes (quadros administrativos, moeda, selos, etc.), afirmando: «*Pedimos que, com actos e não com palavras, nos mostrem que defendem o Ultramar*». E mais adiante: «*Eu não sei de questões económicas. Mas é possível que haja fontes de bons proventos para que existam alfândegas entre o Portugal de cá e o de lá*».

No final, a assistência cantou de pé o Hino Nacional.

A última sessão dos candidatos por Bragança

Impossibilitados de realizar a sua ultima sessão de propaganda eleitoral no Cine-Teatro Camões, de Bragança, pelo facto de a U. N. ter alugado com muita antecedência aquela casa de espectáculos para os dias 21, 22 e 23, os candidatos da Oposição democrática por aquele distrito anunciam que aquela sessão terá lugar amanhã, dia 23, pelas 21 e 30, na fábrica de serração da Av. do Sabor. Espera-se que aí se reunam os membros das comissões eleitorais concelhias pois se fará, então, a distribuição das listas e das cópias dos cadernos eleitorais para os diferentes concelhos.

De tarde, haverá uma outra sessão de propaganda no Grémio da Lavoura de Vinhais. Tanto numa como noutra sessão, falarão os candidatos srs. Agostinho Rafael, dr. Domingos Ponte e João António Vicente e, ainda, o dr. Manuel Teixeira, advogado em Macedo de Cavaleiros.

Os candidatos da C. E. M.

(Continuação da página 19)

grama político do marechal Gomes da Costa. Em 1932, foi convidado a dirigir o jornal diário «A Revolução», e fundou o Nacional-Sindicalismo. Acompanhou a Guerra de Espanha, no teatro dos acontecimentos, tendo entrevistado o general Franco, no Palácio do Bispo, em Salamanca durante um bombardeamento.

Depois da Segunda Grande Guerra interveio, de novo activamente, na vida política portuguesa. Fez parte do Comité de Candidatura do almirante Quintão Meireles, e, juntamente com o dr. de Almeida, ambos igualmente monárquicos, na do general Humberto Delgado, chefiando os Serviços de Imprensa. Redigiu, também, em 1958, na campanha para a Presidência do general Delgado, parte do programa político e proferiu vários discursos em Lisboa, Porto Coimbra Covilhã, etc.

Retirou-se, depois, para a Soalheira, sua terra natal, onde tem acompanhado atentamente a evolução da política nacional. O dr. Rolão Preto tem vasta obra doutrinária: «Redenção», «A Monarquia é a Restauração da Inteligência», «Para além do Comunismo», «Balizas» (manual sindicalista), «O Nacional-Sindicalismo», «Salazar e a sua época», «O Fascismo», «A Revolução Espanhola», «Para além da Guerra», «Justiça», «Traição Burguesa», «Inquietação», etc. Tem colaborado nos seguintes jornais e revistas: «Alma Portuguesa», «Monarquia» (de que foi director durante a prisão de Hipólito Raposo), «Notícias de Évora», «Beira Baixa», «A Gardunha», «A Nação Portuguesa», Debate», «Jornal do Fundão», «Notícias de Leiria», «República», «Diário de Lisboa», «Jornal de Notícias», «Comércio do Funchal», «V udiiadnMlabelPckppm do Funchal», «Vida Mundial», etc.

Sarmento Honrado

FERNANDO DE MORAIS SARMENTO HONRADO nasceu em 1936, estudou Direito em Lisboa e Salamanca e foi dirigente, enquanto estudante, de organizações monárquicas, desempenhando diversas funções, entre as quais a de vice-presidente da Frente de Juventude Lusitana. Mais tarde, foi adjunto do director dos Serviços de Doutrinação e Propaganda da Causa Monárquica e redactor de «O Debate». Participou na campanha eleitoral do general Humberto Delgado. Desempenhou o cargo de vice-presidente da direcção do Centro Nacional de Cultura e, depois, o de presidente do respectivo conselho fiscal. Trabalhou, activamente, na campanha eleitoral para deputados em 1961, integrado no grupo de monárquicos independentes. Em 1965, foi signatário do «manifesto dos 101». É fundador da Renovação Portuguesa. Responsável pela página de teatro da revista «Escola Portuguesa», da Direcção-Geral do Ensino Primário, foi um dos fundadores da «Casa da Comédia» e tem colaborado na Imprensa diária e em revistas da Metrópole e do Ultramar, tais como «Notícias do Algarve», «Revista do Rádio Clube de Moçambique» (de que foi crítico teatral), «Távola Redonda» e «Água Grande» (esta de S. Tomé). Profissionalmente, dedica-se á actividade industrial.

Teixeira Viana

FERNANDO TEIXEIRA VIANA nasceu em Lisboa, em 7 de Janeiro de 1927. Formou-se em Arquitectura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, defendeu tese com um projecto de museu para crianças, elaborou vários planos de urbanização para a Câmara Municipal de Cascais. É autor dos projectos de diversos conjuntos habitacionais para a Federação das Caixas de Previdência (Habitações Económicas), Município de Cascais e empresas privadas, bem como de vários complexos turísticos. Está a elaborar, ùltimamente, estudos de arquitectura industrial. É administrador da SPATIUM, Centro de Estudos e Projectos Imobiliários, S. A. R. L. Quando filiado na Causa Monárquica presidiu, em 1964-65, á respectiva Junta Concelhia de Cascais. Foi, posteriormente, um dos fundadores da Liga Popular Monárquica e da Renovação Portuguesa.

Toscano de Sampaio

JOAQUIM TOSCANO DE SAMPAIO nasceu em Cuba (no Baixo Alentejo), em 1894. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra e foi secretário da direcção e presidente da Assembleia Geral da Associação Académica. Fez parte do Integralismo Lusitano e desempenhou funções de delegado do procurador da República, em Portel. Foi conservador do Registo Civil, em Vinhais, e notário em Ferreira do Alentejo. Foi eleito deputado á Assembleia Nacional, pelo círculo de Aljustrel, em 1925. Advogou em diversas comarcas do Sul e é, actualmente, presidente do Conselho-Geral do Grémio da Lavoura da Vidigueira e da direcção da Adega Cooperativa e Fruti-Hortícola da Vidigueira, sendo, também, membro do Conselho Regional Agrícola. Pertenceu aos conselhos da Junta Nacional dos Produtos Pecuários e colaborou, assiduamente, na Imprensa, nomeadamente, no «Notícias Agrícola», «A Voz», «Jornal do Sul», «Ala Esquerda», «A Defesa», «Pela Terra» e «Boletim da Associação Central de Agricultura». Escreve com regularidade em «O Debate» e dedica-se, actualmente, á agricultura.

Vaz de Sampayo

LUIZ DE MELLO VAZ DE SAMPAYO nasceu em Paris, em 13 de Julho de 1920. Fez os estudos primários em Lisboa e os secundários em Paris, onde frequentou a *Sorbonne*, durante dois anos. Novamente em Portugal, a partir de 1940, cursou Ciências Físico-Químicas, na Universidade de Coimbra. Interrompeu o curso para cumprir o serviço militar e veio a licenciar-se, com distinção, em 1947. Assistente da Universidade de Coimbra logo no ano seguinte, é professor catedrático desde 1955. Durante a sua vida académica, foi presidente do C. A. D. C. (1945-46) e subdirector da revista «Estudos». Dedicando-se, especialmente, à poesia e temas de arte, acompanhou a investigação científica com a investigação histórica. Neste campo, publicou «Martim Afonso de Sousa» e tem no prelo um amplo estudo sobre «Pedro Álvares Cabral». Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, em Londres, de 1951 a 1953, o seu principal trabalho científico é um volume sobre as estruturas cristalinas. Tem larga colaboração científica na «Enciclopédia Verbo». Tomou parte nos congressos da «Pax Romana» (1946) e Para o Progresso das Ciências (Coimbra, 1956, e Madrid, 1958). Em 1967, esteve em Paris, em missão científica relacionada com a reforma do plano de estudos das Faculdades de Ciências. No plano político, foi um dos fundadores da «Cidade Nova», do «Instituto António Sardinha» e da «Renovação Portuguesa». Acompanhou a Angola, Moçambique e S. Tomé os príncipes da Casa de Bragança, há cerca de doze anos. É presidente, em Coimbra, do Círculo de Cultura Musical.

Tudo o que é estável assenta numa **base**...

O novo Seguro de VIDA de **"A MUNDIAL"** oferece-lhe isso mesmo: uma **base** que o acompanha sempre, que é actualizável, adaptável às suas necessidades actuais e futuras.

Na nossa **Matriz de Planos de SEGURO BASE,** encontrará o plano que mais lhe convém, quer para a garantia do seu futuro, quer para a aplicação das suas economias!

Cada Segurado recebe, juntamente com a apólice, o **LIVRETE DE ACTUALIZAÇÃO**; cada folha deste **LIVRETE** deverá ser preenchida pelo Segurado, quando julgar conveniente e enviada ao Departamento de Análise de Planos de **"A MUNDIAL"**, que estudará a sua situação nesse momento e dará a conveniente sugestão de adaptabilidade do seu **SEGURO BASE**.

Na base do seu futuro

UM NOVO SEGURO DE A MUNDIAL

Impacto

Comunicados

Também quanto à prática da ginástica e dos desportos estamos no mais baixo escalão da Europa

— afirma a C. E. U. D. de Lisboa num comunicado

Da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«A «fuga» ou o «escapismo» social dos espectadores das lutas desportivas é um fenómeno que vem de longe. Desde sempre, tem havido um número considerável de pessoas que se alienam, como cidadãos e homens responsáveis, na situação de simples entusiastas das práticas desportivas dos outros.

No caso português, a alienação do espectador (particularmente assistente de futebol) tem sido cuidadosamente cultivada. As entidades oficiais cedo se aperceberam da enorme «valia» de tal derivativo, para as preocupações de carácter social. E nessa conformidade, tudo têm feito para dar aos seus concidadãos uma conveniente distracção, com vista ao sossego de todos.

É possível que, simultâneamente com a organização do espectáculo desportivo, hajam pensado uma efectiva organização para os praticantes, à escala nacional; mas como, e para tanto, era indispensável tentar uma promoção económica e cultural (a promoção desportiva é apenas um aspecto da promoção social), prudentemente se quedaram pelo fomento do espectáculo.

Não é, pois, de estranhar que, num país onde se gastaram (e gastam) verbas impressionantes para distrair a população, ao mesmo tempo se tenham negado á nossa juventude as condições indispensáveis a uma séria e patriótica valorização. Desde o rendimento anual, «per capita», ao tempo de frequência escolar obrigatória, á assistência e prevenção das doenças, ao esclarecimento e participação dos problemas da vida nacional, e á prática educativa da ginástica e dos desportos, encontramo-nos, efectivamente, no mais baixo escalão da Europa, e a uma distância que, em relação aos outros povos, se vai progressivamente acentuando, como é do conhecimento geral; no desporto como no resto, claro.

MEDALHAS NOS JOGOS OLÍMPICOS

Uma forma (apenas curiosa, para alguns, mas perfeitamente objectiva, pelo que revela de implicações estruturais) poderá ser a de nos situarmos, no compacto da vida europeia, através duma tabela das medalhas conquistadas, nos Jogos Olímpicos, pelos jovens dos mais pequenos países da Europa. Se escolhermos os Jogos Olímpicos, fizemo-lo pelo motivo destes constituirem as competições mais antigas e importantes das modalidades e no conjunto das nações participantes; onde, pois, o factor sorte se dilui, sem grandes margens para desculpas ou falsas interpretações.

Vejamos, então, esses números:

	Our.	Prat.	Bronz.
Albânia	0	0	0
Portugal ...	0	2	5
Luxemburgo	1	1	0
Irlanda	4	5	5
Bulgária ...	7	15	10
Áustria	11	18	25
Grécia	13	22	19
Dinamarca	24	48	40
Suíça	32	47	45
Holanda	33	36	44
Bélgica	34	38	33
Noruega	35	25	29
Finlândia ..	78	68	95
Hungria	94	75	81
Suécia	118	111	134

Nesta pequena tabela, fácilmente podemos verificar que os dois países de menor cotação desportiva são, precisamente, os de mais baixo nível de vida; e ainda que as nações de maior desenvolvimento desportivo se caracterizem, politicamente (e apenas com uma única excepção) pelas suas intituições democrático-liberais, e, económicamente, por um rendimento anual, «per capita», superior a 1000 dólares, ou seja, pelo menos duplo do rendimento médio do habitante português.

Doutras maneiras, contudo, podemos situar o nível desportivo nacional. Assim, por exemplo: enquanto a Allemanha Ocidental apresenta cerca de 16 % de toda a sua população a movimentar-se nos quadros das várias federações — e deve ser, neste e noutros aspectos, o país mais progressivo da Europa — nós apenas movimentamos 1,28 % da população geral (ou seja 2,99 % da população jovem, dos 5 aos 29 anos), de acordo com as estatísticas oficiais.

Nessa percentagem de 1,28 %, nem vale a pena pormenorizar o número de praticantes das duas modalidades por todos consideradas de maior índice ou valor: referimo-nos ao Atletismo e á Natação.

O confronto com os praticantes dos outros pequenos países, já atrás citados, seria terrívelmente desolador. Façamos, antes, uma comparação mais vantajosa, para nós, cotejando os números respectivos do mais popular dos desportos, na Europa: o Futebol.

E assim teremos:

Luxemburgo	11 000
Irlanda	16 000
Albânia	16 000
Finlândia	25 000
Portugal	25 000
Grécia	50 000
Noruega	60 000
Suíça	80 000
Bélgica	105 000
Hungria	109 000
Suécia	140 000
Bulgária	150 000
Dinamarca	180 000
Áustria	200 000
Holanda	577 000

EDUCAÇÃO FÍSICA NOS LICEUS E NOUTROS LOCAIS

Outras verificações, ainda mais expressivas, porque efectuadas á própria escala nacional, são estas:

1.º — Em 1930, havia mais Aulas de Educação Física nos horários dos nossos liceus do que actualmente se encontra estabelecido. É verdade que, hoje, há muito mais alunos liceais em actividade do que então, como consequência do aumento da população; mas também é verdade que por igual motivo e por falta de organização, temos cada vez mais raparigas e rapazes a frequentar este ramo de ensino, sem qualquer possibilidade prática de usufruirem alguns benefícios educativos, higiénicos e recreativos da ginástica e da iniciação desportiva.

Esta situação verifica-se, tanto nos liceus do país, como e ainda mais gravemente, nos colégios particulares do ensino liceal, nos quais, e de há poucos anos a esta parte, se regista maior número de estudantes do que nos liceus.

2.º — Em 1938, os mínimos das provas físicas do exame de admissão á Academia Militar eram, no seu conjunto, mais exigentes do que se pede agora.

Poderá dizer-se que, sendo um país pobre, não podemos dispensar, com as práticas gimnodesportivas, quantias muito avultadas. Perante um argumento destes, só temos a contrapor uma realidade muito diferente: em Portugal, o que se tem gasto com o espectáculo desportivo com a Mocidade Portuguesa Masculina e Feminina e com um pseudo-fomento da ginástica e do desporto, soma verbas impressionantes, em todos os sentidos.

Impressionantes pelos próprios numeros em si, e impressionantes porque sem rentabilidade para a insofismável valorização dos rapazes e das raparigas em idade escolar (para não falar, já, dos adultos).

A construção e conservação do Estádio Nacional, bem como de todos os estádios, do Norte ao Sul do País, do Minho á Madeira, integral ou parcialmente pagos e mantidos com dinheiros públicos, devem ter ultrapassado os 500 000 contos, segundo um cálculo nosso, aproximado.

Por sua vez, as duas organizações já citadas, da Mocidade Portuguesa e da Mocidade Potruguesa Feminina, também devem ter custado (e aqui novamente em cálculo aproximado que só poderá pecar por defeito) outros 500 000 contos. E se juntarmos, agora, um terceiro meio milhão de contos (este garantido, por indicação pública dos respectivos serviços), já entregues ao sector desportivo pela organização do Totobola — temos um total que rondará muito de perto milhão e meio de contos! Com a agravante ainda (digamos assim...) de no próximo decénio o Totobola garantir, só á sua parte, muito mais de puxado milhão de contos, igualmente para o sector desportivo (e em igualdade de repartição de lucros com um outro sector, que é o das Misericórdias de Lisboa, Porto, Braga e Évora e outras instituições de Assistência).

CONSTRUÇÃO DE «PEDRAS MORTAS»

Se, até agora, a nossa juventude não tirou qualquer proveito indiscutível com o gasto de tais quantias, é muito pouco provável que, num futuro imediato, venha a verificar-se uma correcção da política seguida. Convencidos estamos, pois, que esta vai continuar a dirigir-se fundamentalmente, para a simples distracção das massas, ou quando muito, para a construção de «pedras mortas», sem rentabilidade da utilização efectiva.

A Comissão Coordenadora da C. E. U. D. de Lisboa».

Os candidatos da U. N. por Vila Real «bater-se-ão pela instalação das infra-estruturas económico-sociais»

— segundo afirmam num comunicado

Dos candidatos da U. N. pelo círculo de Vila Real recebemos o seguinte manifesto:

«Provindo de diversos sectores políticos e sendo homens independentes, os signatários aceitaram o convite da União Nacional para a representarem, como candidatos a deputados pelo círculo de Vila Real porque, não lhes tendo sido postas barreiras á sua liberdade política, apenas lhes foi pedida colaboração para a defesa do interesse nacional. Sem repudiarem o passado, mas com os olhos postos no futuro da Pátria, entendem que aquele interesse assenta, fundamentalmente, na defesa intransigente de todas as parcelas do território nacional e na necessidade de que o actual regime político evolua, dentro da paz e da tranquilidade publicas, e em ordem á obtenção de um digno padrão de vida para todos os portugueses, sem distinção de raças, de origem social, de credos políticos ou religiosos.

Deste modo, deliberada e conscientemente, aceitam e apoiam a política de continuidade e renovação definida pelo sr. Presidente do Conselho e tendente á construção de um verdadeiro estado social. Nessa linha de rumo defenderão para todos os portugueses:

1 — O direito á liberdade individual á qual apenas se reconhecerá como limite o que for ditado e exigido pelo interesse da colectividade;

2 — O direito a trabalho digno e justamente remunerado;

3 — O direito á educação e instrução não só de base mas em todos os graus de ensino;

4 — O direito a perfeita assistência e previdência na doença, na velhice, na viuvez e na orfandade;

5 — O direito a habitação própria condigna.

No plano regional:

1 — Bater-se-ão pela rápida instalação de todas as infra-estruturas económico-sociais — abastecimentos de água domiciliários, construção de estradas e electrificação — necessárias e em relação ás quais é manifesto o atraso do distrito;

2 — Lutarão por uma eficaz política de bem-estar rural, para a qual julgam necessária a imediata reestruturação da agricultura através do associativismo, com base em unidades de tipo familiar, e da instalação de melhoramentos fundiários de imediata e forte reprodutividade;

3 — Pugnarão pela revalorização dos preços dos produtos agrícolas e pela limitação ao mínimo essencial do respectivo circuito comercial, a impor-se em toda a vasta e diversificada lavoura regional, e a revestir grave problemática na região duriense onde se verifica um grave desfasamento entre os custos da produção e de venda ao consumidor;

4 — Defenderão a instalação de industrias ao nível regional que absorvam a mão-de-obra ainda excedentária no sector primário.

5 — Procurarão que os serviços florestais e a Junta de Colonização Interna dinamizem a sua actividade no distrito para um eficaz aproveitamento de todos os baldios e para o necessário apoio técnico e económico á lavoura;

6 — Pugnarão por que o Governo reconheça o incontestável valor turístico de toda a região e, assim, lhe dê o mínimo essencial á sua concretização e desenvolvimento. Viva Portugal.

Os candidatos: Hulberto Cardoso de Carvalho, João António Teixeira Canedo, José Vicente Pizarro Xavier Montalvão Machado e Raul da Silva Araujo.

Carta do dr. Pereira de Moura em resposta à nota do Governo Civil de Lisboa

Recebemos do dr. Francisco Pereira de Moura, candidato pela Comissão Democrática Eleitoral de Lisboa, a carta que a seguir publicamos:

«Ao abrigo da Lei de Imprensa solicito a publicação da seguinte resposta a uma nota do Governo Civil de Lisboa, ontem publicada:

1 Durante toda a tarde do dia 20 do corrente (véspera da publicação da nota referida) estive, conforme combinado com o Senhor Inspector da Polícia Judiciária a quem estão entregues as investigações, a prestar as necessárias declarações, fazendo um relato tão completo e exacto quanto me é possível de todos os graves acontecimentos verificados. Fui informado, na ocasião, de que a instrução era secreta.

2 Em relação á participação inicial feita na esquadra ainda sob a pressão dos acontecimentos, esclareci o que segue:

Quando aludi a «arrombamento», referia-me ao facto de os assaltantes terem forçado a porta por duas vezes, apesar de defendida por três pessoas (incluindo o signatário) embora a P. J. me tenha informado entender que o significado jurídico desse termo corresponde á destruição da porta, da fechadura ou dos gonzos, de modo a tornar impossível a sua utilização. Quanto á avaliação dos prejuízos, ainda não se sabia, na madrugada do dia 16, o que teria acontecido na «loja» da esquina do prédio, só depois se verificando que os assaltantes não tinham chegado ao interior

3. Todo o relato do comunicado da C. D. E. transcrito parcialmente na nota do Governo Civil coincide com as declarações prestadas á Polícia, acontecendo até que foi o signatário a pessoa encarregada pela Comissão Política de o redigir, embora fosse visto e aprovado por outras testemunhas presenciais.

4. A afirmação do Governo Civil de que «tudo se reduziu a uma substituição de cartazes na fachada, reprovável, de certo, mas que não tem o carácter, nem a gravidade do assalto inicialmente participado e publicado», espanta pela ingenuidade — pois repugna explicá-la de outro modo. A instrução do processo está a decorrer; mas com o que já se sabe, neste momento ainda tem de se considerar mais grave do que inicialmente se julgava tudo quanto aconteceu naquela noite.

5. Teria sido preferível que a nota do Governo Civil nos esclarecesse sobre as razões por que as pessoas atacadas na sede da C. D. E. não conseguiram ver-se protegidas pela Polícia de Segurança Pública, apesar de, cerca das 4 e 15, se ter telefonado a comunicar o que se passava para o Comando da Polícia e, cerca de meia hora depois (quando o assalto ainda durava), se ter pedido ao secretário-geral do Governo Civil que conseguisse a comparência da P. S. P. — já que nós não a conseguíamos.

6. Sou acusado pelo Governo Civil de, tendo a Polícia Judiciária «procurado imediatamente obter a presença do queixoso, não conseguiu que este fosse prestar declarações, nem nesse dia, nem no seguinte»; e, mais adiante, «a não comparência do participante, no dia 17, na Polícia Judiciária, impediu o exame directo e o fornecimento das indicações que pudessem contribuir para a imediata perseguição dos culpados».

Acusações destas poderiam ter sentido se proviessem da Polícia Judiciária. Ora, não só a data da comparência foi acordada, dados os meus afazeres profissionais, com o instrutor do processo, como o bom acolhimento que tive naquela Polícia criaram em mim a convicção de que se pretendia fazer, efectivamente, a indispensável investigação dos factos.

Com os meus melhores cumprimentos

a) *Francisco Pereira de Moura*»

Listas do Círculo Eleitoral de Lisboa

Lista A — U. N. (União Nacional)

Lista B — C. E. U. D. (Comissão Eleitoral de Unidade Democrática)

Lista C — C. E. M. (Comissão Eleitoral Monárquica)

Lista D — C. D. E. (Comissão Democrática Eleitoral)

O último comício da C. D. E. no Teatro Vasco Santana

(Continuação da 1.ª página)

sobre o silêncio e o medo».

Falou seguidamente o dr. Mário Sottomayor Cardia.

«É sabido que Portugal tem das mais elevadas taxas de mortalidade infantil do Mundo.

E afirmou, arrancando de novo aplausos à sala:

«A aspiração de liberdade é a mais profunda aspiração do povo português mesmo se formulada de forma confusa e vaga».

Analisando o que têm sido os últimos tempos do regime, Sottomayor Cardia afirmou:

«Regime de tolerância é o contrário do regime de liberdade».

Referindo-se à evolução da política governamental, Sottomayor Cardia afirmou:

«A via do neocapitalismo será também uma via de descompressão política».

E a terminar, disse:

«O povo português vive inconsciente do seu poder e não conhece os seus direitos mas se a Oposição dispusesse de seis meses de livre acção, modificar-se-ia radicalmente a fisionomia do País».

Usou seguidamente da palavra outro candidato presente dr. João Bénard da Costa.

«É impossível calar neste País a voz dos que sofrem, protestam e acreditam» — disse.

E prosseguiu:

«Este movimento não findará, não pode findar.

Referindo-se ao significado da próxima ida às urnas, disse:

«A vitória da Democracia não será no domingo. O dia 26 pode ser meramente o começo da vitória democrática em Portugal».

E fez a seguinte afirmação:

«As eleições não são o meio adequado às transformações que nos propomos no sistema capitalista em que vivemos. Nunca assistimos a eleições que levassem ao Poder um Governo representativo e popular».

Depois de se referir ao significado de apenas 19 por cento da população poder votar, Bénard da Costa comentou o método democrático que a C. D. E. adoptou para a sua estrutura:

«Este processo parece-me o único caminho a seguir porque em nome dos ideais democráticos que defendemos tínhamos de praticar».

Numa velada resposta a comentários ceudistas acerca do processo da C. D. E. Bénard da Costa declarou:

«Não fizemos experimentalismos políticos. Estivemos experimentalmente a fazer a política em que acreditamos».

E na mesma linha afirmou:

«A política que se nos pede não é a política do possível. É a política que nos pede tudo, mesmo o impossível».

O candidato prof. dr. Francisco Pereira de Moura referiu-se no uso da palavra.

Falando depois acerca da indiferença, do comodismo na mediocridade de grande sector da população portuguesa, Pereira de Moura afirmou:

«Temos necessidade de sermos todos políticos».

Referindo-se depois à presença das outras listas de candidatura e seu significado, Pereira de Moura fez uma afirmação de unidade para a C. D. E. e para a C. E. U. D. dizendo:

«Somos companheiros de ideal. A afirmação socialista veio com toda a clareza de um lado e doutro».

E disse, referindo-se ao figurino adoptado pela Comissão Democrática Eleitoral:

«O povo compreendeu quais eram os processos da C. D. E.».

E mais adiante, o dr. Pereira de Moura, muito interrompido como os demais oradores pelos gritos de «Vitória, vitória» afirmou referindo-se à necessidade da mudança das estruturas:

«Podem mudar os homens desde o presidente aos deputados, mas se os resultados são maus continuarão a ser péssimos». Criticou seguidamente aquilo que — disse — a U. N. fora obrigada a chamar de seu programa.

Comparando esse programa com o da C. D. E., o dr. Pereira de Moura referiu que um é no sentido da divisão de classes; o outro no esforço de logo nas primeiras décadas anular essas diferenças sociais; como a diferenciação de liceus e escolas técnicas contribui para a manutenção das diferenças das classes sociais. Referiu-se depois ao problema da habitação. E a terminar, o dr. Pereira de Moura disse:

«Vamos todos votar na lista D e vamos com a ideia na vitória».

Falou por último o candidato dr. Joaquim Mestre que sofreu a longa e entusiástica interrupção provocada pelo conhecimento da resolução da ida às urnas.

Referiu-se igualmente ao significado da participação da C. D. E., nas eleições e o que representava a ida às urnas no domingo.

Referiu-se ao facto de a U. N. não ter conseguido resultados do seu inquérito a tempo para a campanha, dizendo:

«Podemos assim constatar que a União Nacional não conseguiu realizar a auscultação do País».

E frizou mais adiante referindo-se ainda ao grupo político que apoia o regime e às tentativas para a sua renovação:

«A União Nacional não conseguiu fazer esquecer o seu passado».

A sessão terminou com toda a gente de pé, cantando o Hino Nacional.

O colóquio da C. E. U. D. no Centro Botto Machado

No Centro Republicano Botto Machado efectuou-se ontem á noite um colóquio da C. E. U. D. acerca de problemas do ensino. Presidiu o prof. Vitorino Magalhães Godinho e participaram o professor José Esteves e dr. Rui Grácio, que esclareceram o público acerca de diversos aspectos da aguda questão do ensino no nosso País.

A assistência fez numerosas interversões na sessão. Do debate resultou a conclusão de que se impõe, para a resolução das questões básicas do ensino, a necessidade de alterar as estruturas políticas e sociais da nossa sociedade.

O prof. Vitorino Magalhães Godinho falou largamente sobre a questão da cultura no nosso País, dizendo que a par da cultura destinada a uma larga difusão pelas massas populares tem de haver um esforço no sentido de uma cultura de qualidade. Atacou, neste aspecto, o regime, cuja política cultural dos últimos 40 anos considerou «aniquilante».

Defendeu a necessidade de uma cultura que se não confine ao nosso tempo, mas se projecte no futuro.

— E' através da cultura que o cidadão toma consciência de si mesmo, que se integra na sociedade, que sabe reivindicar para si aquilo de que realmente necessita — afirmou o prof. Vitorino Magalhães Godinho

A C. D. E. ainda não obteve a cópia integral dos cadernos eleitorais

Da C. D. E. de Lisboa recebemos o seguinte comunicado:

«1. Reuniu-se ontem, á noite, a Comissão Distrital da C. D. E., a fim de que os delegados das comissões concelhias, de freguesia, profissionais, de jovens e mulheres indicassem os resultados da votação efectuada nos grupos de base sobre a ida ou não ida ás urnas. Foram apuradas as decisões de cerca de mil votantes, e o resultado obtido foi o seguinte: 95% de votos afirmativos, 1% de negativos e 4% de indecisos. Assim, no próximo domingo, dia 26, a lista de candidatos da C. D. E. — á qual foi atribuída a letra D — apresentar-se-á ao eleitorado a fim de disputar os 12 lugares representativos do distrito de Lisboa na Assembleia Nacional.

2. Ainda não conseguimos obter a cópia integral dos cadernos eleitorais. Procurar-se-á que, até ao dia 26, os eleitores recebam as nossas listas. Na impossibilidade de o conseguirmos, instalaremos, próximo das secções e assembleias de voto, postos de distribuição, onde os democratas poderão receber as listas da C. D. E.

Pela Comissão Política,
a) *Lígia Monteiro*»

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — ESPECIAL ELEIÇÕES — 22 DE OUTUBRO DE 1969

DA MULHER E DA CRIANÇA

A PÍLULA

um perigo que ainda se desconhece

WASHINGTON — Os conselheiros do Governo dos E. U. A. para as questões de «contrôle» de nascimentos declararam, há poucas semana, que a pílula corresponde ao grau de segurança oficialmente exigido, mas envolve um risco (cujo grau ainda não pôde ser determinado) para a saúde e vida das mulheres que a utilizem — 8,5 milhões nos E. U. A. e 10 milhões no estrangeiro.

Exclusivo «Washington Post» - «Diário de Lisboa»

Num relatório, de 200 páginas, dirigido à Administração de Alimentação e Droga, os conselheiros frisam que, nove anos depois do primeiro anticoncepcional oral ter sido posto no mercado, existe uma falta de dados cruciais sobre as relações entre os produtos hormonais e as doenças e ritmos físicos.

Por exemplo: a relação entre a pílula e o cancro é uma questão da maior importância, que não está ainda resolvida.

Ao mesmo tempo, os conselheiros citam estudos efectuados nos últimos três anos, os quais revelam que a pílula causa coágulos pulmonares e ataques fatais numa proporção anual de 3 por 100 000 e causa seis vezes mais que o normal de mortes e agravamento do mal em certas doenças.

Outras associações de causa-efeito já determinadas incluem manchas na pele (em grande percentagem) e icterícia (em 1 para 10 000).

Mas sabe-se que muitas outras relações de causa e efeito poderão ser determinadas. «Parece que não há órgão nenhum que não seja afectado de certa maneira» pelo uso das pílulas, diz-se no relatório. E o relatório acrescenta:

«Contudo, é evidente que os preparados actualmente em circulação têm efeitos múltiplos em muitos sistemas orgânicos e, apesar de ser por agora impossível tirarmos conclusões definitivas acerca do seu efeito na saúde das mulheres e dos bebés (nascidos de mães que tenham utilizado a pílu-

(Continua na página seguinte)

CASACO DOUBLE-FACE (ESPINHADO E PRÍNCIPE DE GALES) COM VESTIDO EXECUTADO NA FACE DIFERENTE DA DO CASACO. MODELO ITALIANO DE MARY ANTONY.

JOALHARIA INGLESA

Susan Barfield, de 20 anos de idade, especializou-se no desenho de jóias. Ei-la fotografada com um colar de 122 diamantes que será exibido na Exposição Internacional de Londres.

ENTRE NÓS...

Estilos de vida

VIVEMOS num equilíbrio ainda instável entre dois estilos de vida. Saímos — mas teremos mesmo saído? — de um tempo em que o trabalho da mulher era ùnicamente caseiro e muito apreciado, considerado, aplaudido. Se tinha criadas — e que fácil era ter criadas! —, bordava, fazia quilómetros de renda. E todos, marido e filhos, exigiam que ela fosse assim, uma espécie de fada do lar, senão sentir-se-iam decerto extremamente decepcionados e até frustrados. Romain Rolland ainda escrevia: «A felicidade de uma mulher pode medir-se pelo brilho dos seus móveis». Mas eis que a vida se modificou e a mulher compreendeu que era um ser humano e não um «robot». Um ser humano com todas as vantagens e as desvantagens inerentes a essa nova situação. E a mulher começou a ler, a pensar por si, a trabalhar fora de casa, concorrendo substancialmente para o orçamento familiar, a ser figura no espaço e não imagem no espelho. E o brilho dos móveis e a toalha obra de arte bordada passaram a segundo plano.

Eis então que a mulher sem emprego fora de casa repara de súbito nas suas amigas e conhecidas que têm valores diferentes, que vivem uma vida que, com ou sem razão, se lhes afigura mais interessante do que a sua. É então que essa mulher, em vez de reagir, de procurar um emprego em «part-time», de fazer traduções (mas terá ela os estudos necessários?), se lança cada vez com mais entusiasmo no lustro da casa e na feitura das rendas. É um ciclo vicioso. Privada de quaisquer interesses exteriores, embrutece-se para não pensar, para não comparar. E aumentando o trabalho, aumenta também a insatisfação e o vazio. A vítima desse estado de coisas é — quantas vezes! — o marido, que gostaria mais de uma conversa com interesse ou de um sorriso do que de comer numa toalha com bordados *richelieu* ou de dormir num lençol com aplicações de *filet ancien*.

A. M.

HOJE

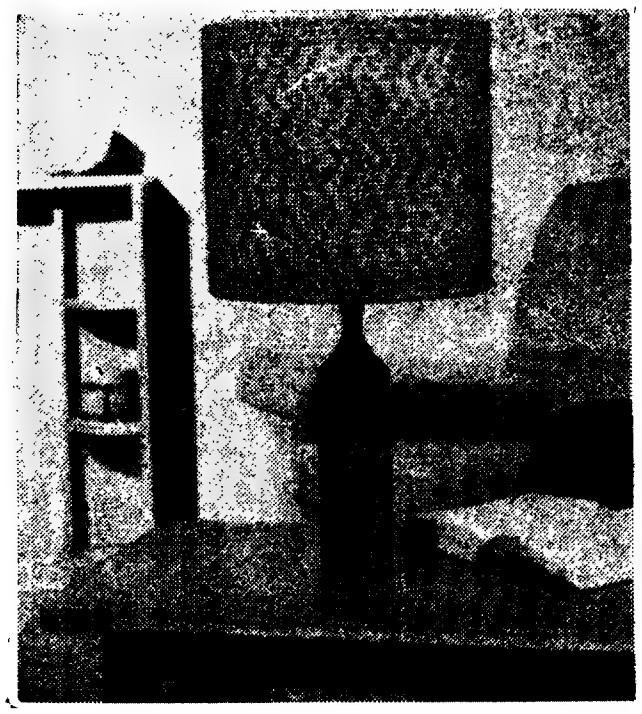
AS DUAS FACES DA GRÃ-BRETANHA

BILHETE DO BRASIL

A TIMIDEZ

AS VACINAS DA CRIANÇA

AS MALHAS DESTE INVERNO



«Abat-jour» de croché

Produz um efeito interessante um «abat-jour» de renda. Este que vos apresentamos foi feito, na malha de abertos e na malha de borbotos, com linha Mercer Corrente, obedecendo a um desenho uniforme de ziguezague em vertical.

ELISETTE — CABELEIREIRA

ex-colaboradora de SANDRA

Participa às suas Ex.mas Clientes que se encontra a partir de hoje a colaborar no **INSTITUTO DE BELEZA LARA.**

AV. DUQUE DE LOULÉ, 126-r/c-E — Telef. 560383

INSTITUTO DE BELEZA LARA

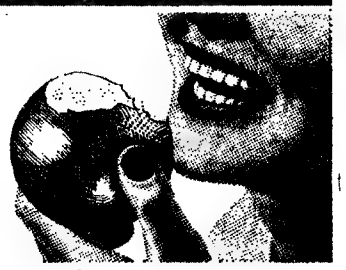
CILINHA e SILVA

Participa às suas Ex.mas Clientes e senhoras em geral, a remodelação do seu pessoal, com a colaboração da Exímia cabeleireira **ELISETTE,** ex-colaboradora de **SANDRA.** Também colabora neste Instituto a conhecida Estheticienne **CELESTE MARIA,** e o jovem artista cabeleireiro **MELO,** recentemente chegado do estrangeiro. Antecipadamente agradecem a honra da V. visita.

Av. Duque de Loulé, 126-r/c-E
Telef. 560383

Porque será que certas pessoas que usam DENTES POSTIÇOS "vivem" mais do que outras?

Como milhões de pessoas que usam dentes postiços, pode também, a partir de hoje, usufruir de maior conforto, maior confiança em si e sentir o prazer duma boa refeição. O segredo é Dr. Wernet, o pó fixativo de dentaduras mais vendido em todo o mundo com uma reputação confirmada por uma experiência de 30 anos. O pó Dr. Wernet é único. Contém agora Neoseal, a descoberta que veio aumentar a firmeza e o poder de segurança da sua dentadura. Pode mastigar com facilidade e confiança, mesmo os alimentos mais "difíceis",



beber líquidos bem quentes - sorrir e conversar. Deixe de se preocupar com os dentes postiços. Experimente o pó Dr. Wernet ainda hoje e torne-se uma daquelas pessoas que usam dentadura e que não se privam de "viver".

O pó DR. WERNET'S conserva bem fixos os seus dentes postiços.

AS DUAS FACES DA GRÃ-BRETANHA

2 — EDIMBURGO

pela Dr.ª Elina Guimarães

TODOS OS VIAJANTES sabem que para compreender um país é necessário conhecer um pouco da sua história. Isto é particularmente verdade em relação à Escócia e à maravilhosa cidade de Edimburgo, que não é cidade de província, mas sim a capital de um dos Reinos Unidos que formam a Grã-Bretanha.

Os tronos da Inglaterra e da Escócia foram reunidos por razões dinásticas — tal como sucedeu a Portugal e a Espanha, em 1580 — em condições altamente melodramáticas.

Isabel, a grande rainha, achava-se moribunda quando um «lord» teve a coragem de lhe perguntar quem lhe sucederia no trono. «Reinei como um Homem. Que um homem me suceda», respondeu. Isto indicava, por ironia do destino, o próprio filho de sua grande inimiga e vítima, Maria Stuart.

Foi, portanto, a dinastia escocesa que ocupou, com Jaime I, os tronos reunidos. Mais tarde, seu neto, Jaime II, foi afastado do Poder, assim como seu filho do segundo matrimónio, cuja legitimidade era contestada, a favor de suas filhas Maria e depois Ana. Mortas estas sem posteridade, foi chamado a reinar George de Hanovre, descendente, por linha feminina, de Jaime I. Nessa altura, o herdeiro de Jaime II, Carlos Eduardo Stuart, reivindicou os seus direitos, sendo apoiado pelos escoceses, que não hesitaram em pelejar duramente por ele. A sorte das armas a princípio foi-lhe favorável, mas foi ràpidamente derrotado.

É este o «Bonnie» (belo) Prince Charles, de que se fala constantemente na Escócia, com grande confusão dos turistas, que o confundem com o actual Príncipe de Gales, ou, os mais ilustrados, com Carlos II.

Só a rainha Vitória deu novamente a Edimburgo a categoria de capital, habitando-a regularmente e fazendo construir na Escócia um solar campestre, Balmoral, onde passava parte do Verão, hábito que os seus descendentes têm conservado. Isto dá ao palácio de Holyroodhouse um aspecto de habitado, pouco vulgar. Vêem-se lá o leito de Maria Stuart e o piano da actual princesa Margarida. Mas é curioso saber que os emplemas reais, «regalia», ceptro e coroa, guardados no castelo, são apresentados aos soberanos quando, depois da coroação em Westminster, visitam a Escócia, na catedral de S. Giles, mas estes não os ostentam, limitando-se a tocar-lhes.

Perto deste palácio começa a lindíssima via «Prince Street», orgulho da cidade. É uma larga avenida, tendo de um dos lados grandes armazéns, lojas elegantes, com largas vitrinas bem ornamentadas, hotéis e clubes de bom porte. O outro lado é um parque que sobe docemente entre relvados, flores, fontes e estátuas, até ao topo da colina, onde se elevam os edifícios da Universidade, da Catedral e do Castelo. À noite, com uma iluminação bem estudada, parece a ilustração de um conto de fadas.

Pelas leituras, já fora informada do que os escoceses, mais do que os ingleses, têm o respeito dos valores intelectuais. Mesmo uma sumária visita mostra a verdade desta asserção. Nem o mais modesto guia deixa de chamar a atenção para os numerosíssimos edifícios escolares e universitários... E, com natural satisfação, ouvi dizer, com justificado orgulho, que a Universidade de Edimburgo foi das primeiras da Europa a admitir e diplomar mulheres...

Neste momento os escoceses estão empenhados em construir residências para estudantes estrangeiros.

Este sentimento leva, também, a erigir um número elevado de estátuas. Sente-se um povo inteligente e patriota, cioso de seus valores...

Mais modestamente, nos parques vêem-se muitos bancos com pequenas placas, recordando o morto querido ou o facto festivo que motivou o seu oferecimento.

Mas é no Castelo que está a alma da Escócia. Situado de forma sobranceira, como o castelo de S. Jorge, é, àlém de magnífico miradouro, um autêntico relicário. Ali está, ainda, aquartelado um regimento escocês, e, na parada, realiza-se o célebre «Tatoo». Além de um museu militar, encontram-se lá as simbólicas «regalias» de que já falei, a primeira capela cristã e o impressionante monumento aos mortos das duas guerras, numa capela onde se encontram gravados os nomes de todas as vítimas ceifadas, e uma lápide em honra da coragem da mulher escocesa, que tanto sofreu...

Todavia, o que mais me impressionou foi a conversa com um velho escocês que ali vinha diàriamente repousar seus ócios de reformado. Tendo querido saber a minha impressão de Edimburgo, eu disse-lhe, com sinceridade, que a achava bela e rica.

Ele suspirou e respondeu: «De que serve a riqueza a um povo que perdeu a sua alma?»

«Mas a Escócia não perdeu a sua alma. Muitos dos melhores escritores britânicos são escoceses: Conan Doyle, Barrie, John Buchan, e tantos outros. O mesmo se dá no campo da Medicina, a partir de Lister. E nos outros campos...», respondi.

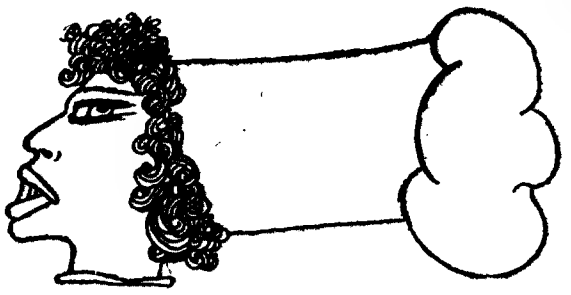
«Poucos os sabem escoceses. Eles estão a levar-nos para baixo...»

«Todos os povos têm as suas crises. As escolas que aqui surgem por toda a parte hão-de dar seu fruto.»

Separámo-nos cordialmente. O velho escocês um pouco consolado, por ter surgido uma pessoa que conhecia e amava a Escócia por ela mesma.

E eu, lembrando-me da alegre «hippie» que vira a fazer bolas de sabão numa rua de Londres, pensei que, por uma vez, uma cena melancólica era mais consoladora do que uma aparentemente alegre...

Como é estranha e complexa a alma da Grã-Bretanha!



RECEITAS DE SOFIA

Sofia Loren tem o «hobby» da culinária. Gosta muitíssimo de cozinhar e até de inventar novos pratos. Há anos que vai pondo de parte as suas receitas, aquelas que faziam em sua casa quando se chamava Sofia Scicolone, e as que foi aprendendo nas suas andanças pelo mundo. Agora resolveu ordená-las e fazer um livro. «Não se trata», explica ela, «de um livro que possa rivalizar com os dos verdadeiros mestres de culinária. É, simplesmente, o livro da minha cozinha.» Fiquemos, pois, à espera do livro de cozinha de Sofia Loren.

A PÍLULA

(Continuaç.ª da pág. anterior)

la) o emprego desses agentes exige uma observação e uma vigilância aturadas.

A pílula pode ter efeitos especiais, como por exemplo, aumentar em certas mulheres, o risco dos diabetes, a alteração da distribuição das substâncias gordas com implicação nas doenças de circulação e no processo de envelhecimento, alteração das funções do fígado, elevação da tensão arterial, alteração no funcionamento das glândulas reprodutoras.

A verdade é que a ciência ainda não pôde provar que a pílula seja um mal, embora sàbiamente rejeite a afirmação de que é inócua. Os estudos prosseguem e, entretanto, neste caso, como em todos quantos envolvem o recurso a preparados farmacêuticos, o conselho mais sensato é este: antes de tomar a pílula, deve ouvir o médico e estudar o seu caso pessoal.

COBERTORES

Participamos às nossas Ex.mas Clientes que chegou nova remessa de cobertores e mantas de viagem das melhores fábricas Nacionais e estrangeiras, em lã australiana, pêlo de camelo e pêlo de Llama do Peru.

Lindíssimas cores, e qualidade insuperável.

ENORME SORTIDO AOS MAIS DIVERSOS PREÇOS

Lavores femininos

Av. Guerra Junqueiro, 3-D

LAVORES

Rua Áurea, 179

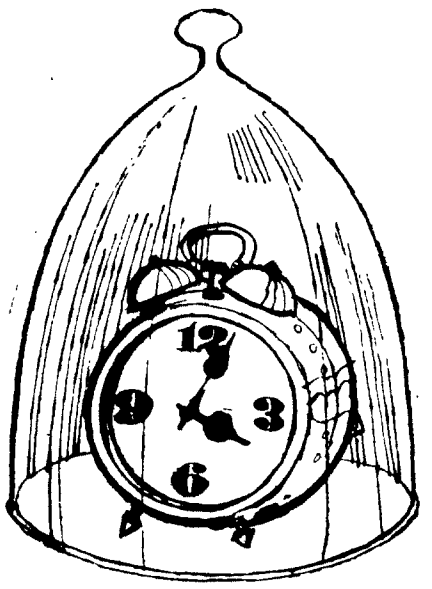
Moda jovem para as jovens

O cabedal (verdadeiro ou fingido) agrada muito ás raparigas. A diferença está só no preço, porque algumas peles (fingidas) são, na verdade, muito perfeitas. Estes dois vestidos são num cabedal moderno, tão perfeito que fácilmente se confunde com o autêntico. Chama-se aerpel, e é um material leve e quente. À esquerda um chemisier clássico, em aerpel vermelho. À direita, um chemisier, também em arpel, mas preto. O chapéu torna-o sofisticado. O barrete de lã dá-lhe um ar tranquilo

IDEIAS

SE A LEITORA é geitosa, poderá fazer alguns objectos graciosos ou simplesmente práticos para a sua casa. Eis algumas ideias que nos ocorreram e às quais se poderão juntar muitas outras:

— Se tem uma perruca e não sabe como guardá-la de modo a não tomar mal jeitos, eis uma sugestão. Peque numa garrafa vazia, tipo «chianti», e inverta-a sobre uma base de madeira. Pinte-a com uma cor garrida, faça-lhe uns olhos e uma boca. Nada difícil, como vê, e extremamente útil.



— Se o ruído do relógio a incomoda, pense que não há nada mais fácil do que libertar-se desse incómodo tiquetaque. Coloque sobre o relógio uma campanula de vidro e o ruído desaparece como que por encanto.

Não somos feministas e se transcrevemos uma frase de Mary Quant, dita há semanas a um magazine, é porque a achámos curiosa, e só por isso. «Não me admira que daqui por alguns anos muitos chefes de Estado sejam mulheres», disse Quant. E acrescentou: «Creio que as mulheres poderão acabar com as guerras. A guerra é uma brincadeira de rapazes, nunca de raparigas.»

FIOS PARA TRICOTAR
FIOS INDUSTRIAIS
DA FÁBRICA AO PÚBLICO
● ENVIAM-SE AMOSTRAS E ENCOMENDAS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS
CONSULTEM OS PREÇOS DA
MEADA
Rua dos Correeiros, 184-1.º — LISBOA
(esquina da Rua St.ª Justa)

Sobre automóveis
Particular empresta
5 a 100 contos
em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em divida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel 66 36 97.
Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

VIDOR
a pilha inglesa de qualidade

ABAT - JOURS
«JOMAR»
CANDEEIROS
ATELIER
Rua Antero de Quental, 32-1.º — Telefs.: 42290 e 536665 — LISBOA-1

CAROCHINHA
Modas juvenis até 20 anos

Av. Guerra Junqueiro, 19-C
Telef. 72 67 31

BILHETE DO BRASIL

Susana Dias Beck

O DRAMA da comunicação. Todos se querem comunicar. É necessário que a mensagem de uns atinja os outros e vice-versa. E todos falam em mensagens, desde artistas lançando pinceladas loucas nas telas virgens, escritores enfileirando palavras, professores dando explicações, estudantes remoendo lições e devolvendo-as nos exames, até os técnicos dessa ciência nova que se chama «cibernética» e que nada mais é, a grosso modo, do que a ansia de comunicação da era tecnológica.

Mas a que vem essa explanação? É que também eu desejo passar a vocês a minha mensagem, nem sempre clara, pouco filosófica, mas de qualquer forma altamente autêntica, do meu dia-a-dia.

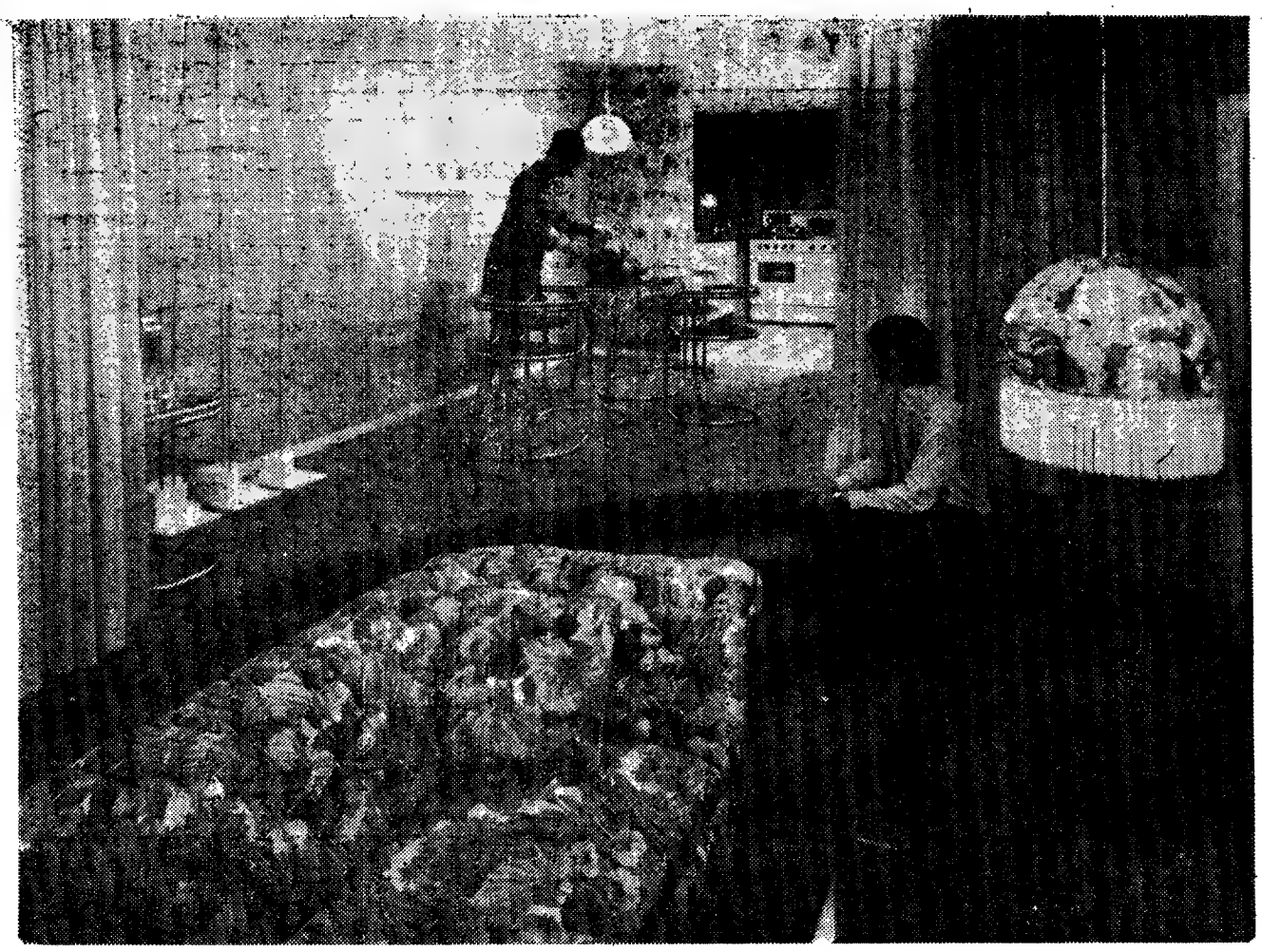
Acontece que a garota, mal saída da infancia, na pureza dos seus dezasseis anos, resolveu trabalhar. Não havia necessidade económica mas apenas uma vontade legítima de mostrar o que era capaz, em uma sociedade que exige de seus membros um trabalho produtivo no sentido monetário. Quanto mais moedas se amealham mais util parece ser o indivíduo nesta Babel que é a Terra.

Arranjou um emprego de telefonista em um centro de linguística, apenas no período da tarde para não lhe roubar as horas preciosas da escola.

Trabalhou durante seis meses e pediu demissão sem uma razão aparente. Indagada o porquê, explicou ao próprio director-presidente que não se conformava em perder uma funcionária exemplar:

— Olhe, doutor, eu vou-lhe dizer o que nunca comentei com ninguém. Mas conforme as ordens recebidas, sempre que atendo o telefone, eu digo: «Centro de Linguística. Boa tarde». O senhor acredita, doutor, que nunca alguém respondeu ao meu cumprimento? Como é possível realizar-se um serviço no qual não respondem a um «boa tarde»? Eu me sentia como se me comunicasse com fantasmas.

Posso imaginar a cara surpreendida de Sª Ex.ª o director-presidente, tão longe dos dezasseis anos, que dificilmente poderá compreender que cumprimentos, sorrisos e boa vontade da juventude exigem resposta imediata e total.



AS RECEITAS DA LEITORA

Sopa de pobre

INGREDIENTES — 2 batatas grandes; 1 cebola; 1 fatia pequena de abóbora; 2 colheres, das de sopa, de Vaqueiro; 1 colher, das de sopa, de salsa picada; 1/2 chávena de arroz; 1 litro e 1/2 de água; Sal, q. b.

PREPARAÇÃO — Pica-se a cebola e refoga-se na margarina sem se deixar aloirar. Junta-se-lhe a água, as batatas e a abóbora cortadas em bocadinhos, o arroz e o sal. Deixa-se ferver até o arroz estar bem cozido. Pouco antes de servir adiciona-se a salsa picada. Serve-se quente. Querendo torná-la um pouco mais rica mistura-se-lhe um cubo de caldo de galinha ou de vitela.

«Paupiettes» de vitela

INGREDIENTES — 4 escalopes de vitela; 1 lata pequena de pasta de fígado; 50 g de azeitonas pretas; 1 colher, das de sopa de pão ralado; 1/2 cálice de conhaque; 1 cenoura; 50 g de margarina; Sal e pimenta

PREPARAÇÃO — Numa tigela mistura-se a pasta de fígado com as azeitonas sem caroços passadas pela máquina e o pão ralado. Com esta mistura barram-se os escalopes que se enrolam depois um a um e se atam, um a um, com um fio. Num tacho derrete-se a margarina e deitam-se as «paupiettes» a aloirar. Junta-se-lhes a cenoura cortada em fatias finas, sal, pimenta e o conhaque. Baixa-se o lume e deixa-se cozer durante 50 minutos. Põem-se as «paupiettes» num prato de serviço aquecido e cobrem-se com o molho. Servem-se acompanhadas com puré de batatas ou arroz de manteiga.

Bolo de chocolate

INGREDIENTES — 2 ovos: 6 colheres, das de sopa, de Vaqueiro; 4 colheres, das de sopa, de chocolate em pó; 1 chávena e 1/2 de farinha de de trigo; 2 colheres de açucar; 1/2 chávena de farinha maizena; 2 colheres de fermento em pó; 3/4 de chávena de leite; 5 gotas de essencia de baunilha

PREPARAÇÃO — Bate-se a margarina com o açúcar e o chocolate. Peneiram-se os ingredientes secos e juntam-se á primeira mistura alternando-os com o leite. Bate-se bem. Deita-se numa forma untada. Leva-se ao forno a cozer durante 50 minutos. Desenforma-se e cobre-se com «glacé» branco ou com leite creme.

LOAL

COMUNICA AOS SEUS ESTIMADOS CLIENTES A ABERTURA DE NOVAS SECÇÕES NA AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 124-A

TECIDOS - VELUDOS

ORIGEM SUIÇA, U. S. A., AUSTRIA, FRANÇA

*

ALCATIFAS INGLESAS

AXMINSTER ● WILTON ● HARLEYTEX

*

TAPETES DECORATIVOS

*

PAPÉIS PINTADOS

Encontra-se também aberta ao Sábado, por rotação de turnos de pessoal, em todas as suas lojas.

AV. ANTÓNIO A. AGUIAR, 124-A — Tel. 533056
LARGO DO CARMO 15 — Tel. 30415 ● 33346
ESTRADA DA LUZ, 116-C — TEL. 785974

Decoração

Abriu recentemente em Londres uma casa, «The Young Executive House», onde os casais jovens podem encontrar ideias de decoração para as suas casas. Eis o «living-room» (em primeiro plano), a discreta casa de jantar e ao fundo a cozinha. Na outra foto vemos um bonito quarto em que o mesmo motivo desenhado se repete no papel da parede, no reposteiro e na colcha, almofadas e «abat-jour».

Cocktails

Receita de José Figueira da Silva (Joe), Barman do Hotel Estoril-Sol (Cascais).

MÉXICO

1/4 de Tequila Sousa
1/4 de sumo de laranja
1/2 de Licor Perfeito Amor

JAVA VULCÃO

1/4 Mezcal de Oaxaca
1/4 de xarope de maracujá
10 gotas de sumo de limão
1/4 de Maraschino

Higiene perfeita da sua dentadura postica!

Num copo com água, ponha a sua dentadura postica e uma pastilha COREGA. Instantâneamente a água torná-se azul e o oxigénio puro e activo de COREGA provoca uma forte efervescência que limpa completamente as próteses dentárias, até nos pontos menos acessíveis.

A novidade em COREGA consiste no facto da água permanecer azul durante a operação de limpeza, tornando-se límpida ao fim de alguns minutos, sinal de que a sua dentadura está já perfeitamente limpa.

COREGA TABS dá-lhe, em pouco tempo, a certeza de ter a sua dentadura postica impecável, inodora e duma brancura extrema.

COREGA® TABS

Utilize também o pó fixativo COREGA

Representantes em Portugal:
Est. Jerónimo Martins & Filho, Lda.
Rua Ivens, 57 - 2.º - Lisboa.

A TIMIDEZ

É PRATICAMENTE impossível enunciar todas as possíveis causas da timidez. As causas determinantes podem ser de natureza biológica, psicológica ou social, muitas vezes juntas. O momento em que a timidez surge pode ainda ligar-se a um momento de insegurança, depender da época do desenvolvimento psicológico e biológico. Recorde-se também que a timidez é um tipo especial de hiperemotividade com características de inibição, e, segundo muitos estudiosos, são mais sujeitos a ela os indivíduos com problemas neurovegetativos. Traumas psicológicos infantis ou ocorridos noutras épocas da vida, métodos educativos demasiado autoritários, violentos, agressivos ou, pelo contrário, fracos ou hiperprotectivos, podem ter determinado sentimentos de insegurança e as perturbações afectivo-emocionais que estão na origem da timidez. Alguns autores acham que a timidez é uma disposição caracterológica constitucional, mas, agora, quase todos os psicólogos são de opinião que ela é antes uma aquisição, fruto de uma educação e de uma falta de contactos inter-humanos e sociais, especialmente na infância.

É mais importante prevenir a timidez do que curá-la. E mais simples. Uma educação correcta, que consinta à criança muito precocemente, que ela se afirme num mundo povoado por outras crianças, e não só por adultos, é importantíssimo. Dar-lhe liberdade e espaço para experiências directas de comunicação e relações sociais que lhe permitam tomar decisões, é a melhor prevenção contra a timidez.

Actualidades

OS 73 ANOS DE WALLIS

Aos 73 anos Wallis, duquesa de Windsor, não perdeu a vitalidade que já quando era simplesmente Mrs. Simpson a fazia uma das mulheres mais cortejadas e admiradas. Ei-la recentemente fotografada no aeroporto de Nice.

A FILHA TÃO ESPERADA

A sr.ª Broohall, casada há vinte e cinco anos, tinha um grande desgosto de não ter filhos. Mas eis que, aos 48 anos de idade, e no ano em que o casal festejava as suas bodas de prata, nasce uma bonita menina.

TWIGGY

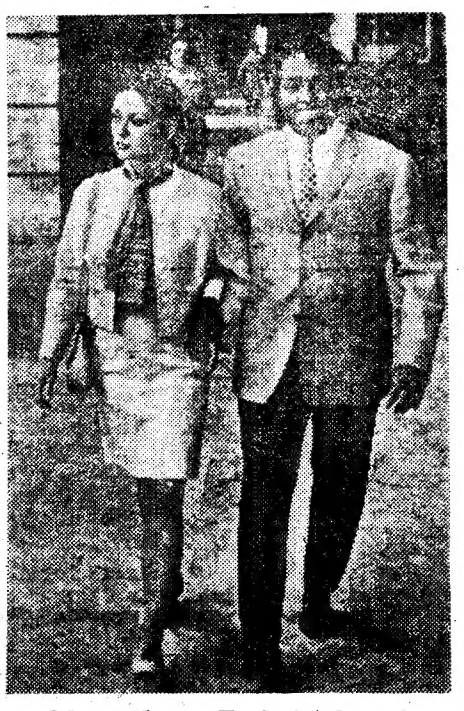
Twiggy está neste momento a trabalhar em Londres para a TV americana num grande espectáculo de «music-hall». Diz-se que os americanos estão a pagar o seu trabalho a peso de ouro.

O BOM PADRE

O padre Olindo Marella morreu há dias na «Aldeia dos rapazes» que conseguira, ao fim de muitos anos de intenso trabalho, realizar. O padre tinha 82 anos e oito mil crianças órfãs e abandonadas choraram sentidamente por ele.

GULLIVER?

Gulliver? Qual! Uma simples «maquette», fotografada durante a exposição de modelos reduzidos de comboios, que anualmente se efectua em Inglaterra. Aqui há, porém, uma pequena diferença. Em vez de comboios, o sr. Bentall dedicou-se a um projecto de carros eléctricos. Na foto o autor do projecto.



GERMANO E GIOVANNA

José Germano, ex-futebolista brasileiro, e sua mulher, Giovanna Agusta, voltaram a Roma onde fixaram residência. Eis o jovem casal misto que por isso muito tem dado que falar.
MULHER

AS VACINAS DA CRIANÇA

A REABERTURA das aulas traz sempre à actualidade o problema das vacinas. Antes de mais, o que significa vacinar uma criança? A vacina é uma mistura de micróbios mortos ou de força reduzida (vivos, neste caso, mas inócuos) que provocam uma doença em miniatura suficiente em todo o caso para suscitar no sangue, nas células, nos tecidos, substâncias de defesa que se chamam anticorpos Rico desses anticorpos, o organismo poderá reagir quando um dia for agredido por esses mesmos micróbios (em forma virulenta) mas contra quais está imunizado pela vacina.

Eis as idades em que a criança deve ser vacinada:

Aos 15 dias — BCG (vacina antituberculosa).

Aos 3 meses — primeira vacina antipolimielítica.

Aos 4 meses — segunda vacina antipolimielítica.

Aos 5 meses — terceira vacina antipolimielítica.

Aos 6 meses — vacina antidiftérica, antitetânica e antitosse convulsa.

Aos 7 meses — segunda vacina antidifdérica, antitetânica e antitosse convulsa.

Aos 8 meses — vacina antivaríola.

Aos 11 meses — quarta vacina antipolimielítica.

Há depois alguns meses de tréguas, e aos dois anos começa a nova fase.

Aos 2 anos — Rappel antipoliomielítico.

Aos 2 anos e meio — Rappel antidiftérico, antitetânico e antitosse convulsa.

Aos 5 anos — Rappel antidiftérico, antitetânico e antitosse convulsa.

Aos 6 anos — Rappel antivaríola (revacinação).

Aos 6 anos — Rappel antituberculoso.

CASACO DE LÃ
COR-DE-ROSA (CAMRÃO) DE UNGARO.
CINTO E BOTÕES CASTANHOS.

EVITE O CANSAÇO DAS PERNAS
Usando as «MEIAS DESCANSO BOURGET», de origem francesa, com e sem costura
Novas cores para o inverno
MEIA DE VIDRO
e «PEÚGAS DESCANSO» para homem
A CASA DAS «MEIAS DESCANSO» — Rua Augusta, 158

COM **LACK GELEE**
AS PELES DE VERNIZ NÃO ESTALAM
E RECUPERAM BRILHO
CHEGOU NOVA REMESSA
PRAÇA DA FIGUEIRA, 12-C

— Claro que tenho um cabelo loiro no fato! Eras loira, tu, a última vez que o vesti!

Vem-nos de Paris, este ano, a moda dos cabelos curtos, mesmo para as jovens. Acabaram (terão mesmo acabado?) os longos cabelos adolescentes. Nos grandes cabeleireiros da cidade-luz ficaram também os cabelos de Brigitte Bardot, de Ira de Fürstemberg, de Anne-Marie Fath. Os cabeleireiros estão contentes. Não que pensem num regresso aos velhos tempos da permanente. Pensam, isso sim, nos tratamentos capilares que muitas mulheres já adoptaram. Cabelos curtos, sem dúvida. Mas bonitos cabelos curtos.

AS MALHAS DESTE INVERNO

Os dois grandes triunfadores nas malhas para este inverno são as calças e o «jacquard»: a calça é sem dúvida alguma, a rainha da época. Grande número são de jersey, umas vezes tubulares e largas, outras «évasées» em baixo, a partir dos joelhos. São lisas e estreitas nas ancas, porque concebidas para se usarem sob pullover ou túnica: compridas, cobrem o sapato. Nunca se usam sòzinhas, mas formando sempre numerosos conjuntos de 2 ou 3 peças.

As calças usam-se com casacos compridos a 3/4 ou a 7/8. Estes casacos têm cintura marcada, têm a bordadura dupla, grandes algibeiras de chapa colocadas quase junto da bainha, decote em «V» ou com gola e virados.

Os coletes gigantes podem substituir os casacos. Têm ás vezes mangas ultrafinas e golas pequenas. São muito compridos.

As túnicas são o complemento perfeito e o modelo da estação. Vêm-se tipo casula, com decotes em «V», em «U», em ferradura e deixando aparecer camiseiros e pullovers.Têm gola levantada, quase sempre marcam a cintura e são «évasées» em baixo. Muitas vezes têm algibeiras descidas, o abotoado descentrado, alto ou com pestana, é abotoada à frente.

Os pullovers são sempre compridos, ultra estreitos. As mangas «coladas» aos braços; o corpo é pequeno e moldado; golas altas, justas ao pescoço, em «V», golas à «Nehru», golas à «polo»; cavas estreitas e cortadas debaixo do braço, muito profundas, de modo a que os movimentos dos braços não levantem o modelo. Muitas vezes o «fully fashioned» seguem esta regra nova: as suas proporções para 1970, são as seguintes: sobre saia ultracurta ficam por baixo das ancas: sobre calças descem até às coxas; sobre meias-calça é como se fossem minivestidos ou casacos.

Duas novidades para o inverno de 1970: o casaco muito comprido usado sempre com calças. A linha é comprida, apertada, estilo «blazer», de abotoadura dupla,

É de SONIA RYQIEL este casaco comprido de estilo confortável e descuidado para usar com calças e camisola. Nota importante: o colorido vermelho-beterraba. O casaco estilo «blazer» comprido é de «jersey» duplo de pura lã. As calças largas cortadas no mesmo «jersey» têm bainhas voltadas. A camisola super estreita é às riscas cor de beterraba e de areia.

até à barriga da perna, estreito, de abotoadura simples e cintura bem marcada, estilo casaco comprido de tricot canelado, por vezes mesmo forrado a imitação de pele.

O colete ultracurto que chega apenas á cintura, forma três peças com calças e casaco ou sala e casaco, ou 7/8 e calças.

Os mais alegres têm «jacquard» a condizer com os conjuntos sob os quais são usados. Com decote de fantasia em «V», em ferradura, sempre sem mangas ou com mangas curtas deixando passar um camiseiro ou um pullover de mangas compridas.

O Jacquard

O jersey simples de pura lã penteada apareceu renovado esta estação por novos desenhos. Vêem-se muito os jacquards escoceses, desenhos de peugas: os jacquards com desenhos de papéis pintados; os jacquards simples lembrando vestidos de camponesas ou com desenhos infantis.

Os pontos de malha têm efeitos em relevo tom sobre tom; torcidos e junção de pontos de liga e pontos de meia; canelado, bago de arroz. Notam-se também as riscas bicolores (largas ou estreitas); os quadrados tipo vidro de janela; os ponteados.

As cores apresentam muitos meios-tons. Vêem-se o azul lavanda, o azul acinzentado, o rosa chá, o cinzento, o caramelo, o amarelo mostarda, o castanho outono e os mais modernos são cor de violeta, «cassis», berinjela, caril, vermelho vinho, verde escuro-bronze e sempre o castanho (toda a gama de tons das folhas no Outono), o branco, e o cinzento.

A LITERATURA E A MODA

JÁ VIU uma coisa assim?... Aquela diverdação interminável sobre as mangas tufadas. Entre nós, você gostou realmente tanto das mangas dela como lhe disse?... Julguei que só apreciava os vestidos que acompanham a linha do corpo.

— Com certeza, disse Bertrand. — Mas como você estava calada, quis ajudá-la.

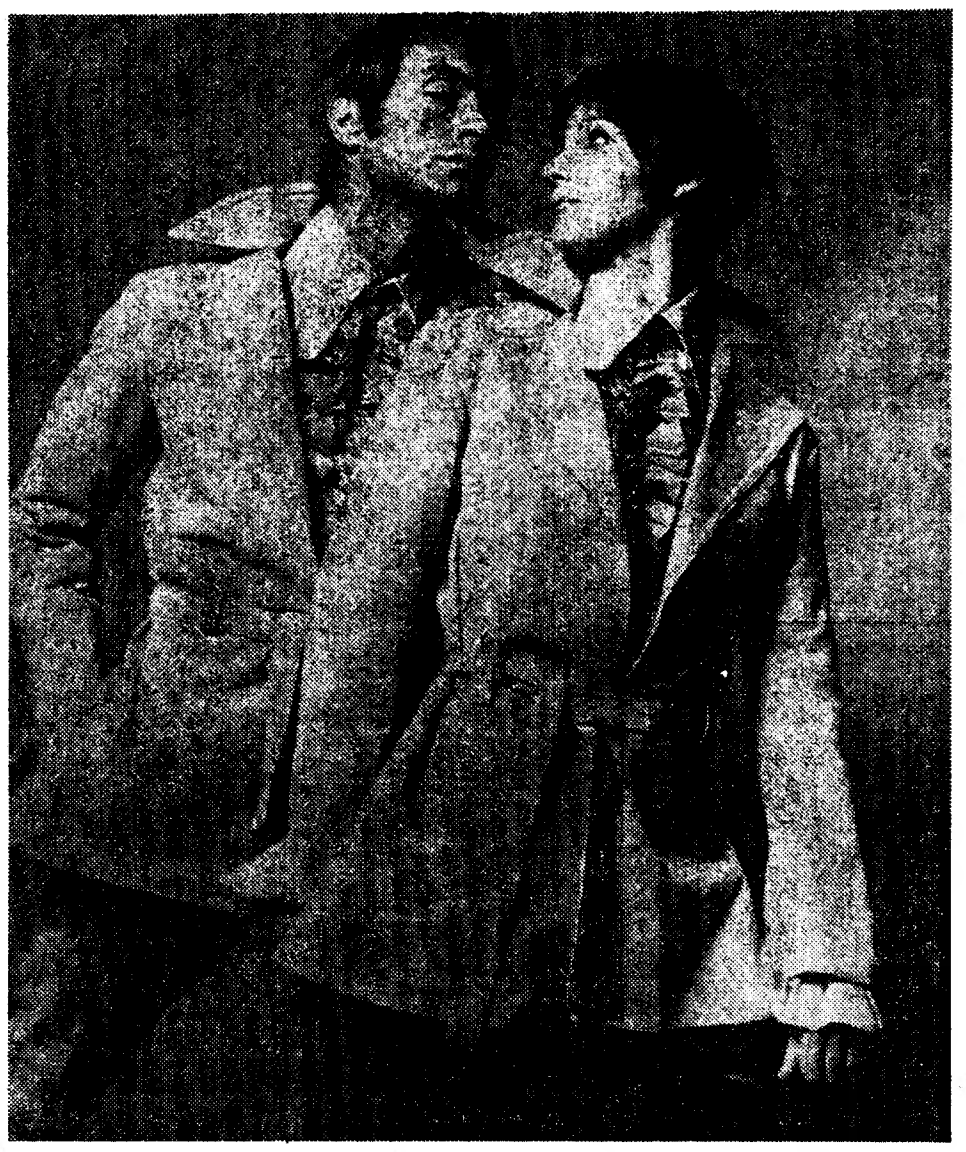
— E o filhos?... Ouviu o que ela disse quando sugeri que eram para ela uma consolação?... «Julga isso? Gosta de crianças?... Eu não... Entro no quarto deles. Se estão a brincar nem me ligam importância... Só me entristecem.» Não achei nada que lhe dissesse. A falar do seu último livro, pelo contrário, era inesgotável.

— Não é um crime. Vê-se que o lê com atenção.

— É justamente isso que não lhe perdoo, disse Isabelle. Como é que se pode ler com atenção quando se devia estar desesperada? E depois, no fim de tudo, aquele cinto verde! Reparou, Bertrand?

— Reparei. Era, de certo, bonita, aquela nota de cor em todo aquele negro.

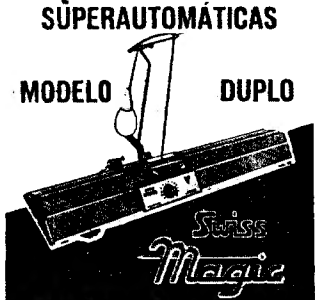
(do conto «O Cinto», de André Maurois)



«Gostas de mim? Então veste-te como eu», podia ser a legenda desta foto. Calças, camisas e casacos (estes de camurça) exactamente iguais tanto para ele como para ela. Modelos «Unisex Look» de Sportswear, Londres.

MÁQUINAS DE TRICOTAR SUPERAUTOMÁTICAS

MODELO DUPLO



- Produto da indústria suiça de alta precisão
- Inteiramente metálica
- Garantia e assistência técnica asseguradas por pessoal especializado
- Canelados perfeitos
- Facilidade de manejo

demonstrações e vendas na
LISLAR
AVENIDA DUQUE DE ÁVILA, 42-B
TELEFS. 53 87 32-53 77 53-LISBOA-1

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA: R. António Enes, 20-1.º
Tel.: 535057
PORTO: Rua Formosa, 172
Tel. 26902

Pretendo receber publicidade e preços
Nome .....
Morada .....
Localidade .....

SE VAI CASAR...

Tem por certo o desejo de reunir um enxoval de boa qualidade e apurado gosto sem gastar uma fortuna. Pomos à Vossa disposição o nosso vastíssimo sortido de artigos para enxovais para noivas e bebés cuidadosamente escolhido nas melhores fábricas nacionais e estrangeiras ou delicadamente bordados nos nossos atelieres

Lavores femininos
Avenida G. Junqueiro, 3-D
LISBOA
LAVORES
Rua Áurea, 179

WESTPOINT
FRIGORÍFICOS

Festival de Moda no Casino Estoril

O Secretariado Internacional da Lã, em colaboração com o Grémio Nacional dos Industriais de Vestuário do Sul, promoveu um Festival de Moda Masculina e Feminina, que se realizou no passado domingo no Casino Estoril.

Ao Festival de Moda, que foi integrado num «show» e precedido por um jantar no salão-restaurante do Casino, assistiram cerca de uma centena de convidados especiais da lã.

Durante o Festival de Moda, promovido pelo Secretariado Internacional da Lã, no Casino Estoril

Doze manequins, seis do sexo feminino e seis do masculino, apresentaram os modelos que serviram como panorâmica para uma visão geral de moda, quer feminina como masculina, confeccionados em pura lã virgem portuguesa.

Os manequins desfilaram ao som de música e quase sempre aos pares, ao longo da passarela, e no palco formaram, por vezes, curiosos quadros. A locução esteve a cargo de Maria Leonor, que pôs em relevo tanto os padrões como os modelos, em que predominam as calças e casacos, no capítulo da moda feminina. No sector masculino é de assinalar o novo comprimento dos sobretudos e o formato dos casacos que prescindem cada vez mais da gola e bandas.

Colaboraram no desfile mestres alfaiates de Lisboa e Faro, com tecidos de fabricantes portugueses licenciados em Woolmark. No que respeita a moda feminina, Anita forneceu os modelos, Steffanina as peles, Laura Sobral os chapéus e a Mariazinha os sapatos.

OS PRÉMIOS DO CONCURSO JORNALÍSTICO DE SETÚBAL

SETUBAL, 22 — O juri do Concurso Jornalístico, promovido pela Comissão de Festas de 1968, constituído pelos srs. drs. Peres Claro, director do «Distrito de Setubal»; Mário Moura, director do «Notícias de Setupal»; Gonçalves Martins, chefe da redacção de «O Setubalense» e João Falcato, redactor do «Diário de Notícias» e Oscar Paxeco, jornalista e escritor setubalense, deliberou não atribuir o primeiro prémio; conferir o segundo (3000$00) a Hélder Pinho, redactor de «A Capital»; e o terceiro (2000$00) a Carlos Monteiro, do jornal «Notícias de Setubal».

V Salão FAB

No domingo, ás 18 e 30, é inaugurado, no átrio do Crédito Predial Português, na Rua Augusta 237, o V Salão FAB, promovido pelo respectivo grupo desportivo.

Naquele certame fotográfico, foram contemplados com os primeiros prémios das classes A, B, e C, os srs. António J. Moura Calino, do Brasil, e Artur José Andrade Ferreira, de Monção.

VIDA SOCIAL

FINAL DE CURSO

Concluiu, com boa classificação, o seu curso de Engenharia Química na Universidade do Porto, o sr. eng.º António Jorge Correia Viegas, filho do sr. António Carvalheira e da sr.ª D. Julia Correia Viegas Carvalheira, de Vila Nova de Poiares. O novo engenheiro tem sido muito felicitado.

BEDFORD KGL

CARGA ÚTIL 8 000 KGS
COMPRIMENTO MÁXIMO DE CAIXA 6 *METROS*
NOVO MOTOR "BEDFORD" DE INJECÇÃO DIRECTA COM 124 BHP.

O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

consulte a

SOREL

Rua Filipe Folque, 12 - Telef. 58111
Rua D. Luiz I, 28 - Telef. 66 27 55 - LISBOA

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

As festas de uma filarmónica quase centenária

GOUVEIA, 22 — Celebrou o seu 89.º aniversário a prestigiosa «Filarmónica Amizade» — Banda Arcozelense, de Arcozelo da Serra, que tem desenvolvido valiosa acção em prol da cultura artística popular.

Fundada e mantida por gente do povo, que, no descanso das duras fadigas da sua jorna, vai, á noite, para a «Casa do Ensaio» aprender e ensaiar, tocar na festa do domingo imediato!

Nas cerimónias comemorativas, o director, sr. prof. António Marques Amaral ouviu e proferiu palavras de apreço. Houve missa, saída da banda e banquete de confraternização.

Banda Musical de Monção

MONÇÃO, 22 — Mais uma vez a Banda Musical de Monção festejou o dia da sua padroeira, Nossa Senhora da Saúde.

Tocando «marchas» pelas ruas da vila até o edifício das Termas, onde se venera a imagem da Virgem num nicho apropriado, seguindo-se a romagem ao cemitério municipal, em homenagem á memória dos antigos directores, maestros e componentes. Houve missa solene na igreja da Misericórdia e procissão até ás Termas onde o rev. Manuel Cerejeira pregou.

Houve, ainda, um jantar de confraternização durante o qual diversos oradores falaram sobre o significado da comemoração. E foi confirmada, oficialmente, a concessão de um subsídio para fardamento.

Por fim houve concerto na Praça de Deu-La-Deu.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de S. Sebastião, concelho de Setubal, de uma modificação da linha aérea a 30 kV Cachofarra-Coina, com deslocação dos apoios n.ºs 20 e 21; modificação da linha a 30 kV para o posto de transformação da Companhia Portuguesa de Motores e Camiões, S. A. R. L., consistindo na deslocação do apoio n.º 1 e substituição do troço final subterrâneo por outro aéreo com 14 m, ficando com o comprimento total de 296 m.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Outubro de 1969.

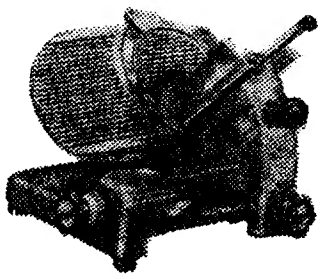
O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

IRONWEED

Cortadoras eléctricas de plano inclinado com total aproveitamento de carnes

5 Modelos à sua escolha!

Lâminas de 220-250-275-300-350 mm de diâmetro



- Higiénicas
- Robustas
- Eficientes
- Rápidas
- Económicas
- Práticas

Se está comprador de uma cortadora, veja, examine, compare e... sòmente depois resolva!

Grandes facilidades de pagamento
Demonstrações sem compromisso

Distribuidores Exclusivos:

Soc. de Rep. SIDA-SUECA, limitada

Rua de S. Nicolau, 15-17 LISBOA

ANDARES

VENDEM-SE

Em Benfica, Venda Nova, Queluz, Amadora, Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas assoalhadas, 2 casas de banho, cozinha, rompeiros, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO

FACILITA-SE PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA
Telefs 539200 2910079 e 785200

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 - LISBOA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA
RÁDIOS E ALTA FIDELIDADE
A TRANSISTORES
Rua Rodrigo da Fonseca, 31, 1.º
Telef 43464 — LISBOA

HIPOTECAS
sobre
PROPRIEDADES
E AUTOMÓVEIS
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

TERRENO

Para as instalações novas da sua indústria
AS GRANDES EMPRESAS OU SOCIEDADES

Vende-se óptimo terreno, no todo ou em parte, com cerca de 60 000 m2, já terraplenado e pronto a construir para qualquer ramo comercial ou industrial. Serve para grandes instalações e fica situado junto a Sacavém, a 10 minutos de Lisboa com linda vista principalmente para a Auto-Estrada do Norte.

Para mostrar e tratar: Av. João XXI, 9-A, Lisboa.

†

José Mário Romão Nobre Cartaxo

MISSA DO 8.º ANIVERSÁRIO

O pai participa que será celebrada a Santa Missa por seu eterno descanso na Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, ao Chiado, amanhã, 23, às 18.30 h. Agradece a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto.

ANA BIERMAN DE BRITO ARANHA

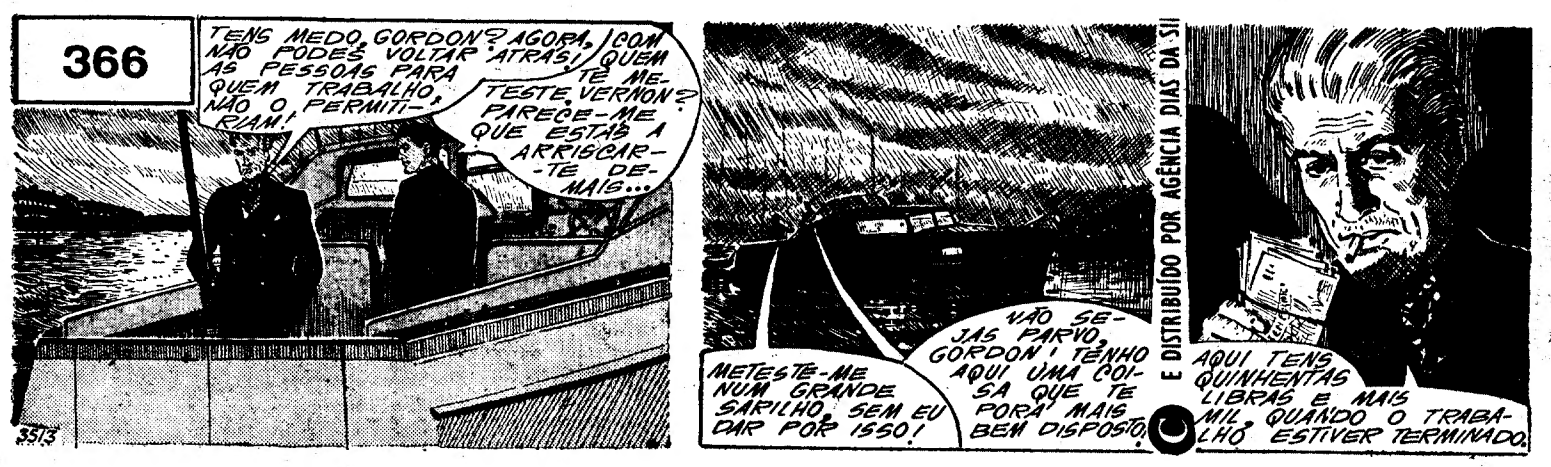
FALECEU

Sua família cumpre o doloroso dever de participar, a todas as pessoas das suas relações e amizade, o seu falecimento, e cujo funeral se realizou, no dia 16 do corrente, para o cemitério Inglês, São Jorge — Lisboa.

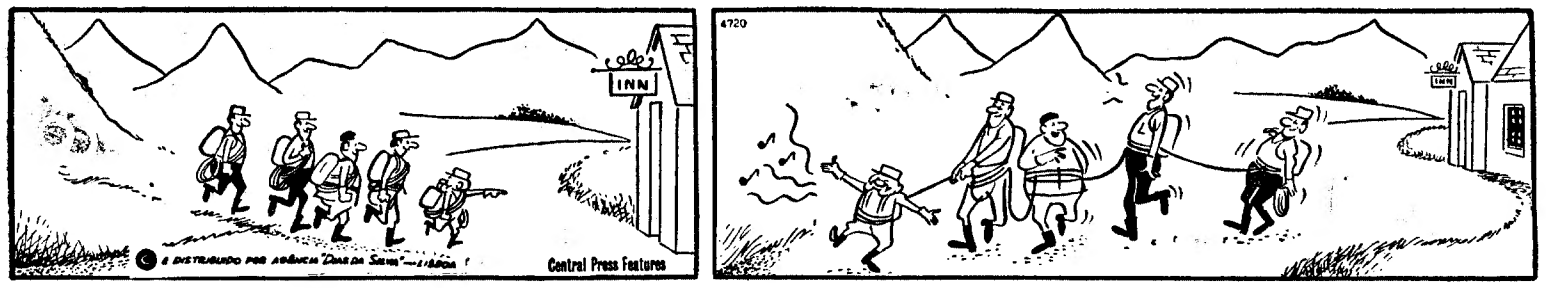
A CARGO DA AGÊNCIA CARDOSO DE BELAS
Trata Telefs. 960105-952563

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Outubro de 1939 publicava:

«NOVA YORK, 22 — O «New York Sun» publica uma crítica severa á disposição do presidente Roosevelt sobre os submarinos estrangeiros em águas territoriais americanas. Diz o jornal que tal disposição é a negação da neutralidade americana e representa uma ajuda á França e á Inglaterra, pelo bloqueio que estão fazendo contra a Alemanha. «Declarar — termina o jornal — a decisão de Roosevelt como uma expressão genuina de neutralidade significa forçar o valor das palavras.»

CAMINHOS DE FERRO

PARA PESSOAS DE IDADE

A C. P. informa de que os bilhetes com a redução de 50% para as pessoas com idade igual ou superior a 65 anos são vendidos todo o ano com excepção dos seguintes períodos:

— Sábados e domingos, de 1 de Julho a 30 de Setembro;
— Nos dias 14 e 15 de Agosto;
— De 12 de Dezembro a 3 de Janeiro;
— De quarta-feira anterior ao domingo de Páscoa á quarta-feira posterior.

Na MARINHA GRANDE o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Emílio Neto, Rua das Flores, 8.

Palavras cruzadas

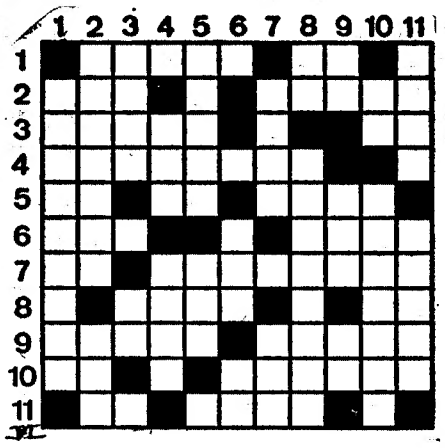
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5335

HORIZONTAIS: 1 — Ausência de cor. Nesse lugar. 2 — Ice. Rasga. 3 — Jamais. Artigo antigo 4 — Somítico. 5 — Nota de musica. Qualquer. Região da África oriental onde Salomão mandava buscar ouro. 6 — Em as Faziam parte. 7 — Artigo usado exclusivamente para referência ao rei. Segunda potência de um numero. 8 — Castiguei. Caminhar. 9 — Seres Taberna. 10 — A si. Cresceu. 11 — Pedra de moinho. Assunto.

VERTICAIS: 1 — Figuras de retórica pelas quais fingimos lembrar-nos de coisas esquecidas. 2 — Da chuva. E sem. 3 — Rangífer. Símbolo químico da platina. 4 — Cruel Alguém que. 5 — Atraiçoam. Quaisquer. 6 — Parte. A mim. 7 — Destroçado. Possui. 8 — Preposição e artigo. Dada. 9 — Prefixo de negação. Cólera. Senhor(abrev.). 10 — Medida inglesa de 12 polegadas. Enraizou. 11 — De sua propriedade. Re-

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5334

HORIZONTAIS: 1 — RISO. Angu. 2 — Primordiais. 3 — Lis. Cai. Uro. 4 — PRONTO 5 — Caie. Gadara 6 — Andaremos. 7 — MIOLO. Érebo. 8 — Os. Ilusos. 9 — Sins. Ar. 10 — Nome. TONTO. 11 — Rasoura. Aos.

VERTICAIS: 1 — Aplicamos. 2 — Ri. Anisina. 3 — Ríspido. Nós. 4 — Im. Realismo. 5 — Soco. Rol. Eu. 6 — Orange. Ui. 7 — Ditames. Tá. 8 — Ai. Odoroso. 9 — Nau. Ases. Na. 10 — Girar. Ato. 11 — Uso. Agoiros.

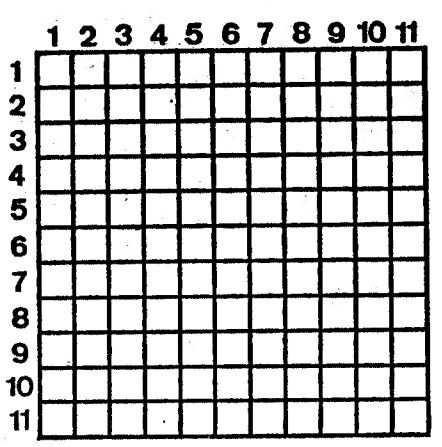
(Provérbio: RISO PRONTO, MIOLO TONTO).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9178

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho e distrito de Coimbra. Bota. 2 — Enfiada. Elos. 3 — Acrescentei. Doçura 4 — Remedeia. Tira. 5 — Irmã da mãe Progenitor. Ruído. 6 — Preposição latina que designa movimento. Desenho impresso a cores. Nota musical. 7 — Encoleriza. Cidade da Argélia. 8 — Matemática (abrev.). Pêlos de centos animais. 9 — Ódio. Restos mortais. 10 — Ave palmípede. Cura. 11 — Amachucaremos.

VERTICAIS: 1 — Invólucro. Arpoa. 2 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Ópera de Verdi. Medida de líquidos usada na Alemanha Holanda e Suíça. 3 — Magnetiza (um corpo). Toma como modelo. 4 — Porto interior. Nome de flores. 5 — Genro de Maomé Metal precioso, branco, e sonoro. 6 — Saudável Galio (s. q.) 7 — Figura que simboliza o povo americano. Sacrifico. 8 — Ligas. Rezasse. 9 — Armadilhas para pássaros. Tostam. 10 — Troça. Desfiladeiro. Rezo. 11 — Tira o escama a Empregas.

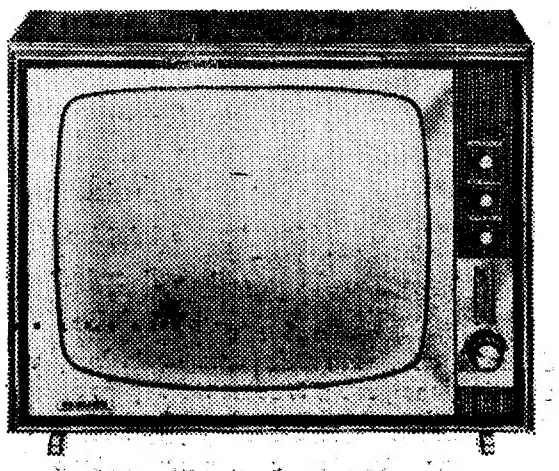


SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9177

HORIZONTAIS: 1 — Daiji. Serra. 2 — Arrua. Amial. 3 — Mó. Rs. Li. Ti. 4 — Alia. Tias. 5 — Sarre. Fiava. 6 — Si. Rui. Rã. 7 — Samatra 8 — Op. Ló. Ai. Ta. 9 — Uiva. Peru. 10 — Roída. Falir. 11 — Armou. Arosa.

VERTICAIS: 1 — Damas. Moura. 2 — Arcias. Pior. 3 — Ir. Iris. Vim. 4 — Jurar. Alado. 5 — Ias. Ermo. Au. 6 — Ua 7 — Sal. Fita. Fa. 8 — Emiti. Ripar. 9 — Ri. Iara. Elo. 10 — Rotava. Tris. 11 — Alisa. Moura.

para ser um bom Televisor..



basta que seja Grundig!

Visite o salão de vendas de:

OLIVEIRA
Electrodomésticos
Av. Almirante Reis, 91-A

sem entrada * sem fiador
Telefones: 53 08 38-53 63 08-53 83 23-32 69 31